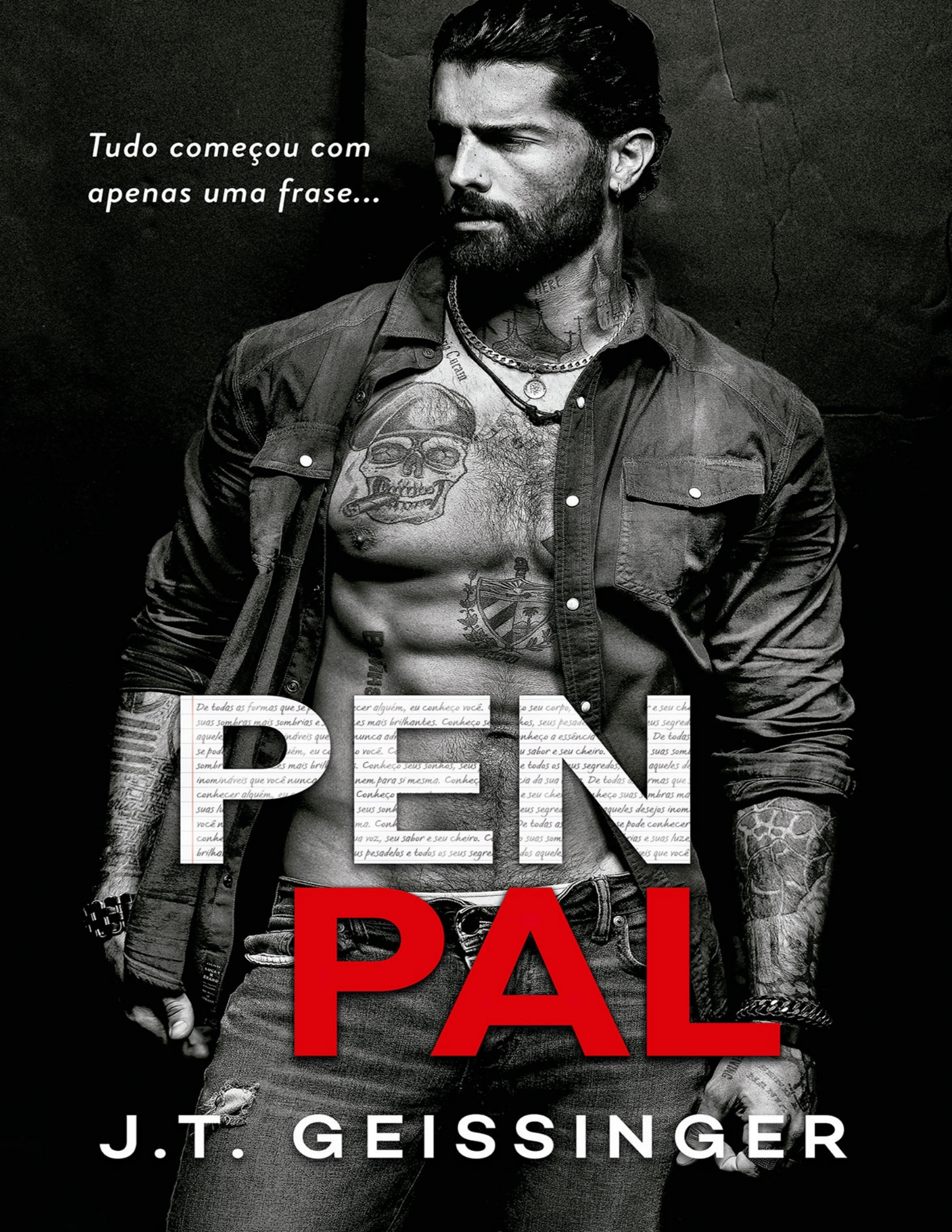
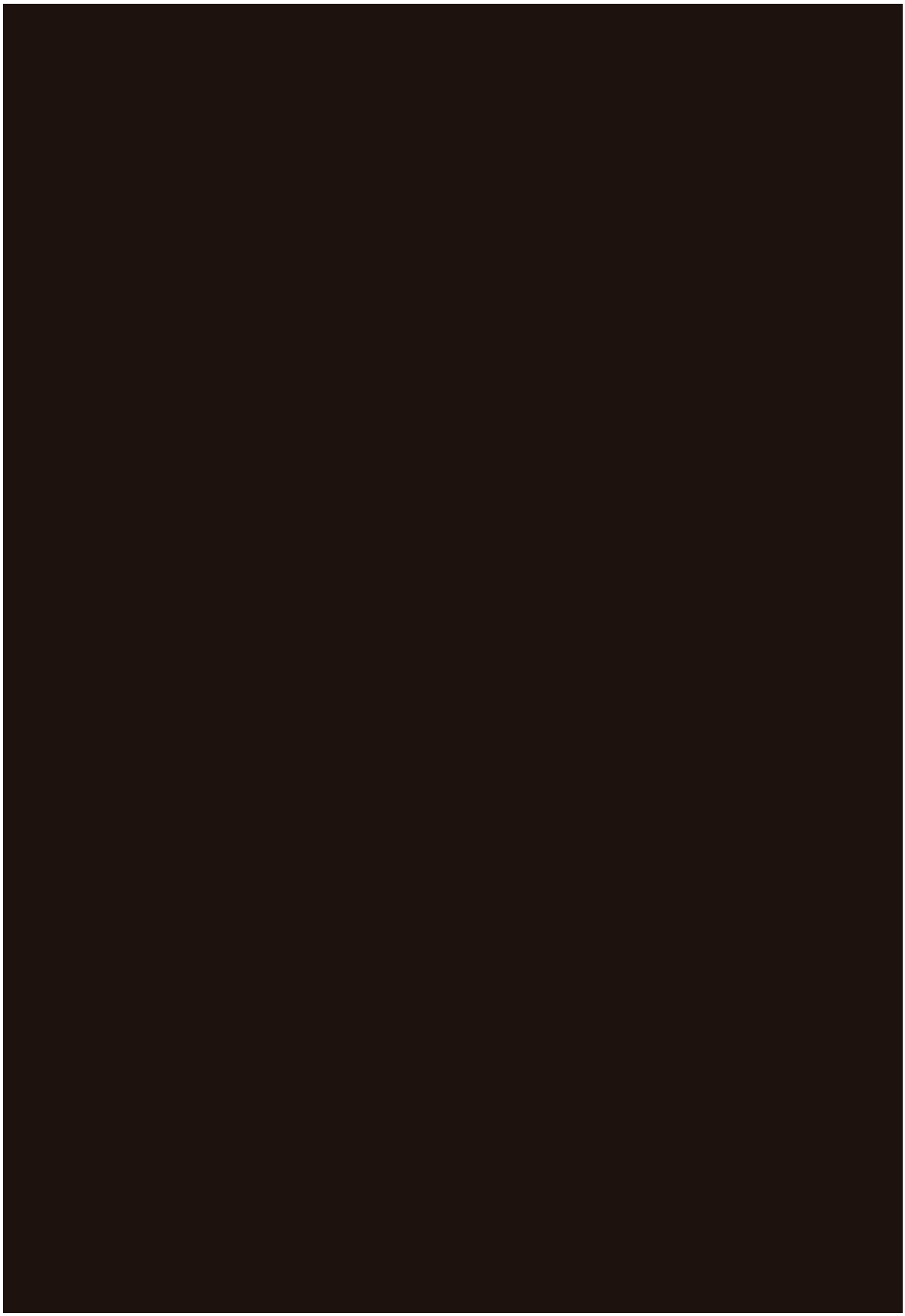

Tudo começou com
apenas uma frase...
PEN
PAL
J.T. GEISSINGER

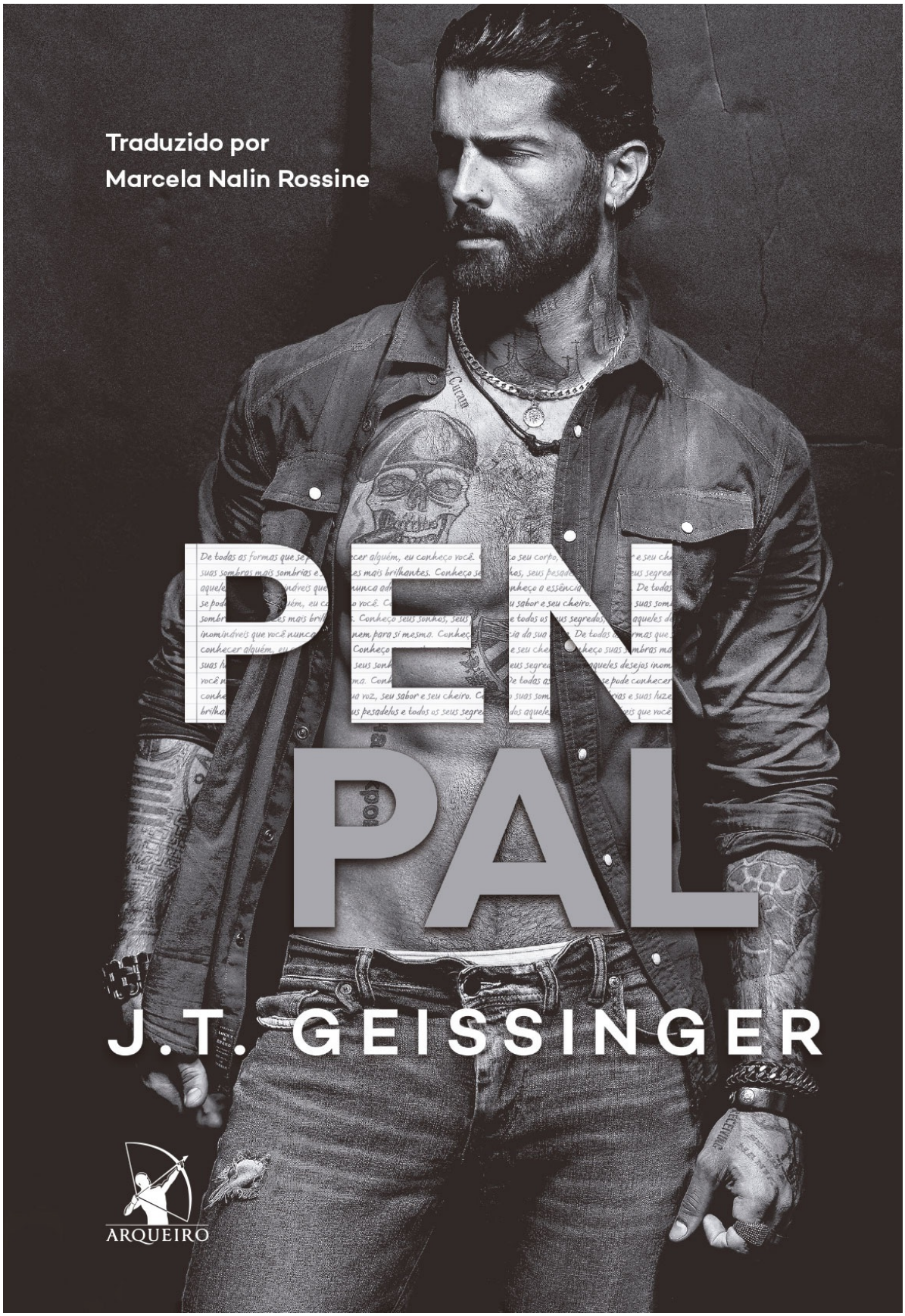


A Editora Arqueiro agradece a sua escolha.
Agora, você tem em mãos um dos nossos livros
e pode ficar por dentro dos nossos lançamentos,
ofertas, dicas de leitura e muito mais!

Clique aqui para assinar
nossa newsletter e receber
as novidades diretamente
em seu e-mail.

PEN PAL




Traduzido por
Marcela Nalin Rossine
PEN
PAL
J.T. GEISSINGER
ARQUEIRO

Título original: *Pen Pal*

Copyright © 2022 por J.T. Geissinger, Inc.
Copyright da tradução © 2024 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

coordenação editorial: Gabriel Machado

produção editorial: Guilherme Bernardo

preparo de originais: Luara França

revisão: Juliana Souza e Sheila Louzada

diagramação: Ana Paula Daudt Brandão

capa: Letitia Hasser

imagem de capa: Wander Aguiar Photography

adaptação de capa: Natali Nabekura

e-book: Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

G274p

Geissinger, J.T
Pen pal [recurso eletrônico] / J.T. Geissinger ; tradução Marcela Nalin Rossine. - 1. ed. - São Paulo : Arqueiro, 2024.
recurso digital

Tradução de: Pen pal
Formato: epub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-65-5565-666-4 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Rossine, Marcela Nalin. II. Título.

CDD: 813
24-91642 CDU: 82-3(73)

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Artur de Azevedo, 1767 - conjunto 177 – Pinheiros
05404-014 – São Paulo - SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Para Jay, que tem o dom de me encontrar na escuridão.

SUMÁRIO

I. Inferno
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29

30
31
32
33
34
35
36

II. Purgatório
37
38
39
40

III. Paraíso
41

Epílogo

Nota da autora

Capítulo bônus

Agradecimentos

Sobre a autora

Sobre a Arqueiro

I

INFERNO

"O caminho para o Paraíso começa no Inferno."
– *A divina comédia*

1

Chove enquanto o caixão do meu marido é baixado em um buraco na terra. Chove forte, como se o próprio céu fosse se rasgar ao meio como meu coração se rasgou.

Fico imóvel sob um guarda-chuva, como os outros enlutados, ouvindo a ladainha do padre sobre ressurreição e louvor, bênçãos e sofrimento, redenção e o santo amor de Deus. Palavras de mais e sentido de menos.

Tudo é insignificante. Michael deixou um vazio no meu peito, e nada mais importa.

Deve ser por isso que me sinto tão entorpecida. Estou vazia. A dor me dilacerou e espalhou meus ossos por uma terra desolada, onde secarão sob o sol implacável por mil anos, no silêncio.

Uma mulher atrás de mim chora, um som abafado pelo lenço. Sharon? Karen? Uma colega de Michael que conheci há muito tempo em uma confraternização de professores. Uma daquelas festas horrorosas de fim de ano no anfiteatro da faculdade onde servem vinho barato em copos plásticos e as pessoas ficam num papinho furado sem nenhuma naturalidade até estarem bêbadas o suficiente para dizerem o que realmente pensam.

A tal Sharon ou Karen atrás de mim xingou Michael de babaca naquela festa. Não me lembro o motivo, mas deve ser por isso que ela está chorando agora.

Quando uma pessoa morre, começamos a lembrar todas as vezes que falhamos com ela.

O padre faz o sinal da cruz, fecha a Bíblia e dá um passo para trás. Eu me aproximo devagar, me agacho, pego um punhado de terra no monte ao lado e jogo sobre o caixão fechado.

O torrão de terra úmida provoca um triste som oco ao cair na tampa cinza do caixão, um baque indiferente de finitude. Em seguida a terra escorrega, deixando para trás uma marca marrom que parece um borrão de merda.

De repente, começo a tremer de raiva. Sinto o gosto de cinzas e amargura na boca.

Que ritual mais idiota. Por que perdemos tempo com isso? Até parece que os mortos podem ver nosso luto. Eles não estão mais aqui.

Uma súbita rajada fria de vento faz as folhas nas árvores farfalharem. Dou meia-volta e saio andando na chuva, sem nem olhar para trás quando alguém soluça meu nome baixinho.

Preciso ficar sozinha com a minha dor. Não sou do tipo que gosta de lamentar tragédias. Ainda mais quando a tragédia é minha.

Quando chego em casa, demoro um pouco para registrar que estou ali. Não me recordo do caminho do cemitério até aqui, mas essa lacuna de tempo não me espanta. Desde o acidente, estou em um nevoeiro. É como se meu cérebro estivesse coberto por nuvens carregadas.

Li em algum livro que o luto é mais do que uma emoção; também é uma experiência física. Devido ao estresse, várias substâncias químicas nocivas são liberadas na corrente sanguínea de um enlutado. Fadiga, náusea, crises de enxaqueca, tontura, aversão alimentar, insônia… A lista de efeitos colaterais é longa.

Sinto todos eles.

Tiro os sapatos e os deixo sob o aparador no hall de entrada. Jogo o casaco de lã no encosto de uma cadeira na cozinha e abro a geladeira. Fico olhando as prateleiras enquanto a chuva tamborila nas vidraças e tento me convencer de que estou com fome.

Não estou. Sei que deveria comer para me manter forte, mas não tenho apetite para nada. Deixo a porta se fechar e pressiono as têmporas latejantes com a ponta dos dedos.

Outra enxaqueca. É a quinta da semana.

Ao me virar, reparo no envelope sobre a mesa, ao lado da fruteira. Um retângulo branco, as palavras escritas em uma caligrafia elegante, com um selo que diz AMOR em letras vermelhas.

Tenho certeza de que não estava ali quando saí.

Meu primeiro palpite é que Fiona trouxe as correspondências para dentro, mas logo lembro que ela limpa a casa às segundas. Hoje é domingo.

Então como o envelope apareceu ali?

Quando pego a carta, o estrondo de um trovão sacode as janelas. Uma súbita rajada de vento assobia entre as árvores lá fora. A sensação arrepiante percorrendo meu corpo se intensifica quando leio o remetente: Penitenciária Estadual de Washington.

Franzindo a testa, rasgo a borda do envelope e tiro uma folha de papel branco de dentro. Desdobro-a e leio em voz alta:

– Vou esperar para sempre se for preciso.

Só isso. Mais nada além de uma assinatura rabiscada abaixo dessas palavras.

Dante.

Viro a folha, mas o verso está em branco.

Por um breve instante penso que a carta deve ser para Michael. Descarto a ideia assim que vejo que está endereçada a mim. É meu nome bem ali na frente do envelope, escrito em letras maiúsculas com caneta azul. Seja lá quem for, esse tal de Dante escreveu isso para mim.

Mas por quê?

E o que exatamente ele está esperando?

Perturbada, dobro a carta, a enfio de volta no envelope e o largo sobre a mesa. Em seguida, verifico se todas as portas e janelas estão trancadas. Fecho as cortinas e as persianas diante da tarde úmida e cinzenta, me sirvo uma taça de vinho e continuo sentada à mesa da cozinha, fitando o envelope com um mau pressentimento, uma sensação estranha.

Uma sensação de que algo está para acontecer.

E que, seja o que for, não é bom.

QUANDO ME ARRASTO da cama pela manhã, a dor de cabeça ainda está lá, porém o pressentimento sufocante se foi. Venta bastante e o dia está nublado, mas a chuva parou. Por enquanto, pelo menos. Washington é úmida e nublada o ano todo, só que janeiro carrega uma melancolia fora do comum.

Tento trabalhar, porém desisto depois de apenas uma hora. Não consigo me concentrar. Tudo o que desenho tem um ar deprimente. O livro infantil que

estou ilustrando conta a história de um menino tímido que faz amizade com um coelho falante, mas hoje meu coelho parece preferir uma overdose de morfina a comer as cenouras que o menino lhe oferece.

Abandono meu posto e vou até a cozinha. A primeira coisa que atrai meu olhar é a carta sobre a mesa. A segunda é a água por todo o chão.

Durante a noite, uma goteira apareceu no teto. Duas, para ser mais exata.

Eu sabia que deveríamos ter comprado uma casa mais nova.

Mas Michael não quis. Preferia as mais antigas, com "personalidade". Quando nos mudamos para esta casa vitoriana no estilo Rainha Ana, há seis anos, éramos recém-casados e tínhamos mais energia do que dinheiro. Passávamos os fins de semana pintando e martelando, arrancando carpetes velhos e tapando buracos das paredes.

Foi divertido por uns três meses, depois se tornou exaustivo e logo virou uma guerra de egos. Nós dois contra uma casa que parecia determinada a permanecer em ruínas por mais que tentássemos reformá-la.

Trocávamos um cano estourado e o aquecedor pifava. Substituíamos os eletrodomésticos antigos da cozinha e achávamos mofo no porão. Foi um carrossel interminável de reparos e substituições que sugou nossas economias e nossa paciência.

Michael planejava consertar o telhado este ano.

Às vezes me pego pensando nas tarefas que continuarão em aberto quando eu morrer, mas logo me obrigo a pensar em outra coisa porque já estou triste demais.

Pego dois baldes de plástico na garagem e os posiciono sob as goteiras da cozinha, depois volto para buscar o esfregão. Levo quase uma hora para secar toda a água do chão. Quando estou terminando, ouço a porta da rua se abrir e se fechar. Olho para o relógio no micro-ondas.

Dez horas. Bem no horário.

Minha faxineira, Fiona, entra na cozinha. Quando ela dá de cara comigo, larga as sacolas de material de limpeza que está segurando e solta um grito de gelar o sangue.

Nem sequer me assusto com o grito, mais uma prova de como estou exausta.

– Estou tão feia assim? Me lembre de passar uma maquiagem quando você vier na semana que vem.

Com a respiração ofegante e o rosto pálido, ela apoia o braço no batente da porta e faz o sinal da cruz.

– Jesus amado! Você me deu um baita susto!

Olho feio para ela.

– Quem você achou que eu fosse? O Papai Noel?

Fiona solta uma risada fraca e delicada. De ascendência escocesa, ela é rechonchuda e bonitona, tem olhos azuis brilhantes, bochechas rosadas e pernas roliças. As mãos são vermelhas e ásperas por conta dos anos de faxina. Embora já deva estar beirando os 70, Fiona tem a energia de uma mulher com metade de sua idade.

Ter a ajuda dela para manter a casa em ordem é um luxo caro, mas com dois andares, uns quinhentos metros quadrados de área e o que parece ser um milhão de cantos e frestas para acumular poeira, este lugar precisa de limpeza constante.

Fiona balança a cabeça enquanto se abana e ri.

– Nossa! Você fez este velho coração dar um pulo, querida! Faz tempo que isso não acontece.

Em seguida ela fica séria e olha bem para mim, me examinando como se não me visse há uns cem anos.

– Como você está, Kayla?

Desvio o olhar. Não consigo mentir encarando aqueles olhos azuis penetrantes.

– Estou indo. Só tentando me manter ocupada.

Ela hesita, como se não soubesse bem o que dizer. Então solta o ar e faz um gesto frustrado em direção à janela, apontando para a vista nublada ao longe, as águas do estuário.

– Sinto muito pelo que aconteceu. Li no jornal e foi um choque enorme. Tem alguma coisa que eu possa fazer?

– Não. Mas obrigada. – Pigarreio. *Não chore. Não chore. Recomponha-se.* – É claro que não precisa se preocupar com a cozinha hoje. Vou chamar alguém para dar uma olhada no vazamento, mas, enquanto isso, não vale a pena perder tempo passando pano, já que logo tudo vai ficar molhado de novo. Não precisa limpar meu escritório esta semana, e também…

Engulo o nó na garganta e prossigo:

– Também pode pular o escritório do Michael. Acho que prefiro deixar como

está por enquanto.

– Eu entendo – diz ela, suavemente. – Então você vai ficar aqui?

– Vou. Ficarei em casa o dia todo.

– Não, eu quis perguntar se você vai ficar morando aqui.

Há algo estranho no tom dela, algo nas entrelinhas que não estou captando, mas logo cai a ficha. Ela está preocupada em perder o emprego.

– Ah, não estou em condições de vender a casa agora. É muito cedo para tomar uma decisão tão importante. Talvez daqui a um ou dois anos, quando as coisas estiverem mais tranquilas. Não sei. Para ser sincera, estou tentando pensar em um dia de cada vez.

Fiona assente. Permanecemos num silêncio constrangedor por algum tempo, até que ela aponta por cima do ombro e diz:

– Vou lá pegar no batente então.

– Está bem. Obrigada.

Ela pega as sacolas que deixou cair no chão e se vira para sair, mas dá meia-volta de repente e fala de supetão:

– Você está nas minhas preces, querida.

Nem perco tempo lhe dizendo para não gastar seu latim.

Sei que sou uma causa perdida, que não há oração no mundo capaz de me ajudar, mas isso não quer dizer que eu tenha que ser grosseira. Apenas mordo o lábio, faço um sim com a cabeça e engulo as lágrimas.

Quando ela sai, meu olhar pousa na carta sobre a mesa. Não sei dizer o que me leva a fazer isso, mas, antes mesmo que eu perceba, já estou sentada para redigir uma resposta. Escrevo no verso da carta que Dante me enviou: *O que exatamente você está esperando?*

Ponho na caixa de correio antes de perder a coragem. Demora uma semana para chegar a resposta, e é ainda mais curta do que a minha. Na verdade, só uma palavra: *Você.*

No canto inferior direito do papel, há uma mancha seca com cor de ferrugem que parece sangue.

2

Guardo a carta no fundo da gaveta de calcinhas e a deixo lá, decidida a esquecer o assunto. Se receber outra, vou ligar para o policial simpático que me interrogou depois do acidente e pedir sua opinião. Talvez eu o convença a investigar esse tal Dante para ver o que ele consegue descobrir.

Enquanto isso, tenho que me preocupar com outras coisas.

Além das novas goteiras, a casa também resolveu dar problemas elétricos. O lustre da sala de jantar fica piscando. Ouço estalos e chiados quando ligo o interruptor da suíte principal. De tempos em tempos a campainha toca sem que haja ninguém lá fora.

Tentei falar com três empresas de manutenção de telhado das redondezas, mas nenhuma retornou minhas ligações. Então agora estou esperando um faz-tudo, um cara chamado Ed.

Encontrei o cartão dele no fundo da gaveta de bagunça da cozinha enquanto procurava uma caneta.

Não sei por quê, mas imagino um homem mais velho, já calvo e com barriga de cerveja, usando um cinto de ferramentas. Em vez disso, o que vejo ao abrir a porta é um jovem sorridente e esbelto de cabelo castanho comprido, com uma tiara de couro trançada. Está vestindo uma camiseta do John Lennon, jeans desbotado de boca de sino e chinelo e traz na mão uma caixa de ferramentas enferrujada.

Ele fede a maconha.

– Oi. Você é a Kayla?

– A própria.

Sorrindo, ele estende a mão.

– Eu sou o Eddie.

Retribuo o sorriso e apertamos as mãos. Ele parece ser do bem e inofensivo, duas qualidades que valorizo em qualquer homem que permito que entre na minha casa quando estou sozinha.

– Entre. Vou mostrar a casa para você.

Ele me acompanha à cozinha, fazendo comentários sobre como é bacana a casa.

– Bacana, mas está desmoronando a cada dia. – Aponto para os dois círculos marrons de umidade no teto da cozinha.

– Pois é, essas casas antigas precisam de muito amor e carinho. – Ele examina bem as manchas. – Principalmente com a umidade daqui. Você tem problemas com mofo?

– Não mais. Faz alguns anos que resolvi isso. O problema agora é o vazamento no telhado e a parte elétrica. – Conto por alto o que está acontecendo com as luzes e a campainha. – Também sinto cheiro de queimado quando uso a secadora. E às vezes a TV desliga sozinha. Ah, e algumas lâmpadas estouraram esses dias.

Uma súbita corrente de ar frio faz os pelos dos meus braços e da minha nuca se eriçarem. Um arrepio desce pela minha coluna. Tremendo, esfrego os braços.

Seria bom aproveitar a visita e pedir para ele dar uma olhada na vedação das janelas. Mas vamos por partes.

– Vou mostrar para você onde fica o quadro de força.

Eddie me acompanha até a área de serviço, nos fundos da casa, ao lado da garagem. A máquina de lavar e a secadora ficam lá, junto dos armários que guardam uma miscelânea de utensílios domésticos.

Eddie abre o quadro de força e dá uma olhada rápida nos disjuntores.

– Vou verificar a voltagem primeiro para ver se o disjuntor está funcionando na capacidade certa. Depois vou avaliar o estado da fiação. Pode ser que a água tenha causado algum estrago ou desgaste. Depois vou verificar todas as tomadas para ter certeza de que não estão danificadas. Onde fica o relógio?

– Lá fora, perto do portão da garagem.

– Beleza. Vou dar uma olhada nele também. Devo levar uma hora e pouco para verificar tudo, daí passo um orçamento para você. Pode ser?

– Claro, obrigada. Para chegar ao sótão, você precisa abrir a portinha que fica

no teto do closet da suíte principal, no segundo andar. A escada está na garagem.

– Beleza.

– Se precisar de alguma coisa, é só chamar. Estarei por aqui.

– Pode deixar.

Deixo Eddie com seus afazeres e vou para meu escritório. Consigo trabalhar um pouco, até que a enxaqueca começa. É um latejar incômodo nas têmporas e uma pressão tão forte atrás dos olhos que me faz lacrimejar. Fico deitada num pequeno sofá, com as cortinas fechadas e as luzes apagadas, até Eddie aparecer na porta com sua caixa de ferramentas.

– Ops, foi mal. Não sabia que você estava dormindo. Eu só ia dar uma olhada nas tomadas daqui.

Eu me sento, desorientada.

– Eu não estava dormindo, só descansando os olhos. Estou com uma dor de cabeça terrível.

Ele meneia a cabeça em solidariedade.

– Eu tinha umas enxaquecas bem loucas.

Tinha, no passado. Sinto uma mágica pontada de esperança.

– E o que ajudou você? Nada que eu tomo faz efeito.

– Você vai dar risada. Se importa se eu acender a luz?

– De jeito nenhum. E não vou rir, prometo. Estou desesperada.

Assim que Eddie aciona o interruptor e a luz inunda a sala, eu me retraio. Tento me levantar, mas percebo que estou muito atordoada. Então afundo de volta no sofá, fecho os olhos e faço uma leve pressão no alto do nariz.

Quando foi que comi pela última vez? Não lembro.

Eddie percorre a sala à procura de tomadas. É tão magro que mal dá para ouvir seus passos. Já vi gatos que faziam mais barulho.

– Depois que comecei a fazer terapia, não tive mais dor de cabeça. Puf, cara. Sumiu. No fim, descobri que eu estava reprimindo muitas emoções.

Abro os olhos e o vejo agachado embaixo da minha mesa com um pequeno voltímetro na mão. Ele o espeta na tomada, espera um pouco e lê sabe-se lá o que o visor esteja mostrando, depois se levanta e vai para a próxima tomada, repetindo o processo.

– Chamam isso de doença psicossomática. Nosso cérebro faz a gente ficar doente. O estresse é *muito* tóxico. Doideira, né?

– Doideira mesmo – concordo, me perguntando se ele mora em alguma ecovila.

Espalhadas por todo o estado de Washington e pela região de Seattle, há comunidades alternativas que surgiram nos anos 1960, a época do amor livre, em que as pessoas dividem casas e recursos e se abstêm de coisas modernas como celulares e alimentos transgênicos.

Sou reservada demais para dividir espaços muito íntimos com gente que não está transando comigo, mas não julgo as escolhas de vida de ninguém.

Levantando-se, Eddie se vira e olha para mim.

– Se você quiser, posso passar o nome do meu terapeuta. A não ser que você ache que seu problema não tem a ver com estresse…

– Perder meu marido conta como estresse?

Não sei por que falei isso. Nem por que falei em tom tão mordaz. Não costumo expor meus sentimentos e não sou sarcástica como Michael era. Ele encarava assuntos depressivos ou mórbidos com humor ácido, às vezes passando a impressão de que era insensível, mas eu sabia que era apenas um mecanismo de defesa. O homem era um doce.

Eddie fica me olhando, confuso.

– Você perdeu seu marido?

Não é possível que alguém seja tão burro assim.

– Ele morreu.

Agora Eddie parece abalado.

– Nossa, cara. Sinto muito.

– Obrigada.

– Faz tempo?

– Véspera de Ano-Novo.

– Puta merda! Faz só algumas semanas!

É melhor eu parar de falar. Toda palavra que sai da minha boca deixa o coitado cada vez mais compadecido. Sempre tive excesso de compaixão; esse é um dos motivos para eu preferir ficar mais isolada. O peso das emoções de todo mundo, além das minhas, às vezes pode se tornar sufocante.

– Pois é. Enfim… – Consigo me levantar desta vez e, em seguida, pergunto, evitando o olhar de Eddie: – Então, qual é o veredicto?

No seu silêncio, sinto que ele está me analisando. Lendo a tensão no meu

corpo e o falso tom alegre na minha voz. Talvez seja compassivo também, pois parece ficar com pena de mim e responde:

– Olha, o vazamento do telhado é um problemão. A água está entrando pelo deque perto da torre, então eu precisaria remover as telhas e serrar a madeira para consertar. Considerando as empenas, a torre e a inclinação íngreme do próprio telhado, isso vai dar um trabalhão, sinto informar. Você vai ter que chamar um especialista mesmo.

Sinto um aperto no coração. Toda vez que um especialista entra em cena, minhas despesas vão lá nas alturas.

– Liguei para três especialistas antes de achar você, mas não consegui falar com nenhum.

Ele dá uma risadinha, balançando a cabeça.

– É, não sei por quê, mas esse pessoal que mexe com telhado tem fama de enrolão. Eu até indicaria alguém, mas não conheço ninguém de confiança para um trabalho desses.

– Tudo bem. Obrigada mesmo assim. Vou continuar tentando. Eu estava torcendo para não precisar ligar para uma empresa de Seattle porque elas são muito careiras, mas acho que não vai ter jeito.

Após alguns segundos, ele gentilmente se oferece:

– Se quiser, posso dar uma olhada no orçamento que você receber. Para ninguém te passar a perna.

Porque estou sozinha, ele quer dizer. Porque não vai ter um homem aqui para negociar por mim.

Porque alguém na minha situação – sofrendo, confusa e desesperada – é presa fácil para golpistas.

Quando ele abre um sorriso, sei que não está me paquerando. É só um cara legal tentando ajudar alguém que ele sabe que está passando por um período difícil.

Quem dera o mundo inteiro fosse repleto de pessoas tão boas assim.

– É muita gentileza sua, Eddie. Mas eu me viro. Venho de uma longa linhagem de mulheres duronas de Jersey.

O sorriso dele se transforma em uma risada. Ele tem um dente da frente torto, o que é estranhamente charmoso.

– Conheci uma garota assim. Ela tinha só 1,47 metro de altura, mas me fazia

borrar as calças.

Sorrio para ele.

– Até dragões pequenos podem cuspir fogo.

– É verdade.

– Então, e a parte elétrica? Está bem ruim, né?

Eddie balança a cabeça.

– Não. Tudo em ordem.

Fico olhando para ele, incrédula.

– Como assim "tudo em ordem"?

– Não encontrei nenhum problema. A corrente está forte, os disjuntores não estão desarmando, não vi nenhum fio desencapado, curto-circuito ou ponto com sobrecarga de energia nem tomadas danificadas ou fios soltos… – Ele dá de ombros. – Tudo nos conformes.

– Não é possível! E as luzes piscando?

– Pode ser um problema na rede elétrica local. Seria bom ver se a mesma coisa está acontecendo com algum vizinho. Algumas partes da rede do bairro têm mais de um século. Seja lá o que for, o problema não está na sua casa.

– E as lâmpadas estourando? Isso com certeza não é normal.

– É mais comum do que você pensa. Ou o fabricante não isolou direito a base e, por isso, o filamento superaqueceu, ou havia algum fio solto entre o bulbo e o soquete que provocou um salto na corrente elétrica. Só fique atenta para não comprar lâmpadas vagabundas a partir de agora, e é bom também confirmar se estão bem rosqueadas.

Estou ficando um pouco irritada. Será que ele verificou mesmo a fiação ou ficou fumando maconha no sótão esse tempo todo?

– Está bem, mas a campainha toca sem ter ninguém lá fora. E o cheiro de queimado quando uso a secadora? Como você explica isso?

Ele hesita. Percebo que está escolhendo as palavras com cuidado.

– É que… você está passando por uma situação muito estressante. – Ele acrescenta, um pouco sem jeito: – Por causa do seu marido e tudo mais.

Fico confusa por um momento. Então a ficha cai, e tenho que respirar fundo antes de abrir a boca para não arrancar a cabeça dele.

– Minha mente não está me pregando peças, Eddie. Os problemas elétricos não são imaginários.

Desconfortável sob meu olhar, ele tenta se explicar:

– Com todo o respeito, só sei dizer que, quando eu estava numa fase ruim, sempre achava que ouvia sussurros e via vultos.

– Alguma dessas coisas aconteceu enquanto você estava sob efeito de substâncias psicoativas?

A expressão dele transparece mágoa, o que interpreto como um sim.

Enfim, acho que nossa relação comercial está concluída. Quem sabe a pessoa que eu vou contratar para consertar o telhado possa me indicar um eletricista lúcido?

– Deixa pra lá. Obrigada por ter vindo. Quanto te devo?

Ele enfia o pequeno voltímetro no bolso de trás da calça, se curva para pegar a caixa de ferramentas no chão, depois se endireita e balança a cabeça.

– Nada, não.

– Imagina, isso não está certo. Você tem que receber pelo seu tempo.

Com o sorriso torto, Eddie joga o cabelo comprido por cima do ombro.

– Obrigado, mas minha política é não cobrar a visita quando não encontro nenhum problema.

Tenho uma leve suspeita de que ele acabou de inventar essa política porque ficou com pena de mim.

– Tem certeza? Não quero abusar da sua boa vontade.

– Que isso, está tudo bem. Mas se de repente um de seus amigos precisar de um faz-tudo…

– Vou te indicar. Pode deixar. Obrigada, Eddie, muito obrigada mesmo.

Ele sorri para mim, exibindo aquele dente torto.

– Vou nessa, então. Se cuida aí, tá? E dá uma ligada se quiser o contato do meu terapeuta. Ele é muito bom mesmo.

Forço um sorriso e minto:

– Ligo, sim. Obrigada de novo.

– Já sei onde fica a saída. Até mais.

Ele sai. Assim que ouço a porta da rua se fechar, vou até lá para ter certeza de que está mesmo trancada. Depois vou à cozinha para tomar um copo de água, mas paro de súbito ao avistar o envelope sobre a mesa.

Mesmo do outro lado do cômodo consigo ver o selo com a palavra AMOR no canto e meu nome em azul na mesma caligrafia impecável.

Minha respiração fica presa na garganta. Meu coração acelera. Minhas mãos começam a tremer.

Então todas as luzes da cozinha ficam mais intensas.

Após um zumbido agudo, elas piscam e se apagam.

3

Prezada Kayla,

Você não respondeu à minha última carta, e eu entendo, já que acha que não nos conhecemos. Você está enganada. Eu poderia entediá-la com os detalhes, mas, por enquanto, apenas acredite que eu conheço você.

De todas as formas que se pode conhecer alguém, eu conheço você.

Conheço seu corpo, sua voz, seu sabor e seu cheiro.

Conheço suas sombras mais sombrias e suas luzes mais brilhantes.

Conheço seus sonhos, seus pesadelos e todos os seus segredos, todos aqueles desejos inomináveis que você nunca admitiu nem para si mesma.

Conheço a essência da sua alma.

Sei que suas mãos tremem ao ler estas palavras e que seu coração bate tão rápido quanto as asas de um beija-flor. Sei que quer rasgar esta carta, mas também sei que não vai fazer isso.

Preciso tanto te tocar… Preciso tanto ouvir sua voz… É impossível, claro, porque eu estou aqui e você está aí, mas a distância não faz o desejo passar.

Ainda sinto o gosto da sua pele.

Dante

4

Já que as luzes pifaram de novo, fico ao lado da janela da cozinha e releio a carta à luz cinzenta da tarde. Logo depois leio de novo. E mais uma vez, porque isso é tão bizarro que meu cérebro se recusa a encontrar explicações plausíveis.

Talvez porque não exista nenhuma.

As luzes voltam a se acender.

Jogando os braços para o alto, exclamo:

– Podiam ter feito isso quando o Sr. Eddie Tudo nos Conformes estava aqui!

Dobro a carta, enfio o papel de volta no envelope, deixo-o na mesa e me sirvo uma taça de vinho tinto. Viro num gole só, chegando à conclusão impulsiva de que preciso conferir se a casa está segura. Vou de cômodo em cômodo, verificando os trincos das janelas e as trancas das portas até ter certeza de que estou bem protegida.

Ao terminar, sento-me à mesa da cozinha e começo a fazer uma lista. Sempre penso melhor com uma caneta na mão.

POSSÍVEIS EXPLICAÇÕES:

- Alguém está de sacanagem com você

Bom, isso não é só uma hipótese. É óbvio que alguém está de sacanagem comigo. A questão é: por quê? E por que agora?

- Esse tal de Dante viu a notícia do acidente no jornal
- Ele acha que vai ganhar algum dinheiro
- Está tentando aplicar um golpe na viúva solitária

Assim que escrevo isso, sinto que acertei na mosca.

Afinal, ele está atrás das grades. Para chegar lá, teve que fazer algo ruim. Então o homem tem o que poderíamos educadamente chamar de moral comprometida. É provável que fique de olho na seção de obituários dos jornais e envie essas cartas para as recém-viúvas de tudo quanto é lugar, na esperança de que uma delas morda a isca e responda, abrindo brecha para que ele crie um vínculo e a convença a lhe mandar rios de dinheiro.

Mas a carta é esquisita demais para ser só isca de algum golpe. É muito específica. Faria mais sentido ele apenas dizer que era um cara solitário à procura de uma correspondente, não que ainda sente o gosto da minha pele.

Nem que conhece a essência da minha alma.

Afinal de contas, o que isso significa? O que *qualquer* coisa nisso tudo significa?

– Nada – murmuro, fitando o envelope. – É um golpe.

Nem vou entrar no mérito de como uma carta foi misteriosamente parar na mesa da minha cozinha sem que eu percebesse (de novo), porque desconfio que estou tendo mais lapsos de memória e que eu mesma a peguei na caixa de correio.

Fico um pouco aliviada por não haver qualquer insinuação hostil na carta. Confesso que toda essa história de "eu conheço você" é sinistra, mas pelo menos o misterioso Dante não está me ameaçando.

Na verdade, acho que ele nem teria como fazer isso. Li em algum lugar que toda correspondência da prisão é monitorada. É bem capaz que se metesse em encrenca se tentasse mandar ameaças pelo correio.

Não que ele tivesse motivo para me ameaçar. Michael não tinha inimigos nem eu tenho. Somos um típico casal de classe média, superatarefados e supercansados, por isso nossa ideia de diversão é ficar juntinhos no sofá e assistir a um filme nas noites de sexta.

Era. Nossa ideia de diversão *era* assistir a um filme juntos.

Nunca mais faremos isso.

Um súbito aperto no peito não me deixa respirar. Atordoada, apoio a cabeça nos braços e fico ouvindo a chuva bater na janela como se mil unhas tamborilassem nas vidraças.

– Ele é só um pilantra sem vergonha tentando se aproveitar de uma mulher

vulnerável – afirmo ao tampo da mesa.

Isso não me reconforta nem um pouco. Na verdade, só faz com que eu me sinta pior.

Quem esse cara pensa que é para me mandar essa porcaria?

Seja quem for, é óbvio *que tem problemas mentais.*

Eu me empertigo bruscamente. Talvez seja isso. Talvez ele não esteja querendo me dar um golpe no fim das contas.

Talvez o misterioso Dante só tenha um parafuso a menos.

Não sei qual sentimento é mais forte: empatia ou medo. Quer dizer, uma coisa é o coitado estar preso só porque tem algum tipo de transtorno mental não diagnosticado. Nesse caso, deveria estar em tratamento, não encarcerado.

Por outro lado, *alguma coisa* ele fez para acabar atrás das grades. E se foi um crime violento?

Ele pode ser perigoso.

Retiro a carta do envelope e a leio mais uma vez. Um impulso estranho me faz levá-la ao nariz e cheirar.

Um leve aroma de cedro e madeira defumada preenche minhas narinas. E tem mais: um toque de terra e almíscar, cheiro típico de homem.

Ou de animal.

O pensamento me perturba. Dobro a carta mais que depressa e enfio o papel de volta no envelope, então subo para o quarto e a guardo no fundo da gaveta de calcinhas.

Em seguida, volto ao térreo, ligo o computador e pesquiso por empresas de conserto de telhado em Seattle.

DOIS DIAS DEPOIS, a campainha toca enquanto estou dobrando toalhas na lavanderia. Vou atender, esperando que alguém de verdade tenha tocado desta vez.

E é isso que acontece.

E essa pessoa é tudo o que o doce e sorridente Eddie não é.

Seu porte físico intimida logo de cara, assim como a expressão rígida. Ele tem cabelos escuros, olhos escuros e barba escura cobrindo o maxilar quadrado. Vestindo um jeans desbotado, botas surradas e uma camisa de botão verde-

militar com as mangas arregaçadas que exibem os musculosos antebraços tatuados, esse cara parece ter vindo direto da floresta depois de construir uma cabana com as árvores que derrubou com um machado.

Para a minha grande surpresa, acho tudo aquilo muito sexy.

É surpreendente, porque ele não faz nem um pouco meu tipo. Gosto do estilo engomadinho que trabalha com finanças. Um homem que tenha um ou dois diplomas, higiene impecável e uma profunda compreensão de como funciona um plano de previdência privada.

Esse cara parece o fundador de um clube de luta clandestino.

Ele fica parado na porta me encarando em um silêncio sepulcral até que pergunto:

– Posso ajudar?

– Aidan.

– Sinto muito, mas não tem nenhum Aidan aqui.

Sua expressão rígida parece refletir desdém.

– *Eu* sou Aidan. Da Seattle Telhas e Coberturas.

Ele aponta com o polegar por cima do ombro, indicando a picape branca com o nome da empresa em letras vermelhas na lateral, estacionada em frente à casa.

Constrangida, dou risada e digo:

– Ah! Desculpa, pensei que você só viria na semana que vem.

– Surgiu uma brecha na agenda – explica ele sem a menor simpatia. – Pensei em dar uma passada. Mas se for uma hora ruim…

– Não, não, de jeito nenhum – interrompo, abrindo mais a porta. – Por favor, entre.

Ele cruza a soleira. Instantaneamente, o hall de entrada parece menor. Fecho a porta e aponto a direção da cozinha.

– Se você quiser começar pelo vazamento, posso mostrar onde estão as goteiras.

A resposta de Aidan é um mero aceno de cabeça.

Sinto como se um lobo raivoso estivesse me seguindo enquanto caminhamos até a cozinha. Não, um lobo não. Uma criatura maior e ainda mais perigosa. Um gorila, talvez. Ou um leão.

– É aqui – digo, apontando para o teto. – Chamei um faz-tudo para ver a

parte elétrica. Ele também deu uma olhada no telhado e falou alguma coisa sobre precisar serrar e trocar parte do deque perto da torre.

Aidan não fita o teto. Seu olhar frio e inabalável permanece fixo em mim.

– A parte elétrica foi consertada?

– Não. Não exatamente.

– Qual das duas opções? Não ou não exatamente?

Ele não sorri ao perguntar. Não há qualquer vestígio de humor no seu tom ou semblante.

Não está sendo agressivo, mas tenho a impressão de que ele preferia estar em qualquer outro lugar do mundo menos aqui.

Demoro um pouco para responder porque não tenho certeza se realmente quero esse sujeito na minha casa. Acho ele mais irritante a cada segundo que passa.

– O faz-tudo disse que não encontrou nenhum defeito na fiação, mas ainda estou tendo problemas.

Aidan solta um grunhido.

– Vou dar uma olhada nisso.

– Você também mexe com a parte elétrica?

Os olhos escuros dele encontram os meus.

– Eu faço de tudo.

A afirmação é categórica, como se minha pergunta fosse um grande insulto à sua masculinidade. Como se ele não pudesse acreditar que não consegui perceber só de olhar que ele é o Capitão Competência.

Gostaria que mais alguém estivesse aqui para que eu pudesse debater com uma pessoa sensata qual é o problema desse Aidan, mas, já que estou sozinha, eu mesma vou ter que descobrir.

– Você sabe imitar uma pessoa educada? Pode ser útil de vez em quando. Como agora, por exemplo.

– Você quer que eu conserte sua casa ou quer brincar de tomar chá, dona?

O tom ríspido me deixa possessa.

– Não tomo chá com animais selvagens. E, sim, eu gostaria que consertasse minha casa, mas não pago ninguém para me tratar com grosseria. Além do mais, meu nome é Kayla. Caso não tenha percebido, as mulheres são seres humanos de verdade. Então, você vai agir que nem gente ou vai embora?

Aidan engole qualquer ofensa que esteja destilando e me fuzila com o olhar. Em seguida, olha para as manchas no teto e solta um suspiro lento.

– Me desculpe – diz ele, a voz embargada. – As últimas semanas foram difíceis.

Quando Aidan engole em seco e um músculo do seu maxilar se contrai, eu me sinto uma babaca.

É fácil esquecer que todo mundo tem problemas quando se está tão imerso na própria tristeza.

– É, deu para perceber – digo, já mais calma.

Ele me encara, receoso, como se não soubesse ao certo se estou prestes a lhe dar uma bofetada ou não. Eu me sinto ainda pior.

– Olha, vamos começar de novo. – Estendo a mão. – Oi. Sou Kayla Reece.

Aidan olha para a minha mão. Algo próximo de um sorriso faz os cantos de sua boca se curvarem, mas desaparece antes de se comprometer a ficar.

– É um prazer conhecer você, Kayla. Aidan Leighrite – diz ele ao apertar a minha mão num gesto solene.

Sua mão é enorme, áspera e quente. Como todo o resto, exceto pela parte do quente.

Dou um sorriso e solto a mão dele.

– Muito bem. Agora que isso está resolvido, será que você poderia me ajudar com meu telhado? Estou desesperada.

Ele inclina a cabeça e me observa.

– Você sempre consegue deixar as coisas para trás rápido assim?

Uma imagem do caixão de Michael sendo lentamente baixado na cova me vem à mente. Meu sorriso morre. Um nó se forma na minha garganta.

– Não – respondo com a voz embargada.

O olhar de Aidan fica mais intenso. Não suporto fitar aqueles olhos penetrantes. De repente, a única coisa que quero é ficar sozinha. Já sinto a ardência das lágrimas brotando nos meus olhos.

Dando um passo para trás, cruzo os braços e digo:

– O acesso ao telhado fica no closet da suíte principal. Lá em cima, primeira porta à direita. Fique à vontade para dar uma olhada por aí. Com licença.

Saio, deixando Aidan plantado no meio da cozinha.

Mal consigo chegar ao escritório e fechar a porta antes de me desmanchar em

lágrimas.

5

Prezado Dante,

Eu não tenho dinheiro, então vá atormentar outra, se é isso que está querendo. É sério, estou dura.

Quem é você? O que quer? Por que entrou em contato comigo? Você disse que me conhece, mas está enganado. Não conheço ninguém com seu nome, muito menos alguém que esteja preso.

Só para você saber, não estou julgando sua vida. Mas queria saber o que você fez para ir parar aí.

Na verdade, deixa pra lá. Só estou escrevendo para pedir que pare de fazer contato comigo. Se enviar outra carta, vou entregar tudo para meu amigo policial e deixar que ele resolva isso.

Atenciosamente,
Kayla

6

Demoro um pouco para me recompor. Vou ao banheiro lavar o rosto e enxugar os olhos, em seguida colo um selo em um envelope, boto a carta dentro, lacro e levo à caixa de correio lá fora.

Quando retorno à cozinha, não vejo sinal de Aidan. Vou à lavanderia e termino de dobrar as toalhas, volto à cozinha, esvazio os baldes de plástico na pia e os reposiciono sob as goteiras, então fico olhando dentro da geladeira à procura de algo que sei que não vou comer porque não tenho fome.

Meu apetite se foi junto com meu marido.

Fecho a geladeira, encosto a testa na porta, fecho os olhos e suspiro.

É assim que Aidan me encontra.

– Você está bem?

Olho para trás e o vejo parado na porta, me encarando com um ar que talvez seja de preocupação. Ou de espanto, não sei dizer.

– Sinceramente? Acho que nunca me senti tão mal na vida.

Se ele for um pouquinho parecido com a maioria dos homens que conheci, vai preferir arrancar o próprio braço a ouvir os detalhes, então mudo de assunto:

– Vou me sentir melhor se você me disser que pode consertar meu telhado.

– Eu posso consertar seu telhado.

– Ah! Sério?

Aidan faz uma cara azeda. Insultei sua masculinidade de novo.

– Me desculpe. É que não tenho recebido boas notícias ultimamente, então estou feliz em ouvir isso.

Ele analisa minha expressão.

– Você não parece feliz.

– Não estou. Foi só força de expressão.

Ficamos olhando um para o outro em silêncio até que ele diz:

– Você vai ficar menos feliz quando eu disser quanto vai custar.

– É melhor eu me sentar?

– Depende. Você costuma desmaiar?

Ergo as sobrancelhas.

– Eu até perguntaria se é uma piada, mas tenho certeza de que humor não é seu forte.

– Você não me conhece. Vai que eu sou hilário.

Ficamos nos encarando. Nenhum de nós dois sorri. Uma tatuagem de caveira no pescoço dele parece debochar de mim.

– Você é hilário? – pergunto.

– Não – responde Aidan de bate-pronto.

Não consigo me segurar: dou risada.

– Ótimo! Então eu não estou feliz e você não é engraçado. Essa empreitada promete ser um sucesso.

– Só que acabei de fazer você rir, então talvez eu *seja* engraçado e você *esteja* feliz.

Eu apenas o encaro, então ele continua:

– Você ficou feliz por um segundo, pelo menos.

Isso é estranho? Juro que não sei. Encabulada e insegura, pigarreio.

– Bem, obrigada por isso.

– De nada. Vai ficar em dez mil.

A guinada no assunto é tão brusca que meu pobre cérebro leva um momento para entender que Aidan está falando sobre o custo para consertar o telhado.

– Dez… *mil*?

– É.

– Dólares?

– Não, conchinhas. Claro que são dólares.

Fecho a cara.

– E você jura que não é hilário.

– Vou preencher o orçamento.

Sem mais uma palavra, ele dá meia-volta e sai da casa. Fico sem saber se está indo embora e me enviará o orçamento por e-mail, mas logo em seguida ele

entra sem bater, senta-se à mesa da cozinha com um bloco de papel e começa a fazer anotações.

O homem é tão grande que faz a mesa e as cadeiras parecerem móveis de jardim de infância.

Ele destaca o papel do bloco e me entrega. Dou uma lida por alto.

– Oito mil de mão de obra, mas dois de material?

Ele se recosta na cadeira e cruza os braços.

– Se quiser, posso trazer todo o material e você mesma faz o serviço.

Abusado.

– O que eu quero é um preço justo.

– Esse preço é justo.

– Como é que sua mão de obra pode custar tudo isso?

– Você é especialista em precificar serviços de construção?

– Não, mas sou especialista em detectar palhaçada. – Eu sacudo o papel. – E isto aqui é uma palhaçada.

Aidan olha para a minha aliança.

– Pergunte ao seu marido se não acredita em mim. É um orçamento justo.

Um rubor quente sobe por meu pescoço. Meu coração começa a bater forte. Mantendo o olhar no dele, retruco:

– Sou perfeitamente capaz de tomar minhas próprias decisões.

Aidan estreita os olhos. Não como se estivesse com raiva, mas como se tentasse me decifrar.

Então as luzes da cozinha piscam, lembrando-me que essa besta boçal foi a única pessoa que me atendeu além de Eddie, o hippie chegado numa erva, então talvez eu não deva expulsá-lo da minha cozinha por enquanto.

Puxo uma cadeira e me sento na frente dele.

– Eu não tenho dez mil dólares.

O homem não diz nada. Apenas me encara.

Ah, como eu queria pegar esse orçamento e lanhar o braço dele todo com minúsculos cortes de papel…

Não que fosse dar para ver os cortes no meio de tanta tatuagem, mas mesmo assim… seria gratificante.

– Não estou mentindo, Sr. Leighrite. Eu não tenho dez mil dólares.

– Pode me chamar de Aidan. E como é que você mora numa casa desse

tamanho se não tem dinheiro?

– Essa pergunta é muito pessoal e não vou responder. E eu nunca disse que não tenho dinheiro. Eu disse que não tenho dez mil dólares.

Ele se inclina, apoia aqueles enormes braços tatuados na mesa e entrelaça os dedos.

– Então vamos negociar.

Sua impetuosidade é inabalável, mas não quero que ele pense que está me intimidando. Eu me sento mais ereta e empino o queixo.

– Você diz isso como se negociar fosse a coisa que mais gostasse de fazer na vida.

– E é.

– Hummm. Eu teria apostado que era cativar clientes em potencial com seu fascinante senso de humor.

– Não. Essa é a segunda coisa que mais gosto de fazer.

Estamos nos encarando de novo. Mais uma vez, nenhum dos dois sorri.

Por fim, eu quebro o silêncio:

– Quatro mil.

Sua fungada desdenhosa deixa claro o que ele pensa sobre a minha oferta inicial.

– É o dobro do seu custo com material.

– Sei muito bem fazer uma conta básica, obrigado. Dez mil.

– Pensei que estávamos negociando.

– Estamos.

– Então você não pode ficar repetindo o mesmo número.

– Quem disse?

– Eu estou dizendo!

– Sorte a minha que você não está com as melhores cartas na mão.

Eu o encaro, indignada. Então uma coisa estranha acontece: ele sorri.

– Eu só queria ver sua cara quando eu dissesse isso.

Que vontade de passar com o carro por cima dele.

– Quatro e quinhentos – digo com firmeza.

– Nove mil, novecentos e noventa e nove.

– Você só pode estar de brincadeira.

– Já concordamos que eu não tenho senso de humor.

– Se você vai baixar só um dólar toda vez que eu fizer uma oferta, vamos ficar aqui até o ano que vem.

O olhar dele é inabalável e a voz é fria.

– Você tem outros planos, Kayla?

Ele está tirando uma com a minha cara? O que está acontecendo aqui?

Outro estrondo de trovão faz as janelas da cozinha tremerem. A chuva despenca, batendo forte no telhado. As goteiras ganham velocidade e o leve *plic, plic* dos pingos nos baldes parece debochar de mim.

Como o Sr. Personalidade Forte aqui.

– Não posso pagar dez mil para você consertar meu telhado. Nem 9.999. Então, obrigada por seu tempo. – Deixo o orçamento na mesa, me levanto e olho de cima para ele. – Agradeço por ter vindo.

Aidan me encara. Seus olhos escuros estão calculando.

– E se eu incluir a parte elétrica?

– É muita generosidade, mas isso não vai fazer o dinheiro cair do céu na minha conta. Foi um prazer conhecer você. Vou te acompanhar até a porta.

Dou as costas para ele, esperando que se levante e me siga. Quando percebo que isso não acontece, paro e me viro.

Ele ainda está sentado na minha cozinha. Nem sequer olha para mim, está apenas observando a água pingar nos baldes.

– Sr. Leighrite.

Sem virar a cabeça, ele diz:

– É Aidan. Se você puder pagar cinco mil, conheço um cara que pode ajudar.

Reflito sobre a sugestão.

– Ele é licenciado?

Aidan faz um leve movimento com a cabeça, um balançar que parece expressar sua surpresa ante a minha estupidez.

Reajo com fúria:

– Não vou deixar ninguém sem licença e seguro trabalhar na minha propriedade. Com certeza não preciso explicar em detalhes todos os motivos.

Os ombros de Aidan sobem e descem em uma respiração profunda. Ele passa a mão pelo cabelo escuro e grosso. Então balança a cabeça novamente e se levanta.

Aidan vem até mim, me encarando.

– Sou eu. Eu sou o cara. Volto amanhã no primeiro horário. Dinheiro ou cheque, não aceito cartão.

Em seguida, passa por mim e sai sem perguntar se fechamos negócio.

Ele já sabe que sim, porque estou desesperada.

O filho da puta acabou de me dar um xeque-mate.

7

Na manhã seguinte, às oito em ponto, o Sr. Personalidade Forte bate à minha porta.

Esmurra, na verdade, com aquela força brutal. Como se fosse o comandante de uma equipe de forças especiais, com a missão de desmantelar uma quadrilha de sequestradores ensandecidos para salvar a vida de cem pessoas.

Abro a porta e o encaro.

– Bom dia, Sr. Leighrite. Qual é a emergência?

Franzindo a testa, ele me olha de cima a baixo.

Como a casa está um gelo, estou com um suéter volumoso e um colete acolchoado por cima, além de calça de moletom e cachecol, mas o homem me olha como se eu estivesse com um vespeiro em cima da cabeça e uma calça de couro sem a parte da bunda.

– Você está bem? – pergunta ele.

– Pareço mal? Não, nem responda. Por que você estava tentando arrombar a minha porta?

– Já faz dez minutos que estou plantado aqui fora.

– Estou vendo que sua noção de tempo é tão boa quanto seu senso de humor.

Aidan ergue o braço. Em volta do pulso grosso há um enorme relógio preto. Um desses negócios esportivos que rastreiam nossos passos e nos espionam enquanto dormimos. Ele dá uma batidinha no vidro. O visor mostra 8h10.

– Dez minutos. E, pela quarta vez, é Aidan.

Foi agora mesmo que olhei o relógio na cozinha, não foi? Eram oito em ponto.

– Me desculpe. Meus relógios devem ter parado – respondo, confusa.

– Sua audição também está com problema?

Já que pelo visto esse é o nosso lance, ficamos ali nos encarando em silêncio. Até que ele questiona:

– Ei, vai me deixar entrar ou não?

– Ainda não me decidi.

– Então se decida. Não tenho todo o tempo do mundo.

Quantos anos será que ele tem? Trinta? Trinta e cinco? Difícil dizer. Mas, seja qual for a idade, está em ótima forma. Meu Deus, esses bíceps são enormes! E essas coxas?

– Claro, entre – falo bem alto, tentando abafar a voz imbecil na minha cabeça que está toda derretida por seus grandes músculos idiotas.

Evitando os olhos dele, deixo a porta aberta e vou à cozinha. Sento-me à mesa, mas logo me levanto, porque não sei o que fazer comigo mesma.

A porta da frente se fecha. Passos pesados atravessam o hall. Ele logo entra na cozinha e para a alguns passos de mim.

Começamos nosso jogo de olhares silenciosos de Quem Vai Dizer Algo Estranho Primeiro.

Cedo à pressão antes dele:

– Estou com seu dinheiro.

Ele olha para minhas mãos vazias.

– Vou ter que escavar seu quintal procurando ou você vai facilitar a minha vida?

– Sabe de uma coisa? Acho que você mentiu quando disse que não tem senso de humor. Acho que você é um humorista do caramba.

– Pode falar palavrão na minha frente se quiser. Não vou me ofender.

Faço uma pausa para massagear a minha testa latejante antes de soltar um suspiro.

– É muita generosidade. Obrigada. Passei a noite em claro preocupada em como não ofender sua sensibilidade.

– De nada. E, só para constar, a minha sensibilidade é tão inabalável quanto meu humor.

Ou ele está se esforçando para não sorrir, ou está com uma tremenda dor de barriga. É difícil dizer. O semblante do homem parece uma muralha.

– Você disse que poderia ser em cheque, né?

Ele inclina a cabeça como resposta.

Hoje está vestindo outra versão do seu look lenhador estiloso: uma camisa de flanela desbotada em xadrez vermelho e preto por fora do jeans desbotado. As botas estão…

– Ah, não!

Seguindo meu olhar, Aidan fita os próprios pés.

– O que foi?

– Você deixou uma trilha de lama pela casa.

Ele olha para mim de novo e diz:

– Você não pôs um capacho na porta. E está chovendo lá fora.

– Bom argumento.

– Além do mais, esse chão está uma sujeira só.

– Alto lá, eu passei pano.

– Quando? No século passado?

Minha pele começa a fervilhar de raiva. Cara, esse sujeito me dá nos nervos!

Olhando feio para ele, digo categoricamente:

– Isso mesmo, Sr. Leighrite. No século passado. Vou pegar meu talão. Devo fazer o cheque em nome de Godzilla ou apenas deixar em branco?

– Pode ser Godzilla – responde ele, os olhos firmes em mim. – O que devo colocar no seu recibo? Dragon Lady de Olhos Tristes?

– Eu não tenho olhos tristes.

Ele faz uma pausa para me analisar antes de dizer:

– Não é da minha conta, mas, se precisar de alguma ajuda…

– Eu não preciso de ajuda! – interrompo, exaltada. – Estou bem. Não tem nada de errado comigo.

– Eu não disse que tinha – replica Aidan em tom manso.

Mas o olhar dele não está tão tranquilo quanto a voz. Os olhos parecem o punho cerrado que esmurrou a minha porta, exigindo uma resposta em alto e bom som.

– Quer saber? Acho que isso não vai dar certo. Desculpe pelo incômodo, mas vou pedir que vá embora – digo, com o coração acelerado.

A chuva batuca no telhado. Uma rajada de vento sacode as janelas. Em algum cômodo no andar de cima, uma veneziana solta bate de um lado para outro, as dobradiças enferrujadas rangendo.

Depois de um momento longo e tenso, Aidan diz “Ok”. Então se vira e

caminha até a porta.

Fico aliviada, até que ele dá meia-volta e me encara. Seus olhos estão profundos e penetrantes. Sinto como se pudessem ver até o fundo da minha alma.

– Mas se você mudar de ideia, Kayla, é só me ligar.

Não sei se ele está falando de mudar de ideia sobre o conserto do telhado ou alguma outra coisa.

Aidan fecha a porta ao sair.

Assim que ele vai embora, desenrolo o cachecol do meu pescoço em chamas e vou ao lavabo no final do corredor. Acendo a luz, paro em frente ao espelho e fico me observando, tentando descobrir o que há de tão errado com meus olhos.

Levo um susto ao ver os hematomas feios no meu pescoço.

O roxo logo abaixo da minha orelha esquerda parece a marca de um polegar.

CINCO DIAS DEPOIS, as marcas no meu pescoço desapareceram. Pesquisei na internet as possíveis causas de hematomas inexplicáveis e encontrei de tudo, de diabetes a deficiência de vitaminas.

Considerando a minha má alimentação e meus níveis de estresse ultimamente, aposto que tem a ver com isso. Devo estar com anemia, o que também explicaria o cansaço.

Os hematomas também poderiam ser do acidente.

Mas não quero pensar nisso. Porque pensar nisso significaria lembrar, *reviver*, e ainda não estou preparada. Duvido que um dia estarei. Coloquei aquele dia horrível em uma caixa e a escondi em uma prateleira bem alta no fundo da minha mente, por precaução.

Porém, como sei que a minha saúde mental anda frágil, decidi participar de um grupo de apoio local.

A reunião acontece em uma sala do centro de convivência para idosos. Cerca de dez cadeiras dobráveis de metal estão dispostas em círculo no meio de um carpete marrom horroroso. Encostada em uma das paredes, uma mesa bamba de madeira está coberta com uma toalha plástica branca, posta com café, chá e uma pilha oscilante de copos de isopor. Cartazes de idosos sorridentes estão pregados pela sala com lembretes para a vacina anual contra a gripe. A única janela dá para

o estacionamento e para a noite chuvosa.

Quando chego, algumas pessoas já estão sentadas. Dá para ver que todos se conhecem, pelo modo como estão conversando. Ansiosa, vou até a mesa e pego café. Enquanto estou na dúvida se fico ou se saio de fininho pela porta, uma mulher chega ao meu lado e pega um copo de isopor.

– Primeira vez? – pergunta ela ao se servir.

– Sim. E você?

– Ah, não. Já faz seis anos que frequento o grupo.

A mulher se vira para mim, sorrindo. Tem cabelos escuros, é quarentona e chique, de salto alto, terninho Chanel marfim e um enorme anel de diamante. A pele é impecável e o corte de cabelo custa mais do que toda a roupa que estou vestindo. Ela é linda.

Sinto como se eu fosse um pangaré desengonçado parado ao lado de um unicórnio.

– Você não precisa falar se não quiser – diz ela. – Ninguém é pressionado a contar nada. Pode ficar à vontade para se sentar e apenas ouvir. É o que eu faço. Às vezes só de estar perto de outras pessoas que entendem o que você está passando já é suficiente. Jan é a líder do grupo.

Ela aponta para uma mulher magra de cabelos grisalhos em um vestido soltinho estampado que acaba de passar pela porta. Jan cumprimenta o grupo e se senta, colocando a enorme bolsa no chão.

– Me chamo Madison – continua a mulher ao meu lado.

– Oi, Madison. Sou a Kayla. É um prazer conhecer você.

Sinto vontade de perguntar por que ela está aqui, mas me seguro. Ainda não conheço as regras. E não quero acabar ofendendo alguém que está sendo tão simpática e que provavelmente sabe que estou em pânico.

Como se pudesse ler a minha mente, ela comenta:

– Minha filha foi sequestrada quando tinha 4 anos. A polícia nunca a encontrou.

Por pouco não derramo meu café. No entanto, cubro a boca com a mão e sussurro:

– Ah, meu Deus. Eu sinto muito.

Madison toma um gole de café e encara o copo como se estivesse procurando alguma coisa.

– Foi culpa minha. Soltei a mão dela quando estávamos no shopping. Foi só por um segundo, para ler uma mensagem do meu marido, mas, quando olhei em volta, ela tinha desaparecido.

Ela ergue a cabeça e encontra meus olhos. Os dela parecem assombrados.

– Isso é o pior de tudo. A culpa ter sido minha. Isso e não saber se ela ainda está viva. Os agentes do FBI disseram que, se uma criança desaparecida não é encontrada dentro de 24 horas, é muito provável que nunca a encontrem. Eles desistiram da busca depois de seis meses, porque não havia pistas. É como se Olivia tivesse evaporado. Todos os dias desde então fico imaginando o que aconteceu com a minha menininha, quem foi que a levou e o que podem ter feito com ela.

Os olhos de Madison ficam vidrados como se ela estivesse fitando algo bem distante.

– Olivia teria 10 anos agora – continua ela, agora mais baixo. – Não sei dizer quantas horas passei pesquisando sites de pornografia infantil na dark web, procurando por ela. A única coisa que me impede de cometer suicídio é a esperança de um dia ver uma garota com um olho azul e outro castanho num daqueles vídeos horríveis e poder abraçá-la outra vez.

Acho que vou vomitar. Minhas mãos tremem tanto que o café quase entorna.

Madison volta o olhar assombrado para mim. Seu brilho de sofisticação se apagou. Ela parece ter envelhecido dez anos em poucos minutos, e isso revela exatamente o que ela é: uma mulher vivendo no inferno.

Com lágrimas brotando nos olhos e a voz embargada, ela me pergunta:

– Você acha que a minha filha conseguiria me perdoar?

Minha vontade é desabar em lágrimas. Mas pouso a mão trêmula no braço dela e respondo:

– Não há o que perdoar. A pessoa que levou sua filha é um monstro. Não foi sua culpa.

Madison dá um sorriso triste.

– É o que meu terapeuta diz. Mas não acredito nisso. Nem meu marido acreditou. Ele me trocou por outra. Uma mulher muito mais jovem. Acabei de saber que vão ter gêmeos.

Uma voz anuncia:

– Se quiserem se acomodar, já vamos começar.

Atordoada e com o estômago embrulhado, corro os olhos pelo grupo. Jan está acenando para duas pessoas que acabaram de passar pela porta. Quando me viro de volta, Madison já está se afastando.

Seguro o braço dela e pergunto, desesperada:

– Isso tem ajudado você? Esse grupo?

Ela me olha por um breve momento antes de responder em voz branda:

– O que você acha?

Depois se vira e se afasta. Senta-se no círculo e fica olhando para o café em suas mãos.

Ninguém a cumprimenta. Ela também não interage com ninguém. É como se estivesse em sua própria bolha de dor, isolada do restante do mundo.

Eu penso em mim mesma daqui a seis anos, diante desta mesma mesa de café, contando a uma estranha o que aconteceu com meu marido e ela me perguntando se o grupo tem ajudado, e sei, sem sombra de dúvida, que a minha resposta seria igual à de Madison.

Um belo e redondo não.

Deixo o copo na mesa e saio sem olhar para trás.

Em frente ao centro de idosos há um bar chamado Cole's. O letreiro em neon amarelo brilha como um farol. Ignorando a chuva e a faixa de pedestres, atravesso a avenida correndo e passo com tudo pela pesada porta de madeira do bar.

Assim que ponho os pés ali, vejo Aidan Leighrite sentado a uma mesa no canto.

8

Ele me vê no mesmo instante. Estava prestes a tomar um gole de cerveja, mas fica paralisado com o copo a caminho da boca.

É tarde demais para fingir que não o vi. Então o cumprimento com um ligeiro aceno de cabeça e vou até o balcão. Sento-me em uma banqueta e olho na direção oposta, observando a decoração.

Um espelho iluminado atrás do balcão exibe as prateleiras de bebidas destiladas. Reservados com mesas e bancos estofados de couro vermelho contornam uma extremidade do salão e a parede oposta. No outro lado, uma mesa de sinuca se destaca sob uma luminária. O restante do espaço é escuro e cheira a cerveja choca, batata frita e cigarro.

É como qualquer bar em qualquer lugar do planeta.

Essa banalidade me conforta de uma maneira peculiar.

– O que você vai querer?

O barman, um hipster de óculos, suspensório, calça jeans e gorro preto de malha, parece ter 18 anos. Fico me sentindo uma anciã, e o odeio por isso.

– Johnnie Walker Blue Label. Três dedos. Puro.

– Boa – diz ele com um aceno de cabeça.

Como se eu desse a mínima para a opinião dele.

Calma aí, Kayla. O garoto só está fazendo o trabalho dele. Dou-lhe um leve sorriso para compensar meus pensamentos grosseiros. O rapaz me olha como se tivesse medo de que seja um flerte e se vira mais que depressa para pegar uma garrafa.

Apoio os cotovelos no balcão, descanso o rosto entre as mãos e solto um suspiro.

Ao meu lado, ouço uma voz perguntar baixinho:

– Você está bem?

Reviro os olhos. Nem me dou ao trabalho de olhar. Já sei quem é.

– É a terceira vez que me pergunta isso, Sr. Leighrite.

– E essa é a quinta vez que você me chama pelo nome do meu pai. Eu não gostava dele. É por isso que continuo pedindo para você me chamar de Aidan.

Quando ergo a cabeça e olho para ele, vejo-o debruçado no balcão, me encarando com aqueles olhos escuros. Sua expressão está séria, quase intensa, mas não acho que seja por causa do lance do nome.

Acho que está preocupado comigo.

Somos dois, então.

– Me desculpe.

– Tudo bem. O que veio fazer aqui?

O barman hipster coloca a bebida na minha frente e sai para atender outro cliente. Levanto o copo.

– Saboreando um excepcional uísque escocês.

– Sem seu marido?

Fico paralisada. Então lembro como respirar e dou um belo gole no uísque.

– Como você é observador.

Ele fita meu perfil com um foco tão inabalável que fico com vontade de perguntar se está tentando memorizar meu rosto para me identificar em uma fila de reconhecimento de suspeitos.

Então ele se senta na banqueta ao meu lado.

Merda.

– Não precisa fazer essa cara. Eu não mordo.

– Não estou fazendo cara nenhuma. E o lance de morder é questionável.

– Você não gosta muito de mim, né?

Solto um suspiro pesado, depois tomo outro gole de uísque e respondo:

– Vai parecer clichê, mas não é você. Sou eu.

– Tem razão. Parece clichê mesmo.

– Se eu contasse o motivo, você entenderia.

– Então me conte.

Ele fica de frente para mim com as pernas abertas, uma de cada lado da minha banqueta. Não estou encurralada (posso me virar para o outro lado e cair

fora), mas, de alguma forma, sinto como se estivesse.

Observo Aidan com o canto dos olhos. Está de camiseta preta, jaqueta de couro preta e jeans preto. Até as botas são pretas. Parece ainda mais um fundador de clube de luta clandestino.

– Eu… eu meio que estou passando por uma fase difícil.

– Com a casa.

Tenho a sensação de que Aidan sabe que a minha fase difícil não tem nada a ver com a casa. Ele só quer que eu continue falando. Pigarreio, umedeço os lábios e reflito sobre quanto devo lhe contar.

– É mais pessoal do que isso.

Um casal se senta à minha esquerda. Estão rindo e falando do filme que acabaram de assistir. Num gesto natural, o homem passa o braço pelos ombros da mulher e a puxa para um beijo. Ao ver os dois, sinto uma dor angustiante lacerar meu coração.

O beijo. A companhia. A simples alegria de se estar com quem se ama, partilhando uma risada e uma bebida.

Achar que se tem todo o tempo do mundo até que, do nada, o coração para de bater.

Minha garganta se fecha. Meus olhos ardem. Eu me levanto bruscamente e ponho o copo no balcão.

– Tenho que ir – digo com a voz entrecortada.

Sem uma palavra, Aidan pega meu copo, me segura pelo braço com delicadeza e me leva em direção à mesa no canto onde estava sentado.

Lutando para não chorar, deixo que ele me conduza. Eu me sento primeiro. Em vez de se sentar à minha frente, ele desliza no banco ao meu lado.

Quando me enrijeço, Aidan se justifica:

– Pode chorar se precisar. Ninguém vai te ver aqui.

Ele tem razão. Sua corpulência bloqueia a visão do resto do bar. Somos só nós dois, de frente para uma parede em que há uma réplica do quadro *Cães jogando pôquer*.

Afundo no sofá, inclino a cabeça contra o encosto e pressiono os olhos com a ponta dos dedos.

Permanecemos assim por um bom tempo, com o som do jukebox ao fundo, o burburinho de vozes e o tilintar de copos no ar. Por fim, ouço o barulho de um

copo sendo deslizado sobre a mesa na minha direção.

– Uísque vai ajudar. Pelo menos por um tempo.

Espio por entre os dedos. O copo de Johnnie Walker está bem na minha frente. À esquerda, Aidan me observa com os olhos semicerrados.

Sussurro "Obrigada", então pego o copo e o viro num gole só. Aidan solta um grunhido. Não sei se em aprovação ou reprovação, mas estou pouco me lixando.

Ele chama a atenção do barman e faz um sinal com dois dedos pedindo outra rodada. O jovem hipster assente.

Continuamos em silêncio até o barman trazer as bebidas e voltar para o balcão.

– Ele está machucando você? Batendo em você? – pergunta Aidan, baixinho.

Sei a quem se refere o "ele" e quase caio na gargalhada. Michael era a pessoa menos agressiva do planeta. Nem conseguia assistir a uma luta de boxe porque não gostava nem um pouco de violência.

– Não.

Em silêncio, Aidan parece duvidar.

Sei que não devo nenhuma explicação a esse cara, mas ele está sendo gentil comigo e é óbvio que está preocupado, então, apesar de relutante, acabo lhe contando uma meia-verdade.

– Ele… me deixou.

– Vocês se separaram?

Essa é uma maneira de ver a situação.

– Isso.

Aidan dá um longo gole na cerveja e bota o copo na mesa.

– Nunca me casei. Não vejo sentido no casamento.

– Veria sentido se já tivesse amado alguém.

– Você fala como se acreditasse que nunca amei.

– E por acaso já amou?

Ele dá mais um gole longo na cerveja. Depois me encara, lambendo os lábios.

– Não.

– Então você não sabe o que está perdendo.

O olhar de Aidan se torna mais penetrante quando ele diz:

– Pois é, parece pura diversão.

A frase me magoa. Desvio o olhar e tomo um gole do segundo copo de

uísque.

– Vale a pena. Por mais difícil que seja, por mais que tudo desmorone no fim, ainda vale cada minuto.

– Mesmo quando você acaba chorando num bar ao lado de um estranho?

– Mesmo assim. Eu não estou chorando. E, tecnicamente, você não é um estranho.

Aidan solta uma bufada pelo nariz que até parece uma gargalhada.

– Ok. Vou acreditar em você.

Ele inclina a cabeça para trás e vira o resto da cerveja. Dou mais um gole no uísque e brinco com a minha aliança, girando-a no dedo com o polegar. Aidan percebe.

– Posso fazer uma pergunta pessoal?

– Seria ótimo se não fizesse.

Ignorando a minha resposta, ele continua:

– Você me acha atraente?

Minha respiração trava e meu coração dispara em ritmo galopante. Boto o copo na mesa e respondo, cheia de cautela:

– Eu sou casada.

– Não foi isso que perguntei.

– Aidan…

– Porque eu acho você linda. Triste, um pouco chata, mas linda pra caralho. Quero te levar pra minha casa hoje.

Embasbacada, fico de queixo caído olhando para ele e digo:

– *O quê?*

Ele não sorri. Não responde. Simplesmente olha dentro dos meus olhos e espera.

Desvio o olhar e encaro a réplica de *Cães jogando pôquer* enquanto luto para controlar a respiração.

– Não durmo com estranhos.

– Você acabou de dizer que eu não sou um estranho.

– Certo. Eu também não durmo com pessoas que acabei de conhecer.

– Olha pra mim.

– Prefiro não olhar.

Aidan segura meu queixo e vira meu rosto para que eu fite seus olhos.

– Você me acha atraente? – pergunta ele mais uma vez.

Meu corpo irrompe em chamas. Engulo em seco de nervoso.

– Não.

– Está bem. Vamos tentar de novo. E desta vez seja sincera comigo. Você me acha atraente?

Mordo o lábio. O olhar dele desce até a minha boca, depois retorna para meus olhos.

Ainda segurando meu queixo, ele afirma em tom áspero:

– Foi o que pensei. Então vamos pra casa comigo. Quero fazer amor com você. Você está precisando.

Eu me afasto e cubro os olhos com a mão.

– Não acredito que você acabou de falar isso.

– Ninguém nunca falou que queria transar com você?

Meu rosto está tão quente que parece ter tostado no sol. Meus ouvidos também.

– É melhor eu ir embora – digo.

– Não fuja.

– É o que as pessoas costumam fazer quando estão com medo.

– Você não está com medo de mim. Só está surpresa. São coisas diferentes.

– Como pode saber se estou com medo ou não? Você nem me conhece!

– Conheço o suficiente.

Solto uma risada atônita.

– Caramba, você se acha o máximo mesmo, né?

– Olha pra mim, Kayla.

– Não dá. É bem capaz de eu derreter até virar uma poça flamejante de vergonha.

– Você não deveria ter vergonha de querer transar comigo.

– Ai, meu Deus! Você não vê como isso é ridículo?

Com uma das mãos, ele segura a minha. A outra ele pousa na minha bochecha vira a minha cabeça delicadamente em sua direção.

Quando encontro seu olhar, ele diz:

– Você disse que era especialista em detectar palhaçada. Então me diga se acha mesmo que isso é palhaçada. Eu quero você. Você também me quer. Você está triste. Quero fazer com que se sinta melhor, mesmo que seja só por esta

noite. Você não tem medo de mim. Sabe que não vou te machucar. Só está meio confusa agora, não está acostumada com as pessoas dizendo exatamente o que querem e não sabe bem como reagir.

O olhar dele desce até a minha boca de novo. A voz sai rouca:

– E você quer que eu te beije.

Com o coração batendo extremamente rápido, murmuro:

– Você é louco.

– Você sabe que não sou.

– Para falar a verdade, não sei nem meu próprio nome agora.

– É Kayla – diz ele baixinho, então se aproxima e encosta os lábios nos meus.

Mal chega a ser um beijo. Não envolve língua. Não envolve quase nenhuma pressão. É apenas um leve roçar da boca dele na minha, e pronto.

Mas fico trêmula.

Trêmula e sem ar, porque meus pulmões estão sendo esmagados numa prensa e cada gota de adrenalina que meu corpo pode produzir inunda minhas veias.

Esse "não beijo" foi *eletrizante*.

Olhando no fundo dos meus olhos, ele sussurra:

– Quer mais um?

Levo um momento para respirar fundo enquanto ele me encara a centímetros de distância, os olhos vorazes.

– Não sei. Estou me sentindo sufocada. Meu cérebro não está funcionando direito, então não posso responder nem sim nem não.

– Tudo bem – diz ele, acariciando de leve a minha bochecha com o polegar. – Me avise quando decidir.

Então se afasta e faz sinal para o barman trazer outra rodada.

Dou um jeito de me controlar. Tomo um gole de uísque e solto um suspiro pesado e irregular.

– Não vou conseguir dirigir pra casa se tomar outra dose. Ou é esse seu plano?

– Meu plano é tirar sua roupa e descobrir como você geme quando goza.

– Puta mer…

– Mas não quero que esteja bêbada. Quero que se lembre de tudo para voltar pedindo mais.

– Você parece ter certeza de que eu faria isso.

– Eu tenho. E você vai pedir.

Balanço a cabeça, incrédula.

– Deve ser fantástico viver com tanta autoconfiança.

– É, sim. Quero te beijar de novo.

– Você pode, por favor, me dar um minuto para me recompor? Sinto como se alguém tivesse acabado de me empurrar de um penhasco.

– Você está bem.

– Como é que você sabe?

– Porque não está mais com vontade de chorar.

Reflito sobre isso e respondo:

– Tem razão. Não estou mesmo.

– De nada.

A autoconfiança dele é surreal, mas, tenho que admitir, Aidan não é convencido. Não há arrogância no seu jeito de falar. É como se ele estivesse apenas apresentando fatos e depois me deixasse decidir como quero reagir.

Não sei se toda a sua objetividade é estimulante ou assustadora.

Mas ele tem razão sobre uma coisa: não tenho medo dele. Não dá para dizer que o cara é normal, pelo menos com base na minha experiência com homens, mas ele só me deixa nervosa, não receosa.

Acho que esse nervosismo também poderia ser descrito como tesão, mas ainda não estou pronta para pensar nisso.

– Tudo bem se nos sentarmos de frente um para o outro? – pergunto.

– Claro. Algum motivo específico?

– Sua proximidade está me deixando um pouco intimidada.

Ele ri.

– Vou mudar de lugar, mas já vou avisando que eu ainda serei intimidante do outro lado da mesa.

– É bem provável.

– Além disso, você será obrigada a olhar para mim. Do jeito que estamos agora, você pode evitar meu olhar e ficar encarando aquela pintura feia o quanto quiser.

Isso me faz sorrir.

– Você é um cara interessante, Aidan, dou o braço a torcer nesse ponto.

– Obrigado. Também acho você interessante. – Então ele acrescenta, a voz mais baixa: – Seus olhos são fascinantes pra caralho.

Minhas bochechas e orelhas ardem de novo. O calor queima ainda mais quando ele completa:

– Quero olhar nesses olhos enquanto você goza pra mim.

Minha boca fica seca. Tenho que tomar outro gole de uísque antes de conseguir falar novamente:

– Não que eu esteja dizendo que vou dormir com você, porque não vou, mas, só para manter a conversa fluindo, fique sabendo que sou o tipo de mulher que prefere a luz apagada.

– Comigo não.

Balanço a cabeça em descrença.

– Isso é inacreditável.

– Por quê?

– Porque conversas como essa não acontecem na vida real.

– Só porque você nunca teve essa experiência não quer dizer que conversas assim não aconteçam.

Ele insiste em retrucar com esses ótimos argumentos, o que é extremamente irritante.

– Todos os solteiros de hoje em dia são assim tão…

– O quê? – pergunta ele.

– Estou procurando a palavra.

– Diretos?

– "Explícitos" descreve melhor o que estou pensando.

Ele solta um risinho ameaçador.

– Você não ouviu nada explícito ainda, Kayla.

Finalmente tiro os olhos da parede à minha frente e o encaro. Sua expressão é calorosa, mas estremeço mesmo assim.

Repito com firmeza:

– Não vou transar com você.

– Ok.

– Estou falando sério, Aidan. Não estou com cabeça para ficar com ninguém agora.

– Entendi.

Estreito os olhos e analiso a expressão dele.

– Por que parece que você ainda acha que vou dormir com você?

– Porque eu acho. Mas posso estar enganado. Acontece.

Ficamos nos encarando por um momento, até que ele diz baixinho:

– Mas espero não estar enganado. Quero muito fazer você gozar.

Não entendo como ele consegue ser totalmente indiscreto e ao mesmo tempo absurdamente sedutor. Qualquer que seja o feitiço, preciso cair fora antes que eu faça alguma idiotice.

– Vou para casa agora. Foi uma conversa interessante, que não vou esquecer tão cedo.

O olhar dele desce até a minha boca de novo. Obviamente lamentando, ele diz:

– Eu também não vou esquecer.

Ele ergue o olhar para encontrar meus olhos.

– Mas, se mudar de ideia, eu moro aqui em cima do bar. Estou em casa todas as noites depois das seis e fico acordado até depois da meia-noite. Se vier mais tarde, pode ter que bater um pouco mais alto porque eu durmo feito uma pedra.

– Não vou bater na sua porta, Aidan.

– Ok.

– Por favor, para de dizer isso. Você faz a palavra perder todo o sentido.

Ele curva os lábios em um leve sorriso e os olhos escuros dançam com um brilho malicioso.

– Você que manda, chefe – murmura ele, com ar de quem pensa que me conhece melhor do que eu mesma.

Em seguida ele se levanta e faz um gesto em direção à porta.

– Tenha uma boa noite.

Enfio a mão no bolso de trás para pegar o dinheiro, que ponho na mesa. Aidan olha para mim como se eu tivesse lhe dado um chute.

– Não faça isso – diz ele.

– O quê? Pagar pela minha bebida?

– Não faça disso uma transação.

– Estou sendo justa.

– Você está ferindo a minha masculinidade.

– Isso é ridículo!

– Ah, é? Você por acaso é homem?

Lanço um olhar mordaz para ele.

– Não que eu saiba – respondo.

– Então você não sabe o que é ter a masculinidade ferida. Guarde seu dinheiro.

Com o timing perfeito, o hipster chega com mais uma rodada de bebidas. Parece que Aidan fez o pedido há um século. Eu me levanto antes que o garoto as sirva.

– Se isso fosse um encontro, eu deixaria você pagar minhas bebidas. Mas eu dispensei seus serviços, e isso não é um encontro, então eu vou pagar. Foi legal ver você de novo. – Faço uma pausa. – Estou procurando uma palavra mais precisa do que "prazer", mas nada me vem à mente.

– Desconcertante. Intrigante. Desorientador. Estranho – diz o hipster ao colocar as bebidas na mesa.

Ele alterna o olhar entre nós, depois se vira e sai.

Encarando-me com intensidade ardente, Aidan diz:

– Sempre gostei desse garoto.

– Tchau, Aidan.

– Boa noite, Kayla.

Sei que a diferença no modo de se despedir é proposital da parte dele, porém, sem mais o que dizer, eu me viro e vou embora.

9

Prezada Kayla,

Obrigado por me responder. Quanto às suas tantas perguntas, nenhuma delas importa. Me desculpe se isso parece grosseria, mas é verdade.

Sempre vou lhe dizer a verdade. Não posso agir de outra forma.

Deixo aqui alguns versos de que você talvez goste:

"Porém meu desejo e meu querer
giravam como uma roda, à mesma velocidade,
impelidos pelo Amor que move o Sol e as outras estrelas."

O que você acha?

Dante

10

Desta vez encontrei o envelope na caixa de correio. Nada de aparições misteriosas na mesa da cozinha, mas o motivo de estar recebendo essas cartas ainda é um grande mistério.

Eu não conheço esse cara.

O Sr. Misterioso ignorou a minha ameaça de entregar as cartas ao policial, então deve achar que estou blefando ou não está nem aí.

Releio a carta à luz bruxuleante da cozinha. Os versos não significam nada para mim. E nem deveriam, já que vieram da mente de um lunático.

Ah, se eu pudesse contar a Michael! Quanta risada essa história renderia até que ele resolvesse dar queixa à polícia.

Sei que é o que eu deveria fazer, mas estou totalmente exausta. Quem sabe pela manhã eu tenha forças para pegar o telefone e ligar para o disque-denúncia, explicar ao operador simpático sobre meu correspondente maluco e lhe pedir a gentileza de verificar se alguém poderia ir à prisão mandá-lo parar de me escrever? Mas, por enquanto, tudo o que quero é dormir.

Dormir e esquecer Aidan Leighrite e seu feitiço.

Ainda sinto a adrenalina daquele encontro correndo nas minhas veias. O jeito que ele me olhava. As coisas que *dizia*.

"Meu plano é tirar sua roupa e descobrir como você geme quando goza."

Para a minha eterna perplexidade, até cheguei a considerar a proposta dele por um momento.

Foi o choque. Só pode ser isso. Se eu estivesse em meu juízo perfeito, teria dado um tapa na cara daquele sujeito, saído do bar na hora e registrado uma reclamação contra ele. Quem em sã consciência fala isso para um cliente?

Ex-cliente, mas mesmo assim.

Na verdade, tecnicamente, eu nem cheguei a contratá-lo. Negociamos preços, mas não assinei contrato nenhum. Não chegou a tanto. Eu o expulsei da minha casa antes disso.

Ah, meu Deus, que se dane! Isso tudo é demais para mim.

Verifico se todas as portas estão trancadas e as cortinas fechadas. Depois subo as escadas, guardo a carta na gaveta de calcinhas junto com as outras e vou para a cama.

Adormeço em questão de minutos, mas, no meio da noite, algo me acorda.

Ainda atordoada, permaneço deitada no escuro, ouvindo. É outra tempestade, e o vento está forte. A chuva metralha o telhado. O galho de uma árvore arranha alguma vidraça lá embaixo.

Não, não foi um galho. Foi o assoalho rangendo.

Parece que alguém está subindo as escadas.

Eu me sento mais que depressa, o coração disparado. Fico prestando atenção, tentando ouvir além da minha pulsação, mas o som não se repete.

Será que foi a minha imaginação? Ou tem mesmo alguém aqui?

Tento não entrar em pânico. Tento ser racional. A casa é velha e faz vários ruídos estranhos, principalmente durante uma tempestade. Tudo está voando no quintal… talvez o barulho tenha sido uma cadeira tombando no jardim. Ou uma corrente de ar soprando por entre as cortinas da sala. Ou puro fruto da minha imaginação, já que ainda estou me acostumando a dormir sozinha.

Tudo isso faz sentido até o assoalho ranger de novo e eu ter que me conter para não gritar.

Pulo da cama, corro até a porta do quarto e a tranco. Com o coração disparado, pego a lanterna debaixo da pia do banheiro. Grande e pesada, é a única coisa que consigo pensar em usar como arma. Então me agacho ao lado oposto da cama à porta e fico ali, trêmula e ofegante, segurando a lanterna como um taco de beisebol.

Não sei por quanto tempo permaneço acuada antes de chegar à conclusão de que estou sendo boba.

Se alguém tivesse invadido a casa, eu teria ouvido uma janela sendo estilhaçada ou uma porta sendo arrombada. Teria ouvido mais passos, não apenas algumas tábuas estalando, mesmo porque todos os degraus da escada

rangem.

É paranoia minha.

Só pode ser.

Qualquer coisa diferente disso é aterrorizante demais.

Eu me levanto e sinto uma fisgada na coxa que faz meu corpo se contrair. Ainda assim, vou até a porta, colo o ouvido nela e fico escutando. Não ouço nada além da chuva no telhado. Decido trocar de roupa e tiro a camisola para dar lugar ao jeans e à camisa.

Em seguida, com a lanterna em punho mas apagada, abro a porta do quarto com cuidado e dou uma espiada.

O corredor está um breu. A noite não tem lua e o céu está coberto de nuvens carregadas. Fico ouvindo na escuridão por um momento, depois atravesso o corredor na ponta dos pés descalços e, por cima do corrimão, espio a sala de estar lá embaixo.

O térreo está escuro também. Escuro e silencioso. Nada se move.

Logo começo a me arrepiar com a sinistra sensação de que estou sendo observada.

Saia da casa!

Não chega nem a ser um pensamento coerente. É algo mais subliminar, como se a parte primitiva do meu cérebro estivesse gritando um alerta para mim.

Com o coração na boca e as mãos trêmulas, desço as escadas o mais rápido e silenciosamente possível. Pego as chaves do carro no aparador do hall e saio correndo de casa em pânico total, sem nem me preocupar em pegar a minha bolsa.

Dez minutos depois, estou batendo à porta de Aidan.

Ele atende vestindo apenas uma calça jeans desbotada pendendo baixa no quadril. O cabelo bagunçado, o abdômen sarado, o peito coberto de tatuagens.

Que espetáculo de homem!

O pensamento terrível de que ele não está sozinho me vem à mente e me leva a dizer num impulso:

– Desculpa incomodar. Vou embora.

Aidan me pega pelo braço e me puxa para dentro antes que eu consiga fugir.

– O que foi? O que aconteceu? – pergunta ele ao fechar a porta.

Começo a bater os dentes. É quando percebo que estou encharcada, porque

saí de casa correndo na chuva sem casaco. Nem sapatos, aliás.

Nem roupa íntima.

Cruzo os braços na tentativa de esconder os seios sob a fina camiseta que estou vestindo.

– Achei q-que alguém t-tivesse entrado na minha c-casa.

As sobrancelhas escuras dele se franzem.

– E daí você veio pra cá?

Sou uma idiota. A pessoa mais imbecil que já pisou na face da Terra. Pelo bem de toda a humanidade, eu deveria ser trancafiada num sanatório pelo resto da vida.

Ele deve ter percebido a agonia no meu rosto, pois diz com delicadeza:

– Não estou te recriminando.

Começo a registrar na memória que este carpinteiro gostosão tem um bom vocabulário.

– Você está ensopada – acrescenta ele, me distraindo.

Seu olhar desce devagar pelo meu corpo, notando minhas roupas molhadas e meus pés descalços. Então sobe de novo, fitando meus lábios antes de enfim encontrar meus olhos.

– Precisamos aquecer você – diz ele, a voz rouca. – Depois você pode me contar o que aconteceu.

Aidan me guia pelo cotovelo para dentro da casa. Ele me deixa sentada na cozinha e desaparece em outro cômodo. Para pegar uma toalha, imagino, mas bem que também poderia estar chamando a polícia para deter a maluca que simplesmente surgiu toda ensopada à sua porta no meio da noite.

Tremendo, olho ao redor.

A casa dele é pequena, mas bem arrumada. A cozinha é americana. O espaço é visualmente dividido por um conjunto de estantes vazadas, com sofá e poltronas do outro lado, além da televisão e de uma mesa de centro. No final do corredor em que ele desapareceu devem ficar os quartos.

Estou surpresa com a limpeza e a organização, já que é um solteiro que mora aqui. Não há sequer louça suja na pia.

Ele volta com uma toalha branca felpuda.

– Levanta – ordena.

Geralmente fico ranzinza quando recebo ordens, mas desta vez obedeço sem

reclamar. Ele cobre minhas costas com a toalha e começa a esfregar meus braços.

– Não precisa ficar com vergonha – diz, sem olhar no meu rosto.

– É fácil falar. Não é você o idiota que está todo molhado na cozinha de um estranho à uma da manhã.

– Não sou um estranho, lembra? E você não é idiota.

Ele parece irritado por eu ter falado assim de mim mesma. Ou talvez sua irritação tenha a ver com a minha chegada inesperada, o que faria muito mais sentido. O coitado precisa trabalhar de manhã e agora tem que aturar uma psicopata toda encharcada.

Aidan sobe a toalha à minha cabeça e começa a secar meu cabelo.

– Acho que vou morrer de tanta vergonha – digo, desconsolada, meu rosto pegando fogo.

– Não vai morrer coisa nenhuma. Fica quieta e me deixa enxugar você.

Fecho os olhos e fico ali imaginando como alguém saberia se perdeu o juízo. Mas me obrigo a afastar o pensamento porque os sinais de insanidade provavelmente incluem fantasiar que a chuva é um invasor e correr em busca de socorro até a casa do carpinteiro que você dispensou – os serviços e o convite para sexo.

Aidan adota um tom íntimo:

– Depois vamos ter uma conversa sobre por que você me procurou quando sentiu medo, mas agora me explique o que aconteceu.

Sou bunda-mole demais para olhar para ele enquanto falo, então mantenho os olhos fechados e conto toda a história.

– Sua casa não tem alarme? – pergunta ele quando termino.

– Não.

– Vamos dar um jeito nisso amanhã.

Enfim crio coragem de olhar para ele. Seu semblante reflete uma combinação agradável de alegria e preocupação. Os olhos escuros estão calorosos, mas as sobrancelhas continuam franzidas.

Resistindo ao desejo de estender a mão e acariciar aquela barba, pergunto:

– O que você quer dizer com isso?

– Você entendeu. E ainda está tremendo.

– Não consigo parar. Estou congelando.

Ele para de esfregar a minha cabeça com a toalha e diz:

– Vou falar uma coisa agora, mas não é para você surtar.

– Você deveria ter falado de uma vez. Agora vai ser impossível não surtar.

– Você precisa vestir roupas secas.

Franzo a testa.

– Por que eu surtaria com isso?

– Porque as roupas secas que vai vestir são minhas.

Permanecemos a cerca de trinta centímetros de distância, eu tremendo de frio, ele ardendo em calor, até que digo:

– Duvido que você tenha alguma roupa que sirva em mim.

Ele sorri.

– Olha só pra você, sem surtar.

– Ah, estou surtando, sim. Mas já fiz esquisitices demais por esta noite, então não vou demonstrar o que estou sentindo.

– Vem comigo.

Ele pega a minha mão e me conduz pelo corredor até seu quarto. Quando entra no closet e acende a luz, fico observando sua cama, que não passa de um colchão no chão com um travesseiro e um cobertor em cima. As únicas outras coisas no quarto são uma simples cômoda de madeira encostada em uma parede e uma estante abarrotada de livros na outra.

– Pois é, eu sei. Cinco estrelas, né? Aqui está.

Aidan volta com um moletom preto tão grande que se eu combinasse com cinto e salto alto ficaria elegante para um jantar.

Pego a blusa e a seguro forte contra o peito como se fosse um cobertor. A toalha ainda cobre a minha cabeça e meus ombros. Ainda estou tremendo de frio.

Eu me sinto completamente ridícula.

– Aidan?

– Diga.

– Me desculpe por tudo isso. Juro que não sou uma completa desvairada. Sou só um pouquinho doida.

Com um ar muito sério, ele afasta uma mecha de cabelo úmido da minha bochecha.

– Você é linda, isso sim – murmura. Em seguida faz uma pausa e acrescenta: – E também não precisa surtar com isso. Não sou de seduzir mulheres

traumatizadas que entram aqui para fugir da chuva.

– Está bem. Muito obrigada. Hum… por acaso você teria uma calça de moletom que eu pudesse usar com isso?

– Caberiam dez de você numa calça minha.

– Eu sei, mas…

– Mas o quê?

Respiro fundo e desembucho de uma vez.

– Eu ficaria extremamente desconfortável se a minha perereca ficasse à solta.

Ele pisca, confuso.

– Estou sem calcinha – digo.

– Ah… *Ah*.

– Pois é. Então…

– Espera aí. Você veio aqui sem calcinha?

– Juro que não foi premeditado.

Quando ele ergue as sobrancelhas, solto um suspiro.

– Eu estava em pânico quando coloquei essa roupa. Não tive tempo de pôr calcinha.

– Nem sutiã – diz ele, em tom mais baixo.

Eu me encolho.

– Você percebeu, né?

– Tá de sacanagem comigo? Claro que percebi. – Ele faz uma pausa. – Também percebi que suas bochechas ficam muito vermelhas quando você está com vergonha.

– Obrigada pela informação – agradeço ironicamente. – Vai me dar uma calça ou não?

– Eu não tenho calça de moletom.

– Ah.

– Mas posso pôr seu jeans na secadora. – Diante do meu silêncio, ele acrescenta: – Ou podemos só ficar aqui nos encarando. Por mim, tudo bem também.

– O quê?

Após um breve momento, ele murmura:

– Eu gosto de olhar pra você.

Estou com uma sensação estranha no peito. Como se fosse um aperto, mas

também um alívio. Com toda certeza é sinal de que estou prestes a fazer algo de que vou me arrepender.

Dou de ombros e deixo a toalha cair no chão. Então tiro a camiseta molhada e fico nua da cintura para cima na frente de Aidan.

Seu olhar corre para meu peito. Os lábios se entreabrem. As pupilas dilatam. Ele permanece totalmente imóvel enquanto fita meus seios nus com olhos ardentes.

– Quero que faça mais do que só olhar – sussurro.

– Você que manda, chefe – responde ele, com a voz rouca, antes de me agarrar.

11

Não sei como, mas a boca dele é ao mesmo tempo suave e intensa. Logo se torna óbvio que este homem não apenas domina a arte do beijo incrível e delicado de um beija-flor como também sabe beijar vorazmente.

Bom. Pra. Cacete.

Aidan me segura firme enquanto se apossa da minha boca, e estremeço contra aquele corpo, pele com pele, meu pulso acelerado. Nem sei se meus pés estão no chão ou se ele está me segurando. Trocamos beijos ardentes até ele gemer na minha boca e se afastar, ofegante.

Em seguida, Aidan envolve meus seios com as mãos grandes e ásperas e se inclina para beijá-los.

Quando sua boca quente se fecha sobre meu mamilo rígido, a sensação me faz suspirar. Acontece o mesmo quando ele começa a chupar. Ao sentir aqueles dentes roçarem um mamilo enquanto os dedos beliscam o outro, solto um gemido e meu corpo se move em arco. Agarro os cabelos de Aidan.

Não ligo se isso é loucura. Não ligo se é errado. Não ligo para nada neste momento, só quero me entregar a esta bela fera por um tempo.

Minha vida de merda vai estar esperando por mim amanhã do mesmíssimo jeito que a deixei.

Aidan me pega no colo. Enlaço as pernas na cintura dele e inclino a cabeça, faminta por aquela boca. Ele não hesita, enfia a língua entre meus lábios e agarra a minha bunda. Continuamos nos beijando enquanto ele se vira e caminha até a cama, e não paramos quando ele se ajoelha no colchão, me deita e cai em cima de mim.

E o peso dele? Nossa, é impressionante! Michael pesava uns 75 quilos depois

de comer bastante. Aidan deve ter bem mais que 90 de puro músculo.

Ele beija meu queixo, meu pescoço, meu colo e meus seios, de novo, com fúria e ardor. Mais uma vez, minhas costas fazem um arco e eu fecho os olhos, amando sentir aquela barba roçar a minha pele. Amando sentir a respiração pesada dele. Amando sentir que Aidan não está me tratando feito um bibelô, mas como se soubesse que sou forte o bastante para dar conta de qualquer coisa que tenha a me oferecer.

E quero tudo o que ele tem a oferecer.

E quero agora.

Enquanto meu corpo se contorce debaixo dele, digo ofegante:

– Tira a minha calça. Agora.

Ele levanta a cabeça e me encara com os olhos ardentes.

– Por que a pressa?

– Você disse que sou eu que mando. Então estou mandando você tirar agora.

Mantendo o olhar no meu, Aidan inclina a cabeça e contorna meu já sensível mamilo com a língua, sem parar, o que me leva a entender que afirmar que estou no comando foi mera força de expressão.

Ele vai para o outro mamilo e faz a mesma coisa. Apoiado nos cotovelos e deitado sobre mim, o corpo encaixado entre minhas coxas abertas, ele vai de um seio para o outro, chupando e lambendo, até que começo a gemer e imploro que pare de me provocar.

– Não estou te provocando, baby – diz ele em voz gutural. – Estou dando o que você precisa.

Quase desmaio, mas não quero perder nada.

Aidan traça um caminho de beijos e lambidas pelo meu abdômen descendo até o cós do jeans, depois desliza a ponta da língua por dentro. Quando estremeço, aos gemidos, ele solta um risinho. Depois abre o botão de uma vez, desce o zíper, enfia o rosto na abertura e inspira.

Ouço um grunhido que vem do fundo da garganta dele. Um som primitivo e viril de desejo que faz um arrepio percorrer meu corpo. Com outro movimento rápido, Aidan puxa a minha calça até os joelhos e me deixa exposta.

Em seguida, afunda o rosto entre minhas pernas e começa a lamber.

Incapaz de conter os gemidos, enfio as mãos no cabelo dele e sincronizo o movimento dos meus quadris com as estocadas de sua língua. A calça não me

deixa abrir mais as pernas, mas não faz diferença. Aidan sabe muito bem o que está fazendo. Ele desliza as mãos por baixo da minha bunda e levanta meus quadris, agarra minhas nádegas e beija a minha boceta ardentemente enquanto me contorço e solto gemidos de desespero.

Estremecendo, ofegando o nome dele.

– Isso – diz ele em um sussurro quente, estimulando meu clitóris pulsante com a língua. – Relaxa, baby.

Nunca tive um homem que me chamasse assim. Michael não gostava de apelidos nem os namorados que tive antes dele. Não sei por que acho isso tão sexy, mas acho. Nunca mais quero que ele me chame de Kayla.

Aidan para de lamber e começa a chupar meu clitóris. Gozo na boca dele, gritando seu nome impulsivamente.

Ele continua chupando até ficar sensível demais e eu implorar para parar. Depois se levanta, puxa a minha calça pelos tornozelos, abre os botões da braguilha e arranca o próprio jeans.

Tenho um vislumbre rápido de tatuagens na coxa e de uma ereção em meio a pelos pubianos escuros antes de Aidan se debruçar sobre mim de novo, me beijando intensamente enquanto sobe e desce a cabeça do pênis entre os lábios da minha boceta para molhá-lo.

Ele me penetra com uma estocada forte e súbita.

Quando solto um gritinho, ele grunhe no meu ouvido:

– Me fala se eu preciso tirar, ou vou gozar dentro de você.

Sem esperar pela resposta, ele começa a meter fundo e com força.

E eu adoro. Que Deus me ajude, mas é verdade. Ele disse que ia fazer amor comigo, mas isso é muito mais animalesco. É bruto e selvagem, e eu tenho que me esforçar para segurar a risada eufórica que quer irromper do meu peito.

Quando ele se apodera da minha boca de novo, sinto meu gosto nele. Alguma parte obscura do meu cérebro nota que todas as luzes do quarto estão acesas e que eu deveria estar pelo menos um pouco constrangida, mas não há espaço para isso. A cada estocada ele me afasta mais dos meus pensamentos e me leva mais fundo no meu próprio corpo, me fazendo sentir tudo.

Meus mamilos duros se esfregando no peito dele.

Aqueles dedos puxando meu cabelo.

Nossos dentes se batendo enquanto nos beijamos com intensidade.

Os ruídos que emitimos e os sons de nossos corpos se unindo. Acho que consigo até ouvir o coração dele batendo no mesmo frenesi que o meu.

Então Aidan me surpreende ao rolar de costas e me levar junto. Ofegante, encaro-o, envolta em uma névoa de prazer. Espalmo as mãos no seu peito largo.

Ele lambe os lábios e desliza as mãos pelo meu corpo, parando para apertar meus seios, então desce contornando meu tórax e a minha cintura até chegar aos quadris. Crava os dedos na minha carne e curva a pélvis para cima, entrando mais fundo em mim.

– Rebola – ordena ele, com os dentes cerrados.

O homem não precisa pedir duas vezes. Cavalgo aquele pau duro até minhas coxas começarem a doer e nós dois estarmos gemendo e suando.

– Você quer gozar? – pergunta ele.

– Quero!

Ele começa a pressionar meu clitóris com o polegar e eu continuo mexendo os quadris, me deliciando loucamente com aquele pau grosso.

– *Então goza* – ordena ele, sombrio.

É como se ele tivesse apertado um botão. A minha boceta começa a convulsionar, contraindo-se em volta do pau dele de forma violenta e rítmica. É tudo tão intenso que perco o fôlego. Inclino a cabeça para trás, fecho os olhos e cravo as unhas nos músculos do peito de Aidan. Escuto o grunhido de prazer enquanto ele me come e eu gozo com força no seu pau.

Aidan estende a mão e aperta meu seio com força.

– Puta merda – sussurra. – Meu Deus. Kayla. Porra. Estou quase…

Ele para de falar, solta um gemido e goza dentro de mim, estremecendo.

Olho para ele.

Os olhos estão fechados. A cabeça inclinada para trás no travesseiro. Os músculos do abdômen contraídos, assim como o maxilar e os bíceps. A pele reflete um leve brilho de suor. No pescoço, uma veia saltada pulsa descontroladamente, e deduzo, com um lampejo de clareza, que foi tão bom para ele quanto para mim.

Aquela sensação de euforia retorna. Começo a rir sem nem perceber.

Ofegante, Aidan abre os olhos e me encara.

– Você está bem? – pergunta, a voz áspera.

Abro um sorriso para ele.

– Não se preocupe, não estou tendo um surto psicótico nem nada parecido. É só… tipo… *uau*.

Aqueles olhos escuros cintilam, ele retribui o sorriso e aperta meus quadris. Até parece um pirata que acabou de encontrar um navio cheio de tesouro.

De repente me abalo com a terrível ideia de que ele pode achar que esta é só mais uma noite típica de quinta-feira para mim. Como se quicar na cama de um quase estranho fosse comum e não houvesse nada de especial nisso.

Não quero que ele pense assim.

– Juro que eu normalmente não faço isso. Nunca fiz antes, na verdade.

– Nunca fez sexo?

Bato no peito dele.

– Você entendeu o que eu quis dizer, engraçadinho.

Ainda sorrindo, ele agarra a minha cintura e me rola de costas, sem tirar o pau de dentro de mim. Aidan acomoda o peso do corpo entre minhas pernas e se inclina, colando o peito ao meu. Então me beija profundamente, aninhando meu rosto em suas mãos enormes.

– Sorte a minha – murmura, quando paramos para respirar.

Enlaço as pernas na sua cintura e os braços nos seus ombros e suspiro de alegria.

Ele roça o nariz no meu pescoço, inspira fundo o perfume do meu cabelo e exala com um ruído de prazer.

– Eu queria te enxugar, mas acabei deixando você ainda mais molhada, né? – sussurra.

– Para de se gabar.

Ele ri.

– Eu não. Foi incrível.

Um leve arrepio de satisfação percorre meu corpo. Depois começo a me perguntar o que devo fazer. Ficar aqui? Passar a noite? Pôr minhas roupas molhadas na secadora e andar de um lado para outro morrendo de vergonha até conseguir fugir?

Ele ergue a cabeça e olha para mim.

– Você vai dormir aqui hoje.

Fico surpresa.

– Você é algum tipo de adivinho, por acaso? – pergunto.

– Não. Por quê?

– Hum. Nada, não.

– Mentira.

– Tá bom. Eu só estava pensando se deveria ir para casa agora.

– Acabei de dizer que você vai dormir aqui. Pode ir embora de manhã e passar o resto da vida encucada, pensando que isso foi um erro, mas esta noite você não sai daqui.

Ele dá mais uma estocada com os quadris quando diz "daqui", deixando claro que ainda não se cansou de transar comigo.

– E se eu quiser ir embora?

– Você não quer.

– Você parece bem convencido disso.

Ele me dá um beijo suave na boca.

– Eu gosto de te provocar – diz, sorrindo.

– É uma pena, porque não gosto que me provoquem.

– Você faz biquinho e franze o nariz. Fica parecendo uma velhinha melindrosa.

– Calma aí, devagar com os elogios, Romeu! Senão é capaz de eu ter um treco, cair e bater a cabeça.

– Sabe o que eu acabei de perceber? – sussurra ele, os olhos ardentes.

– Que sua vida está em perigo? – retruco em tom sarcástico.

– Que agora sei como você geme quando goza.

– E daí?

Ele abaixa a cabeça e mordisca o lóbulo da minha orelha, depois diz com a voz rouca:

– E daí que agora esse é meu som favorito. Quero ouvir de novo.

E projeta o quadril para a frente, metendo fundo dentro de mim.

Meu gemido escapa entrecortado.

– Como é que pode ainda estar duro? – pergunto, as pálpebras tremulantes.

– Ainda não me cansei de comer você, simples assim.

– Ah, isso me lembra uma coisa. Você prometeu que ia fazer amor comigo, não me comer.

– Questão de semântica.

Aidan dá outra estocada.

– Não, eu me lembro bem. Você disse "fazer amor" – contesto, ofegante.

– Eu disse que daria o que você precisa. É exatamente isso que estou fazendo.

Ele dá mais uma estocada, desta vez se curvando para, ao mesmo tempo, chupar com força a curva do meu pescoço.

Gemo baixinho, arqueando o corpo em sua direção, inclinando a cabeça para lhe dar mais acesso ao meu pescoço enquanto esfrego meu corpo no dele.

Ele dá uma risadinha maliciosa.

– Viu só?

Puxando uma mecha do seu cabelo, sussurro:

– Hora de calar a boca, Aidan.

– Sim, senhora.

Sem dizer mais nada, ele mete mais uma vez, enfiando o pau duro com tudo em mim. Quando ele repete o movimento, estremeço e solto um gemido. Ele mantém o ritmo, me comendo incansavelmente e beijando todo o meu pescoço e os meus seios, até eu começar a me contorcer e gritar, cravando as unhas nos seus ombros.

Com a boca colada ao meu ouvido, ele pergunta em voz gutural:

– É disso que você precisa, baby? Você gosta quando é bruto? Ou prefere que eu recite um poema e faça um chá pra você?

– Assim. Assim!

A risada dele é tão sinistra e cheia de satisfação que me faz estremecer. Chego ao orgasmo ouvindo esse som e me perguntando onde é que fui me meter.

12

Acordo envolta na penumbra cinzenta da manhã e nos braços de Aidan. Minha cabeça repousa no peito dele. Ouço as batidas lentas e constantes daquele coração sob meu ouvido. Dois braços enormes e pesados envolvem meu corpo, me segurando com força, mesmo enquanto Aidan dorme.

Levo um momento para me situar nesta nova versão da realidade onde acordo em um colchão no chão ao lado de um homem que mora em cima de um bar e que tem mais tatuagens no peito do que eu tenho amigos, e quase instantaneamente chego à conclusão de que gosto dessa novidade.

Dele, quero dizer.

Eu gosto dele.

Isso me surpreende. Não sou propensa a gostar de ninguém. Meio que desconfio das pessoas até conhecê-las melhor, e é aí que normalmente decido que nunca mais quero vê-las.

Michael e eu tínhamos isso em comum. Uma incompreensível aversão pela raça humana. Era um milagre que ele se saísse tão bem no trabalho, já que todo dia precisava interagir com muitos alunos na sala de aula.

Pensar em Michael me tira do torpor. Ele ficaria em choque se me visse nessa situação.

"O que é que você está fazendo?", questionaria, com uma careta de desgosto. "Esse homem nem deve ter um diploma!"

Sim, meu marido era esnobe em relação aos estudos. Era um assunto polêmico entre nós, pois eu estava satisfeita com meu bacharelado em Artes Plásticas e não tinha interesse em fazer um mestrado.

Dos dois, eu era a mais prática. E mais controlada com dinheiro. Não via

sentido em me afundar mais em dívidas por outro diploma que não me traria uma remuneração maior. Mas, para Michael, a educação em si era uma - recompensa.

Eu achava que pagar as contas em dia já era bem gratificante.

– Está acordada? – pergunta Aidan, a voz grossa de sono.

– Aham.

– Que bom. Quero comer você de novo.

Quando dou risada baixinho, ele me rola de costas e começa a beijar meu pescoço.

– Você nem acordou direito ainda, Clube da Luta.

Ele ergue a cabeça e me olha com as pálpebras pesadas.

– Clube da Luta?

– Foi o que pensei quando te vi pela primeira vez. Que você tinha cara de fundador de um clube de luta. – Em seguida, faço uma careta. – Isso é ruim?

– Não. Porque eu sou o fundador de um clube de luta.

– Sério? – Fico boquiaberta.

– Não. Só queria ver sua reação quando eu dissesse isso.

– Ah, pronto, lá vem seu péssimo senso de humor de novo.

– Não diga que eu não avisei.

Ele fica muito, muito bonito à luz suave da manhã. Estendo a mão e afasto uma mecha de cabelo escuro dos olhos dele, traçando a testa e a sobrancelha macia com a ponta do dedo.

– Gosto dessas entradinhas na sua testa. Acho sexy – murmuro.

– Sua bunda espetacular também é bem sexy.

Sinto meu rosto corar quando respondo:

– Obrigada.

Ele desliza a bochecha na minha, roçando a barba nela, e diz no meu ouvido:

– Quase tão sexy quanto aquele gemidinho desesperado que você deu quando estava quase gozando pra mim.

Escondo o rosto no pescoço dele e fecho os olhos, desejando poder fazer algo para conter o rubor ardente nas minhas bochechas. Parece que a minha cara está pegando fogo.

Aidan ri.

– Não precisa ficar com vergonha. Eu adoro isso.

Já que não faço ideia do que responder, sussurro um simples "Ok".

– Como você quer que eu te coma hoje, minha doce Kayla? – murmura ele, beijando meu pescoço.

Ah, meu Deus! Não existe tempo suficiente nesta vida para caberem todas as possibilidades.

– Hum… com força?

Ele encosta a testa no meu ombro e se dissolve em uma risada suave.

– Não foi tão engraçado assim.

– Só estou rindo porque isso é exatamente o que eu queria ouvir.

– Sério?

– Aham. – Ele fala em voz mais baixa: – Ou, em outras palavras, você quer selvagem.

Quando fico ali só o encarando em um silêncio tenso, ele diz pausadamente, com um ar determinado:

– Vou te devorar, coelhinha, vou te saborear pedacinho por pedacinho. Vou. Comer. Você. *Todinha*.

Um calafrio percorre meu corpo.

Não é medo. Está mais para euforia, uma espécie de alegria desenfreada totalmente desconhecida para mim. O estranhíssimo desejo de pular da cama para forçá-lo a me perseguir me leva a desafiá-lo.

– Ah, não vai, não. Só se você conseguir me pegar.

O corpo de Aidan se enrijece. Os olhos, já muito escuros, ficam ainda mais intensos. As narinas se dilatam e, juro por Deus, Aidan desaparece, substituído num piscar de olhos por um predador.

Um perigoso e magnífico predador, pronto para me rasgar em pedaços com seus dentes afiados.

Com um gritinho de excitação, rolo por debaixo dele e fujo cambaleando. Saio correndo nua do quarto e atravesso o corredor, o coração disparado, a risada sinistra dele ecoando nos meus ouvidos.

Mas não há para onde fugir. O apartamento é pequeno, e não vou sair correndo pelada na rua. Então, enquanto ele avança pelo corredor, olho em volta freneticamente procurando um lugar para me esconder.

– Não tem como escapar, coelhinha – rosna ele, me encarando com olhos famintos do final do corredor. Então ele se aproxima sorrateiro, sem desviar o

olhar feroz de mim. Entre as pernas, o pênis grande e duro balança a cada passo.
– Você está encurralada. É hora de se render.

Solto uma risada e minto na cara dura:

– Desculpa, Sr. Rei Leão. Esta coelhinha aqui não está a fim de virar café da manhã.

Então corro para a cozinha e uso a mesa como barreira, esperando para ver qual será o próximo passo dele.

Bem, adivinha só, Aidan me ataca. Afinal, é o que os leões famintos fazem.

Ele corre atrás de mim em volta da mesa enquanto grito e faço de tudo para me esquivar. Mas ele é muito rápido! Quando pego uma cadeira para tentar bloqueá-lo, uma patada forte e ágil a faz voar e se espatifar no chão. Dou meia-volta e fujo para a sala de estar, mas Aidan me agarra pelo pulso, me vira e me puxa para junto do peito.

Então gruda a boca na minha e me beija vorazmente.

Eu me rendo por um momento, contando que isso o fará baixar a guarda para que eu consiga escapar. Meu plano é correr para o banheiro e trancar a porta, mas no meio do caminho Aidan me ataca por trás. Caímos no tapete da sala e começamos um duelo.

Mas é claro que tudo termina em questão de segundos. Ele é forte demais. Não sou páreo para todos aqueles malditos músculos.

– Que coelhinha esperta – rosna ele, os olhos faiscando.

Em seguida, agarra meus pulsos, prende-os no chão acima da minha cabeça e monta em mim.

Ainda me debatendo e tentando escapar, grito em frustração.

– Coelhinha levada – sussurra Aidan, depois de uma gargalhada exultante. – *Muito* levada.

Ele me beija com força e me vira de bruços com tanta facilidade que chega a ser ridículo. Espalma a mão no espaço entre minhas escápulas, me prende contra o tapete e me dá um tapa ardido na bunda.

Quando grito, ele bate de novo.

– Ai!

– Peça desculpas por tentar fugir, coelhinha.

– Não! Não estou arrependida!

Como eu já esperava, levo outra palmada, depois ele desliza a mão entre

minhas pernas e emite um grunhido baixo de prazer.

– Não está arrependida, mas está bem molhada. E quente. Acho que a minha coelhinha quer ser comida bem aqui neste tapete.

Quando ele escorrega o dedo grosso para dentro de mim, solto um gemido.

– Diga que quer que eu te coma – ordena.

Sei que tudo isso faz parte do jogo. Eu sou o rato e ele é o gato que quer a minha permissão para me devorar. Mas ratos não se entregam de bandeja para os gatos, nem eu.

– Não!

A risada de Aidan soa satisfeita.

Ele tira o dedo de dentro de mim e me bate nas duas nádegas, palmadas ardidas que me deixam sem fôlego e com tanto tesão que começo a esfregar a pélvis no tapete tentando encontrar alívio, sem pudores.

Aidan se inclina e morde a minha bunda. Dói quase tanto quanto as palmadas, e eu adoro.

– Minha coelhinha gosta de levar palmadas, é?

– Não! Me solta!

Ofegante, me debato descontroladamente.

– Ah, eu não vou te soltar, minha coelhinha linda. Você nunca vai conseguir escapar de mim – devolve Aidan, a voz grave e sombria.

Isso não deveria me excitar tanto assim. A parte racional do meu cérebro sabe que estou num jogo perigoso com um homem praticamente estranho e que eu deveria pôr um ponto-final nisso antes que a situação fuja do controle. Deveria lhe dizer com toda a calma que estou com medo e quero que pare, e então cair fora deste apartamento e nunca mais vê-lo.

O único problema é que não estou com medo.

E não quero que ele pare.

E, acima de tudo, quero vê-lo de novo.

Quero que ele me liberte da minha própria mente e me mantenha bem longe dela, porque é um lugar escuro e assustador onde prefiro não passar muito tempo.

Mas não tenho chances de vencer esse jogo com força bruta. Ele me supera nesse quesito. Então esta coelhinha aqui vai ter que usar a cabeça.

Paro de lutar e pergunto com ar inocente:

– Tudo bem se eu for ao banheiro antes? Desculpa, acabei de perceber que estou apertada.

Surpreso, Aidan assente após uma pausa.

Assim que tira a mão das minhas costas e sai de cima de mim, tomo impulso e me levanto de um pulo.

– Otário – provoco, com um grande sorriso diante de sua cara de tacho.

Dou uma gargalhada e saio correndo da sala.

Ele me alcança antes mesmo que eu chegue à metade do corredor.

Agarrando meu braço, faz uma espécie de movimento ninja e me joga no ombro. Enquanto grito e esperneio, ele se vira e entra a passos largos na cozinha. Então me põe no chão ao lado da mesa, segura com força meus antebraços e encara meus olhos arregalados.

– Que coelhinha mais levada, hein? – murmura, intenso.

Ele me vira, me força a me debruçar sobre a mesa, abre minhas pernas afastando meus tornozelos com o pé e agarra meus pulsos, prendendo-os nas costas.

Aidan me penetra com uma estocada tão súbita que meu corpo se dobra e grito em choque.

Curvando-se sobre mim, ele rosna no meu ouvido:

– Vou meter com força como punição por ter fugido de mim. Pronta?

– Pronta!

O gemido de prazer é sua última demonstração de delicadeza.

Depois morde meu ombro e me fode, metendo com força, sem parar, com estocadas tão brutas que a mesa chega a arrastar. Aquelas mãos apertam meus pulsos, os dentes arranham a minha pele, os grunhidos de dominação ressoam nos meus ouvidos, e não me lembro da última vez que me senti tão livre.

Descanso o rosto na madeira lisa da mesa, fecho os olhos e me rendo totalmente.

– Se prepara pra minha porra, baby. Abre bem essa sua boceta apertada.

A voz soa áspera perto do meu ouvido. Em resposta, só consigo soltar um gemido baixo e trêmulo. Depois de mais duas estocadas duras, o ritmo do quadril de Aidan diminui. Ele grunhe. Ao soltar meus pulsos, enfia os dedos no meu cabelo e, com a outra mão no meu quadril, me puxa com violência enquanto se esfrega em mim e chega ao clímax.

Com o pescoço arqueado e os mamilos rígidos roçando na mesa, gozo com o pau pulsante dele dentro de mim.

Aidan desaba, me prendendo sob seu corpo, e sussurra ofegante no meu ouvido:

– Cada gotinha da minha porra está dentro de você, minha linda coelhinha, pode me dizer que adora a sensação, vai.

Quase soluçando, digo com a voz embargada:

– Eu adoro, Aidan. Adoro.

A risada ofegante dele soa vitoriosa.

– Eu sei que adora, baby. Essa é a minha coelhinha obediente.

Brilhando como um raio de sol que reluz através da escuridão ancestral, descanso o rosto no tampo da mesa e abro um sorriso.

13

Em contraste à selvageria ruidosa com que me possuiu, Aidan se mostra silencioso e dócil enquanto ensaboa meu corpo sob a ducha quente do chuveiro.

Estou trêmula e em choque, sem saber o que diria mesmo que conseguisse falar, por isso fico feliz por ele não conversar comigo. Aidan me vira de um lado para o outro, ensaboando e enxaguando a minha pele, depois despeja um pouco de xampu na palma da mão e lava meu cabelo.

Permaneço de olhos fechados e me pergunto o que vai acontecer em seguida.

Nunca tive uma aventura de uma noite só, então não sei o que fazer. Não conheço as regras do jogo. Devo pedir o número dele? Não, eu já tenho. Devo agradecer? Isso parece estranho, mas, por outro lado, todo esse encontro está sendo estranho.

Incrível, mas estranho.

Imagino que a despedida acontecerá em meio a muita vergonha: eu, parada na porta da casa dele com os pés descalços e as roupas amarrotadas, que nem devem estar secas ainda, tentando agir com naturalidade e falhando miseravelmente. O que é que eu devo dizer?

"Foi ótimo, meu chapa! Valeu pelo fantástico salsichão!"

Não. Posso não ser a pessoa mais comunicativa do mundo, mas até eu sei que isso seria um fiasco.

– Nunca conheci uma mulher que pensasse tão alto quanto você – murmura ele.

– Desculpa. Estou sempre pensativa.

– Não precisa se desculpar. Só estou comentando. Inclina a cabeça pra trás.

Obedeço, fecho os olhos e o deixo tirar o xampu do meu cabelo. Recosto o corpo no dele, com os braços em volta de sua cintura e os seios pressionados contra seu peito, e me pergunto mais uma vez o que Michael pensaria se me visse agora.

É quando a culpa me atinge, fria e dura como um bloco de gelo caindo na minha cabeça. Uma vozinha cruel na minha mente começa a sussurrar insultos:

Não faz nem um mês que seu marido morreu e você já transou com outro! Como é que você teve coragem?

– Seu corpo fica muito tenso quando você começa a surtar – murmura Aidan.

Solto o ar devagar e permaneço em silêncio. Afinal, não há palavras para descrever o que estou sentindo.

Ele estende a mão atrás de mim para fechar o chuveiro. Em seguida, segura a minha nuca e aninha a minha cabeça no seu peito. Seu outro braço envolve meu corpo. Permanecemos assim por um tempo, nus e pingando, abraçados em silêncio, até que ele diz:

– Podemos fazer qualquer coisa ou nada. Não espero que você saiba tudo agora.

Como é que ele sempre sabe o que estou pensando?

A emoção ameaça fechar a minha garganta, mas me controlo e digo:

– O que você quer fazer?

– Isso aqui, tanto quanto eu puder – responde ele, apertando o abraço.

Dou uma risadinha.

– Isso pode ser providenciado.

Acariciando meu cabelo molhado, ele dá um beijo no topo da minha cabeça.

– Tem certeza? Sei que sua situação é complicada. Não quero piorar as coisas.

– Até agora, você é a única coisa que fez com que eu me sentisse melhor – digo, sem pensar.

Fico acanhada ao perceber o que acabei de dizer. Tão exposta e vulnerável.

Tão carente.

Mas se acha isso ruim, Aidan não demonstra. Apenas beija a minha cabeça de novo.

– Que bom – murmura.

Ergo a cabeça e olho para ele, que me fita com um leve sorriso, os olhos

cheios de afeto.

– Posso ser sincera com você? – pergunto com a voz hesitante.

– É tudo o que eu mais quero.

– Ok. Bem… – Inspiro fundo, depois solto o ar num suspiro pesado. – Isso foi incrível. De verdade, muito incrível. Tipo, fantástico. Não tenho experiência nenhuma com coisa assim porque fui casada por muito tempo e quase sempre estive em um relacionamento longo antes disso.

Como paro de falar, ele questiona:

– Você está querendo me fazer alguma pergunta específica ou está apenas pensando em voz alta?

– Não sei. Isso tudo está despertando uma mistura de sentimentos em mim.

– Em mim também. Você acha que isso acontece comigo todo dia?

Eu me afasto e olho para ele de cima a baixo, toda aquela virilidade rústica e perfeita.

– Claro.

Aidan me puxa de volta para junto dele e aninha meu rosto com as mãos.

– Não. Não acontece.

Ele me encara com uma intensidade tão inabalável que acredito. Ninguém consegue mentir tão bem a essa distância.

– Ainda bem – digo, e ambos ficamos surpresos com meu tom enfático.

Aidan cai na gargalhada. Enrubesço do pescoço à testa. Ele me prende nos braços e me segura com força, roçando o nariz na minha orelha.

– Ah, minha doce coelhinha… – sussurra, ainda rindo. – Acho que você gosta de mim.

Queimando de vergonha, discordo:

– Imagina, só preciso que meu telhado seja consertado, então pensei em te enlouquecer na cama para ver se consigo um desconto.

Ele se afasta, fingindo estar chocado.

– Eu já te dei um desconto!

Abro um sorriso.

– Ah, é. Eu tinha esquecido. Dois mil, com tudo incluído, né?

Ele fecha a cara, mas só de brincadeira.

– Nada disso. Dez mil.

– Espera aí, você disse cinco!

A expressão carrancuda se desfaz e ele começa a rir de novo. Dou um tapinha no peito dele quando digo:

– Seu idiota.

– Não posso negar. O que você quer de café da manhã?

– Não me diga que você também cozinha?

– Só os melhores ovos mexidos do mundo.

– Então acho que é isso que vou querer – respondo, sorrindo.

Ele abaixa a cabeça e me dá um beijo suave. Quando se afasta, sua expressão é séria.

– Preciso te contar uma coisa – diz ele.

Meu estômago despenca.

– Merda. Eu sabia que estava bom demais pra ser verdade.

– Não é ruim – diz ele.

– Então por que você está fazendo essa cara?

– Que cara?

– Essa cara séria e assustadora, como se estivesse prestes a me contar que tem alguma IST.

Ele abre a porta do boxe, pega uma toalha, me envolve nela e começa a enxugar meu corpo.

– Não. Sou saudável feito um touro.

Aproveitando a atenção, faço uma pausa para um momento de sobriedade.

– Eu também, caso você esteja se perguntando. Suponho que deveríamos ter conversado sobre isso antes de tanto… hã… – digo, me enrolando com as palavras.

– Sexo?

– Isso, essa seria a palavra.

Aidan se agacha para enxugar minhas pernas enquanto me apoio nos seus ombros.

– Sobre isso e também sobre as chances de você engravidar, pois transamos sem proteção. – Ele se levanta e olha para mim. – Também deveríamos ter conversado sobre consentimento e ter uma palavra de segurança. Eu não costumo me deixar levar assim.

– Estou tomando pílula… espera aí. Volta um pouco. Palavra de segurança?

– Caso eu comece a pegar pesado demais com você.

Quase caio na gargalhada e digo:

– Que besteira. Adorei seu jeito bruto.

Ele fica imóvel, me encarando com intensidade. Sem pestanejar, diz pausadamente:

– Eu posso machucar você, Kayla. Por acidente, claro. Não quero que isso aconteça.

Gosto que ele esteja tão preocupado com meu bem-estar. Também gosto que esteja dedicando um tempo para comunicar isso. O que não gosto é da ideia súbita e indesejável de que talvez ele tenha machucado alguém no passado.

Por acidente ou não, parece que pode haver uma história por trás disso.

– Você já machucou alguém? – pergunto, hesitante.

– Já – responde ele de bate-pronto. Em seguida fecha os olhos e engole em seco. – Mas não teve a ver com sexo. E não foi um acidente.

Estou começando a ficar assustada, mas mantenho a voz firme.

– Como aconteceu, então?

Ele abre mais os olhos. Um músculo salta no seu maxilar. Então inspira profundamente antes de me responder:

– Meu pai sempre batia na minha mãe. Muito. Ele era um alcoólatra revoltado e muito violento. Ela foi parar no hospital mais de uma vez por causa dele. Isso durou anos. Eu não podia fazer nada quando era criança, mas quando cresci…

Percebo que estou prendendo a respiração. Meus batimentos cardíacos aceleram um pouco.

– O que você fez? – sussurro.

Ele desvia o olhar. Aquele músculo no maxilar salta de novo. Quando volta a falar, a voz sai quase num sussurro:

– Tenho medo de contar e você nunca mais querer me ver.

Isso me deixa balançada por vários motivos.

Primeiro porque, seja lá o que ele tenha feito, claramente foi algo ruim. E quando digo ruim, quero dizer violento. E segundo porque ele está disposto a me contar, mas tem medo das consequências. Está com medo de que eu surte e saia correndo.

O que significa que, três, ele está tão envolvido quanto eu nessa situação inesperada entre nós.

Não sei se existe uma palavra para descrever o que estou sentindo. Talvez porque seja um turbilhão de muitos sentimentos diferentes de uma vez só. Mas sei com certeza que o que quer que Aidan tenha feito ao pai, fez para proteger a mãe.

Então me lembro do que ele me disse no bar.

"Eu não gostava do meu pai."

Gostava, no passado. O que sugere que o pai não está mais no mundo dos vivos.

E nesse exato momento descubro algo sobre mim que eu nunca havia percebido.

– Ei.

Ele olha para mim de novo, o olhar cauteloso e o maxilar cerrado.

Fitando os olhos dele, digo:

– O passado está morto. Então, o que quer que tenha acontecido, o que quer que você tenha feito, saiba que nunca vou pedir uma explicação. Também nunca vou te julgar por algo que fez para proteger outra pessoa. Não importa se foi muito ruim. A vida é complicada, e todos temos nossos motivos para fazer o que fazemos. Não me importo com nada do que você fez antes de nos conhecermos.

Aidan fica de queixo caído. Ele me encara com incredulidade e algo mais que não consigo identificar.

Pode ser esperança.

– Mas de agora em diante eu me importo com o que você faz. Se continuarmos nos encontrando, espero total sinceridade. Entendido?

Parecendo perplexo, ele concorda com a cabeça.

– Que bom. Agora se enxugue, Clube da Luta, porque estou morrendo de fome. – Passo os braços ao redor dos ombros dele, fico na ponta dos pés e lhe dou um beijo suave. Com a boca colada à dele, sussurro: – Sua coelhinha ficou morrendo de fome depois de ter sido tão bem comida pelo leão malvado.

Aidan me agarra e me abraça com tanta força que perco o fôlego. Sinto o corpo dele tremer contra o meu, leves contrações musculares em sincronia com a respiração descompassada.

Por algum motivo bizarro, nesse momento os versos que Dante escreveu em sua última carta me vêm à mente:

Porém meu desejo e meu querer
giravam como uma roda, à mesma velocidade,
impelidos pelo Amor que move o Sol e as outras estrelas.

As palavras ecoam nos meus pensamentos até se dissiparem com um beijo de Aidan.

14

Tomamos café da manhã no apartamento dele, depois Aidan me segue até em casa em sua caminhonete.

Quando chegamos, ele faz questão de entrar e revistar tudo antes de liberar a minha entrada.

– É melhor prevenir do que remediar – diz, debruçado na janela aberta do meu carro. – Chaves?

– Só não sei se tranquei a porta. Saí na maior pressa – aviso ao entregá-las.

Ele assente e se dirige à porta.

Enquanto o observo ali testando as chaves, enfrento um momento de conflito interno.

Há menos de um mês, teria sido Michael no lugar dele. Meu marido charmoso e simpático que usava camisas brancas engomadas, sapatos Oxford pretos engraxados e calças passadas com vinco impecável. Ele era meticuloso com a aparência, jamais saía de casa com um fio de cabelo fora do lugar ou a mais leve sombra de barba no rosto.

E nem pensar em tatuagens. Michael passava mal só de ver uma agulha. Todo santo ano, quando ia tomar vacina contra gripe, quase desmaiava no ambulatório.

Aidan é quase o extremo oposto. Duvido que eu teria conseguido escolher alguém mais diferente de Michael, mesmo se quisesse.

Aidan se vira para mim, que espero ansiosa no carro. Então ergue o queixo e some pela porta, deixando-a aberta.

Após dez minutos, ele aparece de novo e faz sinal para que eu entre.

Apreensiva, corro até lá descalça. Pelo menos não está caindo um temporal

hoje, mas ainda estou tremendo de frio.

O céu continua com o mesmo cinza embotado do túmulo de Michael.

– Nada? – pergunto quando alcanço Aidan.

– Tudo em ordem. Pode entrar.

Chego ao hall de entrada envolvendo meu próprio corpo com os braços. Estou vestindo o enorme moletom preto de Aidan, as mangas enroladas até o meio para que fiquem na linha dos meus pulsos. Calço um par de tênis que deixei sob o aparador, sem nem me preocupar em amarrar os cadarços.

– Estava tudo trancado. Nenhum sinal de arrombamento. Verifiquei lá em cima também – diz Aidan.

Fico aliviada, mas também me sinto uma boba por ter fugido de casa como se estivesse sendo perseguida por demônios. A minha imaginação hiperativa está me dando um baile.

– Ótimo! Obrigada – digo.

– Sem problemas.

– Por que você está sorrindo desse jeito?

– Ah, nada, não. É que acho que você desenha muito bem, só isso.

Por um momento, fico sem entender do que ele está falando. Mas logo a ficha cai e reviro os olhos.

– Você entrou no meu escritório.

– Tive que verificar as janelas.

– Pelo visto verificou algumas outras coisas também.

Aidan agarra a manga do meu moletom e me puxa para junto dele. Então me envolve com os braços e sorri para mim.

– Achei aquele coelho de estimação do garotinho *muito* fofo.

Dou um sorriso.

– Imagino – digo.

– Então você é artista?

– Ilustradora. Geralmente de livros infantis, embora eu faça ilustrações para calendários e revistas de vez em quando.

Ele inclina a cabeça e pressiona de leve os lábios nos meus.

– Você é talentosa pra cacete, Kayla.

O elogio me faz sentir como se não existisse mais gravidade e aqueles braços envolvendo meu corpo fossem a única razão de eu ainda estar presa à Terra.

– Obrigada.

– Ah, olha só a minha coelhinha tímida, com as bochechas vermelhas.

– Cala a boca antes que eu chute sua canela.

Rindo, ele se inclina e me beija de novo.

– Tímida e puta. As duas qualidades que mais me atraem.

– Me chama de puta de novo e veremos até onde você consegue andar com o testículo esmagado.

Aidan tenta abafar o som da risada colando o rosto na curva do meu pescoço.

Dou um empurrãozinho no peito dele.

– Seu babaca.

– Você não me acha babaca – afirma em tom suave, depois me beija de novo, desta vez com mais vontade.

Não, admito a mim mesma enquanto sua língua explora a minha boca. *Não acho, não, senhor.*

O beijo dura até ficarmos ofegantes e a leve pulsação quente entre minhas pernas se transformar em ardor. Então a culpa me invade outra vez e me afasto, pressionando os dedos nos lábios.

Aidan observa meu rosto.

– Você está bem? – pergunta ele.

– Acho que sim.

Como me recuso a encontrar seu olhar, ele pega meu queixo e inclina a minha cabeça para trás, forçando-me a encará-lo.

– O que foi?

Minha boca está seca. Umedeço os lábios e engulo em seco.

– Estou me sentindo um pouco… – pigarreio – … incomodada.

Ele parece surpreso.

– Comigo?

– Porque estou fazendo isso na minha casa.

Após uma breve pausa, ele afirma que está tudo bem, então me solta e se afasta.

– Ah, meu Deus. Me desculpe. Eu não queria te magoar – digo.

– Tudo bem, eu entendo.

Não tem a menor chance de ele entender, mas merece crédito por tentar.

– É só que é muito recente. A separação. – Dou um pigarro de novo. – E

ainda fico esperando que ele passe pela porta a qualquer minuto. É que é estranho para mim. Desculpa.

– Pode parar de se desculpar – diz ele em tom suave. – Eu já disse que está tudo bem.

Eu me encolho, retorcendo as mãos.

– Eu sei, mas dá para ver que não está, e agora eu me sinto uma babaca.

– Você não é babaca. Eu te beijaria de novo, mas não quero deixar você mais desconfortável do que já está. Então é o seguinte: vou ligar para meu amigo Jake, que é dono de uma empresa de sistemas de segurança. Vou pedir para ele vir aqui instalar um alarme para você. Enquanto isso, preciso ir a uma reunião, mas depois vou começar a trabalhar no seu telhado.

Ele aponta com a cabeça em direção à cozinha e aos baldes no chão.

– Não vou poder começar os reparos até a chuva nos dar uma trégua de alguns dias, mas vou estender uma lona no telhado para impedir que a água continue entrando e tirar as placas de isolamento molhadas do sótão para que você não tenha problema com mofo. Combinado?

– Combinado. Obrigada. Ah, vou buscar meu talão de cheques…

– Mais uma palavra – interrompe ele – e você vai ganhar umas palmadas.

Sobressaltada, fico encarando-o. Não vejo um sorriso naquele rosto, nenhum traço de humor.

Ele está totalmente sério.

– Posso fazer uma pergunta? – peço, hesitante.

Aidan assente.

– Não é para eu falar mais sobre o talão de cheques ou você quer que eu fique quieta no geral mesmo?

Ele franze os lábios e cruza os braços. Agora dá para ver que está se esforçando para ficar sério. Também está tentando parecer intimidante, e está se saindo mal nas duas coisas.

– O que eu quis dizer é que não vou aceitar seu dinheiro – responde, ríspido.

– Mas nós combinamos…

– Mais uma palavra – interrompe ele de novo, desta vez em tom bem alto.

Espelhando sua postura, cruzo os braços e o encaro.

– Eu não transei com você esperando que consertasse meu telhado de graça, Aidan.

– Jura, Kayla? Mesmo assim, não vou aceitar seu dinheiro.

– Por acaso isso é coisa de macho querendo satisfazer o ego? Você acha mesmo que estou ferindo sua masculinidade por querer pagar pelo seu tempo e sua experiência?

– Sim e sim.

– Isso é ridículo – afirmo categoricamente.

Ele descruza os braços e se inclina para ficar cara a cara comigo.

– Obrigado por compartilhar sua opinião, e essa é a última vez que você faz isso. Se tocar em assunto de dinheiro comigo de novo, já sabe o que vai acontecer.

Como fico ali só o encarando, ele insiste:

– Confirme que sabe o que vai acontecer.

– Por quê?

– Isso se chama consentimento.

– Não vou dar meu consentimento para levar palmadas por causa de dinheiro – digo com arrogância.

– Não toque no assunto de novo e não vai levar palmadas.

– Lembra quando eu disse que não gosto que me provoquem?

Ignorando a minha pergunta, ele acrescenta:

– Então se você tocar no assunto de novo, considere-se avisada e plenamente ciente das consequências, quer você alegue concordar ou não.

Faço uma expressão de dúvida quando digo:

– Acho que sua lógica não faz sentido.

– Não me importo. É assim que vai ser.

Ele me dá as costas e vai em direção à porta.

– Aonde é que você vai? Estamos no meio de uma conversa!

– Não estamos mais – conclui ele, olhando por cima do ombro.

– Volte já aqui, ou é você quem vai levar a maldita surra!

Rindo, ele desaparece pela porta da rua.

UMA HORA DEPOIS, Jake, o cara do alarme, aparece. É do mesmo naipe de Aidan: grandalhão, musculoso, estilo lenhador. Tem tatuagens no antebraço e até mesmo barba, embora a dele seja de um castanho mais claro e tenha algumas

mechas prateadas. Eu o convido a entrar e lhe mostro o lugar. O tour termina no meu escritório.

– Moleza – diz ele, confiante. – Onde você quer o Smart Hub?

– Não faço ideia do que é isso.

– É um aparelho que conecta todos os seus dispositivos e funciona como o centro operacional do seu sistema de segurança.

Como fico o encarando sem reação, ele continua:

– Vamos conectar o alarme, as câmeras de segurança e a câmera da campainha a um dispositivo sem fio que controla tudo e interage com seu smartphone para que você possa operar o sistema remotamente.

Hub? Câmeras? Controle remoto? Começo a ficar nervosa.

– Isso deve sair caro.

Jake dá um sorrisinho com ar de cumplicidade. O chiclete rosa-choque que está mascando desponta entre dois molares.

– Aidan disse que, se você falasse em dinheiro, eu deveria dizer que você sabe o que vai acontecer.

Meu rosto queima.

– Ah, é mesmo? – retruco, sarcástica.

– Ei, só estou dando o recado. E fazendo meu trabalho.

O tom dele é leve e há um brilho específico naqueles olhos. Vou trucidar Aidan quando nos encontrarmos de novo.

– E se a gente instalar só o básico mesmo, tipo, aquele treco em que insiro a senha para ativar o alarme?

Jake me olha como se eu tivesse acabado de insultar sua mãe.

– É sério, eu não preciso de câmeras e todas essas outras coisas. Só quero um alarme que dispare se alguém invadir a casa.

– Mas seria interessante ter câmeras, porque se alguém invadir *mesmo*, você tem tudo gravado. Não vai adiantar nada se a polícia não tiver como identificar o malandro.

Toda essa conversa sobre criminosos e arrombamentos está começando a me perturbar.

– Talvez seja melhor esquecermos tudo isso – sugiro.

Jake ri.

– Ah, tá, vai sonhando.

Fico surpresa com o comentário.

– Por quê?

– Porque se Aidan diz que você vai ter um sistema de segurança, querendo ou não, você vai ter um sistema de segurança.

– Entendi.

– Pois é.

Ele masca o chiclete e me encara como quem quer dizer alguma coisa mas não acha que seja uma boa ideia.

– O que foi? – pergunto.

– Nada. Não é da minha conta.

– Aham. Só que sua cara diz o contrário. Desembucha, Jake.

Ele debate consigo mesmo por um momento, então diz:

– Você parece ser uma moça legal.

– Ui! Parece que vem bomba.

Ele ergue a mão e continua:

– Só me escuta. E me faz o favor de nunca repetir isso, ok?

Concordo com a cabeça, a ansiedade brotando no meu estômago.

– Sou amigo do Aidan desde o colégio…

– Se você vai me dizer que ele é um mulherengo de marca maior, eu realmente não quero ouvir.

– Não, não era isso que eu ia dizer.

– Ótimo.

– Mas se ele fosse, você não ia querer saber? – Ele inclina a cabeça e franze a testa.

– Como você deu a entender, não é da minha conta.

Ele franze de novo e já estou começando a ficar irritada.

– O que foi agora? – pergunto.

– É que nunca conheci uma mulher que não quisesse saber se estava ou não se metendo com um galinha, só isso.

– Muito bem. Ele é galinha?

– Não.

– Você está me deixando louca! Vai direto ao ponto.

Jogo os braços para o alto.

– Está bem, olha. Vou ser direto com você. Aidan não se aproxima das

pessoas. Não confia nelas.

Sua pausa parece ter uma intenção.

– E…? – insisto.

– Ele enfrentou coisas difíceis praticamente a vida inteira.

Quando Jake para de falar e a bola de chiclete que ele estava fazendo estoura, percebo aonde ele quer chegar, e minhas bochechas começam a queimar de novo.

– Você está insinuando que estou me aproveitando do Aidan? Porque deixei bem claro para ele que eu ia pagar por tudo…

– Aidan gosta de você – interrompe Jake, a voz baixa. – E ele não gosta de ninguém. Não quero que ele acabe se magoando. – Jake lança um olhar de canto incisivo para meu anelar, depois encontra meus olhos novamente.

Após um momento em que meu cérebro se reinicia e meu coração se derrete, digo em tom suave:

– Eu também gosto dele. E não vou magoá-lo, Jake. Prometo.

Ele masca o chiclete mais algumas vezes, como se duvidasse.

Fico curiosa para saber o que Aidan contou sobre mim, mas não vou perguntar. Jake não me contaria mesmo. É um amigo leal, e tem também o tal código de conduta masculino. Já tenho sorte de ter conseguido arrancar tanta coisa dele.

– Olha. Sugiro um consenso. Que tal se você instalar algo que não seja no nível de vigilância do FBI, mas que também não seja tão chinfrim? Não vou conseguir entender nada muito complexo mesmo, mas também não quero que você tenha que enfrentar a ira de Aidan se ele não aprovar, então vamos chegar a um meio-termo entre James Bond e o inspetor da pantera cor-de-rosa. Pode ser assim?

Ele faz uma bola de chiclete, estoura e sorri para mim.

– Pode.

Estendo a mão e selamos o acordo.

É nesse instante que olho por cima do ombro de Jake e, através da janela, vejo alguém no quintal, lá embaixo, à beira d'água.

Parcialmente escondido atrás do tronco de uma árvore, o vulto parece ser de um homem. Embora esteja longe demais para que eu possa distinguir qualquer traço e os olhos estejam obscurecidos pela aba de um chapéu, tenho a nítida

sensação de que ele está me encarando.

Avisto um reflexo branco quando o homem mostra os dentes feito uma fera.

Uma lufada de vento entra assobiando pela chaminé. Os pelos dos meus braços se arrepiam. Um calafrio de medo percorre meu corpo, me gelando até os ossos.

– Vou buscar o equipamento na caminhonete e começar a trabalhar – diz Jake.

Olho rapidamente para ele enquanto sai da sala. Quando me viro de volta para a janela, o homem perto da árvore desapareceu.

15

Nervosa, mas também cheia de coragem porque Jake está em casa – e ainda é dia –, decido dar uma caminhada até a água para investigar.

A ilha de Bainbridge fica a apenas 35 minutos de balsa de Seattle, mas parece estar em outro planeta. Boa parte da região é coberta por densos bosques de cedro (ou considerada reserva natural), mas há cafés aconchegantes, butiques e restaurantes no pitoresco centro da cidade. Quilômetros de trilhas que acompanham o litoral acidentado e o interior montanhoso fazem dela um paraíso para os que praticam trilhas. Com oito quilômetros de largura por dezesseis de comprimento, e uma população de apenas 25 mil habitantes, a ilha é pequena, mas também é um lugar perfeito para quem trabalha na cidade e não quer morar lá.

Michael e eu nos mudamos para cá quando ele aceitou o cargo de coordenador do programa de doutorado da Universidade de Washington.

Parece que foi em outra vida.

Eu era uma mulher diferente na época. Mais jovem e feliz, e ainda não havia levado nenhum golpe amargo da vida.

Como somos ingênuos na juventude. Como é fácil acreditarmos que o sol continuará nascendo e se pondo, aquecendo nossos dias. E que duro é descobrir que não é o sol que torna tudo brilhante, mas as pessoas que nos amam, e por isso, quando elas se vão, tudo fica imerso em escuridão.

A propriedade se estende por mais de oito quilômetros quadrados. É arborizada com pinheiros altos e separada da costa por um longo trecho de gramado e uma praia estreita e rochosa. Embrulhada num casaco pesado de inverno e com um gorro de lã cobrindo até as orelhas, atravesso a varanda dos

fundos e desço os degraus até o gramado, depois sigo a trilha até a água.

Evito chegar perto do cais ou olhar na direção do barco ancorado ali.

Michael o batizou de *Eurídice*. Sempre odiei esse nome. Avisei que daria azar batizar um barco com o nome de uma ninfa da mitologia grega que ficou presa no submundo, mas Michael disse que gostava. Achava romântica a história de Orfeu, marido de Eurídice, que a amava tanto a ponto de descer ao inferno para implorar a Hades por sua libertação.

Quando ressaltei que a história termina em tragédia, Michael simplesmente riu de mim. "É apenas uma história", disse ao me dar um abraço.

Só que eu estava certa. Mitologia ou não, tragédia é tragédia.

Analisar o passado sabendo o que acontece é um saco.

Quando chego à árvore onde vi o homem, examino atentamente o chão. Se conseguir encontrar pegadas, poderei seguir o rastro dele. O solo à volta do tronco está lamacento e sem grama, então é bem capaz que eu detecte alguma pista.

Não há nada ali.

Nem pegadas. Nem terra revolvida. Nem um sinal da pessoa que ficou aqui me encarando.

Com o cabelo esvoaçando na brisa fria, viro-me e olho na direção da casa. Daqui consigo ver claramente meu escritório. A casa fica um pouco acima da linha costeira, mas as janelas do meu escritório são amplas e o cômodo é bem iluminado. A minha mesa de desenho está de frente para a porta, então, quando me sento lá, a janela fica atrás de mim.

Isso significa que alguém poderia estar aqui me observando trabalhar já há algum tempo e eu não teria percebido.

Olho para os dois lados da orla. Não há ninguém. A minha única companhia são as gaivotas voando no céu e as ondas escuras arrebentando incansavelmente na praia.

Quem quer que fosse aquele homem, já se foi há muito tempo.

Um brilho perto dos meus sapatos chama a minha atenção. Eu me abaixo e pego uma moeda na lama. Quando a limpo com o polegar, perco o fôlego.

É um *buffalo nickel*.

Cunhada entre 1913 e 1938, uma moeda dessa pode valer de 35 centavos a 3 milhões de dólares, dependendo do ano em que foi fabricada e do estado de

conservação. Esta é de 1937. É do tipo D, que retrata o búfalo com apenas três patas em vez das quatro habituais, e vale exatos 2.560 dólares.

Sei disso porque Michael mandou avaliá-la. Era do avô dele. Ele a levava para todo canto. Jurava que lhe trazia sorte.

Com o coração batendo mais rápido, fecho o punho ao redor da moeda e volto correndo para casa, tentando me convencer de que o arrepio frio descendo pelas minhas costas é apenas o vento.

ALGUMAS HORAS DEPOIS, Jake termina de instalar o sistema de segurança.

Aidan ainda não voltou.

Jake me ensina a usar o hub que colocou na parede do meu escritório, ao lado do interruptor. Em seguida, instala o aplicativo no meu celular para que eu possa acessar as imagens em tempo real, assim, caso alguém toque a campainha, poderei ver quem é sem sair do cômodo. Também posicionou uma câmera acima da porta dos fundos que oferece uma visão ampla do quintal.

– Há quanto tempo essa câmera está gravando? – pergunto, querendo descobrir se ela filmou o homem perto da árvore.

– Cerca de vinte minutos. Acabou de ser ativada. O sistema tem memória para armazenar uma semana de gravação, depois ele automaticamente vai começar a gravar por cima dos arquivos antigos, assim você não precisa pagar pelo armazenamento de dados adicional, que pode sair caro.

Então não há gravação do quintal no momento em que vi o vulto. Estou frustrada, mas não há o que fazer. Pelo menos de agora em diante poderei ver se ele aparece de novo, mesmo quando eu não estiver aqui.

Jake explica:

– Instalei dispositivos de ativação por senha nas portas da frente, dos fundos e dentro da garagem ao lado da porta da lavanderia. Se o sistema for acionado sem querer quando o alarme estiver ativado, você terá trinta segundos para desativá-lo com sua senha antes que ele nos mande uma notificação automática. Se você não chegar ao dispositivo a tempo, informe a senha ao operador que telefonar e ele vai cancelar o chamado.

Ele dá um sorriso murcho ao completar:

– E tente não deixar isso acontecer, porque a gente cobra cem pratas a cada

vez que o alarme dispara sem querer.

– Ai.

– É, somos mercenários.

– Achei que você fosse o dono da empresa!

– E sou.

– Então com "nós", você quer dizer "eu".

– Parece até a minha mulher falando – diz ele, rindo.

– Aposto que ela é inteligentíssima.

Sorrindo, ele balança a cabeça.

– Agora você está parecendo ainda mais com ela.

– Mentes brilhantes pensam igual. Só por curiosidade, existe um jeito de receber uma notificação no meu telefone se as câmeras captarem algum movimento?

– Claro, o aplicativo faz isso, se quiser eu configuro essa opção para você. Tem gente que não gosta porque recebe um alerta toda vez que um esquilo corre pelo jardim ou um carro passa em frente à casa. Pode acabar se tornando uma chatice.

– Tem alguma configuração quanto ao tamanho? Tipo, talvez para que o sensor possa diferenciar um esquilo de uma pessoa?

– Não, mas posso reduzir a área de gravação. O sistema só vai gerar uma notificação de ocorrência e enviar um alerta para seu telefone se alguém, digamos, passar a menos de meio metro da porta.

Tudo isso está parecendo um pouco mais complicado do que eu esperava. Já posso até me ver saindo desembestada em pânico atrás do telefone toda vez que ele vibrar só para flagrar um roedor correndo pela varanda.

– Vamos deixar isso de lado por enquanto. Eu posso ativar as notificações a qualquer momento, certo?

– Exato. Agora só preciso que você programe sua senha no hub. Daí vou mostrar como usar o painel de controle. E pronto, tudo feito.

Ele me orienta no processo de cadastro da senha e mostra como o sistema funciona, o que não demora muito. Depois junta os apetrechos e aperta a minha mão em despedida.

Enquanto o acompanho à porta, digo:

– Sei que não devo falar de dinheiro, mas você tem que me deixar fazer algo

por você, Jake. Isso foi muito além das expectativas.

– Não se preocupe. Se você guardar segredo sobre o que contei do Aidan, já ficamos quites.

Abro a porta e me afasto para ele passar.

– Pode deixar. E obrigada. De verdade. Foi muita gentileza mesmo.

Jake para e sorri para mim por um instante.

– Espero ver você de novo, Kayla. Seria muito legal se Aidan tivesse uma namorada para podermos sair em casais. Sei que ele às vezes sente que está segurando vela.

Surpresa ao ouvir isso, pergunto:

– Já faz tempo que ele não tem nada sério com ninguém?

Jake ri de um jeito que me faz suspeitar de que há uma história longa e misteriosa por trás disso.

– Pode-se dizer que sim. Bem, se cuida.

Ele atravessa a entrada de carros sem pressa e entra na caminhonete, acenando ao dar a partida.

Retribuo o aceno, entro e tranco a porta, torcendo para que meu novo sistema de alarme não seja necessário, mas sem botar muita fé nisso.

JÁ É NOITE quando Aidan retorna.

– Me desculpe por chegar tão tarde – diz ele quando atendo à porta. – A reunião foi uma confusão do caralho. Quase perdi a última balsa. Posso entrar?

Ele dá uma olhada na direção do hall de entrada, atrás de mim.

– Claro.

Abro a porta e recuo para lhe dar passagem. Ele entra e inspeciona o painel de controle do alarme na parede.

– Acha que Jake fez um bom trabalho?

Sorrindo, fecho a porta.

– Jake é incrível.

Ele olha de repente para mim.

– Sério?

– Sério. Gostei dele.

– Do jeito que você fala, parece que foi uma surpresa.

Dou de ombros.

– Não costumo ir muito com a cara das pessoas em geral. Avalio caso a caso. Mas Jake é gente boa.

– É mesmo – concorda ele em tom brando, os olhos brilhando. – Eu também não costumo ir com a cara das pessoas.

– Devíamos fundar um clube. Introvertidos Unidos, divisão Seattle. Você pode ser o presidente.

– Não somos introvertidos. Somos misantropos. Tem uma grande diferença.

– Isso me lembra uma coisa. Faz um tempinho que quero dizer que admiro seu vocabulário.

Fitando meus olhos e parecendo querer me agarrar e me devorar, ele diz com a voz áspera:

– É mesmo? Mais alguma coisa que você admire, coelhinha?

Ao ouvir esse apelido, me lembro da nossa perseguição sensual ao redor da mesa da cozinha dele. Meu corpo esquenta.

– Vou fazer uma lista pra você.

Trocamos olhares por um momento, até que ele estende a mão e roça a minha bochecha em chamas com o polegar.

– Ótimo. Você pode recitá-la para mim na próxima vez que eu estiver dentro de você – murmura.

Parece que alguém simplesmente me pegou e jogou dentro de um vulcão. Um calor abrasador envolve a minha pele. O ar que entra nos meus pulmões está escaldante. Não ficaria espantada se olhasse para o chão e visse cada peça de roupa do meu corpo reduzida a um monte de cinzas aos meus pés.

Por um instante, quando passo a língua pelos lábios, poderia jurar que ele iria pular em cima de mim. Mas Aidan se controla, afasta a mão do meu rosto e adota uma postura séria.

– Vou pôr a lona lá em cima agora.

– O quê? Agora? Já está tarde e escuro!

– E daí?

– E daí que não quero que você caia do meu telhado e quebre o pescoço!

Ele me encara intensamente, o olhar cada vez mais penetrante. Por fim, ele diz:

– Duas coisas.

– Ah, não. Por que tenho a sensação de que isso vai acabar mal para mim?

Ignorando o que eu disse, ele continua:

– Primeira: eu não caio de telhados, por mais íngremes que sejam.

Cruzo os braços e resisto à vontade de revirar os olhos.

– Segunda… – continua ele, agora em tom mais suave – e daí se eu quebrasse o pescoço?

– Aidan, isso não tem graça – digo, o rosto pálido.

– Ninguém está rindo. Responda à pergunta.

Ele está muito sério agora, me encarando com uma intensidade ardente, uma luz estranha iluminando seus olhos. Não sei por quê, mas a minha pulsação dispara.

Solto os braços ao lado do corpo e digo:

– Por favor, não me faça responder.

– Por que não?

– Porque acho que ainda não estou pronta para ter essa conversa.

– Que conversa?

Aidan se aproxima. Sua intensidade se torna ainda mais ardente. Ficamos a centímetros de distância, tão perto que consigo sentir o calor do seu corpo, mas ele não me toca. Apenas me encara com os olhos semicerrados e espera.

– A conversa sobre como me sinto em relação ao que está acontecendo entre nós – sussurro, fitando seus olhos escuros.

Ele retruca de bate-pronto:

– Ah, vamos ter essa conversa, sim. Agora mesmo. Porque eu quase fiquei louco de tanto pensar em você hoje, e se você não está a fim de mim, prefiro saber logo.

– Você se esqueceu da nossa conversa no chuveiro tão rápido assim? – Fecho os olhos e solto um suspiro trêmulo.

– Não esqueci. Olha pra mim.

Abro os olhos. Quando caio na armadilha da chama ardente do seu olhar, ele diz:

– Eu sei que você não se sente à vontade com intimidade em sua casa, e estou respeitando isso. Do contrário, eu já teria tirado toda a sua roupa. Entendido?

Droga, como ele é intenso. Engulo em seco.

– Que bom. Agora desembucha.

Em silêncio, debato comigo mesma minhas opções, e Aidan não me pressiona. Fica apenas olhando para mim como se eu estivesse prestes a revelar alguns segredos místicos do universo que estiveram esquecidos pela humanidade desde que habitávamos cavernas.

Finalmente, digo:

– Está bem. Mas eu gostaria de pedir que você não fizesse drama depois de ouvir o que vou dizer.

– Defina drama.

Dou uma fungada e balanço a cabeça.

– Acho que você sabe bem o que eu quero dizer, Clube da Luta.

Um leve sorriso faz os lábios dele se curvarem.

– Sei, sim. Só queria que você continuasse falando.

– Alguém já disse que você é um babaca?

– Já. Você. Mas não estava falando sério. Volte ao assunto e me diga o que preciso ouvir.

Enfio os dedos nos cabelos, fecho os olhos e conto até dez. Esse homem é impossível.

– Você pode ficar aí agarrando os cabelos pelo tempo que quiser, mas eu ainda estarei bem aqui esperando.

– Eu acredito. – Abro os olhos, tento relaxar os braços e olho para ele. – Está bem, Aidan. O negócio é o seguinte. Eu gosto de você. Aliás, você com certeza já sabe disso e está só dando um jeito de me torturar.

Paro por um instante, mas ele não nega, então continuo:

– Se você caísse do meu telhado e quebrasse o pescoço, eu ficaria arrasada.

Quando ele abre a boca para me interromper, ergo a mão.

– Ainda não terminei. Você terá sua vez.

Um rosnado baixo de insatisfação reverbera no peito dele, mas ignoro.

– Sinto muita atração por você. – Lembrando que cavalguei no pau dele de forma libertinosa e como gozei para ele, minhas bochechas queimam ainda mais. – Acho que não resta qualquer sombra de dúvida quanto a isso. Me sinto segura com você. E por alguma razão bizarra, instintivamente confio em você, o que é bem raro para mim, sobretudo com os homens. Foram seis meses de namoro para eu deixar o cara que seria meu marido conhecer meu apartamento, então esse lance que temos aqui, apesar de ser novidade, é diferente. Não sei nada além

disso, e espero que você não me pressione para falar mais, porque eu tenho a tendência de virar uma fera quando sou encurralada, e acredite em mim quando digo que não é nada agradável.

Fico em silêncio. Feroz e sem piscar, Aidan me encara.

Acrescento, meio sem jeito:

– Eu também, hã, nunca… bem, nunca encenei ou o que quer que estivéssemos fazendo enquanto você me perseguia pelo seu apartamento, e…

– *E?* – insiste Aidan, praticamente gritando.

Falo de uma vez:

– E adorei. Quero fazer de novo.

Então tremo de vergonha e desejo poder esquecer o que acabei de dizer.

Após um período interminável em que fiquei sofrendo em silêncio me sentindo humilhada, Aidan diz:

– Ok.

Desconcertada, pisco.

– Como assim "ok"?

Um sorriso surge lento e quente no rosto dele.

– Ok mesmo, exatamente isso.

Ele aponta para o teto e diz:

– Agora vou subir no telhado e estender a lona.

E o desgraçado vira as costas e sai pela porta.

Ele sai andando!

Berro atrás dele:

– Quer saber? Foi só uma piada!

Ele não consegue me ouvir, mas de todo modo acabo me sentindo melhor depois de gritar.

16

Prezado Dante,

Refleti muito antes de escrever para você de novo, já que talvez você seja mentalmente instável. Mas também é possível que só esteja solitário, e se alguém entende de solidão, esse alguém sou eu.

Os versos que você enviou são muito poéticos.

Sinto muito, mas não consigo pensar em mais nada para dizer sobre eles agora.

O que eu gostaria <u>mesmo</u> de dizer é que espero que você não seja perigoso e não esteja prestes a sair em condicional, porque, cara, eu seria tachada de idiota quando a polícia encontrasse meu corpo e nossas correspondências. Já consigo até ver a manchete:

"Mulher mais burra do mundo ignora toda a lógica ao trocar cartas com presidiário e acaba assassinada!"

Ok, é exagero, mas você entendeu meu raciocínio. Todo mundo já ouviu histórias catastróficas sobre romances por correspondência com presidiários. <u>Não</u> que eu esteja insinuando que haja qualquer interesse romântico aqui, que fique bem claro! Mas vai ficar parecendo que sou muito idiota se você sair da prisão e me matar.

Principalmente depois de eu ter escrito essa última frase.

Enfim… É bem provável que eu rasgue esta carta antes que ela vá parar na caixa de correio. Mas, se por acaso eu não fizer isso, por favor, considere me contar o que você fez para ser preso. Eu poderia muito bem perguntar isso ao meu amigo policial, já que pessoas na posição dele

provavelmente têm acesso a todo tipo de informação confidencial, mas prefiro saber por você.

Por enquanto é isso. Duvido que você vá ler esta carta, porque tenho 90% de certeza de que vou rasgá-la, mas, se eu não rasgar, bem… a curiosidade falou mais alto.

Mistérios não resolvidos podem levar uma mulher a cometer loucuras.

Atenciosamente,
Kayla

17

São três da manhã quando termino de escrever a carta. Estou acordada desde a uma, andando de um lado para outro no meu escritório, sem conseguir dormir. A minha mente gira feito um carrossel vertiginoso de perguntas.

Quem era o homem à beira da água?

Por que encontrei a moeda de Michael no local exato em que o homem estava?

Como foi que cheguei à conclusão de que era sensato trocar correspondências com um presidiário?

Em que planeta meu cérebro foi parar?

E, por fim, como assim Aidan foi embora sem se despedir?

Porque foi exatamente isso que aconteceu. Depois de me dar as costas no meio da nossa conversa, ele pegou uma escada e subiu no telhado, cobriu parte dele com uma lona azul impermeável, retirou do sótão algumas placas de isolamento úmidas e saiu rugindo pela escuridão em sua grande caminhonete de machão como se a mulher que ele quase fez desmaiar de tanto sexo na noite anterior não estivesse lá dentro esperando por ele.

Sinceramente, eu não entendo os homens.

Lidar com eles é como lidar com uma espécie alienígena hostil forçada a pousar na Terra, que determinou que nossa língua e nossos costumes são toscos demais para serem levados a sério e que dali em diante devemos ser tratadas com certa indiferença e/ou como objetos de satisfação sexual esporádica antes de sermos novamente desprezadas como seres inferiores.

No entanto, me sinto mais tranquila com a instalação do alarme, então há pelo menos isso de bom em toda essa história.

A luzinha verde no painel brilha alegre para mim da parede ao lado da porta, lembrando-me que, no mínimo, a polícia pode chegar aqui em menos de dez minutos se eu me esquecer de desativar o alarme.

Ou se alguém invadir a casa para tentar me matar, mas não vou nem pensar nisso.

Dobro a carta para Dante e a coloco em um envelope. Guardo-a na primeira gaveta da escrivaninha; vou decidir o que fazer com ela pela manhã. Então afundo na cadeira, imersa em pensamentos, e distraidamente esfrego a moeda de Michael enquanto encaro as cortinas fechadas.

Até que bem acima da minha cabeça, no meu quarto, ouço o assoalho ranger.

Congelo, olhos fixos no teto. Como mais nada acontece depois de vários segundos excruciantes, olho nervosa para o painel de controle na parede.

A luz verde continua brilhando tranquilizadora para mim.

Relaxo por dois segundos até que ouço outro rangido lá em cima, depois mais um, então começo a suar frio.

– É o vento – murmuro, agarrando os braços da poltrona e hiperventilando. – É só o vento.

Meu cérebro resolve despertar do coma para me lembrar que meus ouvidos não conseguem captar o sopro do vento lá fora com as janelas fechadas.

Rebato com o fato indiscutível de que é impossível haver alguém na casa já que tranquei todas as portas e ativei o sistema de alarme antes de ir para a cama.

Meu cérebro (o sacana) insinua, sem nenhuma consideração pelo meu bem-estar emocional, que talvez quem quer que esteja fazendo esse barulho no andar de cima já estivesse na casa antes.

Merda.

– Nada de pânico, Kayla – sussurro quando minhas mãos começam a tremer. – Não tem ninguém na casa além de você.

Já que o silêncio lá em cima continua por cinco minutos, decreto que não estou mais com medo. Estou brava.

Comigo mesma.

Porque se eu tivesse ouvido outro rangido, não tenho dúvida de que teria pulado da cadeira e saído correndo aos gritos, só para aparecer de surpresa no apartamento de Aidan de novo, fazendo papel de boba mais uma vez.

Armada com a minha recém-adquirida raiva, respiro fundo e vou até a porta.

Estou calma quando saio do escritório e olho ao redor. Estou calma quando subo as escadas de fininho e dou uma espiada no meu quarto, que está exatamente como deixei, sem nenhum invasor rangedor de assoalhos à vista. Continuo calma enquanto verifico todos os cômodos do andar de cima, acendendo as luzes e me sentindo mais ridícula a cada segundo por não encontrar nada fora do lugar.

Só quando volto para o térreo, entro na cozinha e acendo as luzes é que passo de calma para completamente surtada.

Todas as gavetas estão abertas. Todas as portas dos armários estão escancaradas.

Tapo a boca com as duas mãos para abafar um grito de horror.

Fico petrificada, ouvindo a minha pulsação rugir. A adrenalina queima nas minhas veias, me impelindo a correr, mas estou presa no chão de tanto medo. Não consigo mexer um músculo sequer.

A sensação sinistra de que estou sendo observada me consome lentamente.

Quase choro de pavor. Mas dou um jeito de me controlar e me virar para ver se tem alguém atrás de mim.

Não há ninguém. Estou sozinha.

Só eu, a minha paranoia, as gavetas e os armários, cujos trilhos e dobradiças pelo visto estão escorregando com o excesso de graxa.

Porque não existe outra explicação para isso. *Porque a cozinha simplesmente não tem vontade própria.*

Ou talvez tenha, pois, do nada, um vidro de mel voa de uma prateleira e se estilhaça no meio do chão.

Meus nervos não aguentam uma coisa dessas.

Pulo, grito e giro, disparando para meu escritório. Entro com tudo, bato a porta e tranco, então mergulho atrás do sofá, me enfiando entre ele e a parede.

Permaneço ali encolhida feito uma bola, aterrorizada e trêmula, até o sol nascer, quatro horas depois.

PELA MANHÃ, ESTOU ME SENTINDO uma idiota colossal.

É engraçado como a luz do dia consegue espantar até mesmo o mais assustador dos monstros.

Quando amanheceu, enfim me lembrei de olhar a filmagem das câmeras no

meu telefone. Devo ter visto e revisto uma centena de vezes, mas não encontrei nenhuma evidência de alguém se aproximando da casa, a não ser Jake indo embora à tarde e Aidan chegando e saindo.

E, de acordo com meu fiel hub de segurança, o perímetro da casa não foi invadido.

Ninguém pulou nenhuma janela.

Ninguém arrombou nenhuma porta.

Eu fiquei aqui sozinha a noite inteira.

Já quanto aos armários e às gavetas, penso que é bem possível que eu mesma tenha aberto e não me lembre. Se eu somasse todos os meus pequenos lapsos de memória, daria para montar um caso convincente de início de demência precoce.

Por que é que eu teria achado de bom tom deixar a minha própria cozinha naquele completo caos é um mistério, mas também pode ter ocorrido um leve terremoto que não percebi, o que seria uma boa explicação.

Não é mesmo? É plausível.

Mais plausível do que as outras coisas que estou me recusando a considerar.

Em relação ao pote de mel voador, bem… eu estava supernervosa. Ele deve ter caído da prateleira, não voado, e, no meu estado de agitação, acabei juntando isso ao medo dos rangidos e dos malditos armários escancarados, fazendo tudo parecer pior do que realmente era.

Sei muito bem que estou racionalizando, mas é o que se faz quando se é confrontada com a possibilidade de que seu senso de realidade não esteja funcionando.

Chego a pensar em voltar ao grupo de apoio, mas logo descarto a ideia. Se é para ficar deprimida, já estou me saindo bem sem ajuda.

Depois penso em ligar para Eddie, o faz-tudo, e pegar o número do psicanalista dele. Mas, após cuidadosa deliberação, chego à conclusão de que se Eddie é o produto final da psicanálise, talvez seja melhor eu ficar longe disso.

Se vou gastar centenas de dólares por semana para descarregar minhas várias neuras em cima de um terapeuta, prefiro chegar ao fim dessa jornada sem precisar fumar o que cheirava a uma plantação inteira de maconha para enfrentar um dia.

Preparo meu psicológico para sair do escritório e encarar a cozinha, mas

sinto uma curiosa decepção ao chegar lá. À luz do dia, as gavetas e os armários abertos parecem totalmente inofensivos. Eu esperava no mínimo ficar nervosa, mas a única coisa que sinto é uma ligeira irritação.

O que é muito broxante.

Fecho os armários e as gavetas, depois junto os cacos de vidros e limpo a meleca de mel do chão. Em seguida, despejo na pia a água da chuva que encheu os baldes.

Graças à lona de Aidan, não há mais goteiras. As manchas de umidade parecem dois grandes olhos assustadores me encarando em acusação.

Olhando para eles, murmuro:

– Não me olhem desse jeito. Vocês também teriam ficado com medo.

Pondero se devo ou não ligar para Aidan, mas desisto. Não sei qual foi o propósito da atitude estranha dele ontem, mas sei que não vou recompensá-lo por fugir depois de ter insistido que eu revelasse tudo.

É muito típico, né? No minuto em que começamos a falar sobre sentimentos, os homens de repente ficam surdos e mudos. É como se fosse o superpoder deles.

Pensar nisso me deixa deprimida.

Tomo banho e me visto, depois trabalho algumas horas tarde adentro até conseguir abrir uma garrafa de vinho sem me sentir uma completa degenerada. Após duas taças, decido voltar ao trabalho. Consigo terminar a arte do menino alimentando o coelho falante em que venho trabalhando há muito tempo e passar para a próxima da história. Preciso finalizar as 27 ilustrações deste livro e só me restam seis semanas, então tenho que me apressar se quiser cumprir o prazo da editora.

Só que meus dedos decidem que preferem desenhar outra coisa.

A árvore toma forma primeiro. É um pinheiro alto com a ponta torta e os galhos inferiores desengonçados. Então surge a faixa costeira rochosa. Um céu escuro cheio de nuvens agourentas é o próximo, seguido por gaivotas voando e ondas varridas pelo vento.

A silhueta aparece por último.

Alto e macilento, o homem espia por trás do tronco da árvore, os olhos ocultos pela aba do chapéu, os dentes arreganhados em uma expressão medonha.

Uma expressão hostil.

Aterrorizante.

Com o coração batendo mais rápido, largo a caneta, me recosto na cadeira e fico olhando para o desenho.

Algo neste homem me parece familiar.

Não consigo decifrar o quê, mas tenho a sensação de que já o vi antes. Mas onde?

Dou um pulo de susto quando a campainha toca. Já estou de pé antes de me lembrar de olhar o vídeo no aplicativo. No entanto, quando pego o celular na mesa e acesso a transmissão ao vivo, vejo que não há ninguém na varanda.

Furiosa, ordeno em alto e bom som:

– Corta essa, casa!

Como que em resposta, a luminária da mesa pisca.

Fico paralisada olhando para aquilo, estarrecida. A minha pulsação e a pressão arterial aumentam junto com a ansiedade. O momento se estende até que sinto como se meus nervos fossem se romper de tanta tensão.

Não sei exatamente pelo que estou esperando, mas, seja o que for, já estou com medo.

Então chega uma mensagem no meu celular. O toque tem um ritmo animado, e dou um sobressalto tão brusco que deixo o telefone cair.

Por um momento fico parada pressionando as têmporas, tentando recuperar o fôlego, antes de me abaixar para pegar o aparelho no carpete. Minhas mãos tremem tanto que chego a sentir vergonha de mim mesma. Mas ao ler a mensagem, expiro aliviada.

Você não me ligou. Agora seria uma boa hora para se redimir.

– Ah, Aidan. – Suspiro, balançando a cabeça. – Você vai me dar trabalho, não vai?

Disco o número dele, tentando fingir que ainda não sei de cor.

Ele atende depois de um toque.

– Oi, coelhinha linda – diz ele em voz gutural.

– Olá.

Meu tom não deve ter sido muito animado, porque logo em seguida ele afirma:

– Você está brava comigo.

– Brava é uma palavra muito forte. Estou mais pra chateada.

– O que eu fiz pra merecer a ira de uma coelhinha tão doce?

Irritada com seu tom bem-humorado, respondo com sarcasmo:

– Talvez você precise de um tempo pra pensar sobre isso.

– E talvez você precise de umas boas palmadas pra lembrar com quem está falando.

– Essa ameaça teria muito mais peso se você não estivesse rindo.

– Não estou rindo. Passei o dia todo obcecado com sua bundinha perfeita. Ah, como ela ficou rosada com minhas palmadas! Como você gemeu! – Ele faz uma pausa. – Será que você vai gemer bem alto quando eu comer essa sua bunda?

Ah, pronto. Lá vem aquela onda de calor subindo pelo meu pescoço até minhas bochechas, como acontece toda vez que esse homem abre a boca e me diz alguma coisa.

Engulo o nó preso na minha garganta.

– Você está perguntando na qualidade de profissional, como meu carpinteiro? Porque se for, talvez eu precise registrar uma queixa.

– Com quem? Eu sou o dono da empresa. – A voz dele fica mais baixa. – E não há nada de profissional nessa conversa, baby. Não entenda mal. Isso é totalmente pessoal.

Estou suando. Por que é que estou suando? Meu Deus, estou cozinhando viva.

Afrouxando a gola da blusa, pergunto:

– Se é tão pessoal assim, por que você foi embora sem se despedir ontem?

– Vem aqui que eu conto.

Enrolo para ganhar tempo:

– Aqui onde?

– Você sabe onde – responde ele em tom brando. – E nem precisa vir de calcinha. Ou ela vai ficar em pedacinhos.

Ele desliga, o que me deixa ainda mais desorientada e trêmula do que antes da ligação.

Hesito, sem saber se devo ou não ir ao apartamento dele.

Sei que não é sensato. Tomei duas taças de vinho, tenho um monte de trabalho e ele é uma ladeira escorregadia pela qual estou descendo na velocidade da luz. Uma bela distração em meio aos escombros da minha vida.

O perigo das distrações, no entanto, é a rapidez com que podem se tornar viciantes.

– E por acaso você já não sofreu o bastante? – sussurro, encarando a foto emoldurada na parede. Michael e eu no dia do nosso casamento.

Foi numa linda tarde de maio. O céu estava limpo, para variar, e o aroma de madressilva perfumava o ar. Vestindo um smoking, ao meu lado na escadaria da igreja, Michael olha para mim. Está sorrindo de orelha a orelha, bonito até de perfil, com o braço enlaçando a minha cintura.

Com um volumoso vestido sem alças, de seda e renda, e um buquê de lírios brancos nas mãos, estou olhando diretamente para a câmera.

Ao contrário de Michael, não estou sorrindo.

Lembro que fiquei muito nervosa naquele dia. Parecia que meu estômago estava fazendo milhares de acrobacias. E com que força Michael segurou minhas mãos durante nossos votos! Mais tarde, ele disse que eu estava tão pálida e trêmula que ele achou que eu fosse desmaiar ali mesmo no altar.

Nunca contei a ele que vomitei antes de entrar na igreja. Isso não é algo que você quer que seu esposo saiba. Também não é algo que você quer lembrar. Não há margem para tais coisas naquele que deveria ser o melhor dia de sua vida.

Por isso bloqueei tão bem essa lembrança que só agora ela veio à tona.

Só agora.

Reparo em algo na foto que nunca havia notado. No meu bíceps direito, alguns centímetros abaixo do ombro, vejo uma mancha. Ao chegar mais perto, estreito os olhos para ver melhor. Ergo a mão e passo o dedo no vidro onde está a mancha.

Mas ela não sai porque não é uma mancha.

É um hematoma.

Um pequeno hematoma escuro em forma de polegar.

Fico paralisada. Algo sombrio se transforma numa tempestade dentro de mim. Um ruído como o bater de mil asas ecoa nos meus ouvidos. Ao fundo há um som abafado e baixinho, talvez um grito, mas soa como se viesse de muito longe.

Ou de debaixo d'água.

Até o pelo mais fino da minha nuca se arrepia.

Sinto como se uma percepção importante pairasse fora do meu alcance, a chave para destrancar uma porta que eu nem sabia que existia até agora.

O que pode ser? O que é que não estou vendo?

Então a luminária pisca novamente, quebrando o feitiço. Balançando a cabeça para me livrar dos pensamentos, escrevo com as mãos trêmulas uma mensagem para Aidan.

Estou a caminho.

18

Aidan abre a porta antes mesmo de eu bater. Ao me puxar para dentro, fecha-a com o pé, me envolve nos seus braços e me beija.

Devolvo o beijo, desesperada para que ele me faça esquecer tudo, exceto a sensação de sua boca colada à minha.

Sem dizer uma palavra, ele tira a minha camiseta, joga-a no chão e me beija novamente.

Meus seios se comprimem contra seu peito nu. A pele dele está macia e quente, e a sensação de tocá-lo é maravilhosa.

– Achei que você fosse me contar por que foi embora sem se despedir ontem – provoco.

Em vez de responder, Aidan me pega no colo e me leva para o quarto. Fico admirada por ele conseguir me carregar com tanta facilidade, já que nem de longe sou o que se considera uma mulher *mignon*. Mas logo estamos no colchão, seu corpo longo e rígido pressionando o meu, e me esqueço de quanto ele é forte porque estou muito concentrada me deliciando com o prazer de senti-lo em cima de mim.

– Amo sentir seu peso – digo ofegante, me contorcendo debaixo dele. – Você é tão forte…

Quase digo *Isso faz com que eu me sinta segura*, mas mordo a língua.

Não é hora de conversar sobre meu recente chilique depois do que aconteceu na cozinha.

Beijando meu pescoço, ele pergunta:

– Esse é o primeiro item da lista que você vai fazer sobre tudo o que gosta em mim?

– Isso não está nem no top 10. Por favor, continue, amo sentir sua barba na minha pele.

No meu ouvido, ele sussurra com a voz rouca:

– É a segunda vez que você diz a palavra "amo", coelhinha.

Sem resposta, ele ergue a cabeça e me encara com a sobrancelha arqueada.

– Hum. Ok – sussurro, trêmula.

Ele dá uma risadinha.

– Ei, se você pode se safar usando essa palavra para resumir conversas inteiras, eu também posso.

– Ah, mas você acha que as regras que valem para um grande lobo mau também valem para uma coelhinha?

O tom da voz de Aidan é sombrio e quente, e há uma faísca eletrizante de perigo em seus olhos. De caso pensado, pisco para ele com ar de inocência.

– Pensei que as coelhinhas fizessem as regras que os lobos têm que seguir.

– Não pensou, não. Mentirosa.

Ele me vira, puxa meu jeans para baixo e me dá umas palmadas na bunda.

Quando termina e eu continuo estendida ali, ofegante e trêmula de desejo, ele sussurra:

– Foi muito forte?

– Não.

– Pense por mais de meio segundo antes de responder.

Esticando o pescoço, olho por cima do ombro e encontro seu olhar ardente.

– Sei que você está com medo de me machucar. Obrigada por isso, mas eu gosto que seja bruto.

– Precisamos de uma palavra de segurança, só por precaução – diz ele, me fitando com aqueles olhos escuros brilhantes.

– O que exatamente é uma palavra de segurança?

– É uma palavra que você pode usar pra me fazer parar com tudo se quiser.

– Hummm. Que tal "cafona"?

Ele arqueia as sobrancelhas, esperando uma explicação.

– Porque isso é cafona – digo.

– Não, isso é essencial. Precisamos ter uma comunicação clara sobre essas coisas.

Franzo a testa para ele.

– Desde quando você é o Senhor da Conversa? Em metade do tempo mal consigo arrancar um grunhido de você – digo.

Ajoelhando-se sobre mim e acariciando minhas nádegas doloridas com a palma da mão, Aidan sorri.

– Isso é engraçado – diz ele.

– Isso o quê, exatamente?

– Eu falo mais com você em um dia do que com qualquer outra pessoa em uma semana.

Franzo a testa.

– Sério? Como é que você ainda arranja trabalho? Você usa linguagem de sinais ou algo assim? – pergunto.

Ele se inclina e morde a minha bunda. Quando grito de surpresa, morde a outra nádega, rindo contra a minha pele.

– Que coelhinha mais respondona – sussurra, roçando a barba na minha bunda latejante. Em seguida desliza a mão entre minhas pernas, e sua voz ganha um tom mais intenso. – E está prontinha pra mim.

Fecho os olhos e agarro os lençóis, ficando quieta enquanto ele desliza os dedos para onde é mais úmido e quente. Aidan se demora ali, roçando meu clitóris preguiçosamente até eu ficar ofegante.

– Aidan?

– O que foi, baby?

– Preciso de mais.

– E vai ter. Quando eu estiver disposto a conceder.

Viro o rosto para os lençóis e começo a rebolar, tentando apressá-lo.

– Coelhinha levada – sussurra ele com ardor.

– Por favor!

O grunhido dele é suave. Aidan puxa meu clitóris, beliscando-o de leve para me incitar a suspirar, além de suplicar e rebolar mais.

– Por favor, Aidan. Por favor!

Com a voz sombria e sensual, ele diz:

– Rebola essa bunda mais uma vez, e vou imaginar que você me quer dentro dela.

Permaneço imóvel. Com a respiração pesada e todo o meu corpo tremendo, pergunto:

– Vo… você quer?

– Você sabe que sim. Sabe o que mais eu quero?

Sinto o cheiro dele nos lençóis. A essência quente de almíscar e terra do seu corpo, aquele aroma indelével e inebriante de um homem no seu auge.

Quero rolar nesses lençóis feito um cachorro na lama, fazendo o cheiro dele grudar em mim, impregnando a minha pele para que o aroma nunca mais saia do meu corpo.

– O quê? – sussurro.

Aidan se inclina para perto do meu ouvido, tão perto que sinto ondas de calor emanando dele.

– Tudo. Quero cada coisinha que você tem pra me dar, Kayla. E quero que me dê com firmeza. Sem questionamento. E sem remorso.

O domínio absoluto e o desejo em sua voz me fazem tremer. Meus mamilos estão duros e a minha boceta lateja, e eu passaria a escritura da minha casa para o nome dele e abriria mão de tudo agora mesmo se fosse para ele me comer logo.

– Ok – concordo num impulso.

Para a minha grande decepção, ele diz:

– Não. Ainda não estamos lá.

– Eu estou!

Ele solta um suspiro entrecortado, enviando uma onda de ar quente sobre meu ombro.

– Ah, minha doce menina… Adoro que tenha dito isso. Mas você não está pronta.

Aidan afunda os dentes no meu ombro, me fazendo estremecer em desespero.

– Como chegamos lá?

– Com algum tempo.

Ele desliza o dedo para dentro de mim, enterrando fundo. Solto um gemido, adorando a sensação, mas ainda preciso de mais.

– E prática.

Ele enfia outro dedo, movendo-os dentro de mim enquanto agarro os lençóis.

– *Muita* prática.

Aidan desliza os dedos para dentro e para fora, me mordendo mais forte

enquanto me come com os dedos. Empino a bunda e abro mais as pernas, meu coração bate acelerado e meu corpo responde a ele como se fosse um instrumento musical.

– Meu Deus, Aidan. Aidan…

No meu ouvido, ele ordena baixinho:

– Implore pra que eu deixe você gozar.

– Sim! Por favor, isso, é exatamente o que eu ia dizer, por favor, por favor, me deixa gozar!

Não me importo de estar balbuciando. Não me importo com a minha imagem, me contorcendo feito boba debaixo dele. Nem sequer me importo que algumas palavras, ditas naquele tom suave e dominante que por algum motivo me deixa louca, tenham bastado para que eu entregasse a ele as rédeas da minha mente e do meu corpo.

Só o que me importa é que preciso que ele apague imediatamente o fogo entre minhas pernas.

– Olha só pra você usando meus dedos – murmura ele. – Olha só esse quadril guloso querendo mais. A minha coelhinha ainda não sabe que deve receber só o que eu quero dar?

É uma pergunta que não pede uma resposta. O que é bom porque, no momento, estou incapaz de falar.

Em sua voz mais dominante até agora, Aidan diz:

– Nesta cama aqui, é assim que funciona: Eu mando. Você obedece. Você vai obedecer, e vai obedecer até sucumbir, depois vai me implorar pra fazer você sucumbir de novo.

À beira do orgasmo, choramingo.

– Não se atreva a gozar sem a minha permissão – rosna ele, enfiando aqueles dedos longos e duros dentro de mim sem parar.

Solto um ruído distorcido de prazer e me esfrego freneticamente contra sua mão. Reviro os olhos.

Bem quando estou prestes a atingir o clímax, Aidan tira os dedos de dentro de mim.

Ignorando meu gemido de protesto, ele arranca a minha calça e a joga longe. Então me põe de quatro e me dá uma série de tapas rápidos e doídos na bunda.

Não é o bastante. Quero mais forte, quero mais rápido, quero que ele acabe

comigo.

Quero que me faça esquecer meu próprio nome.

Ele para de me bater assim que começo a gemer.

– Fala comigo – ordena, ofegante.

A única palavra que consigo pronunciar é um "mais" ofegante e entrecortado. Ele acaricia a minha bunda dolorida, então se curva para beijá-la. Em seguida, ouço Aidan abrir um zíper. Um momento depois, a cabeça do seu pau duro toca minha boceta.

Por entre os dentes cerrados, Aidan diz:

– Repete a palavra de segurança pra eu saber que você se lembra dela se precisar.

– Cafona.

– Boa garota.

Agarrando minha cintura, ele empurra o pau para dentro de mim e solta um grunhido gutural.

Desta vez, meu gemido é de gratidão.

Então ele me come. Forte e rápido, os dedos afundando na minha carne. Sinto uma beliscada fria de metal atrás das coxas e percebo que Aidan não baixou o jeans completamente antes de me penetrar.

Ele também não aguentava mais esperar.

Ele se inclina, estendendo a mão por baixo de mim para apertar meu seio. Arquejando e puxando meu mamilo rígido, Aidan é incansável até meus gemidos ecoarem pelas paredes de tão altos. A minha boceta se contrai em torno do pau dele.

– Não se atreva – rosna ele.

A advertência só me deixa com mais tesão. Impulsiono o quadril no ritmo de suas estocadas, me esforçando para levá-lo o mais fundo possível para dentro de mim, até que ele de repente fica imóvel.

Com a respiração pesada, Aidan larga meu seio e desce a mão entre minhas coxas. Desliza os dedos por toda parte, depois começa a dedilhar meu clitóris inchado.

Como ele sem dúvida já sabia, isso me faz gozar instantaneamente.

Gemendo alto, estremeço com espasmos violentos. A minha boceta convulsiona, contraindo-se repetidas vezes em ondas fortes e rítmicas.

– Goza, baby. Ah, porra, isso, goza pra mim!

Ele soa triunfante.

Então entendi que me proibir de chegar ao clímax fazia parte do jogo, que Aidan sabia que quanto mais eu me segurasse, maior seria meu prazer quando eu enfim chegasse lá, e sinto uma gratidão entorpecida por ele saber o que está fazendo porque era exatamente disso que eu precisava.

Ele é exatamente do que eu precisava.

Um estranho atraente com segredos nos olhos e que me encara como se já soubesse tudo sobre mim. Como se eu fosse um livro que leu mil vezes e em que sublinhou todos os trechos favoritos.

Como se já soubesse o desfecho dessa história.

Ele desaba em cima de mim, me fazendo colar a barriga no colchão e me prendendo sob seu peso. Com as duas mãos agarrando meu cabelo, dá mais algumas estocadas com força, depois geme meu nome.

Estremecendo, Aidan jorra dentro do meu corpo.

Fecho os olhos e me preparo para a imensa onda de sensações que se expande bem acima de mim, depois me rendo à escuridão turbulenta enquanto ela se arrebenta e me leva rolando para longe.

19

Depois, ficamos em silêncio.

Não sei se ele está com o emocional tão vulnerável quanto o meu ou se apenas não tem nada a dizer, pois Aidan rola de cima de mim, vai para o banheiro e fecha a porta.

Ouço a torneira. Ouço a descarga. Ele volta com uma toalha de rosto úmida e uma toalha de mão. Em silêncio, me vira de costas e passa o pano úmido com delicadeza entre minhas coxas enquanto permaneço ali sentindo como se todos os meus ossos tivessem virado pó.

Depois de me enxugar com a toalha, ele se levanta e apaga a luz. Então se deita no colchão comigo, me vira de lado, me puxa para junto do seu peito e mergulha o rosto no meu cabelo, inspirando profundamente.

Quando exala, parece que cem anos de frustrações reprimidas deixam seu corpo em um sopro.

Por fim, a respiração dele desacelera para uma cadência profunda que indica que adormeceu.

Fico ali deitada, envolta no seu calor, e começo a pensar em Michael.

Será que fui uma boa esposa?

Não sei. Tentei ser. Tudo o que eu mais queria era fazê-lo feliz. Ele também queria que eu fosse feliz, e eu achava que éramos perfeitos um para o outro. Como num quebra-cabeças, todas as nossas pecinhas assimétricas se encaixavam. Nós *combinávamos*.

Mas o nosso relacionamento não era nada parecido com isso.

Sei que é injusto fazer comparações. Também sei que foi um erro ter mentido para Aidan dizendo que estava separada do meu marido em vez de apenas ter

contado a verdade.

Mas ele me pegou desprevenida. Nem me passava pela cabeça que algo minimamente parecido com isso iria acontecer. Não estava preparada para a magnitude da nossa atração, para a intensidade dela, para o magnetismo intenso que me atrai até ele, uma força que faz com que eu me sinta impotente.

E por isso apenas o deixei acreditar que Michael ainda estava vivo. Parte de mim também quer acreditar nisso. Parte de mim quer acreditar que nada disso aconteceu.

Que meu marido morreu.

Caiu do nosso barco e se afogou.

Eu vi acontecer.

Talvez eu não tenha contado a Aidan porque não quero reviver esse último momento. A agitação da água e os gritos. Os gritos desesperados de Michael pedindo socorro se esvanecendo à medida que o barco ia se afastando, à deriva.

O cheiro de fumaça pairando sobre a água escura e a gargalhada gélida e medonha que parecia vir de todos os lados.

Não contei sobre a gargalhada ao policial que me interrogou depois do incidente. Não é algo que eu saiba explicar muito bem.

Devo ter adormecido em algum momento porque, quando dou por mim, o quarto está iluminado e a mão enorme de Aidan acaricia minha bunda. Ele ainda está atrás de mim, na mesma posição em que adormeceu.

– Bom dia, minha doce coelhinha. Dormiu bem?

Virando a cabeça na direção dele, inspiro e espreguiço as pernas, contraindo os dedos dos pés.

– Acho que sim. E você?

Ele dá um beijo na minha nuca. A mão desliza sobre meu quadril e escorrega entre minhas pernas.

– Feito um morto.

– Hum. Esse negócio grande e duro cutucando a minha bunda não parece muito morto.

Aidan dá uma risadinha.

– Você não pode dizer que a culpa é dele. Ele está na cama com uma linda mulher nua.

Quando escorrega os dedos para dentro da minha boceta e roça meu clitóris,

solto um suspiro de prazer.

– Estou obcecado por esse som – diz ele, a voz agora mais sombria. – Por todos os sons que você faz. Não consigo enjoar de você.

Ele morde meu ombro. Não com força, mas num gesto dominante. Algo que um animal faria antes de montar sua fêmea.

– Você está tremendo.

– Não é de frio.

– Eu sei, baby. Hora de sentar na minha cara.

Arregalo os olhos e disparo:

– Como é?

– Você me ouviu. E de agora em diante, espero que obedeça às minhas ordens sem questionar.

Meus batimentos cardíacos disparam. Permaneço calada enquanto a minha mente gira a um milhão de quilômetros por hora, até que me arrisco a dizer, hesitante:

– Quero perguntar uma coisa, mas não pense que estou sendo, hã, desobediente. Só estou tentando entender as regras.

Ele beija meu ombro, depois meu pescoço. Na verdade, beijar não é bem o que ele está fazendo. Está mais para lamber e chupar. Como se estivesse provando a minha pele e achando deliciosa.

Mordicando a minha orelha, ele sussurra:

– Peça permissão ao seu mestre pra falar.

Ah, meu Deus. Santo Deus do céu, será que ele disse isso mesmo?

Ele! Disse! Mesmo!

Acariciando sem pressa meus ombros e meu pescoço com os lábios e a língua, Aidan roça preguiçosamente os dedos no meu clitóris, que agora está desesperadamente sensível. Meus mamilos também. Assim como todo o meu sistema nervoso, que parece a ponto de explodir.

– Você poderia, por favor, me dar permissão pra falar… mestre? – sussurro, ofegante.

– Sim, minha coelhinha linda e perfeita. Pode falar – responde ele, a voz baixa e hipnótica.

Em seguida, ele pressiona os dentes na lateral do meu pescoço e desliza um dedo para dentro de mim.

Meu gemido de prazer sai baixo e trêmulo. Demoro um momento para lembrar o que eu ia dizer.

– Eu… eu não sei ao certo o que você quer dizer com sentar na sua cara.

– Não é física quântica.

– Eu sei, mas assim, logisticamente, como funciona? Eu, tipo, apoio as mãos na parede para me equilibrar?

Ele parece surpreso.

– Você nunca fez isso? – pergunta.

– Não. E não quero asfixiar você.

A risada dele sai abafada contra a minha pele. Então Aidan solta um grunhido.

– Puta que pariu, como você é fofa. Você é tão fofa que me dá vontade de cravar os dentes em cada centímetro do seu corpo.

– Você está se saindo muito bem nisso.

Ele se deita de frente para mim e aninha meu rosto nas mãos.

– O que mais você nunca fez? – pergunta, me olhando intensamente.

– Nada que não fosse no estilo papai e mamãe ou cachorrinho com as luzes apagadas. Ah, e oral. Mas nada…

– O quê?

Minhas bochechas estão pegando fogo, droga.

– Excêntrico.

– Defina excêntrico.

– Acho que você entendeu o que eu quis dizer, moço.

Aidan está se esforçando para não rir de mim. Com os lábios franzidos, os olhos brilhando, ele balança a cabeça.

– É mestre ou senhor. Nada de moço. Vou deixar essa passar, mas da próxima vez que me desrespeitar você vai levar umas palmadas.

– Você fala como se ainda não soubesse que eu adoro quando me dá umas palmadas.

Abro um sorriso. Ele me encara em silêncio por um momento, o riso se dissipando. Então a voz sai áspera ao dizer:

– Eu queria que você soubesse o quanto você é perfeita. Diferente e perfeita. Nunca conheci alguém como você. Sempre que estamos juntos, eu me sinto um novo homem. Um homem melhor. Como se todas as coisas ruins que já

aconteceram comigo não importassem mais, porque seu sorriso doce faz tudo desaparecer.

Um calor inunda meu corpo. Parece que o céu se abriu e estou sendo banhada por um raio de sol brilhante da cabeça aos pés. Encabulada, sussurro:

– Que coisa bonita de se dizer. Obrigada.

Ele me encara, o olhar passeando pelos traços do meu rosto, então me beija profundamente, as mãos ainda aninhando minhas bochechas.

Contra a minha boca, ele murmura:

– Vou me deitar virado pra cima e você vai cavalgar no meu rosto, baby. Não tenha medo de me sufocar. Eu vou te segurar. Pronta?

– Sim, senhor – sussurro, reluzindo de desejo e vergonha.

Quando ele exala soltando um leve gemido, percebo que o agradei.

De repente, é assustador notar o quanto quero agradá-lo de novo.

Aidan se posiciona e me puxa para cima dele, as mãos envolvendo a minha cintura. Ao me impulsionar em direção à parede, engatinho para a frente enquanto ele escorrega para baixo no colchão. Quando sua cabeça está entre meus joelhos, ele me puxa pela cintura até a minha boceta pairar bem acima da sua boca e eu estar olhando para ele por entre as pernas abertas.

– Não goza sem a minha permissão – adverte ele, e fecha a boca sobre meu clitóris.

Dou um gritinho. Minhas coxas estremecem. Minhas pálpebras se fecham trêmulas. Aidan me estabiliza segurando meus quadris, depois sobe as mãos contornando a minha cintura e aperta meus seios. Ele acaricia meus seios e belisca meus mamilos enquanto lambe a minha boceta, e duvido que um dia eu consiga recuperar qualquer pensamento lógico.

Quando gemo baixinho, ele solta meu seio e me dá um tapa na bunda. É forte e ardido, e eu adoro.

Espalmo as mãos no colchão e travo os cotovelos. Mexo o quadril contra a boca dele. Aidan murmura em aprovação, então repito o movimento.

Ele belisca meu mamilo rígido e bate na minha bunda, e solto um gemido alto de prazer.

– Usa a minha boca – ordena. – Trepa com o meu rosto, baby. Não me faça repetir.

Claro, meu senhor.

Esfrego a boceta no rosto dele, rindo sem fôlego quando ele enfia a língua dentro de mim. A risada morre num instante porque é gostoso demais sentir a boca dele. Paro de me preocupar se vou sufocá-lo e me entrego de vez, me concentrando na sensação da boca quente e úmida entre minhas pernas e dos dedos calejados beliscando meu mamilo e afundando nos meus quadris.

Ainda brincando com meu mamilo, Aidan desliza um dedo para dentro de mim e chupa meu clitóris com mais força.

– Ah, Aidan. Ah, meu Deus, isso é *incrível* – sussurro com a voz trêmula.

– Você quer gozar?

– Por favor.

– Ainda não.

Aidan me chupa até que começo a gemer descontroladamente, minhas coxas começam a tremer muito, e tenho certeza de que vou desabar antes de chegar ao orgasmo. Então ele desliza as unhas pelas minhas costas, das escápulas às nádegas, e ri contra a minha carne quando eu estremeço.

– Você quer gozar, baby?

– Quero! Por favor!

– Então é melhor fazer por merecer.

Antes que eu consiga decifrar o que isso quer dizer, Aidan me puxa pelos quadris e me empurra uns trinta centímetros para trás. Então gira o corpo sob o meu, mantendo-se de frente para mim para que seu pau duro se projete em direção à minha boca e sua cabeça esteja entre minhas pernas de novo.

– Chupa meu pau, coelhinha – ordena ele, e enterra o rosto na minha boceta.

Fecho a mão em torno da ereção dele e abaixo a cabeça para lamber a cabeça do seu pau. Aidan murmura de prazer, um som que vibra deliciosamente contra a minha pélvis. Então ele espalma a mão na minha lombar e me obriga a deitar sobre sua barriga, pele com pele, enquanto se farta da minha boceta e eu chupo seu pau.

Ele se empurra para dentro da minha boca. Impulsiono os quadris contra a língua dele. Estamos gemendo e em frenesi, nossa pele escorregadia de suor, e se ele não me der permissão para gozar logo, vou acabar gozando mesmo assim.

Quando um gemido alto e agudo soa no fundo da minha garganta, Aidan percebe que não consigo mais segurar.

– Engole a minha porra, daí eu deixo você gozar – diz ele, ofegante. – Mas

não antes. Pronta?

Concordo com um ruído desesperado em torno do pau duro dele e continuo chupando e usando a mão.

– Boa menina.

Girando a língua sem parar ao redor do meu clitóris inchado, Aidan se empurra para dentro da minha boca, fazendo meus lábios se esticarem até meus olhos começarem a lacrimejar e eu quase engasgar. Então ele chega ao clímax com um grunhido, espirrando jorros espessos de porra quente na minha língua.

Sugo e engulo sem parar, respirando pelo nariz, meu corpo inteiro tremendo. Aidan bate na minha bunda três vezes, forte, depois enfia o dedo na minha boceta.

Engasgando com o pau dele, convulsiono ao redor do seu dedo.

– Essa é a minha menina obediente e perfeita – grunhe ele, projetando o quadril e enfiando o pau mais fundo na minha garganta. – Engole cada porra de gota enquanto goza pra mim.

Cega de prazer, me contorcendo descontroladamente, choramingo de prazer com sua ereção na boca e cumpro sua ordem.

Ele me elogia com palavras que até ouço, mas não entendo. Estou em algum lugar distante, voando pelo espaço, a minha mente em chamas como fogos de artifício, meu corpo totalmente fora de controle.

Sou uma estranha para mim mesma neste momento. Alguém sem limites e sem preocupações, uma mulher em perfeita paz, mas completamente perplexa com as próprias ações.

Aidan puxou um fio que eu não sabia que havia escondido em mim e me desvendou de dentro para fora.

Então ele me vira para jogar meus tornozelos por cima dos ombros, enfia o pau ainda duro em mim e me destrói outra vez.

20

Quando terminamos, me deito ao lado dele, a cabeça no seu peito, a perna largada sobre a sua, o corpo mole. Não passo de uma gelatina molenga, trêmula e exausta.

Nunca me senti tão viva.

Olhando para o teto, Aidan murmura:

– Preciso perguntar uma coisa pra você. E preciso que seja sincera.

Aguardo em silêncio. Ele não me deu permissão para falar e ainda não tenho total clareza de como e quando todas essas regras se aplicam, então prefiro não arriscar e ficar calada.

O peito dele sobe e desce com uma respiração profunda.

– Quais são as chances de você voltar com seu marido?

Uma súbita pontada atinge meu peito. Aperto os olhos para afastar a dor.

– Zero.

– Sério?

– Sim.

– Então por que você ainda está usando aliança?

Reflito por um momento.

– Na verdade, eu não sei. Acho que é a força do hábito. Isso te incomoda?

– Sim e não.

Aidan não se explica. Tenho a sensação de que está esperando que eu diga alguma coisa, mas não consigo ter certeza.

– Posso fazer uma pergunta, por favor?

– Minha doce coelhinha, você pode me perguntar qualquer coisa, sempre – murmura ele.

– Sério?

– Por que a surpresa?

– Porque nunca sei ao certo quando estamos ou não fazendo aquele lance de permissão e não quero me meter em encrenca. – Em seguida acrescento, em tom mais suave: – Nem desagradar você.

Ele geme baixinho. Ao me puxar para mais perto, beija o topo da minha cabeça.

– Kayla – sussurra. – Tudo em você me agrada.

Eu me aconchego mais a ele e começo a sorrir.

– Mas você consegue entender meu problema, não é? Quer dizer, eu não tenho nenhuma experiência com esse tipo de coisa.

Ele me vira para cima e se apoia no cotovelo, olhando para mim com uma intensidade ardente.

– Eu também não – diz ele.

Dou risada na cara dele.

– Que mentira deslavada!

– Eu não estava falando de sexo.

Minha risada se esvai. Confusa, olho para ele com as sobrancelhas franzidas.

– Então do que você está falando? – pergunto.

Ele espalma a mão no meu peito, bem acima do coração.

– Disso. De nós dois. De você e eu. De como é fácil. De como é simples. De como parece certo. Mas você ainda está usando aliança e não se sente à vontade pra me beijar na sua casa. Isso me diz tudo o que eu preciso saber sobre o que se passa na sua cabeça. E eu entendo, de verdade. Sua vida inteira foi virada de cabeça pra baixo. É compreensível que não esteja pronta pra isso.

Ele suspira, depois continua:

– Mas tenho que ser sincero. Não vou ser um tapa-buraco. Não vou ser o cara com quem você se distrai por um tempo pra se sentir melhor e depois joga de escanteio quando estiver bem. Então acho que eu deveria abandonar o barco agora antes de acabar com o coração partido, porque já estou prevendo que vou ficar arrasado se essa situação continuar por mais tempo e você me deixar.

Isso me tira o fôlego. Fico deitada olhando para ele com os olhos arregalados e o coração acelerado, chocada com sua sinceridade.

Quando me recomponho, para a minha própria surpresa, percebo que estou

furiosa.

– Não – digo com firmeza.

Com os olhos escuros brilhando em chamas, ele me encara. O silêncio me deixa ainda mais brava.

– Você não tem o direito de decidir como isso vai acabar antes mesmo de ter começado, Aidan. Eu entendo não querer ser um tapa-buraco, mas você poderia muito bem dizer "Ei, vamos devagar" ou "Vamos falar sobre suas expectativas" em vez de decidir por conta própria terminar comigo. Antes mesmo de sermos oficialmente um casal! Aí é foda. Não é assim que funciona. Você pode me dar ordens na cama o quanto quiser, mas quando se trata de tomar decisões sobre o nosso relacionamento, vamos fazer isso juntos. Eu me recuso a ser um caso de uma noite.

Depois de um momento de silêncio intenso, ele diz, ríspido:

– Já é mais do que uma noite.

– Que seja. Um caso de três noites. Tanto faz.

Fico olhando feio para ele até que algo em seus olhos se suaviza.

– Relacionamento? É assim que você está rotulando isso?

– Eu disse o que disse. Lide com isso.

– Ah, coelhinha – sussurra ele, com uma vibração na voz –, você está *tão perto* de receber o maior castigo da sua vida…

Quero espernear de tão frustrada. E talvez gritar um pouco também. Mas fico quieta com os lábios franzidos e as narinas bufando, xingando-o de tudo quanto é nome na minha mente.

Então me dou conta de que não tenho um único argumento sólido em que me apoiar. A minha raiva é descabida.

Não é ele quem está escondendo um detalhe importante da vida pessoal. Sou eu.

Mas *então* me lembro de que não tenho a mínima ideia de quem é esse homem ou do que está escondendo. Fora que é dono de uma empresa de telhados, que tem um amigo chamado Jake desde o ensino médio e que pode ou não ter tirado a vida do próprio pai, eu não sei bulhufas.

Isso torna toda essa conversa ainda mais bizarra para nós dois.

Fecho os olhos e solto um suspiro pesado.

– Olha pra mim, Kayla – ordena Aidan.

Obedeço e olho feio para ele.

– Ah, voltamos à ceninha de mestre e submissa? Com esse tanto de mudança de direção, preciso de uma licencinha para procurar um quiroprático na internet que dê um jeito no meu torcicolo.

Ele inclina a cabeça e aproxima a boca da minha orelha ao dizer:

– Você tem noção de quanto eu quero te dar umas palmadas agora?

– A vontade é mútua.

Não consigo me segurar e solto um sorriso.

Ele rola para cima de mim, me pressionando contra o colchão com o peso do corpo.

– Ai! – Sacudo os braços de leve, dando uns tapas nas costas dele. – Você está me esmagando!

– Você ama isso – murmura ele, segurando a minha cabeça entre as mãos e me encarando com olhos quentes. – Agora para de resistir e me escuta.

Fico quieta, largando os braços no colchão de forma um pouco dramática demais, como evidenciado pela curva dos lábios de Aidan.

– Rainha do drama.

– Tirano.

– Pode apostar seu traseiro lindo nisso. E você gosta.

Ele espera pela confirmação enquanto encaro furiosa seu queixo.

– Kayla.

Sei o que o tom de advertência em sua voz significa. Expiro, revirando os olhos.

– Ok, sim, eu gosto. – Não resisto e acabo acrescentando: – Quase sempre.

Com uma risadinha, ele beija a ponta do meu nariz.

– Birrenta. Como eu estava dizendo… – Sua voz baixa para um sussurro. – Obrigado.

Droga, ele sabe mesmo me pegar de surpresa.

– Pelo quê?

Ele faz um não com a cabeça, o que me dá a entender que não vou receber uma explicação.

Então digo entusiasmada:

– Ei, tive uma ideia!

– Qual?

– Que tal me ensinar linguagem de sinais? Assim, quando você de repente decidir que não quer mais falar, ainda podemos continuar a conversa.

Meu olhar é incisivo. O dele é sombrio. Então volto a sorrir, porque ele obviamente já entendeu meu ponto de vista, e não estou no clima para mais discussão.

Passo os braços em volta das costas dele. Sabendo muito bem qual é a resposta, pergunto com ar inocente:

– Então você vai terminar comigo mesmo?

Não consigo saber se sua expressão é de admiração ou irritação. Talvez um combo das duas.

Aidan pergunta sem rodeios:

– Você quer que eu termine?

Merda. Ele virou o jogo.

– Não.

Procurando por qualquer sinal de ambiguidade nos meus olhos, ele pergunta num tom mais delicado:

– Tem certeza? Ainda dá tempo de pular fora.

Não sei ao certo se é a minha imaginação ou não, mas sinto como se houvesse uma vaga ameaça no nosso caminho. Como se ele acreditasse que existe uma linha invisível que ainda não cruzamos, mas que, assim que a cruzarmos, não haverá retorno para nenhum dos dois.

Deslizo as mãos pelos seus ombros e as entrelaço nos seus cabelos. Olhando dentro dos olhos dele, meneio a cabeça.

– Diga em voz alta – ordena ele.

– Eu tenho certeza.

Após um longo período de silêncio, ele se pronuncia:

– Ok.

Eu me desmancho numa risada incrédula.

– Meu Deus, você é maluco.

Com os olhos escuros brilhando, ele diz baixinho:

– Você não faz ideia.

Não fico pra trás, não, garanhão.

DEPOIS DE UM BANHO e uma porção dos incríveis ovos mexidos de Aidan, digo que acho melhor eu ir embora.

Sentado à minha frente na mesa da cozinha, ele enfia uma garfada de ovos na boca. Só responde muito depois de terminar de mastigar e engolir. Não sei se está intencionalmente aproveitando o momento para pensar na resposta ou se está mesmo degustando os ovos.

Sem desviar os olhos do prato, Aidan pergunta:

– Você tem planos para hoje?

– Estou com trabalho atrasado.

Ele assente em consideração.

– E você, o que tem para fazer hoje? – pergunto.

– Trabalho na casa aos domingos.

– Que casa?

– Na minha.

– Você tem uma casa? – indago, surpresa.

Ele olha para mim e assente.

– Estou construindo uma do outro lado da ilha.

– Você está *construindo uma casa*? Do zero?

– Não, de cisnes de origami.

Sorrio para ele.

– Olha seu senso de humor devastador aí de novo. Sério, você está mesmo construindo uma casa do zero?

Ele me lança um olhar como se eu já devesse saber que ele é totalmente capaz de fazer isso e qualquer outro projeto que meter na cabeça. Como, por exemplo, construir uma espaçonave com latas de alumínio recicladas.

– Uau, Aidan. Isso é impressionante.

Ele meneia a cabeça, voltando a atenção para os ovos.

– Posso ver? – tento.

Ele congela. Os olhos me fuzilam.

– Você quer? – pergunta, bruscamente.

– Claro que sim. Por que está tão surpreso?

Aidan balança a cabeça e olha para o prato. Impaciente, deixo que reflita sobre a resposta, já sabendo que talvez eu nunca receba uma, mas ainda esperançosa.

Então ele responde em tom tranquilo:

– Ainda não sei bem quais são os parâmetros desta relação.

Não é uma grande resposta, mas dá para o gasto.

– Nem eu. Que tal se descobrirmos juntos conforme as coisas forem acontecendo?

Ele ergue o rosto para encontrar meus olhos.

– Ou podemos decidir agora.

– É o que você quer?

A confirmação é um curto aceno de cabeça. Lanço um sorriso para ele e faço uma provocação:

– Então estamos negociando.

– Engraçadinha – retruca em tom sarcástico.

– É que eu lembrei que negociar é a coisa que você mais gosta de fazer.

Sem pestanejar, ele diz:

– Estar dentro de você é o que eu mais gosto. Fazer você gozar é o que eu mais gosto. Saber que você não é do tipo que fica com um cara só por uma noite mas que fez uma exceção para mim é o que eu mais gosto. Todo o resto agora está longe de ser prioridade.

Minhas orelhas começam a queimar.

Ele continua, em tom mais suave:

– Se quiser que eu pare de falar assim, é só pedir. Não quero te assustar.

Eu o observo. De camiseta branca básica e calça jeans, ele está tenso e sério… e tão lindo que parece surreal.

Mantendo o olhar no dele, digo:

– Você sabe que não me assusta.

– Eu quis dizer assustar a ponto de você fugir.

– Eu sei o que você quis dizer. E a minha resposta ainda é a mesma.

Ficamos nos encarando de lados opostos da mesa até que ele põe o prato de lado e se recosta na cadeira.

– Vem aqui – diz com a voz baixa e o olhar ardente.

Ele está com aquele olhar predatório de novo, como se fosse o caçador e eu a presa. Cada terminação nervosa do meu corpo reage, ficando em alerta máximo. Tudo em mim dispara: pulsação, temperatura corporal e respiração.

Umedecendo os lábios, me levanto e contorno a mesa devagar.

Assim que estou ao seu alcance, ele me pega pelo punho e me puxa para seu colo. Afunda as mãos no meu cabelo e aproxima meu rosto do dele enquanto espalmo as mãos no seu peitoral.

Olhando fundo nos meus olhos, diz em tom áspero:

– Me diz o que você quer.

Eu nem preciso pensar.

– Continuar fazendo isso. Conhecer você melhor. Passar mais tempo com você e ver onde isso vai dar.

Ele passa a língua pelos lábios. Desce o olhar até a minha boca de novo.

– O que mais?

Engulo em seco, nervosa.

– Agradar você – sussurro.

– Você não precisa dizer isso.

– Eu sei.

A respiração dele fica irregular. A ereção cutuca a minha bunda. Sob minhas mãos, o coração dele bate rápido num ritmo staccato.

– Dá um beijo no seu leão, coelhinha. Um beijo doce.

A aspereza do seu tom e o ardor em seus olhos me fazem tremer. Aninho o rosto dele nas mãos e dou um beijo suave em sua boca. Então roço a bochecha na dele, fechando os olhos e suspirando de prazer quando a barba faz cócegas na minha pele.

Ele murmura meu nome.

– Pois não, mestre?

Um tremor leve e delicado percorre o peito de Aidan quando o chamo assim.

– Meu Deus. Você vai ser a minha perdição, não vai? – murmura.

– Ah, qual é, Clube da Luta. Você é durão. Você aguenta.

Ele me beija, devorando a minha boca, gemendo suavemente enquanto segura a minha cabeça com firmeza e satisfaz seu desejo. Quando interrompe o beijo, nós dois estamos ofegantes.

Ele fita meus olhos com uma expressão de agonia. Surpresa, trilho seu lábio inferior com a ponta dos dedos.

– Aidan. O que foi? – sussurro.

Ele cerra os dentes com tanta força que o músculo do maxilar se contrai. Em seguida balança a cabeça num gesto curto e definitivo.

Não vai me contar o que há de errado.

Solto outro suspiro, prevendo muitos desses silêncios sem sentido em nosso futuro.

– Você poderia, por favor, me dar permissão para dizer que você é um pé no saco?

Uma pitada de humor surge nas profundezas escuras de seus olhos.

– Cuidado, minha doce coelhinha.

Faço ar de inocente.

– Ah, eu não pedi permissão direito?

Ele me encara enquanto um rosnado ameaçador emerge no seu peito.

– Ok. Serei boazinha. – Sorrindo, dou um selinho nele. – Podemos ver sua casa agora? Mal posso esperar para descobrir que tipo de toca um rei leão constrói para morar. Espero que tenha se lembrado de deixar espaço nas paredes para pendurar todas as peles de coelhinhas que deve ter na sua coleção.

Ao soltar meu cabelo, ele aninha meu rosto nas mãos e me dá um beijo suave.

– As paredes estão sem nada – murmura. – Eu nunca quis pegar uma coelhinha antes.

Sinto como se um milhão de borboletas começassem a voar no meu estômago ao mesmo tempo.

Todas caem no chão, mortas por um congelamento súbito vindo do Ártico, quando Aidan acrescenta com firmeza:

– Mas é hora de você ir para casa.

– Nossa, que desmancha-prazeres – resmungo. – Estou vendo que todas as aulas de etiqueta que você fez foram um total desperdício de tempo e dinheiro.

– Você disse que precisa trabalhar. Eu não quero atrapalhar. E se falar comigo nesse tom irônico de novo, vai…

– Já sei. Levar umas palmadas.

– Não. Você gosta demais disso. Seria uma recompensa. Da próxima vez que me der uma resposta petulante, você receberá um castigo.

Analiso o semblante dele, sério.

– Que castigo?

– Me desafie e vai ver.

Aidan sorri diante da expressão colérica no meu rosto. Então me coloca de pé, levanta-se e me acompanha à porta.

– A gente se fala mais tarde. Nesse meio-tempo… – Ele dá um tapa na minha bunda. – Não se mete em encrenca.

Aidan se inclina, me dá um beijo firme e rápido, me empurra para o corredor e fecha a porta na minha cara.

Injuriada, grito:

– Tchau, Aidan!

Uma risada baixa vem do outro lado da porta.

– Até mais tarde, Kayla.

Desço as escadas até o estacionamento, me perguntando por que ele nunca diz "tchau" e por que evitou me responder nas duas vezes que o questionei sobre isso.

Mais mistérios que entram para uma crescente coleção.

Estou perdida nos meus pensamentos quando entro no carro e dou a partida, mas congelo ao ver o que está no painel acima do volante.

Uma moeda com desenho de um búfalo, tipo D, datada de 1937.

21

Fico fitando a moeda com o coração palpitante e a mente acuada como se tivesse visto uma cobra. Depois de um tempo, quando tomo coragem, pego-a com a mão trêmula. Sinto o metal mais frio que o normal, como se a moeda tivesse sido tirada de um congelador.

Mas não estava num congelador. Estava onde eu a guardei, em uma gaveta da minha escrivaninha.

E agora está aqui.

No meu carro.

O carro estacionado em frente ao bar sobre o qual Aidan mora.

Dou uma olhada ao redor, mas não há ninguém à vista. O estacionamento e as calçadas estão desertos. Vejo alguns carros estacionados na rua, mas estão a um quarteirão de distância, perto de uma padaria.

Completamente aterrorizada, fito a moeda de novo.

De duas, uma: ou eu a peguei da gaveta no meu escritório e não me lembro de ter feito isso (nem de tê-la deixado no painel), ou outra pessoa a tirou de lá e a deixou aqui para que eu a encontrasse.

Não faz sentido. Quem faria isso? E por quê?

Sem parar de tremer, largo a moeda no porta-copos entre os bancos e pego a bolsa atrás do banco do passageiro. Levei a chave do carro comigo para o apartamento de Aidan ontem à noite, mas agora não tenho certeza se tranquei as portas ou não. Será que eu as destranquei para entrar aqui?

Não sei. Não lembro.

Como é que não consigo lembrar?

Enquanto vasculho a bolsa atrás do celular, meu pânico aumenta. Localizo o

aplicativo de segurança. Praguejo ao me dar conta de que terei que voltar cerca de doze horas de vídeo para ver se alguém entrou em casa enquanto eu estava fora.

– Mas não é possível – murmuro. – O alarme teria disparado.

E eu teria recebido uma ligação da empresa de segurança de Jake, mas não recebi. Não tem nenhuma chamada perdida.

Então a única possibilidade que resta é que eu deixei a moeda aqui e não me lembro.

Encosto a testa no volante, fecho os olhos e respiro fundo algumas vezes, tentando não hiperventilar.

Esse problema de memória deve ser mais do que estresse, mas não confio nem um pouco em médicos. Meus pais morreram por causa de erros de diagnóstico. Minha mãe foi diagnosticada como asmática quando na verdade tinha câncer de pulmão, e outro médico disse ao meu pai que as dores no peito que ele vinha sentindo nas últimas doze horas não eram nada além de refluxo. O cara prescreveu antiácidos para conter um infarto. Quando meu pai deu entrada na emergência, era tarde demais.

E acho que li em algum lugar que as pessoas contraem a maioria das infecções fatais dentro de hospitais.

– Você precisa de ajuda – digo a mim mesma. – Pare de racionalizar.

Mas o que é que eu diria a um médico? "Oi, eu me chamo Kayla! Tenho ouvido barulhos estranhos na minha casa, potes de vidro saem voando sozinhos dos armários da minha cozinha, minha memória tem mais buracos do que um escorredor de macarrão, fiz um novo amigo na prisão e, apenas três semanas depois que meu marido morreu, comecei a ter relações sexuais intensas com um homem que me chama de coelhinha!"

E não vamos nos esquecer da reaparição misteriosa de uma moeda rara e do sujeito estranho de chapéu que ficou me espionando de trás de uma árvore e não deixou nenhuma pegada no chão. *Na lama*.

Ala psiquiátrica, aqui vou eu.

Respira, Kayla. Se acalma e respira.

Chego em casa com medo de não ter ativado o alarme antes de sair, mas vejo que está funcionando como deveria. Digito a senha para desarmá-lo, depois fico parada no hall de entrada, à escuta.

Do quê, eu não sei.

A casa está em silêncio. Quando entro na cozinha, meio que espero ver mais gavetas e armários abertos, mas está tudo normal. Vou de cômodo em cômodo revistando tudo até estar convencida de que não existe nenhum bicho-papão escondido nos guarda-roupas ou atrás das portas.

Só que não estou totalmente convencida. Estou paranoica e não sei o que fazer.

Então faço o que qualquer pessoa racional faria: encho uma taça de vinho.

Em seguida, me tranco no escritório e me obrigo a trabalhar, ignorando o fato perturbador de que estou bebendo antes do meio-dia e tentando fingir que é um comportamento normal quando, no fundo, todo mundo sabe que negar os hábitos de consumo de álcool é um alerta vermelho óbvio para alcoolismo.

– Ah, quem se importa? – murmuro, olhando para a minha mesa de desenho. – Tenho coisas mais sérias com que me preocupar.

Após uma hora, acabo desistindo. Largo o lápis e esfrego os olhos, depois vou à cozinha e reabasteço a taça. Recostada no balcão, aperto o botão "voltar" do aplicativo de vigilância no telefone e me preparo para assistir ao vídeo em alta velocidade de trás para a frente.

Tenho um mau pressentimento de que assistir a essas malditas filmagens está prestes a se tornar meu novo passatempo.

Demora um pouco para passar tudo, desde o momento em que saí ontem à noite até quando retornei esta manhã, mas não vi nada fora do comum. Por volta do amanhecer, dois esquilos passaram pela entrada da garagem correndo um atrás do outro. Pouco depois da meia-noite, um guaxinim gordo saiu rolando da pilha de lenha na varanda dos fundos e seguiu vagando pela escuridão. Fora isso, tudo tranquilo.

Só quando volto ao meu escritório com outra taça de vinho é que vejo algo interessante.

Um garotinho loiro de 5 ou 6 anos brincando sozinho no gramado dos fundos. Vestindo uma capa de chuva vermelha, calça também vermelha e galochas amarelas, ele corre de um lado para outro sorrindo, perseguindo folhas e jogando-as no ar. Em certo momento tropeça e fica às gargalhadas quando cai de cara na grama, depois rola deitado e abana as mãos em direção ao céu.

Observando-o pela janela, fico me perguntando se uma nova família se

mudou para o bairro. Ou quem sabe o garoto não esteja visitando os avós? Não consigo me lembrar de ninguém que tenha filhos pequenos nas redondezas.

Mas por que essa mãe teria achado uma boa ideia trazer o menino para brincar no meu quintal? A casa está cercada por dois hectares de bosque. Não é tão fácil chegar aqui. Será que vieram caminhando pela praia? E onde está a mãe dele? Não vejo nenhum adulto por aqui. Só esse rapazinho animado arrancando a minha grama.

Soltando um suspiro, deixo a taça de vinho na mesa e saio do escritório. Passo pela cozinha a caminho da lavanderia, depois atravesso a garagem e saio pelo portão lateral para o quintal.

Quando olho ao redor, no entanto, a criança desapareceu.

– Olá? Tem alguém aí? – grito.

A única resposta é o grasnar solitário de uma gaivota voando em círculos.

Com frio porque esqueci de vestir um casaco, percorro todo o quintal e dou uma olhada na rua. Não vejo ninguém. A entrada da garagem está vazia. Olho para trás em direção à praia: também vazia. Assim como os bosques dos dois lados da casa.

Irritada, murmuro:

– Aonde é que você foi?

A última coisa de que preciso neste momento é que um moleque quebre a perna por tropeçar numa pedra dentro da minha propriedade. Já vejo o processo vindo a um quilômetro de distância.

Passo mais quinze minutos procurando por ele, depois desisto e entro para tomar mais vinho. Então tenho a ideia de assistir à filmagem da última meia hora para descobrir aonde o loirinho foi.

Mas quando abro o aplicativo, tudo o que vejo é estática. A tela mostra apenas um borrão de pixels brancos.

Ótimo. O sistema de segurança funciona tão bem quanto a rede elétrica. Talvez eu devesse simplesmente vender a casa e me mudar.

Com um sentimento de derrota, volto à minha mesa e passo o resto do dia trabalhando.

NO DIA SEGUINTE, acordo com o som estridente do alarme.

Desorientada, me sento na cama com um sobressalto e olho ao redor, em pânico. A luz cinzenta do dia entra pelas frestas das cortinas. O roupão está onde o deixei, amontoado no braço de uma poltrona. Nada no quarto parece fora de lugar, exceto pela sirene ensurdecedora do alarme.

Em pânico, caio da cama. Atinjo o chão com um baque, mas me levanto aos tropeços, a adrenalina queimando nas minhas veias.

Alguém invadiu a casa.

Merda, merda, merda, puta merda, alguém invadiu a casa!

O barulho para tão bruscamente quanto começou, o súbito silêncio deixando um zumbido nos meus ouvidos.

Ofegante, vou até a porta na ponta dos pés, abro uma fresta e fico à escuta. Depois de alguns instantes, ouço a voz de uma mulher ralhando:

– Que troço maldito! Que barulheira infernal! Vou ficar surda, certeza.

Quase desmaio de alívio. É a Fiona.

Abro a porta de vez, atravesso o corredor e me debruço no corrimão que dá vista para o térreo.

– Fiona! É você!

A mulher grita e dá um pulo, virando-se de repente. Ao olhar para mim do hall de entrada lá embaixo, leva a mão ao coração.

Com o olhar atravessado, diz:

– São dez da manhã de segunda-feira, querida. Claro que sou eu.

– Dez horas? – repito, perplexa. Não acredito que dormi até tão tarde, mas me distraio desse pensamento quando outro me ocorre. – Como você conseguiu desligar o alarme?

Uma pausa estranha se segue. Cheia de tensão.

– Eu digitei a senha.

– Como você sabia qual era a senha?

Outra pausa estranha.

– Como você acha? – pergunta Fiona, hesitante.

Ah, merda. Eu falei a senha para ela, foi assim que ela soube. Eu contei para ela e esqueci.

Passo a mão pelo rosto e expiro.

– Eu passei a senha pra você. É claro. Me desculpe.

Fiona parece aliviada quando olho para ela novamente. Ela diz:

– Não precisa se desculpar.

Um trovão ruge no céu. A manhã cinzenta está prestes a desabar em chuva. E, seja pelo motivo que for, minha perda de memória parece estar piorando.

– Você está se sentindo bem, querida? – pergunta Fiona, inclinando a cabeça e olhando para mim com preocupação.

Depois de um momento, respondo:

– Não. Acho que não. Acho que não estou nada bem.

Fiona meneia a cabeça, como se já soubesse que a minha situação não está nada boa mas não tivesse dito nada para não correr o risco de me ofender. Ela põe as sacolas no chão ao lado do aparador, tira o casaco de lã, desenrola o cachecol do pescoço e depois volta o olhar para mim.

– Que tal tomarmos uma xícara de chá e batermos um papo? – sugere, em tom gentil.

Sem esperar pela resposta, ela se vira e se dirige à cozinha.

Desço as escadas, sentindo o estômago embrulhar. Encontro-a colocando a água para ferver. Ela acende o fogo, então se senta à mesa e cruza as mãos sobre o tampo. Roendo a unha do polegar, eu me sento na cadeira à sua frente.

Acho que ela vai perguntar sobre a minha saúde ou sugerir que eu tire umas boas férias na instituição mental mais próxima, mas Fiona me surpreende dizendo com toda a gentileza:

– Eu sempre gostei de você, Kayla. Você é uma jovem brilhante e talentosa.

Lisonjeada mas também perplexa, digo:

– Bem, obrigada. Sempre gostei de você também.

Ela sorri e assente com um ar de avó.

Olho de esguelha para ela.

– Por que eu sinto que tem mais coisa aí? – pergunto.

– Porque tem. E quero que saiba que vou dizer isso porque me preocupo com você e com seu bem-estar.

Apoio os cotovelos na mesa e a cabeça entre as mãos.

– Eu sei. Estou um trapo. Pode acreditar, tenho plena consciência disso – digo.

– Eu não acho que você esteja um trapo. Acho que…

Quando a pausa se estende demais, levanto o olhar para ela, nervosa. Ela está com uma expressão curiosa: uma mescla de preocupação e, sobretudo,

expectativa. Pelo menos acho que é isso. Está me encarando com um brilho peculiar nos olhos, do jeito que um viciado em jogos olha para um caça-níqueis.

– O que foi?

– Acho que tem alguma coisa perturbando você – responde com um ar sombrio.

– Não quero ser grosseira, mas é claro que tem, né.

Ela meneia a cabeça em negação.

– Não estou falando da perda do seu marido, querida.

– Hum… Então do que você está falando?

– Bem, não sei ao certo. Mas se está precisando desabafar alguma coisa, pode contar comigo. Sou uma ótima ouvinte.

Fito aqueles olhos azuis penetrantes e me pergunto do que será que ela está falando.

– Hum…

– Aconteceu algo incomum recentemente? Na casa, quero dizer – encoraja ela, inclinando-se para a frente.

Todos os pelos dos meus braços se eriçam. Um pequeno arrepio de medo percorre a minha pele.

– Sim, dá para ver que sim – conclui ela, tranquila. – Que tal falarmos sobre isso?

Meu coração decide que é uma boa hora para fazer acrobacias. Meu estômago segue o exemplo e se contorce em um nó apertado. A minha boca seca, minhas mãos tremem e um zumbido estridente soa nos meus ouvidos.

– Como você sabia? – sussurro.

O sorriso dela é gentil.

– Eu cresci com esse tipo de coisa. Fantasmas são muito comuns na minha terra. A Escócia é um dos lugares mais mal-assombrados do mundo.

Fico imóvel, certa de que entendi mal. Do lado de fora, outro trovão ecoa pelo céu, fazendo as janelas tremerem. Uma estranha pressão se acumula no ambiente, uma fricção, como se o próprio ar tivesse se eletrificado.

– Me desculpe, mas você disse *fantasmas*?

– Isso mesmo, minha querida.

– Eu não acredito em fantasmas. – Eu me recosto na cadeira, meio que rindo.

– Você acreditar ou não é irrelevante, Kayla. Porque os fantasmas com

certeza acreditam em você. – Ela me lança um olhar firme.

A chuva começa a cair, tamborilando de leve nas vidraças da cozinha. As gotas escorrem feito lágrimas pelo vidro.

Como não digo nada, Fiona preenche o silêncio.

– Vou dar alguns exemplos, daí você me diz se estou tão maluca como sua expressão dá a entender. Você tem ouvido barulhos estranhos recentemente? Tipo o assoalho rangendo? Sentiu correntes de ar frio fora do comum? Teve a sensação estranha de estar sendo observada, sem haver mais ninguém por perto?

Engulo em seco. Está ficando difícil respirar. O zumbido agudo nos meus ouvidos fica mais alto.

– E problemas estranhos de eletricidade? Luzes piscando, lâmpadas estourando, a TV ligando ou desligando sozinha…

– É uma casa antiga. Tem muitos problemas.

Sem dar a mínima para o meu comentário, ela continua o ataque à minha sanidade:

– Talvez você esteja tendo sonhos estranhos. Talvez objetos estejam sendo movidos, aparecendo em lugares diferentes de onde você colocou.

Ela deve estar percebendo algo na minha expressão, pois se inclina mais para perto.

– Livros caindo das prateleiras? Móveis mudando de lugar sozinhos no meio da noite?

Com a voz fraca, conto:

– Um pote de mel saiu voando do armário. Uma moeda que guardei num lugar apareceu em outro. E um dia todos os armários e gavetas da cozinha estavam abertos quando desci.

Ela assente com ar solene e continua:

– E cheiros estranhos? Perfumes ou odores fortes? Alguma coisa assim?

Lembro do cheiro esquisito de queimado que surge quando uso a secadora, cuja origem Eddie não conseguiu encontrar, e sinto como se a minha alma fosse saltar do meu corpo.

Quando a chaleira apita, dou um pulo de verdade. De repente, estou morrendo de medo.

Fiona se levanta, pega duas canecas no armário e despeja água quente nelas. Os saquinhos de chá vêm em seguida, depois ela coloca uma caneca à minha

frente e volta a se sentar.

– Um pouco de leite cairia bem, mas desenvolvi intolerância à lactose depois de velha. Você quer? – diz ela, como se não tivesse acabado de me causar um aneurisma.

Mal consigo balançar a cabeça.

– Ora, ora, querida, não fique assustada, por favor. Sei que ser assombrada é um pouco demais para nossa mente do século XXI, mas vamos enfrentar isso juntas.

Talvez eu ainda esteja dormindo. Talvez isso seja apenas um pesadelo. Talvez todo o vinho que bebi ontem tenha subido à minha cabeça e destruído mais neurônios do que o normal.

Prática como sempre, Fiona assume uma postura séria.

– Precisamos de uma sessão espírita.

– Isso é ridículo – retruco em tom categórico.

– Não, a taxa de imposto federal que é ridícula. Esta é apenas uma situação que precisa ser resolvida. – Ela beberica o chá e faz um som de satisfação. – E, devo dizer, o mais rápido possível. Quanto mais tempo um espírito fica preso nesta dimensão, maiores as chances de ele nunca conseguir seguir em frente.

– Fiona, não tem nenhum fantasma na minha casa!

Ela solta um muxoxo de reprovação.

– Eu sei que é aterrorizante, querida, mas, por favor, tente se controlar. Os escoceses têm uma aversão genética a demonstrações exageradas de emoção e eu odiaria ficar com uma má impressão de você por conta de uma coisa tão insignificante quanto ser assombrada. Agora, e os distúrbios visuais? Você viu algo esquisito por aqui?

Me vem à mente a imagem do desconhecido hostil de chapéu escondido atrás da árvore, o cara que sumiu sem deixar rastros. Outra imagem surge, desta vez a do garotinho loiro brincando no quintal…

O garoto que a minha câmera de segurança não capturou; no lugar dele, só havia estática.

O horror toma conta de mim, começando pelos pés e subindo devagarinho pelo corpo até que a mão esquelética, dura e fria do medo me agarra.

Como se tivesse resolvido o caso, Fiona solta um "Ah" com ar de sabedoria.

Gelada até os ossos, afirmo:

– Isso é impossível. Fantasmas não existem.

Fiona sorri. O estrondo grave de um trovão ressoa no céu. A chuva aumenta, alvejando as janelas e martelando o telhado.

Então as luzes do teto piscam três vezes, como que dizendo um “foda-se” sobrenatural cheio de arrogância.

22

– Agora presta atenção – diz Fiona, retomando o tom sério. – Preciso te dizer uma coisa importante.

– O quê?

– Aconteça o que acontecer, *nunca* diga ao fantasma que ele está morto. Eles não fazem ideia de que não estão mais vivos.

Estou convencida de que nós duas estamos tendo essa conversa na cela acolchoada de algum hospício. Essa é de fato a única explicação plausível.

Fico ali a encarando, incrédula, enquanto ela continua:

– Fantasmas são apenas almas com uma história para contar. Quando alguém morre de forma trágica ou violenta, muitas vezes seu espírito não consegue seguir em frente. Eles têm assuntos pendentes que os mantêm ligados a este plano. Enquanto não conseguem um desfecho, eles permanecem aqui, assombrando as pessoas e os lugares que foram mais importantes para eles em vida.

– Você está ouvindo as palavras que estão saindo da sua boca?

– Eu sei que isso é difícil para você, querida, mas não precisa ser malcriada – diz ela, arqueando as sobrancelhas.

– Desculpa – sussurro depois da bronca.

– Como eu estava dizendo… O que eu estava dizendo mesmo?

– Os fantasmas precisam de um desfecho.

– Isso mesmo. E, enquanto não conseguem, eles permanecem presos aqui, vagando em penitência.

Ela me encara com expectativa.

– Você está dizendo que precisamos ajudar esse tal fantasma que não existe e

que com certeza não está me assombrando a conseguir um desfecho – respondo.

Fiona abre um sorriso ao dizer:

– Bravo.

Estupendo. Ela quer que eu abra mão da arte e me torne uma guia espiritual de almas perdidas.

– Espero que você não se ofenda, mas essa é a coisa mais ridícula que eu já ouvi.

Dá para ver claramente que ela ficou ofendida.

Fiona funga, empinando o nariz.

– Muito bem. Se você não quer a minha ajuda, não posso te obrigar a aceitá-la. – Ela se levanta, leva a caneca para a pia e despeja o resto do chá pelo ralo. Enquanto lava a caneca, diz por cima do ombro: – Você quer que eu limpe seu escritório hoje?

– Sério? Vamos simplesmente agir como se essa conversa nunca tivesse acontecido?

Ela se vira para me fuzilar com um olhar frio.

– Tive a impressão de que você se sente mais à vontade afundando em negação.

– Ai. Essa doeu.

– Não sou de meias-palavras.

– Poxa, quem diria? – devolvo, em tom seco.

Ficamos nos encarando de lados opostos da cozinha até que eu acabo cedendo.

– Ok, se eu concordasse com essa insanidade… o que não vai acontecer, estou apenas dizendo *se*… qual seria o próximo passo?

A expressão de Fiona se suaviza. Ela põe a caneca no escorredor e volta à cadeira.

– Tentar entrar em contato com o espírito para ver o que ele quer.

– Você está falando daquela coisa de sessão espírita de novo.

– Correto.

Continuamos sem desviar os olhos uma da outra enquanto tento resgatar meu cérebro do espaço sideral, onde ele foi buscar um descanso dessa conversa ridícula.

– Ou talvez eu devesse simplesmente procurar um terapeuta. Acho que o

dinheiro seria mais bem gasto.

– Ah, não vai custar nada, minha querida. Ela pode fazer a sessão como um favor pessoal.

– Ela quem?

– A minha irmã. Ela é médium – responde Fiona, e, a essa altura, essa nova migalha de informação nem me abala.

– Claro. E como alguém entra nesse ramo de trabalho? – pergunto.

– Bem, a pessoa nasce para isso, né? É um dom.

– Um dom – repito, cética.

– É algo da natureza da pessoa, como seu talento para a arte.

– Só que com pessoas mortas.

– Exatamente.

– E ela garante que o tal *não espírito* que não está me assombrando vai embora depois disso?

– Ah, não. Isso depende totalmente do espírito. E sempre tem a chance de… – Ela hesita.

– Não me deixe no suspense. Já estou tensa demais com isso.

– Bem, nem todos os espíritos são amigáveis. Alguns são vingativos e cheios de ódio.

– Então eles trabalhavam no departamento de trânsito – respondo, rindo.

Os olhos azuis de Fiona faíscam. Quando ela fala, é com a voz baixa:

– Isso não é uma brincadeira, minha querida. Precisamos agir com extrema cautela ao lidar com seres de outro plano. Eles são muito imprevisíveis. Se provocarmos a ira deles, podem muito bem reagir com violência.

O calafrio de medo que senti antes retorna, percorrendo a minha carne e deixando pelos eriçados pelo caminho.

– Como um fantasma pode se tornar violento sem um corpo?

– Da mesma forma que consegue mudar móveis de lugar e derrubar coisas das prateleiras.

– Não consigo entender isso.

Fiona para um instante para organizar os pensamentos antes de continuar:

– Um espírito é uma manifestação de energia, parecido com uma tempestade elétrica acumulando força antes de descarregar um raio. Quando um espírito se aborrece, essa emoção… essa energia… é convertida em manifestação física. Daí

os armários e gavetas abertos.

Ela olha para cima.

– Ou as lâmpadas piscando.

Encaro o teto apreensiva, meio que esperando ver um goblin verde sorridente pairando sobre a minha cabeça.

– Então… teoricamente falando, não que eu acredite em nada disso… o espírito que vive na minha casa está bravo? – pergunto.

– Eu diria que o espírito que vive nesta casa está muito furioso – responde Fiona, calma.

Quando olho para ela, assustada, Fiona acrescenta com naturalidade:

– Ou espíritos, no plural. Esta casa é muito antiga. Realmente não temos como saber quantas almas inquietas estão à espreita por aqui. Podem ser dezenas.

– *Dezenas?* Está dizendo que estou vivendo no inferno?

– O inferno é um estado mental, minha querida. A realidade é apenas o que acreditamos que ela seja. Cada um de nós cria as próprias verdades, até mesmo os fantasmas.

Essa afirmação é a coisa mais perturbadora que ela disse até agora.

– Ok, mas eu ainda não acredito em fantasmas. Isso não acabaria prejudicando a sessão espírita?

Fiona ergue as sobrancelhas.

– Você acha que a existência de Deus é afetada de alguma forma porque alguém não acredita nele?

– Assim… de repente isso fere os sentimentos dele.

Ela solta um suspiro.

– Não posso fazer biscoitos sem açúcar, minha querida.

– Ótimo! Agora você vai começar a falar em código. Aliás, é totalmente *possível* fazer biscoitos sem açúcar. São chamados de biscoitos sem açúcar. Os diabéticos comem o tempo todo.

Ela me encara com um olhar ameaçador.

– Nossa, que conversa maravilhosa essa nossa. Estou tão feliz por esta chance de conhecer você melhor! – diz Fiona.

– Rá, rá. Mas voltemos aos biscoitos. O que você quis dizer com isso?

– Quis dizer que seu ceticismo não vai interferir na habilidade de um

médium de se conectar com um espírito, mas receio que você *interpretaria* qualquer experiência que pudesse ter como um subproduto de má digestão ou coisa do tipo. Você acabaria racionalizando a experiência.

Penso nisso por um momento.

– É a minha cara fazer isso.

– Eu já suspeitava. Então talvez você devesse tirar um tempo para refletir sobre isso. – Ela sorri. – Vamos ver se mais algumas travessuras do seu fantasma fazem você abrir a mente.

– Travessuras? Não estou gostando nada disso.

– Bem, pelo que você me contou, até agora parece que seu espírito tem se comportado relativamente bem…

Ela se cala e fica me olhando, sem piscar.

– Esse seu silêncio é a coisa mais sinistra que já ouvi – disparo.

– Estou apenas insinuando que os fantasmas, assim como as pessoas, têm variações de humor. Eu apostaria que você ainda não viu nada.

Pressiono as pálpebras com a ponta dos dedos frios e solto um suspiro pesado.

– Muito bem. Vamos supor que, hipoteticamente falando, haja um fantasma, ou vários fantasmas, vivendo nesta casa. Devo ficar atenta a quais outros sinais?

Fiona descreve uma lista com entusiasmo:

– Orbes de luz, aquelas pequenas esferas luminosas. Vozes sussurrantes. Sonhos estranhos. Vultos sombrios em sua visão periférica ou sombras sobrenaturais onde não deveria haver nenhuma. Objetos fora do lugar. O rádio mudando de estação ou a televisão mudando de canal por conta própria. Sentir um toque…

– Um toque? – interrompo, horrorizada. – Um fantasma pode *tocar* em mim? Que nojo!

Fiona estreita os lábios, olhando para mim como se eu a tivesse decepcionado profundamente.

– Eu disse *sentir* um toque. É uma sensação. Caso não se lembre, minha querida, fantasmas não têm corpo. Então, por consequência óbvia, eles não têm mãos. Por favor, preste atenção!

Juro, vou dar um belo tabefe nessa mulher.

Mas acabo me distraindo desse pensamento quando ela diz:

– Outra coisa que pode acontecer é você começar a sofrer influências físicas com a presença do espírito. Então você pode começar a ter dores de cabeça ou lapsos de memória, coisas assim.

Dores de cabeça? Lapsos de memória?

Olho boquiaberta para Fiona.

– O que foi? – pergunta ela, perplexa com a minha expressão.

Quando recupero a voz, emito um sussurro fraco:

– Acho que acabei de ter uma revelação.

– *E?* – Com os olhos brilhando, ela se debruça ansiosa sobre a mesa.

– Não tem nenhum "e". Só… Eu vi um garotinho.

– Garoto? Que garoto? – pergunta ela.

– Eu o vi pela janela do meu escritório. Ele estava brincando no gramado dos fundos, mas quando saí, ele tinha sumido. E quando conferi as imagens da câmera de segurança, só havia estática, como se tivessem sido apagadas. Ou nem sequer sido gravadas. – Com a garganta árida como um deserto, engulo em seco. – Porque ele não estava lá de verdade.

Fiona fica com uma expressão tão estranha que me deixa nervosa.

– Como esse garotinho era? – pergunta ela.

– Loiro. Uns 5 anos. Usava capa de chuva vermelha e botinhas amarelas. E parecia feliz, correndo sem parar e rindo. – Balanço a cabeça, incrédula. – Achei que ele tivesse se perdido e vindo parar no meu quintal.

Fiona baixa o olhar para a mesa. Espalma as mãos sobre o tampo. Parece estar matutando alguma coisa.

– O que houve? – pergunto.

Após um instante, ela exibe um sorriso animado.

– É só que eu nunca ouvi falar de um fantasma feliz. Em geral, os espíritos que vagam neste plano estão aqui por causa de uma tragédia que não superaram. Geralmente estão tristes ou com raiva.

– Ah. – Dou uma gargalhada que beira a histeria. – Bem, o outro sujeito sem dúvida se encaixa no perfil da raiva.

– Que outro sujeito?

– Eu vi um homem me espiando por trás de uma árvore no quintal. Ele parecia muito furioso. Mostrou os dentes para mim e tudo, rosnando. Só que ele não deixou nenhuma pegada na lama, e agora estou aqui pensando que as únicas

pessoas que não deixam pegadas na lama são aquelas que não têm corpo.

Não dá para acreditar que acabei de falar uma porra dessas.

Piscando como uma coruja, Fiona repete lentamente:

– Mostrou os dentes, rosnando.

– Pois é. Ele me deixou apavorada. Se bem que não consegui ver muito o rosto dele, só aquela carranca sinistra. Ele era alto e esquelético e usava um sobretudo e um chapéu, com a aba escondendo os olhos.

De repente me sobressalto, ficando ereta na cadeira.

– Meu Deus! Você acha que ele pode ter machucado o garotinho? Tipo, será que é por isso que eles estão aqui, porque estão ligados de alguma forma?

Uma expressão estranha atravessa o rosto de Fiona. Depois de um momento, ela assente.

– É possível. Talvez eles tenham morado nesta casa há muito tempo. Talvez fossem pai e filho. Ou talvez fossem de épocas completamente diferentes e algo trágico tenha acontecido a cada um deles. As possibilidades são infinitas. Às vezes os fantasmas se atraem e acabam assombrando o mesmo lugar, ainda que não se conhecessem em vida.

Ficamos nos encarando. Por fim, quebro o silêncio:

– Não que eu acredite em fantasmas.

– Claro que não.

– Está bem. Então, quando sua irmã pode vir fazer a sessão espírita?

– Vou perguntar pra ela.

– Ótimo.

Ficamos nos encarando de novo, até que Fiona diz em tom imperativo:

– O mais importante, Kayla, é você se lembrar do que falei sobre não dizer a um fantasma que ele está morto. Se você vir esses espíritos de novo antes de conseguirmos marcar uma sessão e com sorte ajudá-los a passar para o Outro Lado, apenas permita que continuem fazendo o que estiverem fazendo sem perturbá-los. Não tente interagir. E, principalmente, não faça nada que possa irritá-los.

Toda arrepiada de novo, pergunto:

– Por que isso é tão importante?

– Porque um espírito vive num mundo criado por ele mesmo. Só vê o que quer ver. É cego para a realidade. Os espíritos errantes precisam estar dispostos a

aceitar que não habitam mais o mundo dos vivos. Devem ser gentilmente conduzidos a esse entendimento e aceitar isso por vontade própria, ou então podem acabar mergulhando ainda mais no seu mundo de fantasia, condenando-se a ficar aprisionados na escuridão por toda a eternidade, sem qualquer esperança de passar para o Outro Lado e, assim, alcançar a paz.

Ela faz uma pausa e acrescenta com tranquilidade:

– Em resumo, eles serão amaldiçoados.

Não quero ser responsável pela condenação de nenhuma alma perdida, então, apesar de não acreditar em nada disso e de provavelmente estar sonhando com toda essa conversa, digo em tom solene:

– Prometo que não vou dizer a eles que estão mortos.

– Ótimo.

Ela me dá um sorriso tranquilizador e se levanta, me deixando sozinha na cozinha com meus fantasmas figurativos e literais.

Então vou ao escritório, tiro da gaveta a carta que escrevi a Dante e pego um guarda-chuva do suporte junto à porta da rua. Em seguida saio na chuva, em direção à caixa de correio.

Se estou sendo assombrada pelos espíritos de um garotinho feliz e de um sujeito hostil de sobretudo, posso muito bem aceitar a ideia de ter um correspondente na prisão.

Pelo menos ele está vivo.

Só quando levanto a bandeira vermelha de metal da caixa de correio, para indicar ao carteiro que ele deve pegar o conteúdo que coloquei ali, é que algo que Fiona mencionou me atinge como um tapa na cara.

Quando alguém morre de forma trágica ou violenta, muitas vezes seu espírito não consegue seguir em frente.

– Michael – sussurro, o coração acelerado.

Como se em resposta, uma explosão de relâmpagos crepitantes rasga o céu escuro e tempestuoso num clarão branco em forma de garras afiadas.

23

Querida Kayla,

Tive um gato quando eu era criança. Ele era malhado, laranja, magrelo e odiava todo mundo. Exceto a mim. Aquele gato me amava. Eu o amava também, mas só me dei conta disso quando ele foi atropelado. Antes, eu achava o Doritos um pestinha. (Esse era o nome dele, Doritos. Por causa da cor. Não fui muito criativo, eu sei, mas eu tinha 8 anos.)

Quando o gato morreu e não estava mais por perto, percebi quanto eu o amava. Aquele gato bobo tinha sido meu melhor amigo, mas só pensando em retrospecto é que fui perceber.

Curiosa essa coisa de pensar em retrospecto, né? É uma lembrança, mas vinculada a uma nova compreensão, logo o passado se torna algo diferente do que significava antes.

E a única maneira de encontrar esse significado é procurando por ele.

Olhando para o passado.

Desenterrando caixões.

Examinando os ossos que encontrar nele.

Tenho pensado em retrospecto ultimamente. Tenho muito tempo disponível aqui, e pensar no passado se tornou a melhor maneira de passar meus dias.

Você perguntou o que eu fiz para vir parar aqui. A resposta simples é que amei demais alguém.

Veja bem, aprendi uma lição com a morte do Doritos. Aprendi que amar não significa nada a menos que o amor seja posto em prática. Amar

não é real sem intenção. É um verbo. Não é passivo.

Mas, acima de tudo, amar significa se sacrificar.

Tudo o que o amor exige de você deve ser feito, custe o que custar.

E eu faria com muita alegria o que o amor exigiu de mim outras mil vezes. Mesmo que tivesse que fazê-lo todos os dias por toda a eternidade, eu rasgaria minhas próprias veias com uma lâmina e drenaria todo o meu sangue com prazer.

Dante

24

É sábado. A chuva caiu sem parar esta semana, dia e noite, afinando para um chuvisco apenas para ganhar força e castigar o solo saturado mais uma vez.

Estou no meu escritório com a carta de Dante nas mãos enquanto contemplo a tarde melancólica pela janela. As águas estão inquietas, em um tom de um cinza-ferroso turvo, elevando-se em picos brancos a cada açoite dos ventos tempestuosos. Volta e meia a casa exala um suspiro nostálgico, mas, fora isso, permanece silenciosa.

Está assim desde a minha conversa com Fiona na segunda-feira. Misteriosamente silenciosa, como se estivesse prendendo a respiração.

Ela não é a única.

Mal preguei os olhos essa semana. Ando para lá e para cá pisando em ovos, os nervos gritando a cada rajada de vento ou galho que passe raspando em uma vidraça. Mas nada fora do comum aconteceu. Não houve mais aparições do garotinho nem do homem de sobretudo, tampouco cheiros inexplicáveis ou luzes bruxuleantes.

Na ponta do cais, o *Eurídice* sobe e desce sem descanso na água agitada. Atraída por alguma força irresistível, olho em sua direção o tempo todo.

Sei que são apenas meus nervos em frangalhos que fazem parecer que o barco também me observa.

Trabalho o resto do dia com as palavras de Dante cozinhando em banho-maria na minha mente até que recebo uma mensagem no celular:

Você venceu. Me liga.

É de Aidan. Não nos falamos há seis dias. Estou me sentindo meio insuportável, então respondo por mensagem em vez de ligar:

Venci o quê?

Ao ver os três pontinhos saltitantes enquanto ele digita a resposta, quase sinto sua irritação por eu ter desobedecido à ordem de telefonar.

Era pra você entrar em contato comigo primeiro.

Franzindo o cenho, digito de volta:

Eu não sabia que era uma competição.

O telefone toca. Assim que atendo e digo "Alô", a voz contrariada de Aidan ressoa no meu ouvido.

– Eu estava dando espaço pra você. Não imaginei que isso se transformaria em distância.

– Não é distância. Foi só uma semana estranha mesmo.

Após uma pausa, ele pergunta:

– Você está bem?

– Sinceramente, não tenho uma resposta certa pra isso. A propósito, estou com saudades.

A voz dele se suaviza.

– Sério?

– Você sabe que sim.

– Fiquei torcendo pra que estivesse. Não parei de imaginar que ouviria uma batida na porta e, quando abrisse, veria uma gostosa descalça e molhada, com uma camiseta transparente, bem na minha frente.

Isso me faz sorrir.

– Não é isso que todo homem quer?

– Talvez, mas o sortudo fui eu. – A voz dele baixa uma oitava. – Traz essa sua bunda gostosa pra cá, coelhinha. Preciso de você nua na minha cama. Você me fez esperar demais.

– Esperou porque quis, Clube da Luta. Você poderia ter ligado dias atrás.

– Eu já disse que estava te dando espaço.

– Quem disse que eu queria?

– Estou querendo dar o que você precisa, Kayla, que pode não coincidir com o que você quer.

E eu estou querendo entender a reação do meu corpo a essas palavras, que é uma mistura confusa de desejo e irritação. Eu queria arrancar toda a roupa e me ajoelhar aos pés de Aidan, mas, ao mesmo tempo, queria desligar na cara dele.

Mas sei que eu acabaria ligando de volta na hora, então vou deixar isso para lá.

– E do que exatamente você acha que eu preciso, Aidan?

– Esquecer tudo pra poder lembrar quem você é.

Isso me deixa sem fôlego. Não só pela entonação sombria e sensual daquela voz, mas também porque ele tem razão. Com o coração batendo mais rápido, passo a língua pelos lábios e sussurro:

– Isso mesmo. É disso que eu preciso.

– Eu sei. Agora vem aqui. Você tem dez minutos. Um minuto a mais e vai receber um castigo.

Ele desliga.

Fico sentada apertando o celular na mão e com o estômago dando cambalhotas, pensando se deveria esperar trinta minutos antes de sair só para ver qual seria a minha punição.

Chego à conclusão de que ainda não sou tão corajosa. Saio em menos de um minuto. E, mais uma vez, Aidan abre a porta do seu apartamento antes mesmo de eu bater.

Vestindo apenas um jeans desbotado, ele está descalço, sem camisa e lindo. Dou risada quando ele me puxa para seus braços e fecha a porta com o pé.

– Você fica aqui na porta esperando ouvir meus passos na escada?

– Aham. É só o que posso fazer pra não sair correndo até o estacionamento como um lunático no minuto em que você estaciona.

Quando abro um sorriso, ele me adverte:

– Não fique se achando.

– Jamais. Meu Deus, você é ainda mais bonito do que eu lembrava.

Ele me dá um beijo apaixonado.

– Minha doce coelhinha. Como você quer que eu te coma hoje? – pergunta ele, com a voz rouca.

– Do jeito que você quiser – sussurro, extasiada.

Com um braço envolvendo minhas costas, ele pega meu queixo e segura meu rosto com firmeza.

– Do jeito que eu quiser… *o quê*? – grunhe.

Eu derreto. Derreto feito um picolé jogado no asfalto quente num dia escaldante de verão. Todos os pensamentos que não sejam ele voam para longe

da minha mente.

Como se fosse a coisa mais natural do mundo, um modo automático oculto que eu não sabia ter nascido programada para seguir, sem um pingo de resistência, simplesmente me submeto.

– Do jeito que quiser, senhor – respondo, ofegante.

Ele me beija como se tivesse ansiado pela minha boca a vida inteira.

Eu me agarro a ele, sentindo seu coração bater descontrolado contra meus seios, sentindo como se a qualquer momento eu fosse flutuar até o teto e ficar ali, leve e sorridente. Ele sempre faz com que eu me sinta tão viva, desprendida de qualquer elemento sólido e totalmente despreocupada.

Ele faz com que eu me sinta livre. E, minha nossa, que sensação incrível.

Interrompendo o beijo, Aidan arranca minha camiseta e a joga num canto. A minha calça jeans vai em seguida. Ele solta um grunhido em desaprovação ao me ver de calcinha e a desce pelas minhas pernas com impaciência. Quando estou completamente nua à sua frente, ele abre o zíper da calça e ordena, ríspido:

– De joelhos.

Caio de joelhos no piso duro feito uma suplicante agradecida e fecho os dedos em torno daquela ereção protuberante.

– Chupa, coelhinha.

No momento em que meus lábios deslizam ao redor da cabeça intumescida do pau dele, Aidan geme e inclina a cabeça para trás, fechando os olhos. Afunda os dedos no meu cabelo e sussurra meu nome com a voz trêmula.

– Deliciosa pra caralho. Tudo em você. Adoro essa sua boca gostosa, minha boa menina.

O elogio grosseiro é doce aos meus ouvidos. É heroína injetada nas minhas veias. É uma euforia ardente percorrendo cada terminação nervosa do meu corpo, fazendo com que tudo pegue fogo. Chupo o pau dele com tanto desejo que Aidan tem que me alertar:

– Vai com calma, baby. Você vai sentir o gosto da minha porra, mas não agora.

Ele abre os olhos e me encara, passando o polegar pelo meu lábio superior enquanto movimento a cabeça, levando o pau fundo na minha garganta e retirando até a ponta novamente.

– Olha só pra você – diz ele, a voz ardente. – De joelhos pra mim. Com meu

pau duro na boca. Seus olhos me implorando pra te comer. Tem noção de como você é linda? De como é perfeita?

Enlouquecida, fecho os olhos e o engulo o mais fundo que posso, engasgando um pouco quando enfio tudo aquilo até o fundo da garganta.

– Perfeita pra caralho – sussurra ele. – Kayla. Minha garota linda e obediente.

Solto um gemido com o pau dele ainda na boca, chupando freneticamente enquanto acaricio a base com as duas mãos. A minha boceta pulsa. Meus mamilos doem. Estou tão desesperada para que ele me coma que solto mais um gemido, estremecendo de desejo.

Ele sabe. Claro que sabe. Sua risada é suave e sombria.

– Você precisa abrir as pernas pra mim e sentir esse pau bem fundo, não é, baby? Precisa que seu mestre te coma.

A veia na parte de baixo do pau dele pulsa contra a minha língua. Seus dedos se apertam no meu cabelo. Neste instante, ele poderia até me mandar pular pela janela que eu provavelmente pularia.

– Você precisa, sim. Que gulosa. Quero ver você foder essa sua boceta linda com a mão enquanto engole meu pau. Mas não ouse gozar sem a minha permissão.

Enfio a mão entre as pernas e começo a esfregar meu clitóris freneticamente. Já estou encharcada, em desespero, ofegando pelo nariz e com o corpo todo tremendo.

Ele segura meu rosto e impulsiona o quadril, deslizando o pau para dentro e para fora da minha boca, controlando o ritmo e a profundidade, controlando cada parte de mim.

– Ah, puta que pariu, isso mesmo, baby. Porra, *isso* – sussurra.

Olho para ele. Nossos olhares se cravam um no outro. Os lábios de Aidan estão entreabertos e os olhos, abrasadores. Eles queimam meu corpo inteiro, arrancando toda a pele até me deixarem completamente exposta, desprotegida e vulnerável. Gemendo ao redor do pau dele, enfio o dedo na fenda pulsante entre minhas pernas.

– Não goza – ordena ele com uma voz suave e afável enquanto me aprisiona no seu olhar hipnotizante. – Seja uma boa menina e espere por mim.

Estou enlouquecendo. Imploro em silêncio com o olhar. Ele passa a língua pelos lábios, só me observando.

Uma contração profunda no meu ventre me faz puxar o ar com uma inspiração aguda pelo nariz. Aidan fecha a mão no meu cabelo e puxa a minha cabeça para trás, tirando o pau da minha boca.

Ofegante, ele se abaixa até fitar meus olhos arregalados a poucos centímetros.

– Você desobedeceu seu mestre? – pergunta em voz gutural.

Estou arfando com tanta força que mal consigo responder.

– Não. Não. Eu juro.

Ele não acredita. Com um rosnado, me joga de costas na madeira do assoalho e se ajoelha sobre mim, espalmando meu peito e me prendendo contra o chão. A outra mão desliza entre minhas coxas. Ele assobia ao sentir que estou molhada e pronta para ele.

Em seguida, enfia o dedo dentro de mim, me calando quando começo a gemer.

– Braços acima da cabeça. Abre as pernas. Mais um ruído e vai ser castigada.

Trêmula, levanto os braços e pouso as mãos entrelaçadas no chão. Então afasto as pernas e mordo o lábio, rezando para ter forças suficientes para permanecer em silêncio como fui instruída.

Ele fica imóvel por um instante, observando meu rosto com olhos ávidos, aquele dedo fundo dentro de mim esperando pela contração rítmica do orgasmo. Estou quase lá – *quase* –, e se ele mexer o dedo um pouquinho que seja, vou me jogar no abismo e começar a usar a mão dele desesperadamente enquanto o clímax se alastra por todo o meu corpo.

– Minha doce coelhinha – sussurra ele, exultante. – Você está se esforçando muito pra ser obediente, não é?

Faço que sim num gesto frenético da cabeça.

Ele desliza a mão até um seio e o acaricia por um momento antes de beliscar o mamilo rígido. O prazer percorre meu corpo em ondas que mergulham direto entre minhas pernas. Embora eu não consiga impedir minhas coxas de tremerem e minhas costas de se curvarem no chão, permaneço em silêncio, respirando rápido pelo nariz.

Entre as pernas dele, a ereção se projeta da braguilha aberta do jeans. Está grande e brilhante com a minha saliva, a cabeça vermelha. Todo o restante está enorme, duro e traçado por veias.

Eu quero. Eu preciso. Preciso sentir Aidan me empalando e me comendo

feito louco enquanto rosna sacanagens no meu ouvido e perfuma a minha pele com seu cheiro ao esfregar o corpo no meu.

– Olhos em mim, Kayla.

Encontro seu olhar sombrio e sussurro:

– Sim, senhor.

Embora eu devesse ficar calada, dá para perceber que o agradei.

Como recompensa, ele me coloca de bruços e bate com destreza na minha bunda, alternando entre as nádegas até eu estar quase chorando de desejo.

Ele para de me bater um pouco antes de me levar ao orgasmo.

Quando choramingo, a bochecha pressionada contra o chão e os olhos bem apertados. Aidan diz entre os dentes:

– Você é a coisa mais linda que já vi na vida. É melhor correr agora, coelhinha, ou vou fazer picadinho de você.

Sabendo que o alívio está bem próximo, soluço ao me colocar de quatro, então fico de pé.

Rosnando como um animal, ele dá um tapa na minha bunda. Eu grito e pulo, depois saio correndo pela cozinha com o coração na boca. Mal bato a porta do quarto e travo a maçaneta antes de Aidan começar a bater, exigindo que eu o deixe entrar.

Como me recuso, ele arromba a porta com um pontapé.

Ela bate na parede. Alguns livros tombam da estante e caem no chão. Um pedaço de gesso se solta do teto. Aidan fica parado no batente da porta, bufando, narinas dilatadas, olhos tão ferozes quanto os de um predador faminto, me encarando. Estou acuada contra a parede.

– De quatro no colchão – rosna.

– Não! Se me quiser, vai ter que me pegar! – grito em desafio.

O sorriso dele é amplo e letal.

Faço finta para a esquerda. Ele ataca. Disparo na outra direção, rápido demais para ele conseguir girar e me agarrar. Com uma gargalhada vitoriosa, saio correndo do quarto.

Ele me pega na sala, me puxa contra seu corpo e enlaça a minha cintura com seu braço forte. Quando luto para me libertar, ele ri, roçando o nariz no meu cabelo com uma inalação profunda.

– Você se acha forte o bastante pra fugir de mim, coelhinha?

– Acho! – Eu me reviro e me contorço, indefesa.

– Acho que não. – Ele morde meu ombro, estendendo a mão para me tocar entre as pernas, e acrescenta mais baixo: – O que eu acho é que você está prestes a ser comida com muita, muita força.

Sinto que vou desmaiar. Meu pulso está descontrolado, estou arquejando em desespero e sinto uma leveza estranha, como se tivesse desencarnado, flutuando fora do meu corpo.

Aidan se lança no sofá, me levando com ele, então nos gira de bruços e me prende sob o peso do seu corpo.

Quente e rígida, sua ereção cutuca a minha bunda dolorida.

Ele aproveita o momento para se deliciar com meus esforços e gritos inúteis e fica apenas deitado sobre mim, o peito nu queimando minhas costas enquanto ele cheira meus cabelos, ombros e pescoço e solta grunhidos de prazer.

– Me solta!

Ele ri.

– Diz a palavra de segurança que eu solto.

Desgraçado arrogante. Sabe muito bem que não vou dizer a porra da palavra de segurança.

Meu grito de frustração o faz rir.

– Coelhinha levada – sussurra, seu tom jubilante.

– Não!

– Ah, você é, sim. E você sabe o que uma coelhinha levada ganha, não sabe?

Não é uma pergunta, mas ainda exige resposta.

– Liberdade!

Ele aproxima a boca do meu ouvido e diz num murmúrio ardente:

– Não, baby. O mestre come o cu dela até ela prometer que vai se comportar.

Quase tenho um orgasmo nessa hora. A minha boceta se contrai de desejo. Solto um gemido de desespero, rebolando contra o corpo dele.

Prendendo meus pulsos com uma mão, Aidan escorrega a outra entre minhas pernas. Esfrega os lábios da minha boceta e vai espalhando a umidade pela minha bunda. Quando a ponta dos dedos dele toca meu ânus, solto um gritinho.

Ele desliza o dedo para dentro devagar. Eu grito, me enrijecendo.

– Isso aqui é meu – diz ele, sombrio. – E eu vou marcar meu território. Se

você não quer, diga a porra da palavra de segurança agora.

Presa embaixo dele, estou indefesa, mas não completamente. Sei que bastaria uma única palavra para reverter o jogo. Se eu usasse a palavra de segurança, sei que ele pararia no mesmo segundo e me soltaria. Não tenho a menor sombra de dúvida, e é isso que me mantém do lado certo da linha tênue entre o prazer e o medo.

Viro o rosto para a almofada e gemo o nome dele.

Ele exala num gemido cheio de desejo e satisfação sombria.

– Isso, baby. Diz meu nome quando eu estiver te comendo. Grita quando gozar pra mim.

Ele cospe nos dedos, esfrega a saliva pelas pregas sensíveis do meu ânus, então me segura contra o sofá enquanto guia a cabeça do pau duro para dentro de mim.

Solto um grito e estremeço.

– Receba o pau do seu mestre – ordena ele, e o enfia até o fim.

Isso queima e me deixa sem fôlego, meus olhos lacrimejam e os músculos do meu traseiro se contraem. Aidan não move os quadris de novo, permanece deitado em cima de mim, respirando pesado contra meu cabelo, agora com as duas mãos em volta dos meus pulsos.

O domínio total sobre meu corpo – domínio que não só permito, mas pelo qual anseio – faz algo frágil dentro do meu peito estalar como um graveto.

Uma lágrima escorre pela ponte do meu nariz. Trêmula, dominada por ele e por uma sensação caótica, meu sussurro sai entrecortado:

– Mestre.

Ele solta um grunhido. Com uma voz fraca e ofegante, ordena:

– Doce menina. Minha garota obediente. Implore por mim.

Fecho os olhos e obedeço:

– Por favor, mestre. Por favor, me come. Me come com força.

Ele retira o pau e bombeia de volta para dentro de mim com um movimento brusco.

Meu gemido sai trêmulo e agradecido.

Ele repete a estocada, empurrando com mais força, depois de novo, soltando um grunhido quando gemo.

Arde pra caralho, mas meu clitóris está latejando, e a cada estocada meus

mamilos duros se esfregam com uma deliciosa fricção contra o tecido áspero do sofá, então imploro para que ele continue, empinando a bunda para o alto e para trás como a criatura gulosa em que ele me transformou.

Ao soltar meus pulsos, Aidan segura meu quadril com uma mão e se apoia no sofá com a outra. Recua para ficar de joelhos, mantendo o pau no meu cu e me puxando junto. Ele me estabiliza e firma um pé no chão, depois agarra meus quadris com as duas mãos e se ajoelha atrás de mim.

Então ele me come com força, o pau duro entrando implacavelmente no meu cu delicado enquanto grito em delírio e suas bolas pesadas batem na minha boceta.

– Mestre! Mestre! Por favor, posso gozar?

– Pode, baby. Goza pra mim – autoriza ele, arquejando.

Ele estende a mão entre minhas pernas e puxa meu clitóris inchado com firmeza.

Isso provoca uma reação instantânea.

Eu suspiro e arqueio o corpo. A minha boceta se contrai ritmicamente. A minha mente apaga enquanto meu corpo assume o comando, reagindo ao toque dele em um nível além do controle consciente.

– Aidan! Ah, meu Deus, Aidan, vou gozar! Vou gozar!

O som que irrompe de sua garganta é gutural, animalesco e cheio de satisfação.

Então ele enfia o dedo grosso dentro da minha boceta pulsante e seus grunhidos são abafados pelo grito alto e trêmulo do meu prazer.

Ele estremece, solta um rugido primitivo e goza dentro de mim.

Eu me derreto em lágrimas, soluçando incontrolavelmente em doce rendição enquanto esta bela fera me arrasta consigo para a escuridão.

25

Depois disso, mergulho num caos emocional.

Fico de bruços no sofá de bunda para o alto, soluçando nas almofadas, toda trêmula, suada e esgotada. Aidan está curvado em cima de mim, ofegante. Sua testa quente repousa entre minhas escápulas.

Não sei explicar exatamente por quê, mas algo na maneira como fazemos isso juntos é uma verdadeira catarse. Toda vez, é como se eu fosse batizada e renascesse em uma versão mais leve do meu próprio corpo. Apesar de fingirmos que ele está no controle, sempre sei que, lá no fundo, sou eu que estou. E mesmo quando as coisas ficam intensas há um sentimento subliminar de carinho e proteção que me faz sentir adorada como nunca antes.

– Ah, baby… – sussurra ele. – Não chora. Está tudo bem, minha querida. Está tudo bem.

Aidan dá o mais meigo dos beijos na minha coluna e lentamente se afasta do meu corpo. Puxa a manta afegã do encosto do sofá e me enrola nela. Então se senta, me põe no colo e me envolve em seus braços fortes.

– Linda pra caralho – murmura, beijando a minha testa e minhas bochechas úmidas. – Você é a minha menina linda e boazinha. Você se machucou? Eu te machuquei?

– Não. Foi perfeito. Você é perfeito. Adorei cada minuto – respondo, então enterro o rosto na curva do pescoço dele e choro mais forte.

Ele aperta o abraço e me balança suavemente, murmurando palavras doces. Afaga meu cabelo e me acaricia, me acalmando e me embalando como a um bebê.

Ficamos assim até minhas lágrimas secarem e eu começar a fungar, tentando

abafar os soluços esporádicos.

Ele inspira fundo, expira e desliza de leve a ponta dos dedos pela lateral do meu rosto. Com a bochecha apoiada no topo da minha cabeça, diz baixinho:

– Me diz o que você precisa que eu faça.

Nunca tive um homem que me perguntasse isso.

Bem, tecnicamente foi uma ordem, não uma pergunta, mas não vou ficar procurando pelo em ovo. Confusa, dolorida e plenamente satisfeita, fico um tempo pensando nisso antes de concluir que preciso de mais detalhes.

– Você quer dizer agora ou em geral?

– As duas coisas. Quero saber o que te faz feliz. O que vai fazer com que você se sinta o tempo todo do jeito que estou me sentindo agora.

Olho para ele.

– Como você está se sentindo agora?

Ele devolve o olhar, os olhos insondáveis e escuros. Trilhando meu lábio inferior com a ponta do dedo, diz:

– Renascido. Perdoado. Ou talvez… Não sei. – Ele reluta em silêncio por um momento. – Livre.

– Eu faço você se sentir livre? – pergunto, tímida.

– Como se eu tivesse passado a minha vida inteira numa caverna escura e de repente saísse à luz do sol.

Com lágrimas entaladas na garganta, fecho os olhos e me aconchego mais junto dele.

– Nunca conheci alguém como você – sussurro, a voz embargada.

A risada dele sai suave e sombria.

– Vou aceitar isso como um elogio.

– Mas é. Sempre me sinto segura com você. Você desperta um lado meu que eu nem sabia que existia. Sinto que eu poderia te contar qualquer coisa, meu segredo mais obscuro, a coisa mais terrível e vergonhosa que já fiz… e ainda estaria tudo bem. – Hesito. – Só que…

Ele fica imóvel.

– O quê?

– Quando você sai no meio de uma conversa, eu fico muito frustrada.

Após um momento, ele assente.

– Ok. Não vou mais fazer isso.

Encorajada, continuo:

– E quando você se fecha e não me diz o que está pensando, eu fico confusa. Você é muito intenso em alguns aspectos, muito comunicativo e fala as coisas na minha cara, mas às vezes parece estar se escondendo de mim.

Faço uma pausa para pensar de novo. Então me arrisco:

– É como se você estivesse com medo da minha reação se eu conhecesse seu verdadeiro eu, sabe?

Ele me beija, roçando os lábios nos meus com tanta ternura que sinto um aperto no peito.

– O que me dá medo é entregar meu coração para uma mulher que ainda está de aliança – murmura.

A tristeza em sua voz faz meu coração dar um salto mortal.

– Ah, Aidan. Me desculpe – sussurro.

– Não precisa se desculpar. Nem se explicar. Jamais quero que você se sinta obrigada a se explicar para mim. Sei que está lidando com isso aos poucos.

Com "isso", ele quer dizer "nossa relação". Esse lance que estamos tendo, seja lá o que for. E ele tem razão, de certa forma. Estou lidando com isso um dia de cada vez. Não há outra maneira. Ele caiu na minha vida como um meteoro colidindo com a Terra, justo quando eu estava mais arrasada do que nunca.

Só que não me sinto arrasada ao lado dele.

Esgotada demais para continuar a conversa nesse meu estado emocional vulnerável, pergunto:

– Muito bem. Quer saber do que eu preciso pra ficar feliz agora?

– Quero.

Sorrio para ele e puxo sua barba.

– Uma taça de vinho e um banho quente.

Suas pálpebras se estreitam. Em silêncio, ele me olha com intensidade por um momento.

– Posso arranjar isso pra você.

– Obrigada.

Ele ergue as sobrancelhas.

– Você não está se esquecendo de nada?

Coloco a mão no maxilar dele e abro meu sorriso.

– Muito obrigada, mestre.

Ele olha fundo nos meus olhos por um longo momento. Então diz baixinho:

– Kayla, tenha cuidado comigo.

Fico surpresa.

– Como assim?

– Eu sei que você acha que eu sou forte. Mas o problema das coisas fortes é que elas são inflexíveis. Não se dobram sob pressão. Simplesmente se quebram.

Antes que eu consiga responder, ele me pega no colo e me carrega para o banheiro.

MERGULHO EM ÊXTASE por uma hora, imersa em bolhas até o pescoço, saboreando uma taça de Cabernet. Aidan entra e sai do banheiro com petiscos de queijo e fatias de maçã, me servindo na boca e me observando mastigar como se fosse a coisa mais fascinante que já viu.

O jeito que ele me olha é viciante.

E, por eu gostar demais, também é um pouco assustador.

Acho que não estou pronta para isso. Parece que ele também não. Somos ímãs que não querem ser ímãs, atraídos por elementos invisíveis além do nosso controle.

Não tenho palavras nem vontade de lhe dizer que seria mais sensato desacelerarmos esse trem desgovernado antes que ele saia dos trilhos e mate todos os passageiros. Se bem que… já não passamos desse ponto?

A resposta óbvia é sim. Claro. Pulamos os jantares românticos e as conversas educadas e fomos direto para a safadeza.

Não que eu esteja reclamando. É mais simples assim, e a simplicidade é maravilhosa. E, no meu estado emocional atual, ficar de papo furado seria um esforço.

Apenas de calça jeans, Aidan se senta no vaso sanitário com os cotovelos apoiados nos joelhos.

– Vou até a minha casa amanhã.

– Isso é um convite, ou você está apenas me informando seu paradeiro futuro?

Um leve sorriso curva seus lábios.

– É um convite, espertinha. Você já sabia. Qual é a resposta?

– A resposta é sim. O que *você* já sabia.

– Não quero fazer suposições. – Ele olha de relance para a minha aliança, depois desvia o olhar. – Não sei dos seus compromissos.

Conta agora. Conta logo sobre o Michael. Conta o que aconteceu. Ele merece saber.

Merece mesmo? Não há compromisso aqui. E não sou a única com segredos. Não sei quase nada sobre ele. Inferno, nem sei quantos anos ele tem!

Fico nesse vaivém mental por alguns segundos, debatendo comigo mesma, até que ele me assusta com a pergunta:

– Quantos anos você tem?

Dou uma risada tensa.

– Nossa, isso foi estranho.

– O quê?

– Eu só estava aqui pensando que não sei quantos anos você tem quando me perguntou isso.

– Tenho 35.

– Eu tenho 30.

Ficamos nos encarando.

– O que mais você só estava pensando? – murmura ele.

Tentando ganhar tempo, pouso lentamente a taça de vinho na borda da banheira. Eu me sento e olho para as bolhas tremeluzindo em aglomerados iridescentes, agarradas a meus joelhos e seios.

– Eu estava pensando no meu marido.

Aidan fica em silêncio. Não consigo nem ouvir sua respiração. Mas sinto que está esperando, sinto a nova tensão em seu corpo de forma tão intensa que meus próprios músculos se enrijecem.

– Na verdade, não é bem isso. Eu estava pensando que queria te contar uma coisa sobre ele.

Engulo em seco. A minha pulsação começa a acelerar. Não sei por que isso tem que ser tão difícil. Eu contei a Eddie, o faz-tudo, que meu marido tinha morrido, e *ele* nunca comeu meu cu nem me chamou de coelhinha.

Quando puxo o ar, trêmula, e fecho os olhos bem apertados por um momento para tomar coragem, Aidan ordena em tom brando:

– Olhos em mim.

Obedeço. Ele me encara com intensidade inabalável, seus olhos ferozes.

– Ele está machucando você? É só isso que eu quero saber.

Há algo selvagem em seu olhar, um brilho ameaçador que me faz estremecer. Aproximo os joelhos do peito, passando os braços em volta das canelas.

– Se eu dissesse que sim, o que você faria?

A resposta é dura e instantânea:

– Mataria ele.

Com a pulsação acelerada e os olhos arregalados, sussurro:

– Aidan.

Ele me encara, esperando uma resposta.

– Foi o que você fez com seu pai? – pergunto, finalmente.

Ele responde sem vacilar nem desviar o olhar.

– Foi.

Expiro, fecho os olhos e deixo a cabeça cair nos joelhos.

– Você não precisa ter medo de mim – diz ele com a voz mais baixa.

– Eu não tenho.

Não parecendo convencido, ele acrescenta:

– Não sou uma ameaça pra você. Eu jamais te machucaria.

– Eu sei. Mas está se escondendo.

– Eu estou… porra, acho que estou. Só estou processando. Me dá um minuto, por favor.

Permanecemos em silêncio, quebrado apenas pelo som esporádico da água pingando da torneira. Então Aidan se ajoelha ao lado da banheira e segura meu rosto.

– Estou mais velho agora – diz com urgência. – Mais inteligente. Tive muito tempo pra pensar no que fiz. E, se tiver que fazer isso de novo, vou estar mais bem preparado.

Meu coração bate forte.

– Vou fingir que você não acabou de me dizer que sabe como não ser incriminado por um assassinato.

– Pode fingir o que quiser. A realidade é que, se eu descobrir que algum homem encostou um dedo em você com má intenção, ele nunca mais vai ter a chance de fazer isso de novo.

Ele me beija delicadamente, selando a boca na minha numa promessa

silenciosa. Fecho os dedos em volta de seus punhos e retribuo o beijo, abrindo a boca para sua língua mergulhar na minha. Ele explora mais fundo, inclinando a minha cabeça para saciar o próprio desejo enquanto tremo na água já um pouco fria.

Então Aidan interrompe o beijo e encosta a testa na minha.

– Kayla. Me responde agora. E me diz a verdade. Ele está machucando você?

Lágrimas começam a brotar nos meus olhos.

– Não.

Ele se afasta e olha para mim, franzindo a testa.

– Então por que você está quase chorando?

– Porque acabei de perceber que estou louca. Literalmente, a minha insanidade está comprovada.

– Por que você acha isso?

Uma lágrima solitária se forma na minha pálpebra inferior e rola pela minha bochecha. Sentindo um aperto no peito, sussurro:

– Se eu não estivesse maluca, não acharia tão bonito você ameaçar matar alguém por minha causa.

Ele me encara por um longo momento, os olhos ardentes. Então se levanta, me ajuda a ficar de pé e me tira da água. Em seguida me carrega, toda molhada, até o quarto e me deita no colchão.

Sem dizer uma palavra, se ajoelha entre minhas pernas, afasta minhas coxas e se inclina para beijar meu sexo exposto.

Quando solto um gemido e deixo que meu corpo forme um arco, ele estende as duas mãos e envolve meus seios molhados, apertando-os delicadamente antes de passar o polegar sobre os mamilos.

Acho que esse é o jeito dele de me dizer que podemos ser loucos juntos.

Afundo as mãos no cabelo dele e suspiro. A barba roça nas minhas coxas. A língua quente e deliciosa mergulha fundo dentro de mim. As pontas ásperas dos dedos deslizam de um lado para outro sobre meus mamilos rígidos e logo começo a arquejar e gemer alto, balançando o quadril no ritmo de sua língua.

Quando ele belisca meus mamilos, com força, gozo na boca dele, estremecendo e gritando seu nome.

Aidan chupa meu clitóris até me deixar sem forças, então se levanta e tira a calça. Em seguida se posiciona sobre meu corpo e me penetra.

Com as mãos no meu cabelo e o rosto na curva do meu pescoço, a voz dele sai rouca:

– Se você decidir que não é isso que quer, me promete que vai terminar antes que eu me apaixone por você.

– Eu prometo – sussurro, lutando contra as lágrimas de novo.

– Ótimo. – Ele fala em voz mais baixa: – E só pra você saber, o tempo para isso está se esgotando.

– Aidan…

– Silêncio agora.

Ele transa comigo com uma ternura e um cuidado que não havia demonstrado antes, me tocando como se eu fosse de porcelana. Quando chega ao clímax, é com um gemido suave de desespero, como se soubesse que o que estamos fazendo é sério e perigoso, capaz de aniquilar nós dois.

Entendo exatamente como ele se sente.

26

O domingo amanhece azul e radiante. As nuvens de chuva foram afugentadas pelo sol e, pela primeira vez em semanas, está um dia maravilhoso.

Aidan faz o café da manhã – ovos mexidos, é claro, mas também torradas e bacon – e em seguida tomamos banho juntos. Ele cantarola enquanto ensaboa meu corpo, sorri enquanto me enxuga e assobia enquanto nos vestimos.

Ele é inebriante quando está de bom humor. Com o rosto iluminado, parece ainda mais bonito do que de costume.

Como o tempo está bom, ele sugere que a gente vá de moto até sua casa. Quando concordo e conto que eu fazia motocross na juventude, ele me encara incrédulo, me olhando de cima a baixo.

– Você?

– Não julgue pelas aparências, mocinho. Sei que pareço uma mulher comum, mas por dentro sou mais como aquela garota com tatuagem de dragão da trilogia *Millennium*. – Faço uma pausa para pensar. – Só que sem as tatuagens, o QI de gênio, o conhecimento de informática e a memória eidética. – Então me animo. – Mas eu sou antissocial.

Aidan ri.

– Você é adorável, isso sim.

– Não sou? – concordo, fingindo que o elogio não me deixou radiante como um sol.

– É, sim. Vamos ver se tenho um casaco que fique bom em você, coelhinha.

– Nenhum dos seus casacos gigantes vai servir em mim.

Ele revira o armário e pega uma jaqueta de aviador em couro preto tão

enorme que daria para eu usar como barraca num acampamento.

– Tente isso – diz.

Visto a jaqueta e fico ali parecendo a personagem de uma esquete hilária.

– Se eu usar isso, o vento vai me fazer levantar voo atrás de você.

– Não se preocupe, meu capacete gigante vai manter você na moto.

Não é brincadeira. Ele me dá um capacete digno do supervilão de *Megamente*. Dou risada.

– Não tem jeito. Meu cérebro é enorme. – Ele sorri. – E outras coisas também.

– Seu ego? – devolvo em tom doce.

Aidan passa por mim cheio de pose e me dá um tapa na bunda.

– Bora, coelhinha. Se você se comportar, te dou uma cenoura mais tarde. – Ele olha para trás e dá uma piscadela.

Eu queria fazer uma piadinha inteligente, mas, caramba, quero muito a cenoura. Então mordo a língua e saio atrás dele.

Atrás do bar há uma pequena garagem onde ele guarda sua Harley, uma coisa chamativa, com cara de macho, feita sob medida para assustar velhinhas e cachorrinhos e deixar qualquer um surdo. Ela solta um ronco na partida e, mesmo em marcha lenta, o barulho permanece num volume de perfurar os tímpanos, fazendo o chão vibrar sob meus pés.

Aidan faz sinal com o queixo para que eu monte atrás dele. Quando subo e sinto aquela vibração gostosa entre as coxas, decido que devo pensar em comprar uma para mim.

Mas na verdade eu a usaria em casa mesmo para outros fins.

Com os braços em volta da cintura dele, seguro bem forte quando arrancamos com um rugido.

São só dez minutos de trajeto até o outro lado da ilha, mas é tão lindo que eu gostaria que durasse mais. O ar cheira a pureza e frescor, as colinas estão banhadas de luz dourada e para onde quer que eu olhe vejo milhares de tons de verde, de verde-maçã a esmeralda-escuro. O mundo inteiro parece mergulhado em verde.

Fazemos uma curva e passamos por uma barraca de produtos agrícolas à beira da estrada, depois por uma vinícola. Em seguida, descemos uma colina até Port Madison, uma área histórica à beira-mar repleta de parques e trilhas para

caminhada. Mais algumas curvas e pegamos uma longa estrada de terra margeada por árvores altas. A estrada termina em uma planície de capim desgrenhado com vista para as águas cristalinas e tranquilas de Hidden Cove.

Aidan estaciona sob um cedro gigante e desliga o motor. Desço primeiro, tiro o capacete e olho ao redor, maravilhada.

– Uau. Que vista incrível.

Ele desce da moto e solta a fivela sob o queixo. Ao tirar o capacete, coloca-o sobre o banco e sorri para mim.

– Bastante espaço pra uma coelhinha brincar, né?

Com as bochechas ardendo, faço bico e olho para ele.

Aidan ri da expressão no meu rosto.

– Vamos. A casa é ali em cima.

Pensei que estivéssemos no terreno principal, mas ele aponta para uma inclinação além de uma brecha entre as árvores. Aidan estende a mão para mim. De mãos dadas, caminho atrás dele pelo leve declive de uma trilha que parece bem usada.

Quando chegamos ao topo, paro de repente e solto um suspiro.

O alicerce da casa fica no meio de um semicírculo de pinheiros-brancos gigantes que têm no mínimo trinta metros de altura. De frente para a água, a casa tem dois andares: a fundação, o telhado e não muito mais. Ainda não há paredes internas e janelas. Nem jardim e garagem. Está mais para um croqui, o esboço de uma ideia, mas a ideia está ganhando uma bela forma.

– Vai ter uma varanda na frente – diz Aidan em tom afável, olhando com orgulho para o esqueleto de sua casa. – E um caminho ali que desce até a doca.

Ele olha para mim, os olhos brilhando.

– Vou comprar um barco. Nada grande. Um barco pequeno de pescador para eu relaxar no lago tomando uma cerveja.

Uma imagem de *Eurídice* me vem à mente, boiando em silêncio no fim do cais sob o céu carregado e sombrio, mas afasto o pensamento para focar em Aidan.

– Faz quanto tempo que você está trabalhando nisso?

– Já faz alguns anos.

De olhos arregalados, olho em volta.

– E você está fazendo tudo sozinho?

Aidan ri.

– Bem que eu gostaria. A parte hidráulica e elétrica vem em seguida, e é aí que o negócio começa a ficar caro. – Ele olha para a casa de novo, respira fundo e sorri. – Consigo fazer muita coisa à base de troca. O que é bom, porque não tenho grana pra financiar esse projeto. Só o custo do madeiramento quase me levou à falência.

Eu me aproximo dele. Ainda olhando para a casa, ele passa o braço pelos meus ombros e me puxa para perto.

– Correndo o risco de ser castigada, preciso dizer que agora é que eu vou mesmo pagar pelo serviço que você está fazendo no meu telhado.

A risada dele é suave. Aidan inclina a cabeça para trás e fecha os olhos, se deliciando com o sol no rosto.

– Você tem sorte de eu estar de bom humor, coelhinha, senão sua bunda já estaria ardendo.

Abraço a cintura dele e apoio o rosto em seu peito.

– Promessas, promessas…

Ele beija o topo da minha cabeça. Então ficamos ali num silêncio acolhedor, os braços em volta um do outro, ouvindo a brisa soprar entre as árvores. O som de crianças rindo ao longe flutua até nós pela água.

Aidan pergunta com a voz mansa:

– Você já quis ter filhos?

Meu coração dispara. Minhas mãos começam a tremer. Fecho os olhos, enterro o rosto no peito dele e sussurro:

– Já.

Sinto uma ligeira mudança de energia nele. Uma nova tensão se espalha por seus braços.

– Fiz mal em perguntar?

Balanço a cabeça.

– Não, é que… eu tentei uma vez. Nós tentamos.

Ele encosta a bochecha no topo da minha cabeça e estreita o abraço.

– Não precisa me contar.

– Está tudo bem. Não é nenhum segredo. – Solto um suspiro. – Sofri um aborto. A gravidez estava bem adiantada.

A lembrança me atinge como um soco no estômago: dor, gritos, sangue

escorrendo pelas minhas coxas nuas. Eu rastejando pelo chão do escritório e chorando copiosamente, tentando desesperadamente alcançar o telefone na parede. É um emaranhado de sensações que surgem de uma tacada, como um videoclipe sendo reproduzido em altíssima velocidade com o volume no máximo.

Mas de quem é essa voz? Os gritos não parecem ser meus. É a voz de um estranho, cheia de raiva, vindo para cima de mim feito um furacão.

A lembrança desaparece tão rápido quanto surgiu, interrompida como se o plugue de um projetor tivesse sido puxado da tomada.

Ela deixa a impressão nítida e arrepiante de que faltam grandes fragmentos. De que algo importante foi deixado de fora.

Ou apagado por completo.

Tento resgatar mais alguma memória, mas nada me vem à mente. Cheguei a um beco sem saída.

– Você está tremendo – diz Aidan, parecendo preocupado ao me abraçar mais forte. – O que foi, Kayla? O que aconteceu?

– Nada. Só me abraça, por favor.

Ele me aninha nos seus braços, me segurando com força. Eu me agarro a ele, engolindo o gosto amargo da bile.

Depois de alguns minutos, quando já estou um pouco mais calma, Aidan diz em tom suave:

– Não me importo se você não estiver pronta para conversar sobre certas coisas. Você pode simplesmente me dizer isso que eu vou entender. Não vou te pressionar. Mas não mente pra mim de novo, está bem?

– Desculpa – sussurro.

Sua voz ganha um tom mais firme.

– Diz que não vai mentir pra mim de novo, Kayla.

– Eu não vou. Prometo.

Roçando o nariz na minha bochecha, ele murmura:

– Ótimo. Porque você não precisa mentir. Você nunca precisa esconder nada de mim.

– Não consigo acreditar em quanto você é incrível – digo, a voz falhando.

Ele me beija no pescoço, na orelha, na bochecha, beijos cheios de ternura e delicados como as asas de uma borboleta.

– Eu só sou incrível quando estou com você. No resto do tempo, não sou nada.

Eu me aconchego mais nele, buscando aquela solidez, adorando me sentir tão protegida no seu abraço quente. Aidan emite um som de prazer do fundo da garganta e cheira meu cabelo. Então beija meu pescoço novamente, só que desta vez sua boca é mais exigente.

– Adoro seu gosto, coelhinha – declara ele com a voz rouca. – Adoro o gosto da sua pele. Adoro seu cheiro também. E como você perde o controle quando te faço gozar. E como você me olha. O jeito que me olha faz com que eu me sinta um rei.

Ele mergulha a mão em meu cabelo e gentilmente puxa a minha cabeça para trás, expondo meu pescoço. Me segurando contra o corpo, Aidan trilha um caminho de beijos e lambidas do lóbulo da minha orelha até a clavícula, afundando os dentes na minha pele a cada poucos centímetros, como se quisesse me morder e me devorar.

Quando solto um leve gemido, ele aperta a minha bunda e projeta a pélvis para a frente, pressionando a ereção contra o osso do meu quadril.

Minha resposta é instantânea.

Meus mamilos se enrijecem. Meu coração dispara. A minha pele esquenta e a minha boceta pulsa. Nunca conheci um homem que me provocasse uma reação física assim, tão natural e instantânea. Nem mesmo meu marido.

Com os olhos fechados e o rosto inclinado para o céu enquanto ele beija meu pescoço, digo:

– Que leão mais faminto. Espero que consiga correr de estômago vazio.

Sorrindo, dou um leve empurrão nele e o encaro toda dengosa, batendo os cílios.

Então eu me viro e disparo em direção aos pinheiros.

– Você tem dez segundos antes que eu vá atrás de você, coelhinha! – grita ele, rindo, e começa a contar em voz alta.

Com uma onda de excitação no sangue, atravesso o gramado e passo pela casa, impulsionando os braços e as pernas o mais rápido que podem me levar. Assim que chego ao bosque de pinheiros, me escondo atrás de um tronco enorme e me arrisco a dar uma espiada rápida ao redor.

Aidan avança na minha direção com passos tranquilos e um sorriso sombrio.

Dou um grito e começo a correr de novo.

Além do bosque de pinheiros altos há uma pequena campina cercada por uma área de vegetação densa. Corro em direção à floresta com o coração na garganta, sem ousar olhar para trás. Ofegante, as coxas queimando, cruzo a linha das árvores numa corrida desenfreada.

Sob os pés, o terreno é fofo e acidentado, coberto por uma manta úmida de relva e folhas. Antes de conseguir avançar seis metros, tropeço na raiz parcialmente soterrada de uma árvore e saio voando.

Caio de bruços. O ar é arrancado dos meus pulmões. Fico atordoada e ofegante por um momento, depois tento me levantar aos tropeços.

Tarde demais. Meu leão já atacou.

Rosnando, ele me agarra pela cintura. Rolamos na terra úmida. Eu o enfrento, me debatendo para me libertar enquanto ele ri sem fôlego e luta comigo. Logo estou deitada de costas e ele está em cima de mim, mordendo meu pescoço e prendendo meus punhos contra o chão.

Ele dá uma gargalhada exultante enquanto me contorço embaixo dele.

– Coelhinha levada.

– Me solta!

– Tem folhas no seu cabelo, coelhinha. Será que também tem em outros lugares?

Ele me vira de bruços e arranca a jaqueta de couro do meu corpo, jogando-a de lado.

– Hummm. Aqui não tem. Quem sabe embaixo da sua blusa…

Enquanto reluto e grito em protesto, ele tira a minha blusa e a manda para os ares. Depois começa a rosnar contra a minha pele enquanto roça a barba nos meus ombros.

– Minha coelhinha travessa precisa ser comida na floresta, não é mesmo?

– Não! – *Sim*. – Sai de cima de mim!

Ele desliza a mão sob meu torso e aperta meu seio com força. No meu ouvido, diz com ardor:

– Vou te comer bem forte, coelhinha. Você vai receber o pau do seu mestre de quatro, completamente pelada, no meio da floresta.

Quase desmaio de desejo e me rendo nesse instante. Mas como toda graça do jogo está na caçada, não seria tão divertido se eu entregasse a vitória de bandeja

para ele.

– Não vou!

Me debatendo descontroladamente, acabo conseguindo derrubá-lo. Num piscar de olhos estou de pé e correndo, meu cabelo esvoaçando, meus seios nus sacudindo. O ar frio se condensa sob a minha pele quente.

Ele me pega quando estou derrapando em volta do tronco retorcido de um carvalho. Ao me puxar para seus braços, me dá um beijo voraz. Sem equilíbrio, mas ainda no jogo, cambaleio, o coração disparando quando tento empurrá-lo.

Mas ele é muito forte. Simplesmente forte *demais*. Sua força me envolve.

Aidan baixa o zíper da minha calça, me vira e desce meu jeans até abaixo dos quadris. Tento fugir, mas ele está me segurando com tanta força que fico impotente. Quando dá uma palmada na minha bunda nua, grito e dou um pulo.

Em seguida ele me empurra contra o tronco da árvore e me mantém presa ali enquanto continua a me dar tapas.

Choramingando de prazer, finco as unhas no tronco. A casca áspera arranha meus seios e a minha barriga. A minha bunda sacoleja a cada palmada, inundando a minha boceta com ondas sísmicas de prazer.

As palmadas param subitamente quando Aidan enfia a mão entre minhas pernas.

– Hum, molhadinha. Você precisa que eu coma essa xoxota molhada bem gostoso e forte, né, coelhinha? – diz, a boca colada ao meu ouvido.

Solto um gemido.

– Preciso, sim. Eu sei que sim. E você sabe quanto eu quero.

Ele enfia dois dedos dentro de mim e me come com os dedos enquanto eu gemo e me debato.

– Meu Deus, baby, você é a porra da perfeição. Meu pau está muito duro pra você. Preciso gozar fundo nessa boceta perfeita enquanto você grita meu nome.

Ele tira os dedos de mim e os desliza por toda parte, espalhando a minha lubrificação. Então belisca meu clitóris inchado, o que me faz gritar, depois me vira e me empurra de volta contra o tronco da árvore.

Em seguida, enfia os dedos melados na minha boca.

– Sente o seu gosto, coelhinha. Lambe todo esse mel.

Ele se curva para chupar meu mamilo duro enquanto obedeço à ordem, revirando os olhos.

Então Aidan puxa a minha calça até embaixo. Sem tirá-la por completo, ele me joga no ombro e sai andando, um braço envolvendo a minha cintura, uma das mãos espalmada na parte de trás da minha coxa, os dedos cravados possessivamente na minha carne.

Continuo esperneando e me debatendo, mas a calça restringe o movimento das minhas pernas. Ele me deixou em desvantagem.

Quando grito de frustração, Aidan ri e me dá um tapa na bunda.

– Aqui – diz ele, depois de parar. – Este parece ser um bom lugar pra minha coelhinha receber o pau do seu mestre.

Ele me põe de pé em um trecho de terra fofa, depois me empurra para o chão até eu estar deitada de barriga para cima. Ele senta em mim, montado nos meus quadris e agarrando meus antebraços. Luto loucamente para me libertar.

– *Não*, coelhinha – murmura, os olhos selvagens de desejo. – Para de lutar comigo agora. É hora de ser comida.

– Ahhh!

Eu me recuso a parar. Obviamente se divertindo, Aidan permite que eu lute com ele por alguns instantes antes de arrancar meus sapatos e tirar a minha calça, que já estava nos tornozelos. Quando estou completamente nua, ele me vira de bruços e me puxa até eu ficar de joelhos.

O cheiro forte e úmido da terra preenche minhas narinas. Uma brisa fresca me envolve, fazendo toda a minha pele nua se arrepiar. Bem no alto, os pássaros cantam e as folhas sussurram entre os galhos das árvores.

Sei que me ver nua e indefesa, com resquícios de mata grudados nos meus seios, barriga, costas e bunda, excita Aidan, tanto que ele já está ofegante.

– Olha só você, toda coberta de terra.

Então Aidan me dá várias palmadas, o que me obriga a encontrar equilíbrio nos cotovelos para não tombar de lado. Em seguida, acaricia a minha boceta exposta, beliscando e afagando enquanto a minha bunda dolorida lateja e arde.

Ele solta um grunhido.

– Você está tão molhada, baby… Meu Deus, você está tão molhada que está escorrendo pelas suas coxas. Minha coelhinha linda está mais do que pronta pra mim.

A voz dele é áspera e exultante, repleta de luxúria e triunfo. Aidan soa como se estivesse se agarrando à última gota de controle que lhe resta para que, assim

que se soltar, um animal que costuma manter muito bem aprisionado se liberte.

Estou prestes a ser devorada, e nós dois sabemos disso. De cabeça baixa e olhos fechados, solto um gemido.

Com os dentes cerrados, Aidan ordena:

– Me implora pra te comer agora, Kayla.

– Por favor, mestre – sussurro. – Por favor, me come.

Ouço o som do zíper se abrindo, então a cabeça do pau duro de Aidan se esfrega na entrada da minha boceta. Ele me agarra pela cintura e enfia bem fundo dentro de mim. Quando grito de prazer, ele começa a empurrar o quadril, bombeando sem parar.

– Aidan! Aidan!

– Diz que você é minha.

– Sou! Sou sua!

– Diz que adora meu pau.

– Eu adoro seu pau!

Meus gritos ecoam pelas árvores. Meus seios balançam e Aidan estende a mão por baixo de mim para agarrar um deles, apertando com força, depois puxa o mamilo. É tão gostoso que solto outro gemido.

– Coelhinha suja – rosna ele com ardência. – Você não se cansa do pau duro do seu mestre. Você quer a minha porra também, não quer, menina suja? Precisa que seu mestre te encha de porra até você começar a pingar.

Meus braços cedem. Caio para a frente. A minha bochecha raspa no chão úmido enquanto Aidan me come por trás, totalmente vestido e no controle de cada parte de mim.

A risada dele soa sombria e satisfeita.

– Isso, boa menina, você se entrega feito uma putinha linda. Olha essa boceta rosa e inchada, esticada com o pau grosso do seu mestre. Estou comendo sua boceta direitinho, não estou, coelhinha?

Quando solto outro gemido, trêmula, suada e quase gozando, Aidan ri.

– Talvez a minha coelhinha suja precise que eu encha outros buraquinhos quentes também.

Ele enfia o polegar no meu cu.

Quando grito, Aidan se inclina e enfia o outro polegar na minha boca aberta.

E depois ele continua me fodendo, debruçado em cima de mim e me

cavalgando com força por trás enquanto chupo desesperadamente seu polegar e impulsiono os quadris para trás, indo de encontro a cada estocada dele.

– Hora de receber a porra do seu mestre – ofega ele, o tom urgente. – Mas eu quero esses olhos em mim.

Ele sai de dentro de mim e me joga de frente para ele.

Ofegante, com o coração acelerado, olho para Aidan enquanto ele se agiganta sobre mim, o pau intumescido se projetando do jeans, o peito arfando, os olhos escuros queimando feito bolas de fogo. Ele abre minhas pernas e cai em cima de mim. Empunha o pau na direção da minha entrada molhada e o força para dentro de mim com um grunhido.

Quando solto mais um gemido e agarro sua jaqueta, ele segura meus punhos e prende meus braços contra o chão.

Ele começa a me comer de novo, pairando sobre mim enquanto me prende à terra e fita meus olhos.

Imploro com a voz trêmula:

– Por favor. Por favor, mestre. Posso gozar, por favor?

As pálpebras dele tremulam. Aidan sussurra meu nome.

Mas não me dá permissão para gozar.

Minha boceta e meu clitóris pulsam a cada estocada. Minhas costas se arqueiam do chão. Meus mamilos doem tanto que chega a ser angustiante. Fecho os olhos e continuo gemendo.

Aidan solta meus pulsos e segura a minha cabeça entre as mãos.

– Olha pra mim – ordena.

Fito aqueles olhos ardentes enquanto uma espiral incandescente de prazer se aperta cada vez mais forte no meu ventre e minhas coxas começam a tremer sem controle.

– Está preparada, baby? – sussurra ele, o movimento dos quadris ficando mais frenético.

Incapaz de falar, apenas meneio a cabeça.

– Olha pra mim quando gozar. Não desvia o olhar. Quero que se entregue olhando bem nos meus olhos. – Depois de apenas mais algumas estocadas, ele rosna: – Agora.

Inspiro fundo e me esfrego loucamente contra ele. O clímax me atinge com força e solto um gemido alto, mas não desvio o olhar. Encaro-o com os olhos

arregalados enquanto a minha boceta se contrai sem parar ao redor do enorme comprimento invasor daquele pau enterrado fundo dentro de mim.

– Ah, Kayla – sussurra ele. – Puta que pariu, vou gozar.

O corpo todo de Aidan se contrai. Bem lá no fundo, sinto seu pau pulsar. Logo ele está gemendo e dando estocadas rasas enquanto se derrama dentro de mim, olhando bem nos meus olhos.

A intimidade é tão intensa e avassaladora que perco o fôlego. Sinto como se meu peito estivesse sendo esmagado por uma força invisível.

Aidan também sente isso. Dá para ver porque seus olhos se enchem de angústia.

Ele diz meu nome num sussurro trêmulo, depois me dá um beijo desesperado e devorador.

Durante todo o tempo, nós dois permanecemos de olhos abertos.

27

Permanecemos entrelaçados no chão da mata, ofegantes porém em silêncio. Então ele solta um gemido e pousa o rosto no meu pescoço, escondendo os olhos.

Olhando para o céu azul infinito, envolvo-o nos meus braços, sabendo instintivamente que desta vez é ele quem está aos pedaços.

– Está tudo bem – sussurro com a voz rouca, aturdida. – Aidan, está tudo bem.

Ele solta um som abafado de dor.

– Sshh.

Dou um beijo suave na bochecha dele e enrosco os dedos no seu cabelo. Ele está pesado e quente em cima de mim, tremendo, e de repente sou inundada por uma sensação de profunda paz.

Ou estupefação, talvez. Ou algo completamente diferente. Não sei se há uma palavra para isso.

Seja o que for, é lindo.

Com os lábios perto da orelha dele, sussurro:

– Eu adorei. Adorei cada segundo. Tudo o que você fez e disse. Está me ouvindo? Era disso que eu precisava.

Ele solta um gemido entrecortado.

– Meu leão lindo. Você é tão maravilhoso… Você é exatamente do que eu preciso.

Ele ergue a cabeça e me beija com paixão, gemendo na minha boca.

– Kayla – diz, ofegante. – Meu Deus. Cacete. Eu te machuquei? Você está bem?

Dou uma risadinha.

– Tirando alguns arranhões e hematomas, estou *ótima*.

O olhar dele percorre todo o meu rosto, procurando qualquer sinal de que estou mentindo. Quando parece convencido, engole em seco e umedece os lábios.

– Fiquei um pouco empolgado demais – diz, hesitante.

– Você jura? – devolvo com um sorriso. – Nossa, que palavreado chulo você tem. Supera até seu vocabulário do dia a dia.

Após alguns segundos, ele começa a rir. Baixinho, balançando a cabeça, ri de alívio, depois me dá outro beijo.

– Não consigo controlar. Você desperta o animal que existe dentro de mim.

– Pelo visto desperto mesmo! Mas agora eu agradeceria muito se pudéssemos nos levantar. Tem uma pedra cutucando a minha lombar, e está doendo pra caramba.

– Droga. Me desculpe.

Ele se levanta, sobe a calça e fecha o zíper. Então me ajuda a ficar de pé, me tratando com toda a delicadeza enquanto tira a terra e as folhas da minha pele.

– Você está toda arranhada – diz num tom abafado, fazendo uma careta enquanto limpa meu corpo com os dedos leves como plumas. – Seu joelho está sangrando.

Solto um suspiro profundo de satisfação.

– É o que acontece quando coelhinhas são comidas na floresta. Com certeza vou sentir uma dor infernal amanhã. Cadê minhas roupas? Estou ficando com frio.

Ele se afasta por um momento para recolher meu sapato, a minha calça, a minha blusa e a jaqueta dele, que estão espalhadas pelo chão. Depois me ajuda a vestir tudo em concentração silenciosa, me tocando com tanto cuidado que parece convencido de que eu posso desmontar.

A ternura e a preocupação dele são comoventes. Aidan está sendo muito doce e gentil, o oposto da fera dominante e raivosa de apenas alguns minutos atrás.

É impressionante quantas pessoas diferentes podem habitar um único corpo. Todos andamos por aí com mil estranhos dentro de nós, adormecidos em silêncio até que alguém os desperte. Como o choque elétrico que reanimou o

monstro de Frankenstein, basta uma única faísca para que nossos gigantes adormecidos ganhem vida.

Assim que acabo de me vestir, Aidan me pega pela mão e silenciosamente me guia para fora da floresta. Quando emergimos à luz do sol, olhamos para o céu, depois um para o outro.

Há uma troca entre nós, tácita e profunda.

Ele desvia o olhar primeiro, apertando a minha mão e sorrindo.

Esse sorriso poderia partir meu coração.

PASSAMOS O RESTO DO DIA no apartamento dele. Tenho que tomar outro banho para tirar as folhas e a sujeira da minha pele. Depois, Aidan passa pomada nos meus cortes e arranhões e faz um curativo no meu joelho.

Ele parece triste ao fazer isso, as sobrancelhas baixadas, os lábios apertados em uma linha fina.

Embora meus ferimentos sejam leves e eu tenha me machucado da maneira mais maravilhosa que existe, ele odeia me ver assim.

Passo a noite lá de novo. Ele me acorda de madrugada e faz amor comigo com uma urgência silenciosa que me deixa sem fôlego. Depois se recolhe para aquele lugar quieto em sua mente onde se refugia quando precisa se esconder.

Mas não pergunto o que aconteceu. Não pressiono. Eu o deixo em paz.

Ele não é o único que guarda segredos.

QUANDO CHEGO EM CASA, Fiona já está lá. Eu a encontro no escritório de Michael, o que me faz sentir uma pontada de irritação.

– O que você está fazendo aqui?

Segurando um espanador, ela se vira da mesa e dá um pulo ao me ver.

– Kayla!

– Sim, a própria. Eu moro aqui, lembra?

Ela dá um sorriso contrito.

– Me desculpe, querida. Não ouvi você entrar. Você anda com a leveza de um gato.

Incomodada, hesito na soleira. Não entro neste cômodo desde o acidente. A

porta permaneceu fechada e o ar está rançoso. Algo nisso me deixa claustrofóbica.

– Eu não queria que você limpasse este cômodo. Achei que tinha avisado.

– Avisou?

– Não?

Ela dá risada.

– Bem, se você falou, eu não lembro.

– Ah. Me desculpe. Para ser sincera… nem eu lembro.

Ao pensar no que ela me disse na semana passada sobre a possível causa dos meus lapsos de memória, fico ainda mais incomodada. Minhas bochechas esquentam, passo o peso de um pé para o outro e pigarreio.

– Mas eu gostaria de deixar este cômodo como está por enquanto. É que… – Faço um gesto de desamparo. – Não mexi em nada dele ainda.

– Ah, querida. Entendo perfeitamente. Hoje vou começar pela cozinha – diz Fiona, em tom gentil.

– Obrigada. Hum… quanto àquela história de sessão espírita…

Fiona se ilumina.

– Sim, já falei com a minha irmã! Ela acha melhor esperarmos até a próxima lua cheia, que é daqui a três semanas. Ah, e ela também disse que você não deve usar perfumes nem joias. Nem outros acessórios, principalmente aparelhos de celular. Pelo visto, essas coisas irritam os espíritos. – Fiona ri. – Assim como todos nós.

Minha risada é discreta e sem graça.

– Na verdade, acho que deveríamos deixar isso pra lá – digo.

Fiona me encara por um momento e, pensativa, puxa as penas do espanador.

– Ah…

O tom é brando, mas parece exigir uma explicação.

– Decidi que vou consultar um terapeuta – explico, encabulada.

Ela ergue as sobrancelhas.

– Como é que um terapeuta pode ajudar nos seus problemas com fantasmas?

Expiro, balançando a cabeça.

– Só o fato de eu ter pensado na hipótese de estar sendo assombrada já é um forte indício de que preciso de terapia.

Ela parece pronta para protestar, mas deve ter mudado de ideia, porque

apenas assente.

– Muito bem. Se você prefere assim…

– Prefiro, sim. Obrigada, Fiona.

Ela passa por mim, evitando meus olhos. Ao ouvir os passos se distanciando em direção à cozinha, fico com receio de tê-la ofendido. Eu me viro para ir atrás dela, mas algo que vejo de relance na mesa de Michael chama a minha atenção e acabo dando meia-volta.

Um jornal dobrado sobre o bloco de anotações perto de onde Fiona estava tirando o pó. De onde estou, não consigo ler a manchete, mas vejo claramente a fotografia que acompanha a matéria.

É uma foto de Michael.

Meu coração dispara. A minha boca seca. Me sinto um pouco zonza, como se o chão tivesse se inclinado. Por algum motivo estranho, fico com medo de repente.

Atravesso a sala devagar e paro ao lado da mesa. Quero pegar o jornal, mas não pego. Apenas fico ali parada e leio a manchete: *Corpo encontrado em Puget Sound.*

O jornal está dobrado, então só dá para ver a manchete e a foto de Michael à esquerda, além do crédito pela matéria.

Tenho certeza de que nunca vi isso. Tenho certeza de que não coloquei este jornal na mesa de Michael. O que não sei é como ele veio parar aqui.

Será que foi Fiona?

Minha cabeça começa a fervilhar. Tento pensar em explicações lógicas para ela ter colocado este jornal no escritório de Michael, mas não consigo encontrar nenhuma. Fiona sabe que eu ficaria chateada ao ver isso. Eu poderia culpar meus lapsos de memória, mas sei que não entrei neste escritório desde o acidente.

Eu *sei* disso.

Uma vozinha na minha cabeça sussurra *Talvez não tenha sido Fiona.*

Cobrindo o rosto com as mãos, recito mentalmente: *Fantasmas não existem. Fantasmas não existem. Fantasmas não existem.*

Algo atinge a janela com um barulho agudo.

Dou um pulo, deixando escapar um gritinho, depois fico ali com o coração acelerado e as mãos trêmulas agarradas na garganta.

Nada se move. O ar está estagnado. Lá fora o céu está cinza e carrancudo.

Ao tomar coragem, vou até a janela e olho para fora, perscrutando o horizonte. Não vejo nada fora do comum. O quintal está vazio. A praia rochosa está deserta. Só quando estou prestes a dar meia-volta é que descubro a causa do barulho.

No chão embaixo da janela está o corpo sem vida de um gaio azul. O pescoço está dobrado em um ângulo nada natural. As pernas se projetam, rígidas, as unhas curvadas em garras. Os olhos negros me encaram cegamente.

Há um contorno fantasmagórico do pássaro na vidraça em que bateu, de asas abertas em pleno voo.

Resistindo ao impulso de gritar, eu me viro e disparo para fora do cômodo.

Me tranco na suíte principal e começo a andar de um lado a outro, esfregando as mãos e me censurando por ser boba.

Colisões de pássaros com vidraças não são novidade. Sei que eles se confundem e acham que o reflexo no vidro é o próprio céu, e é por isso que voam de encontro às janelas e quebram o pescocinho. Isso não significa *nada*.

Mas sinto que significa.

Sinto algo sinistro. Como um mau presságio.

Ou talvez… uma mensagem do além.

Paro de andar e fico imóvel no meio do quarto. Com o coração batendo feito louco, olho para o teto e sussurro:

– Michael?

Nada acontece. O momento se prolonga até meus nervos ficarem em frangalhos de tanta tensão. Quando uma porta bate em algum lugar lá embaixo, quase desmaio de susto.

Digo a mim mesma que é apenas Fiona, mas não acredito muito nisso. Aquela sensação sinistra de ser observada se espalha pelo meu corpo de novo, mas estou sozinha no cômodo.

Ou será que não?

De repente, tudo parece macabro.

A sombra atrás da mesa de cabeceira. A estátua de palhaço em porcelana na estante de livros. O ursinho de pelúcia na minha poltrona de leitura que tem, embora eu só tenha percebido agora, dentes com aspecto estranhamente humano.

E vejo uma depressão na colcha da cama. Acho que isso é o mais assustador

de tudo.

Como de costume, fiz a cama quando me levantei no dia em que fui para o apartamento de Aidan, estendi a colcha e alinhei meticulosamente o batalhão de pequenas almofadas decorativas de que Michael zombava mas eu adorava. Gosto da cama bem-feita, pois uma cama desarrumada faz todo o resto parecer bagunçado, então sou meio neurótica com esse ritual. Lençóis esticados, almofadas organizadas, colchas bem lisinhas.

Mas agora há uma depressão evidente de um lado da cama. É o lado mais próximo à porta, aquele em que nunca durmo.

O lado de Michael.

A depressão tem mais ou menos o tamanho e o formato de um corpo.

Solto um suspiro trêmulo e dou um apoio moral a mim mesma.

– Calma, Kayla. Você está perdendo a cabeça. Não tem *fantasma nenhum* nesta casa.

A campainha toca. Vou para a minha bolsa e pego o celular para acessar a transmissão da câmera, mas não há ninguém na porta. A varanda está vazia.

Já chega. Cansei dessa porra. Não vou permitir que um problema elétrico idiota me deixe louca!

Rapidamente rolo a lista de chamadas para encontrar o número de Eddie, o faz-tudo, e fico parada ali hiperventilando enquanto o aguardo atender.

– Alô?

– Oi, Eddie. É a Kayla. Lembra de mim? Aquela do vazamento no telhado e dos problemas elétricos?

– Claro, lembro, sim! E aí, Kayla! Como é que você tá?

– Estou bem, obrigada. E você?

A risada dele soa baixa e ofegante.

– Shooow.

Ele parece estar doidão. Que surpresa.

– Que… legal. Então, estou ligando porque queria o número do seu terapeuta.

– Ah, claro! Eu só, hã… – Ele permanece em silêncio por um momento. – Na verdade, eu não lembro.

– Será que você não tem registrado no celular?

Ele parece confuso.

– Celular?

É, totalmente chapado. Ou isso, ou eu estava certa sobre ele morar em uma comunidade sem conveniências modernas. Este número deve ser de um telefone fixo. Solto um suspiro.

– Que tal se apenas me disser o nome dele?

– Ah, sim, sim, sem problema. O nome dele é Letterman. Dr. David Letterman.

Franzo a testa.

– Igual ao apresentador do talk show?

Outra pausa confusa.

– Quem? – pergunta ele.

Então Eddie também não tem televisão. De toda forma, esta conversa não vai chegar a lugar nenhum. Hora de dizer adeus.

– David Letterman. Anotado. Vou ligar para ele. Ele atende em Seattle?

– Não, o consultório dele é logo ali na Winslow com a Olympic, em frente ao museu de arte. Aquele prediozinho de tijolo vermelho com toldo verde.

Sei bem qual é o prédio, então agradeço e prometo de novo que vou passar o número de Eddie a qualquer um que precise de um faz-tudo. Embora eu ache que ele tenha muito mais jeito para vender erva.

Ao desligar, desço até meu escritório e pesquiso o nome do médico no Google.

Nenhum resultado. Eddie devia estar tão chapado que me passou o nome errado.

Penso em ligar para ele de novo, mas concluo que não vale a pena. É bem possível que o próximo nome que me desse fosse do seu dentista.

Me sentindo derrotada, fico olhando para a tela do computador por um tempo. Sei que os terapeutas em Seattle serão mais caros do que os da ilha e não gosto nada da ideia de pegar a balsa para ir à cidade e voltar para cá uma ou duas vezes por semana. Eu poderia tentar encontrar alguém em Bainbridge, mas sei que as opções são limitadas.

Então cogito a possibilidade de o Dr. Letterman ser o único terapeuta da ilha. Ou talvez nem seja psicólogo, mas um curandeiro que vai querer sacrificar uma galinha e ler as entranhas do animal para ver o que há de errado comigo. Isso é mais a cara do Eddie.

Se bem que David Letterman não parece nome de curandeiro.

Estou começando a ficar exausta desse meu joguinho mental de adivinhação, então decido dar um pulo no centro no fim da tarde, depois que Fiona for embora, e passar no consultório do tal Letterman.

Pode-se deduzir muita coisa a partir do ambiente de trabalho de alguém. Se ele tiver uma secretária simpática e o lugar não parecer ter sido o palco recente de alguma cerimônia de magia das trevas, vou marcar uma consulta. De qualquer forma preciso buscar as roupas que mandei lavar, e a lavanderia fica a apenas um quarteirão daquele prédio.

Espero que minhas roupas ainda estejam lá. Eu as deixei na lavanderia antes do acidente.

Quando sinto uma pontada lancinante atrás do globo ocular esquerdo, solto um palavrão baixinho.

Era só o que me faltava, uma enxaqueca.

Eu me deito no sofá e fecho os olhos. Devo ter pegado no sono, porque, ao abrir os olhos outra vez, a luz está diferente. Sombras se esgueiram pelas paredes feito longos dedos cinzentos. Quando olho o relógio, fico espantada ao ver que dormi por mais de quatro horas.

Saio do escritório e a casa está em silêncio. Fiona já foi. Subo ao meu quarto e visto uma blusa limpa, depois dirijo até o centro e estaciono na rua arborizada em frente ao prédio onde Eddie disse que Letterman atende.

Quando estou saindo do carro, por acaso bato os olhos no restaurante do outro lado da rua.

O Harbor House é um restaurante de frutos do mar com um terraço de frente para a enseada e jazz ao vivo nas noites de sexta-feira. É popular entre turistas e moradores. Às vezes, no verão, tem até fila de espera.

Mas não estamos no verão e não há fila. Tenho uma visão nítida da entrada do restaurante.

Passando pela porta com o braço nos ombros de uma mulher cheia de curvas está um homem que eu reconheceria em qualquer lugar, mesmo de costas.

Aidan.

28

Fico paralisada. Meu coração parece não bater mais. Com a sensação de ter levado um chute no estômago, eu me encosto na porta do carro para me estabilizar. Fico parada ali em estado de choque, tentando decidir o que fazer.

Mas não há *nada* a fazer. Aidan e eu não estamos em um relacionamento sério. Droga, nem sequer conversamos sobre ele estar ou não saindo com outras pessoas. Não sei nada sobre a vida pessoal dele.

– Meu Deus – digo em voz alta, horrorizada. – Como você é idiota, Kayla!

Pode ser que ele tenha umas vinte parceiras fixas, sem usar camisinha com nenhuma.

É esse o tipo de arrependimento que se leva para o resto da vida.

Volto depressa para dentro do carro e bato a porta. Grunhindo, eu me inclino e encosto a testa no volante. De olhos fechados, fico me xingando em silêncio, alternando a cada poucos segundos com um palavrão bem feio e cabeludo para Aidan também.

Não que ele mereça. Nenhuma promessa foi quebrada. Essa dor horrível no meu peito é apenas meu ego ferido. Ou talvez seja meu coração, não sei dizer. Seja o que for, é doloroso.

Cara, eu queria *muito* dar umas marteladas naquelas partes mais sensíveis do corpo dele.

Ao som de uma batida brusca no vidro, eu me aprumo num pulo.

Aidan está inclinado na janela do motorista, olhando para mim com um ar intrigado.

Merda.

– Achei que fosse você. O que está fazendo? – pergunta ele, já que não esboço

reação.

– Nada. Só estou sentada aqui – respondo depressa, o calor subindo pelas bochechas.

Depois de alguns segundos, ele pergunta:

– É uma hora ruim?

Sei o que está insinuando, e ele não está falando do meu colapso mental iminente.

– Estou sozinha.

– Está bem. Voltando à outra pergunta, que você enrolou e não respondeu. O que está fazendo?

– Eu só… saí pra resolver algumas coisas.

Ele franze a testa. O olhar se torna penetrante. Solto um suspiro e peço para ter o poder da invisibilidade, o que, inconvenientemente, não se realiza.

– Sai do carro, Kayla.

Faço cara feia para ele e pergunto:

– Preciso mesmo?

– Precisa.

Ele dá um passo para trás e cruza os braços, esperando.

Chego a pensar em dar a partida e sair cantando pneu, mas descarto a ideia. Ele provavelmente correria atrás de mim e me alcançaria no primeiro semáforo. Então me preparo para uma conversa desagradável e saio do carro.

Ele me pega pelo braço e me leva até a calçada, depois se posta na minha frente com os braços cruzados. Não diz nada. Apenas fica ali, me analisando em silêncio.

– Tá bom. Vou começar. Oi, Aidan. Tudo bem?

Ele estreita os olhos. Fora isso, não reage à minha pergunta.

Sei que poderíamos passar a noite inteira aqui antes de ele me contar o que está se passando na sua cabeça. Se é que contaria. Então faço menção de ir embora.

– Vou nessa.

– Por que você está assim tão estranha?

– Eu? *Eu* estou estranha?

Ele fica com aquela cara de irritado, como se estivesse pensando seriamente em me pôr no colo de bunda para cima bem aqui na calçada e me dar umas boas

palmadas. Com um tom de advertência na voz, ele me intima:

– O que houve, coelhinha?

Ouvi-lo me chamar assim faz meu sangue ferver.

Recordo a mim mesma com severidade que esse homem não me pertence, que não temos nenhum compromisso, que nem toda a química mais gostosa e incrível do mundo é suficiente para construir um relacionamento, só que não consigo me convencer de nada disso.

Estou magoada, brava e envergonhada por ele ter me flagrado desmantelada sobre o volante.

Mas eu jamais vou admitir isso. Posso não ter muito, mas ainda tenho meu orgulho.

Empino o queixo e digo com toda a calma:

– Não houve nada. Eu só saí para resolver algumas coisas. Foi bom encontrar você.

Os olhos dele faíscam de raiva. Com a voz baixa e controlada, diz:

– Três mentiras deslavadas em uma única fala. Tente de novo e, desta vez, seja sincera.

O calor pulsa nas minhas bochechas. Olho para ele, ciente de que minhas mãos estão tremendo e que eu adoraria fechá-las em torno do pescoço dele e esganá-lo com toda a força.

– Como está indo seu encontro, Aidan? – pergunto, reunindo cada gota de autocontrole à minha disposição.

Ele pisca. Bufa uma risada curta. Olha por cima do ombro em direção ao restaurante, depois se vira e me crava um olhar tão ardente que recuo um passo.

Com olhos ainda brilhando, Aidan diz em tom suave:

– Ah, coelhinha… Você vai pagar por isso mais tarde.

Então me pega pelo braço e me leva para o outro lado da rua. Ignorando meus protestos, abre a porta do restaurante e me guia através do balcão da recepção e do salão de jantar principal até uma mesa quase nos fundos.

A mesa onde a mulher com quem entrou está sentada.

Bem ao lado do seu amigo Jake, o cara do alarme.

Percebo na hora que a minha tendência a presumir o pior da natureza humana acabou de me passar a perna.

Parando ao lado da mesa, Aidan faz um gesto para a mulher.

– Deb, esta é a Kayla. Kayla, diga oi para a Deb. – Ele me lança um olhar incisivo. – É a esposa do Jake.

Com o rosto pegando fogo, eu digo:

– Claro. Olá, Deb. É um prazer conhecer você.

Meu rosto queima ainda mais quando ela dá um pulo na cadeira e bate palminhas de entusiasmo.

– Kayla! Já sabemos tudo sobre você! É um prazer enorme te conhecer! Junte-se a nós, por favor!

– Ah, não. Não quero interromper o jantar de vocês.

– Não seja boba. Você não está interrompendo nada. Mal posso esperar pra te conhecer melhor.

Enquanto estou lá com a mão grande de Aidan em volta do meu braço e a minha mortificação tingindo meu rosto inteiro de vermelho, Jake sorri para mim.

– Oi, Kayla.

– Jake.

– O sistema de segurança está funcionando bem?

– Sim, muito bem, obrigada.

– Bom saber. – Ele olha para Aidan. – Você vai se sentar, ou seu homem aí vai ter que jogar você no ombro e sair bufando pra se embrenhar na floresta?

– Vai saber, né?

Aidan me acomoda em uma cadeira. Senta-se ao meu lado. Então apoia os cotovelos na mesa e fica encarando meu perfil com a intensidade de um interrogador do FBI.

– Aidan? – chama Deb, parecendo confusa. – Está tudo bem?

Ele não responde, mas a tensão no seu corpo fala por si só.

Olhando para Deb, admito, envergonhada:

– Ele está bravo comigo.

Com óbvia surpresa, ela alterna o olhar entre nós dois.

– Mas por quê? Ele estava justamente nos dizendo o quanto você é fantástica antes de sair para atender uma ligação!

Isso está ficando cada vez melhor. Quero me esconder debaixo da mesa de tanta vergonha, mas consigo forçar um sorriso e responder:

– Eu fiz uma coisa que ele não gostou.

Ela e Jake trocam olhares surpresos, depois olham para mim com as sobrancelhas erguidas.

Eu me sinto uma babaca de primeira.

Depois de um pigarro áspero, admito:

– Eu o vi entrando aqui abraçado com você e achei que vocês estavam juntos.

Ela cai na gargalhada.

– *Nós?* Ah, querida, eu conheço esse cara desde o colégio. Ele é como um irmão pra mim.

Jake estende o braço no encosto da cadeira dela e lhe dá um sorriso preguiçoso.

– Você também me conhece desde o colégio. Por acaso me vê como um irmão também?

Sorrindo, ela dá um tapinha na coxa dele.

– Ah, fica quieto. Você entendeu muito bem.

Os dois trocam um beijo carinhoso enquanto Aidan continua me fuzilando com o olhar. Então ele se inclina e murmura em meu ouvido:

– Você ficou com ciúmes.

Viro a cabeça. Não há como confundir o brilho de desejo naqueles olhos. Está bem ali ao lado da decepção. Quando mordo a bochecha, encabulada, ele ri baixinho e se afasta.

A risada me faz pensar que a minha punição por quebrar a promessa de nunca mentir para ele não será muito severa.

A garçonete aparece com uma bandeja de água e pergunta se gostaríamos de pedir bebidas ou entradas antes do jantar.

– Meu Deus, com certeza. Uísque com água para mim, por favor. Pode maneirar na água – responde Deb.

Já vi que vou me dar bem com essa mulher.

Peço uma taça de vinho, e Jake e Aidan pedem cerveja. Quando a garçonete sai para buscar as bebidas, Deb se inclina sobre a mesa com um sorriso empolgado para mim.

– Então, Kayla. Pelo que entendi você é artista.

– Ilustradora, na verdade.

– Não é a mesma coisa? – pergunta ela, franzindo a testa.

– Eu diria que sou uma artista comercial. O oposto de um artista plástico.

– O que quer dizer que você faz dinheiro – intervém Jake com uma risadinha.

– Não muito – respondo com um ar desanimado. – Mas paga as contas.

– Ai, que inveja. Eu não tenho um pingo de criatividade – diz Deb.

Jake bufa com desdém.

– Não sei não, hein? Você inventa umas histórias bem criativas todos os meses quando a fatura do cartão chega e precisa explicar por que gastou tanto nas compras on-line.

– Já cansei de falar pra você, querido, que tudo o que eu compro é absolutamente essencial – responde ela, abanando a mão em um gesto de indiferença na direção dele.

– Me explique por que seis leggings pretas idênticas são essenciais – continua Jake.

– Você preferiria que eu fizesse aula de pilates pelada? – pergunta Deb, indignada.

Jake sorri para ela e responde:

– Preferiria que você fizesse tudo pelada.

Ela se dirige a mim fazendo bico.

– Dez anos de casamento e ele ainda parece o coelho da Duracell.

Tento não engasgar com o gole de água que estou tomando. Por baixo da mesa, Aidan aperta a minha coxa. Sem nem me virar para olhar, sei que ele está com um sorrisinho malicioso.

A garçonete retorna com as bebidas e anota nossos pedidos. Depois que ela sai, Jake, Deb e eu ficamos papeando sobre assuntos aleatórios enquanto Aidan nos observa em silêncio. A mão ainda repousa na minha coxa, um lembrete caloroso de que terei que rastejar mais tarde. E depois disso, quando estiver sozinha, uma séria autorreflexão me aguarda.

Eu disse a Aidan que queria conhecê-lo melhor. Passar mais tempo com ele e ver aonde isso pode dar. Isso é verdade, mas será toda a verdade?

Será que eu realmente quero algo mais?

Se for para ser sincera comigo mesma… quero.

Pensar nisso me assusta. Não entendo como posso estar pronta para entrar de cabeça em um relacionamento logo após a morte de Michael. O que isso diz sobre o tipo de pessoa que sou?

O que isso diz sobre meu casamento?

São perguntas das quais eu sinceramente não quero saber as respostas. Porém, para ser justa com Aidan e comigo mesma, elas precisam ser respondidas.

– Você não acha, Kayla?

De repente percebo que todos estão esperando que eu responda a uma pergunta de Deb, mas fiquei tão perdida nos meus pensamentos que nem ouvi. Olho ao redor, as bochechas esquentando.

– Me desculpe, o que foi que você perguntou?

Deb hesita. Quando olha para a minha mão esquerda, apoiada sobre a toalha de mesa, percebo que estou girando obsessivamente a aliança com o polegar. Deslizo a mão para debaixo da mesa e engulo em seco, nervosa, torcendo para que Aidan não tenha percebido, mas quase certa de que percebeu.

E por que diabos ainda estou usando essa porcaria? A que estou me agarrando?

Mais perguntas que exigem respostas.

Deb diz com toda a delicadeza:

– Eu só estava dizendo que nós, meninas, precisamos ficar unidas.

É óbvio que não era isso. Ela está sendo gentil, me mostrando que dá para perceber que estou um trapo mas que está torcendo por mim.

Jake, por outro lado, me encara com um olhar cortante. Não vai me dar um desconto. Ele se vira para Aidan e pergunta como está indo a construção da casa, uma tática óbvia para mudar o rumo da conversa.

Os dois falam sobre o projeto enquanto fico ali ouvindo em silêncio, desconfortável, de vez em quando respondendo com um sorriso tenso ao olhar preocupado de Deb.

Isso é um desastre. *Eu* sou um desastre. Não consigo nem manter uma conversa de dez minutos com outras pessoas sem fazer papel de trouxa. Provavelmente envergonhei o coitado do Aidan de todas as maneiras que um homem poderia ser envergonhado, primeiro ao presumir que a esposa do melhor amigo dele era um caso, depois ao ficar brincando com a minha aliança enquanto estava fora de órbita pensando no meu marido.

Eu não deveria estar aqui.

No momento em que esse pensamento me vem à mente, Aidan passa o braço pelos meus ombros e dá um leve aperto reconfortante.

Inundada de sensações, engulo em seco e olho para baixo, piscando rapidamente para conter as lágrimas.

– Tenho que ir ao banheiro. Kayla, quer vir comigo? – convida Deb.

A mulher é uma santa.

Meneio a cabeça, agradecida, então me levanto e vou atrás dela, sentindo o olhar de Aidan nas minhas costas enquanto nos afastamos da mesa.

Assim que entramos no banheiro feminino e a porta se fecha, encosto na pia, escondo o rosto nas mãos e solto um suspiro pesado.

Deb pousa a mão no meu ombro.

– Não se martirize por isso. Ele entende – diz ela.

Deixo as mãos caírem, olho para ela, impotente, e respondo:

– Entende o quê? Que sou uma idiota?

Os olhos castanhos de Deb são tão gentis quanto tudo nela. Com um sorriso dócil, ela diz:

– Ah, querida. Aidan também já passou por maus bocados. Ele sabe que a única maneira de superar é seguir em frente até chegar ao outro lado. Você vai conseguir. Só precisa confiar no processo.

Ela me dá espaço e vai para uma cabine. Fico encarando a porta fechada até ouvir a descarga e ela sair. Enquanto Deb está lavando as mãos na pia, digo:

– Ele contou mesmo tudo sobre mim para vocês.

Deb puxa uma toalha de papel do suporte sobre a pia. Secando as mãos, assente.

– Não é sempre que Aidan gosta de alguém, então você vai ter que me perdoar por ficar animada. Faz anos que não saímos com ele num encontro duplo.

Ela joga o papel amassado no lixo, então passa por mim e abre a porta do banheiro.

– Vamos, amiga. Se demorarmos muito, eles vão acabar vindo atrás de nós, preocupados. E pode acreditar que isso não seria nada legal.

– A parte de ficarem preocupados ou de virem atrás de nós?

Ela dá risada.

– As duas coisas.

Dou um sorriso, pensando que na verdade até gosto quando Aidan vem atrás de mim. Pega-pega é meu novo jogo favorito por causa dele.

Ao nos aproximarmos da mesa, Aidan e Jake param de falar subitamente. A julgar pela linguagem corporal dos dois e pela tensão no ar, interrompemos uma discussão. Deb e eu nos sentamos, um tanto receosas, e em seguida há um silêncio longo e constrangedor em que ninguém nem troca olhares.

Quando Jake faz cara feia em direção à minha mão esquerda, fico com a impressão de que sei qual foi o motivo da discussão.

Em tom agressivo, ele quebra o silêncio:

– Posso fazer uma pergunta, Kayla?

Aidan lança um olhar fulminante para ele e adverte:

– Deixa isso pra lá.

– Não, está tudo bem – digo. – Vá em frente.

Jake apoia os antebraços na mesa e aponta para Aidan quando diz:

– Este homem não merece ser enrolado.

– *Jake* – repreende Aidan com os dentes cerrados.

– Concordo, não merece mesmo. Qual é sua pergunta?

– O que é que você está fazendo?

– Como assim?

– O que você está fazendo com ele… – Jake faz uma pausa para lançar um olhar incisivo em direção ao meu dedo anelar – quando obviamente já tem outro tipo de compromisso?

Enfurecido, Aidan se dirige a mim:

– Não responde.

Então a Jake:

– Você está passando dos limites.

– Ele está apenas cuidando de você – digo em tom tranquilo.

– Não preciso que ninguém cuide de mim.

Quando Aidan e Jake trocam olhares hostis, Deb pousa a mão no braço do marido.

– Querido. Esquece isso – diz ela em tom brando.

Jake retruca, ríspido:

– Esquecer uma ova! Ele é meu melhor amigo. Eu já vi ele ficar na merda e tomar porrada da vida por tempo demais. E agora ele finalmente está num bom momento, depois de anos comendo o pão que o diabo amassou. – Jake desvia a atenção de Deb e crava um olhar frio em mim. – E aí você apareceu.

Ele baixa os olhos para meu dedo e lança um olhar acusador para a minha aliança.

– Mas que inferno! – grunhe Aidan.

Seguindo o exemplo de Deb, pouso a mão no braço tenso de Aidan. Com o coração acelerado, encaro os olhos furiosos de Jake e digo com toda a calma:

– Você perguntou o que eu estou fazendo. Eis a resposta: o melhor que posso, assim como todo mundo. Passei por uma transição enorme recentemente. Ainda não superei. Não sei quanto tempo isso vai levar. Mas, até lá, estou vivendo a minha vida e tentando entender tudo. Estou dando tempo ao tempo, apenas tentando resolver toda a confusão. Mas não tenho outro tipo de compromisso. Não tem mais ninguém.

Então me viro para Aidan e tomo coragem.

– E o que aconteceu hoje provou uma coisa pra mim. Ver você com o braço em volta da Deb, pensar que você estava com ela… – Engulo o nó na minha garganta. – Não quero que exista mais ninguém. Para nenhum de nós dois. Estou muito mais envolvida do que imaginava, e, pra ser bem sincera, isso me assusta pra caralho.

O sentimento refletido nos olhos de Aidan é avassalador.

Deb e Jake desaparecem. O restaurante desaparece. Tudo ao redor se desvanece em preto. Só existe Aidan e eu, sentados lado a lado, olhando para as almas despidas um do outro.

– Eu também. Tudo isso. Eu também – diz ele, a voz embargada.

– Eu sei – sussurro, lágrimas enchendo meus olhos.

Ele aninha meu rosto nas mãos.

– Mas você não precisa ter medo. Eu posso te levantar quando você cair. Eu sempre vou te levantar.

Aidan me despedaça e me cola de novo só com um beijo.

Jake solta um grunhido.

– Ah, puta merda. Agora parece que *eu* sou o cuzão.

– Você pode se redimir pagando a conta de todo mundo – sugere Deb. – Ah, e aí está a garçonete com as entradas! Chegou na hora perfeita. Vamos comer, pessoal.

Quando Aidan se afasta de mim, vejo uma figura familiar de relance no grande espelho retangular fixado na parede atrás da nossa mesa. Um homem alto

e macilento de sobretudo cinza e chapéu cobrindo os olhos está em pé próximo à porta do restaurante. Embora eu não consiga ver seus olhos, sinto que ele está olhando fixo na minha direção.

Ao me virar para encará-lo, o homem já sumiu.

29

– Kayla? Você está bem?

Aidan olha por cima do ombro, seguindo meu olhar. Eu me viro rapidamente para a mesa e forço um sorriso.

– Só pensei ter visto alguém que eu conhecia.

Não é mentira. Não que eu fosse admitir que alguém que eu achava que conhecia poderia ou não ser um fantasma, então vou manter esse sorriso bobo na cara até meus batimentos cardíacos voltarem ao normal e eu conseguir calar os gritos na minha mente.

Fantasmas não existem. Fantasmas não existem. Fantasmas não existem.

Meu Deus, por favor, não permita que fantasmas existam.

Começamos com as entradas. Jogamos conversa fora. Pedimos os pratos principais. Não presto muita atenção no restante do jantar, pois meu cérebro está preocupado em tentar resolver o enigma de quem seria o tal homem de sobretudo se não uma aparição de outra dimensão que está me perseguindo por toda a cidade.

Preciso mesmo de um psicólogo.

Quando terminamos de comer e nos despedimos de Deb e Jake, Aidan me conduz para fora do restaurante de braços dados comigo. Quando chegamos ao estacionamento onde está sua caminhonete, digo:

– Pelo visto eu não vou pra casa esta noite.

– Você vai ter sorte se eu te deixar ir pra casa algum dia.

Ah, meu Deus. Parece que estou mesmo encrencada. Imagino que aquele beijo à mesa não vai compensar o que aconteceu antes.

– Deixei a minha bolsa no carro – digo, nervosa.

Ele me encara com um olhar intenso, a energia crepitando.

– Pode deixar a bolsa lá. Você tem coisas mais importantes com que se preocupar.

Com certeza deu para escutar a minha engolida em seco.

O trajeto até o apartamento dele é tenso e silencioso. Fico o tempo todo abrindo a boca para dizer algo e fechando em seguida, perdendo as palavras. Quando chegamos, já está escuro e começando a chuviscar.

Ele estaciona, desliga o motor e se vira para mim, os olhos cintilando.

Como não diz nada, tomo a iniciativa:

– Sinto muito por não ter sido sincera quando você me perguntou o que havia acontecido.

Ele espera por maiores explicações, o silêncio é abrasador. Continuo:

– Eu deveria ter falado a verdade, mas… eu estava magoada. E com raiva. E me senti uma idiota.

– Você prometeu que não mentiria pra mim.

– Eu sei. Me desculpe – sussurro.

– Tudo bem. Mas o que vai acontecer da próxima vez? O que vai acontecer se eu fizer uma pergunta que você não quer responder? Você vai mentir pra mim de novo?

Estou ficando emotiva e passo a não confiar mais em mim mesma para falar, então apenas balanço a cabeça.

– Não, pensa bem nisso antes de responder. Você sente que não pode confiar em mim?

Olho para a garoa através do para-brisa e engulo as lágrimas.

– É em mim que não confio. A minha cabeça está uma confusão só. Eu não sei o que tem de errado comigo. Só sei que quero você. Quero você mais do que tudo, e não entendo como isso foi acontecer tão rápido.

Ele estende o braço e pega a minha mão. Apertando-a firme, murmura:

– Eu também. E estou tão assustado quanto você, coelhinha, mas não vou deixar que isso me impeça de aproveitar cada segundo. Você é a melhor coisa que já aconteceu comigo!

Ah, meu Deus… Ele está me matando. Vou morrer bem aqui no banco da frente desta caminhonete.

Escondo o rosto nas mãos. Ele me puxa para um abraço. Então

permanecemos ali em silêncio, rompido apenas pelo tamborilar da chuva no teto.

Depois de muito tempo, Aidan pergunta com a voz rouca:

– Pronta pra receber seu castigo?

Um tremor me percorre.

– Sim, mestre – sussurro.

Ele beija a minha cabeça e sussurra ao pé do meu ouvido:

– Boa menina.

O que acontece dentro do meu corpo quando ouço essas palavras não pode ser normal. Sinto formigamento, tremor, calafrio, uma infinidade de sentimentos. Mas tudo para bruscamente quando Aidan me solta e liga o carro de novo.

– O que você está fazendo? – pergunto, confusa.

Sua única resposta é sair do estacionamento e continuar dirigindo.

– Aidan?

– Estou te levando de volta até seu carro.

– O quê? Por quê?

– Você vai pra casa.

– Não estou entendendo. Por que eu vou pra casa?

Mas como ele simplesmente continua dirigindo em silêncio pela chuva, eu murmuro, desanimada:

– Porque esse é meu castigo.

Olhando atento pelo para-brisa, Aidan diz:

– Eu falei que te daria o que precisa, e isso pode não ser o que você quer. Neste momento, o que você precisa é de espaço.

– O que eu preciso é de você – sussurro, com o coração na garganta.

Retraindo-se como se estivesse com dor, ele balança a cabeça.

– Não quero que você olhe pra trás e pense que apressamos as coisas. Não quero que você se arrependa. Não em relação a nós. Então vamos voltar a engatinhar e dar pequenos passos.

– Acho que é tarde demais pra isso.

Ele me olha de relance. Mesmo na penumbra do carro, o olhar é tão intenso que queima feito fogo. Assim que volta a encarar a estrada e leva junto todo aquele calor, sinto um frio congelante. Quando chegamos ao restaurante e ele estaciona atrás do meu carro, já estou batendo os dentes.

Com o motor ligado, Aidan estende a mão e acaricia meu cabelo, depois aperta de leve a minha nuca.

– Vai lá – diz em tom suave.

– Por que estou sentindo que nunca mais vou te ver?

– Porque você é a rainha do drama. Agora tira essa sua bunda linda da minha caminhonete, coelhinha. Me liga quando tiver entendido tudo.

– Como assim? – A angústia torna a minha voz aguda e tensa. – O que isso quer dizer?

Ele se inclina, segura meu rosto entre as mãos e olha dentro dos meus olhos.

– Você vai saber quando estiver pronta pra tirar essa aliança. Até lá, a minha presença só vai deixar as coisas mais confusas pra você.

Ele me dá um selinho. Ao se afastar, leva meu coração junto.

– Agora vai – ordena bruscamente, olhando a chuva no para-brisa. – Quando estiver pronta, você sabe onde me encontrar.

Lutando contra as lágrimas, com o rosto ardendo e o coração palpitando, digo:

– Não quero que as coisas fiquem assim.

– Eu sei.

– Acho que podemos resolver isso de outra maneira.

– Eu não acho.

– Aidan, por favor!

– Sai do carro, Kayla.

Meu lábio inferior fica tremendo. Um choro de angústia está entalado no meu peito e não me deixa respirar. Olho para o rosto de Aidan de perfil, mas ele se recusa a olhar para mim. Fica apenas encarando a chuva com a mão apertando forte o volante e um músculo saltando no maxilar.

Preciso de toda a minha força de vontade para levar a mão à maçaneta. O que quero mesmo é me jogar em cima dele e segurar bem forte, mas sei que isso não vai me levar a lugar nenhum.

Quando Aidan bota alguma coisa na cabeça, não há como convencê-lo a mudar de ideia.

Abro a porta, saio e fico no meio-fio sob a chuva, olhando para ele.

Aidan abaixa a cabeça e exala com força. Sem olhar para mim, sussurra com a voz embargada:

– Porra, coelhinha, vai logo de uma vez.

Empurro a porta, que se fecha com um baque abafado. A caminhonete se afasta do meio-fio e se vai, ganhando velocidade até virar uma esquina e sumir de vista.

Direciono o olhar para o céu, fecho os olhos e deixo a chuva escorrer pelo meu rosto, se mesclando às lágrimas.

NÃO PREGO O OLHO À NOITE. Fico acordada na cama, observando as sombras brincarem no teto e ouvindo a chuva nas vidraças, sem conseguir tirar Aidan da cabeça e com o coração apertado por tê-lo perdido.

Eu poderia ligar, mas ele não atenderia. Poderia bater à porta do seu apartamento, mas ele não abriria. Poderia escrever uma carta e implorar e suplicar, mas sei que teria apenas silêncio em resposta.

Ele está fazendo isso por mim – por nós –, mas, droga, dói demais.

O melhor remédio é sempre o mais amargo.

Eu me arrasto da cama pela manhã e me obrigo a trabalhar. As horas passam tão devagar que parecem anos. Por volta das três, estou tão mal que encerro o expediente e vou ao prédio onde o Dr. Letterman atende, determinada a marcar uma consulta.

No meio do caminho, avisto a placa de uma vidente. Num impulso, encosto o carro no acostamento.

LEITURAS DA DESTINY!, anuncia o letreiro rosa neon que reluz da janela de um charmoso chalé amarelo com guarnições brancas. Sob o letreiro há o desenho grosseiro de uma bola de cristal levitando entre duas mãos. Gravadas abaixo estão as palavras: APENAS HOJE, $10! OFERTA ESPECIAL!

Embora eu desconfie que o cartaz fique na vitrine todos os dias, acho que dez dólares é um valor irrisório para que uma mulher chamada Destiny leia meu futuro.

No mínimo, vou ter uma boa história para contar.

Ao caminhar pela trilha de pedras até a porta principal, ouço um mensageiro dos ventos e sinto o cheiro doce de incenso. Me achando meio boba, toco a campainha. Após um momento, a porta se abre e uma idosa baixinha com rugas profundas no rosto aparece usando um conjunto de moletom roxo e tênis de

couro da mesma cor.

– Oi – digo, com um sorriso nervoso. – Eu estava passando e resolvi parar para uma leitura.

Após olhar para a esquerda, depois para a direita, a mulher fecha a porta na minha cara.

Interpretando isso como um sinal do universo para que eu desista da minha missão ridícula, dou meia-volta e saio andando. Mas a porta se abre novamente e a voz de uma mulher chama:

– Olá! Oláá!

Eu me viro e vejo à porta uma versão mais jovem da primeira mulher. É baixinha também, mas o cabelo preso no alto da cabeça em um coque feito de tranças intrincadas é preto em vez de branco, e em vez de um moletom roxo ela está com um vestido havaiano florido em verde-azulado e dourado.

Colares coloridos de miçangas de plástico pendem do seu pescoço. Pulseiras douradas adornam os dois braços, dos pulsos aos cotovelos. O batom é vermelho-vivo e o esmalte nas longas unhas de acrílico é prata cintilante. Salpicando todo o penteado há um punhado de pedras de strass que mais parecem enfeites de árvores de Natal.

É preciso uma dose significativa de autocontrole para que eu consiga manter a expressão séria.

Ela faz sinal com os dedos para mim e sorri. Com um sotaque arrastado e meloso do Sul (que desconfio não ser autêntico), diz:

– Pode vir, princesa.

– Já está aberto? A outra senhora não pareceu muito receptiva.

– Não liga pra mamãe, não. – Ela abana a mão, fazendo com que seus anéis grossos reflitam a luz. – A visão e a audição dela já não são lá essas coisas. Tento chegar na porta antes dela, mas a mulher é rápida feito uma lebre. – Entra, entra!

Acredito que o entusiasmo dela seja para compensar a portada na cara que levei e aceito o convite.

Ligeiramente sem fôlego, ela fecha a porta quando entro, depois vai toda esbaforida me conduzindo pelo corredor até uma sala, a empolgação emanando de cada poro do seu corpo.

Fico com a sensação de que ela não recebe muitos clientes em uma tarde de terça-feira.

Ou talvez nenhum.

– Pode sentar, meu bem – instrui ela, apontando para uma pequena mesa redonda com uma toalha de veludo preto e um par de cadeiras estofadas de veludo dourado e marrom. Sobre a mesa há um baralho e uma bola de cristal apoiada em um pedestal baixo de prata.

A decoração do espaço segue o que imagino ser o estilo padrão das cartomantes. Uma echarpe vermelha cobre a cúpula franjada de um abajur de chão. Uma étagère de vidro alta exibe uma impressionante coleção de cristais. Na janela, um par empoeirado de cortinas de seda bordadas a ouro, mantidas abertas por borlas, conferem ao espaço certo glamour medíocre, assim como os tapetes jogados no assoalho de madeira, com alguns sinais de desgaste mas ainda elegantes.

Diversas molduras com mapas astrológicos incompreensíveis adornam as paredes, assim como uma citação de Henry David Thoreau: "A questão não é o que você olha, mas o que você vê."

Ao lado da citação de Thoreau há uma imagem um tanto perturbadora de Jesus com a cavidade torácica aberta expondo o coração ensanguentado e cravejado de espinhos. Os olhos estão voltados para o céu em súplica.

Me sento à mesa, sorvendo a essência inebriante de patchuli enquanto olho ao redor tentando encontrar qualquer vestígio da minha sanidade.

Misericórdia, onde é que eu estava com a cabeça?

Minha anfitriã não me dá tempo para ficar remoendo meu arrependimento. Joga-se na cadeira à minha frente e se apresenta:

– Sou a Destiny, meu bem. E é um grande prazer conhecer você. Agora, me conta por que veio.

– Acho que eu gostaria que você lesse as cartas pra mim.

Ela torce o nariz.

– Ah, meu bem, isso você não precisa me dizer. Sei que você está aqui para uma leitura! A minha pergunta é: *por que* você precisa de uma leitura? Me conta o que está acontecendo na sua vida.

– Não deveria ser seu trabalho me dizer o que está acontecendo?

– Claro, claro, mas preciso fazer uma pergunta ao tarô. – Ela aponta para o baralho na mesa entre nós. – É preciso colocar uma intenção na leitura, entende? Tem todo um processo para isso. Temos que seguir à risca.

Tento responder com o devido respeito.

– Claro. Hum… Bem, acho que a minha pergunta seria… O que eu devo fazer?

Destiny bate os cílios postiços para mim como se me acusasse.

– Enquanto faço a purificação das cartas, você pode pensar em como tornar a sua pergunta mais específica.

Ela dá início a um elaborado ritual de "purificação", que consiste em soprar o baralho primeiro, depois colocar vários cristais em cima dele enquanto murmura palavras ininteligíveis. Assim que termina, embaralha o maço, bate a borda inferior na mesa três vezes para alinhar as cartas e coloca o baralho à minha frente com um floreio teatral.

Observo o maço de cartas com cautela, esperando ver um globo ocular me encarando por entre os pergaminhos e as videiras retorcidas que ilustram o verso.

Destiny vai à janela e fecha as cortinas, mergulhando o cômodo em penumbra enquanto penso o que exatamente quero perguntar. Então me lembro de Aidan me dizendo que preciso entender tudo, e a minha pergunta se cristaliza.

Tenho perdido tanto tempo de luto, revivendo o passado em vez de seguir em frente, que deixei de focar na única coisa que poderá me trazer paz.

O desapego.

Destiny se senta novamente.

– Você já sabe qual é sua pergunta, meu bem?

– Sei.

– Pergunte ao tarô.

– Como faço para superar a perda do meu marido?

– Ótimo. Corte o baralho ao meio, depois junte de novo e espalhe as cartas em meia-lua.

A voz dela soa abafada agora. O nível de empolgação parece ter aumentado. Mesmo na penumbra, consigo ver as gotas de suor se acumulando acima do lábio superior.

Depois que sigo suas instruções, ela continua:

– Agora, pegue três cartas e as coloque à sua frente, da esquerda para a direita, revelando-as na mesma orientação em que estão no baralho, sem virá-las de cabeça para baixo.

Leva um segundo até a minha cabeça processar a nova instrução, porque meu cérebro está parecendo macarrão empapado. Mas consigo obedecer e deixá-la satisfeita.

Pelo menos *acho* que está satisfeita. Poderia também estar sofrendo um ataque cardíaco.

A única reação visível de Destiny são os olhos arregalados, e há algo arrepiante naquele olhar. Fico inquieta ao ver como ela passou de animada para petrificada em meros segundos.

Seguindo o olhar dela, corro os olhos pelas cartas que peguei.

A da esquerda mostra uma pessoa caída no chão com uma fileira de espadas cravadas nas costas. A do meio retrata um casal nu de mãos dadas sob uma árvore, mas a carta está de frente para Destiny, não para mim.

A da direita é a mais esquisita. É um esqueleto de ponta-cabeça com uma armadura completa e uma foice na mão ossuda, montando um cavalo, e, cara, isso é esdrúxulo pra cacete e não ajuda em nada meu estado mental já fragilizado.

Olho para Destiny.

– E aí? O que isso quer dizer?

Sussurrando, ela responde:

– Você tem um par de arcanos maiores, o que por si só já é significativo. – Ela aponta para o esqueleto assustador e para o casal nu. – Os arcanos maiores representam influências cármicas e o que está acontecendo na jornada da alma rumo à iluminação. É um chamado para que você interiorize lições importantes. Mas, quando invertidas, indicam que você não está prestando atenção suficiente. E aqui os dois arcanos maiores estão invertidos. É uma combinação muito complexa.

Já estou começando a não gostar nada disso.

– Complexa quer dizer ruim? – pergunto.

Ignorando minha fala, Destiny aponta para a carta com o cara cheio de espadas nas costas.

– A carta à sua esquerda é seu passado. Este é o Dez de Espadas. As espadas carregam uma energia masculina poderosa que se relaciona com a mente. Como você a tirou nesta posição, ela indica crise, perda, feridas profundas, finais dolorosos…

Ela dá uma olhada para mim.

– Traição.

A pele da minha nuca se arrepia.

Em seguida, Destiny aponta para o casal nu.

– A carta do meio é seu presente. Você tirou Os Amantes, carta que normalmente representa um equilíbrio de forças, energias complementares, confiança em um relacionamento, harmonia e resistência. Mas aqui ela está invertida, o que indica desarmonia e desequilíbrio. O que quer que esteja acontecendo em sua vida amorosa lhe causará muita dor.

Sensacional. Simplesmente sensacional. Nem mesmo um baralho idiota me dá uma folga.

Destiny aponta para a carta à minha direita, o esqueleto com armadura a cavalo.

– Essa carta representa seu futuro.

Diante do silêncio dela, pergunto impaciente:

– E o que significa?

– Morte.

Ficamos nos encarando enquanto ouço o tique-taque do relógio na parede e meu coração acelera descontrolado.

Desesperada por uma migalha de revelação positiva, argumento:

– Mas está de ponta-cabeça. Isso não significa vida ou algo assim? Quando a carta está invertida, não quer dizer o oposto?

Ela balança a cabeça, os enfeites no cabelo tremelicando.

– A morte é uma carta muito mal compreendida. Não representa simplesmente o fim da vida. Tem a ver com novos começos, transformação e mudança. A metamorfose de um estado para outro. Quando a carta da Morte está invertida, significa que você está resistindo à mudança. Sua vida sofreu uma grande reviravolta, mas você não está deixando o passado para trás. E quanto mais você se recusar a fazer isso, mais angustiante sua situação vai ficar. Você tem que expurgar a bagagem do passado da sua vida antes que ela se torne um peso permanente sobre você.

Expurgar a minha bagagem? Tipo um enema psíquico?

Confusa, me recosto na cadeira e solto o ar.

Destiny sugere gentilmente:

– Às vezes, tirar mais uma carta pode ajudar a entender melhor o que a carta

da Morte quer que você deixe para trás.

Olho para o leque de cartas e penso que preferia arrancar um dos meus próprios dedos com uma faca cega a ouvir mais revelações deprimentes.

– Vai em frente – insiste ela. – Vai ser bom pra você.

Dou uma bufada.

– Bom como um tratamento de canal?

– Escolha uma carta, meu bem.

Merda. Bem, é melhor fazer valer minhas dez pratas, então.

Hesitante, estendo a mão e a deixo pairar sobre o baralho, tentando captar algum tipo de sinal cármico. Como nada acontece, apenas pego uma carta que está um pouco fora do alinhamento e a coloco aberta à direita da carta da Morte.

– Ah. O Mago.

Parece que Destiny gostou, o que faz com que eu me sinta melhor.

– É bom? – pergunto.

Ela dá de ombros.

– Bem, é outro arcano maior, e está invertido, então é complicado.

– Claro que é complicado.

Ignorando meu tom de derrota, ela continua:

– Mas, resumindo, significa que o que você precisa deixar para trás são suas ilusões.

Franzo a testa e pergunto:

– Que ilusões?

Destiny encontra meu olhar. Há algo muito triste em seus olhos.

– Só você pode responder a essa pergunta, meu bem. Você perguntou ao tarô como poderia superar a perda do seu marido. Meu conselho, com base nesta leitura, é que você dê uma boa olhada naquilo que não quer deixar para trás. – Ela bate a unha sobre o Dez de Espadas. – Há uma traição aqui. Talvez seja isso.

Balanço a cabeça.

– Não. Isso não faz sentido. Michael nunca me traiu.

– Tem certeza?

Me vem à mente a lembrança daquela vez em que a mulher xingou Michael de canalha na festa de confraternização do trabalho. Sharon ou Karen ou sei lá qual o nome dela, a mesma mulher que ficou atrás de mim no funeral dele e chorou.

Afasto a memória e afirmo sem hesitar:

– Tenho certeza. Tem a ver com outra coisa.

Destiny me olha como se soubesse todos os meus segredos e eles a estivessem deixando mesmo na fossa.

– Tudo bem, querida. Você é quem sabe. Apenas reflita sobre isso por um tempo quando for embora. Pense bem a respeito. E, enquanto isso, vou orar por você.

Por que diabos as pessoas ficam me dizendo que vão orar por mim? Fiona disse a mesmíssima coisa!

Irritada, eu me levanto. É quando percebo que deixei a bolsa no carro.

– Me desculpe, mas tenho que ir até o carro para pegar seu dinheiro.

Destiny se levanta também, colocando as mãos na cintura e sorrindo para mim.

– Ah, não foi nada, meu bem. A leitura fica por minha conta.

Então agora estou ganhando desconto por pena, assim como fez Eddie, o faz-tudo. Devo estar muito pior do que imagino, já que a minha cara inspira tanta caridade.

– Obrigada. É muito gentil de sua parte.

Eu me afasto, ansiosa para sair de lá. Destiny não se oferece para me acompanhar até a porta. Fica apenas parada ali com um sorriso tristonho, o que faz com que eu me sinta pior do que quando entrei.

Quando estou fechando a porta, ela grita:

– Vai com Deus, meu bem!

Por alguma razão, essa foi a coisa mais sinistra de todas que ela me disse.

30

Prezado Dante,

Como pode ver, a minha curiosidade sobre você falou mais alto. Espero que você esteja bem quando receber esta carta. Eu, por outro lado, não ando muito bem. Na verdade, acho que já passei da fase de não estar muito bem e aterrissei direto na cidade de Loucópolis, nos Estados Unidos, onde agora concorro ao cargo de prefeita.

Você já sentiu que perdeu o controle da sua vida? Como se forças invisíveis estivessem ditando as regras e você não passasse de uma marionete dançando desgovernada, sendo sacudida pra cá e pra lá?

É assim que eu me sinto! Impotente. Perdida em uma tempestade.

E um tanto patética, porque a única pessoa com quem posso me abrir é alguém que nunca conheci. Que está atrás das grades por motivos que desconheço. Que pode até ser um assassino em série. (Não foi uma alfinetada. Só estou pontuando os fatos.)

Mas talvez seja melhor assim. Duvido que eu pudesse contar a alguém que uma cartomante chamada Destiny me disse que tenho uma bagagem psíquica, contar que a minha faxineira está tentando me convencer de que estou sendo assombrada e que estou considerando seriamente a ideia de fazer uma sessão espírita porque nada "normal" faz mais sentido. A normalidade bateu asas e voou quando meu marido morreu.

Para completar… estou me apaixonando.

Isso só aconteceu comigo uma vez antes, então não sou lá uma grande especialista no assunto. Tudo o que sei é que me sinto incrível quando

estou com ele e uma merda quando não estou. Adoro fazê-lo sorrir e odeio deixá-lo triste – o que, infelizmente, pareço ter o dom de fazer.

Estou muito perdida, Dante. Você tem algum conselho sábio para mim?

Atenciosamente,
Kayla

31

Prezada Kayla,

Você perguntou se eu tenho algum conselho sábio para você. A resposta é sim.

Você não está controlando a tempestade e você não está perdida nela. Você é a tempestade.

Eu adoraria que essa citação fosse minha, mas é de um escritor chamado Sam Harris. Ele argumentava que o livre-arbítrio é uma ilusão – tenho certeza de que você vai concordar que é uma visão muito deprimente. Ignorando a perspectiva filosófica sombria, no entanto, gosto muito da ideia de que o caos está dentro de nós. Ele está sempre presente, mesmo que a gente não perceba.

Você é o caos. Você é a tempestade. Você é quem cria os ventos fortes e os mares turbulentos pelos quais precisa navegar. Você é a fonte de tudo o que está acontecendo.

Em outras palavras, você é quem tem o poder.

A questão, então, é: o que você vai fazer com isso?

Sam Harris diria que desmantelei totalmente o argumento dele e que não faço ideia do que estou falando, mas não vamos dar ouvidos a ele.

Ouça a si mesma, Kayla. Pare e ouça de verdade.

Você é a tempestade.

O que todos os seus trovões e relâmpagos estão lhe dizendo?

Dante

32

Desconto a raiva na carta que está na minha mão.

– Se eu soubesse o que todos os meus trovões e relâmpagos estão me dizendo, eu não teria te pedido conselhos!

Talvez Dante tenha sido preso por ser mortalmente irritante.

Por que é que fui levada a pedir conselhos a ele, afinal de contas? O homem é a definição perfeita de enigmático. Claro, a curiosidade desempenha um papel importante no motivo de eu ainda estar me comunicando com esse sujeito, mas não é só isso. Existe alguma razão subliminar que não consigo desvendar.

Algo quase… inescapável. Inevitável.

Como se nossa ligação fosse regida pelo destino.

Com um suspiro de frustração, bato com a carta na mesa e, prostrada, encaro a tarde chuvosa pela janela.

Droga de chuva que não para. É como se o tempo estivesse envolvido num complô maligno para me deixar ainda mais louca do que já estou.

Já faz duas semanas que não falo com Aidan. Cada dia que passa é mais triste e deprimente do que o anterior. Desenvolvi um caso grave de insônia para acrescentar à minha lista de problemas e ainda não encontrei um terapeuta.

Outro dia fui ao prédio onde Eddie disse que o Dr. Letterman atende, mas não havia nenhum Dr. Letterman lá.

Para ser sincera, nem sei por que fui pedir ajuda àquele maconheiro do Eddie. É bem provável que exista apenas um neurônio vivo no cérebro dele. Não que eu esteja em posição de julgar. Tenho bebido tanto vinho que deveria comprar ações da indústria vinícola.

Quando ouço gargalhadas, ergo a cabeça e olho em direção à janela. A

gargalhada ecoa de novo, alegre e borbulhante, embora eu não consiga ver ninguém no quintal. Curiosa, vou até a janela e espio lá fora.

O garotinho loiro de capa de chuva vermelha corre pelo gramado diante dos meus olhos.

Dou um pulo e me jogo contra a parede, batendo as costas. Meu coração dispara. A adrenalina inunda minhas veias, me deixando trêmula.

Se no passado alguém me dissesse que a visão de uma criança alegre causaria tanto horror à minha alma, eu teria rido na cara dele. Nem o sujeito de sobretudo me assusta tanto assim.

Não é um fantasma. Ele está feliz demais para ser um fantasma. Fiona não disse que os espíritos presos nesta dimensão costumam ser tristes?

Em pânico, tento me convencer de que estou sendo ridícula, mas não adianta.

Então me vem um pensamento tão horripilante que faz meu coração acelerado congelar de repente.

Será que é o bebê que perdi?

Estou sendo assombrada pelo espírito do meu filho morto?

Sei que não faz sentido. Sofri um aborto. Meu filho nem tinha nascido ainda, muito menos começado a andar. Mas o que é que eu sei sobre fantasmas? Será que eles continuam se desenvolvendo e se transformam nas pessoas que teriam sido em vida?

Mas onde arranjariam roupas? Será que esse garoto passou em alguma loja infantil de outro mundo para escolher sua capinha de chuva e as galochas amarelas?

Tapo os olhos e solto um grunhido.

– Para com isso, Kayla! Aquilo *não* é um fantasma! Agora vá lá encontrar a mãe dele!

O som da minha voz reduz um pouco do meu pânico, o suficiente para me dar coragem de agir. Endireito os ombros, respiro fundo e volto à janela.

O garotinho loiro está a alguns metros de distância, olhando direto para mim.

Trocamos olhares através do vidro. Sinto como se meu coração estivesse prestes a romper a caixa torácica. Está batendo tão rápido que mal consigo respirar.

Por que ele é tão assustador?

O garoto aponta para mim, solta um berro agudo e horripilante; a boca escancarada e os olhos azuis esbugalhados de terror. Então ele se vira e sai em disparada, sumindo de vista. Fico parada, hiperventilando, até que a raiva me domina.

– Foda-se você também, moleque! – grito à janela.

Imediatamente, tapo a boca. Não posso ser a velha que fica xingando as crianças que passam no meu gramado. Tinha uma mulher assim na minha rua quando eu era criança e todo mundo a odiava.

Corro pela casa até a porta dos fundos. Atravessando-a de uma vez, passo pela varanda e olho ao redor. Nenhum sinal do menino. Corro para a esquerda e olho na lateral da casa, mas ele também não está ali. Então vou para a outra direção, a minha respiração fumegando em uma nuvem branca no ar frio.

Não há sinal dele no outro lado da casa. Também não o vejo no jardim da frente quando procuro lá. Não está se escondendo nos arbustos nem correndo pela rua.

Ele evaporou.

Molhada e trêmula na entrada de carros, sinto uma presença atrás de mim. Quando me viro, estou sozinha.

Então por acaso olho para o segundo andar.

Da janela do meu quarto, o garotinho loiro está olhando para mim aqui embaixo.

Fantasmas não existem. Fantasmas não existem. Fantasmas não existem.

Com a chuva castigando meu rosto erguido, grito:

– Não saia daí!

Ele se afasta da janela e some de vista.

Rangendo os dentes, corro de volta para dentro da casa, subo as escadas até o segundo andar saltando dois degraus por vez e entro com tudo no quarto.

Está vazio.

Reviro a casa, procuro em cada canto e esconderijo, mas aquele pequeno filho da mãe desapareceu.

Quando acesso a filmagem da câmera, não há nada além de estática.

Muito abalada com o encontro, saio pela casa verificando obsessivamente as trancas, fechando as cortinas e, de modo geral, agindo como a paranoica que

estou me sentindo. Presumo que o menino tenha entrado pela porta dos fundos depois que passei por ela, mas não consigo encontrar uma explicação para como ele saiu. Era para eu ter dado de cara com ele descendo a escada, mas não.

Ele literalmente evaporou.

Eu poderia ligar para Jake pedindo que instalasse mais câmeras no interior da casa, mas, visto o desastre que foi nosso último encontro, duvido que seja uma boa ideia.

Então me sirvo uma taça de vinho, me tranco no banheiro e preparo um banho de banheira. Agachada em meio às bolhas, seguro a taça transbordante com as mãos trêmulas e tento determinar exatamente quando foi que comecei a ficar louca.

Porque já não consigo mais me convencer de que tenho uma noção clara da realidade. Se estou considerando mesmo que o fantasma de uma criança de 5 anos está me assombrando, eu perdi o juízo.

Quando as luzes acima da pia piscam três vezes, sufoco um grito e viro a taça de vinho inteira, com uma dor que parece mortal e precisando de Aidan ao meu lado.

NESSA NOITE, SONHO que estou me afogando.

É vívido e horripilante. Acordo suando, com um grito preso na garganta.

Nas três noites seguintes, tenho o mesmo sonho. Sábado de manhã, estou um caco. Não tenho conseguido trabalhar nem um pouco. Cada mínimo rangido da casa me arrepia até o último fio de cabelo. O cheiro de queimado quando uso a secadora se tornou um fedor pútrido, como de esgoto.

Só que, no meu estado de nervos, o odor lembra carne podre.

Quando investigo, não consigo encontrar de onde ele vem.

Se ligo a televisão, ela desliga sozinha. Cada rajada de vento lá fora provoca uma corrente de ar frio pela casa que faz as cortinas ruflarem e sussurrarem. Pelo menos *acho* que é isso que está produzindo aquele som murmurante, pois tenho muito medo de conferir.

Ando tão assustadiça e estressada que grito quando uma mosca pousa no meu braço.

Desesperada por contato, mando uma mensagem para Aidan:

Estou com saudades.

Fico tanto tempo esperando uma resposta que começo a achar que ele não vai responder. Mas então um som de mensagem faz meu coração pular na garganta.

Estou com saudades também.

Ele envia o emoji de coelho branco junto com o texto. Por algum motivo estranho, meus olhos se enchem de lágrimas.

Posso passar aí?

Desta vez, a resposta é instantânea:

Você ainda está usando a aliança?

Não.

Você tirou agora, antes de me responder?

Merda. Por que esse homem tem que ser tão insuportavelmente esperto?

Por favor, Aidan. Preciso te ver. Por favor.

Me desculpe, coelhinha.

Fito a tela, mordendo o lábio. Ele não parece muito taxativo. Talvez eu precise adoçar a proposta.

Posso, por favor, passar aí… mestre?

Meu telefone permanece em silêncio.

Fico pensando se eu deveria mandar uma foto da minha bunda ou dos meus peitos, mas a ideia de tirar uma série de nudes pouco lisonjeiras numa busca desesperada por uma foto boa o bastante para convencer um homem a me deixar sair correndo atrás dele me faz ficar ainda mais deprimida do que antes.

Como foi que cheguei a esse ponto na vida? Que merda foi essa que aconteceu comigo?

Quando a campainha toca e não vejo ninguém do outro lado da porta ao abri-la, decido que a única coisa lógica a fazer é encher a cara.

Se é para enlouquecer, não tem por que passar por isso sóbria.

– KAYLA? KAYLA, QUERIDA, você está me ouvindo?

Abro os olhos e vejo Fiona debruçada sobre mim com uma expressão preocupada no rosto. É de manhã – pelo visto, segunda-feira de manhã – e estou deitada de bruços no sofá da sala de estar com uma dor de cabeça infernal e gosto

de cinzeiro na boca.

– Nossa! – exclama ela, com uma risadinha. – Você está um trapo. Andou tomando umas e outras no fim de semana, não foi, querida?

– Foi mais do que umas e outras.

Eu me sento. A sala se inclina, e meu estômago acompanha com uma guinada. Cubro a boca com a mão e solto um arroto alto, nada educado.

– Está tudo bem?

– Ah, sim, tudo maravilhoso.

Ela faz bico e me lança um olhar de desaprovação.

– Devo dizer que o sarcasmo não lhe cai nada bem.

– Você vai ter que me dar um desconto. Acabei de perceber que meu cérebro foi pro beleléu. Pior ainda, acho que já faz um tempinho.

– Não tem nada de errado com seu cérebro, minha querida. Agora, saia desse sofá e se recomponha. Não gosto de ver você amuada.

– Não estou amuada – murmuro, sabendo que é exatamente assim que estou.

Quando Fiona se vira para sair, pergunto:

– Tudo bem se eu te pedir um conselho pessoal?

Surpresa, ela dá meia-volta.

– Claro. O que foi?

Solto um suspiro e passo a mão pelo cabelo. Me inclinando para a frente, apoio os cotovelos nas coxas e mantenho o olhar no carpete enquanto organizo os pensamentos.

– Quando alguém diz que está dando espaço para você, mas você não quer o espaço que essa pessoa está tentando dar, o que você faz?

– Você quer dizer que alguém fechou uma porta, mas você quer ela aberta?

Faço que sim, gostando da analogia.

Quando ergo os olhos, encontro o olhar suave e solidário de Fiona.

– Minha querida menina. Você precisa bater – responde ela em tom dócil.

Neste instante, a campainha toca.

Fiona sorri.

– Ou tocar a campainha. Vou atender.

Quando ela se vira e se afasta, grito:

– Não vai ter ninguém lá fora!

– Nunca se sabe – responde, rindo como se de uma piada interna.

Fiona sai da sala. Instantes depois, volta, balançando a cabeça.

– Bem, você acertou. Não tinha ninguém lá fora. – Ela faz uma pausa, olhando para mim com um ar significativo. – Pelo menos isso eu vi.

Solto um grunhido e deixo a cabeça cair nas mãos.

– Está bem. Você venceu. Vamos fazer a sessão espírita.

A campainha toca novamente. A televisão liga num volume estratosférico. Do corredor vem o som inconfundível de uma lâmpada estourando em um dos lustres.

Fiona diz, em tom sombrio:

– Acho uma ótima ideia.

33

Prezado Dante,

Obrigada pelo conselho. Devo dizer, no entanto, que foi um conselho de merda. "Você é a tempestade. O que todos os seus trovões e relâmpagos estão lhe dizendo?" Isso era mesmo para ajudar? Pois não ajudou.

Por favor, me perdoe pela grosseria, mas é que a minha vida está desabando. Ou melhor, já desabou. Estou apenas vagando entre destroços, levantando poeira e cortando o pé em cacos de vidro.

Aliás, que história foi aquela de amor que move as estrelas e as rodas? Aquilo foi confuso pra caramba. Na verdade, todas as suas cartas são confusas. Ainda não entendi o que você quer de mim ou por que pensou que deveríamos ser correspondentes ou como foi que você me encontrou para início de conversa. Já nem sei bem o que é real e o que não é. Não sei nem se essas cartas são reais. Quem sabe não estou trancafiada em uma instituição psiquiátrica encarando as paredes almofadadas do meu quarto, inventando tudo isso na minha cabeça? Pelo menos é o que parece. Sinto que soltei a corda que me mantinha presa ao cais, e agora estou sozinha à deriva em uma canoa furada cercada por tubarões famintos. E o vento está ficando mais forte. E está começando a chover.

Estou afundando, Dante. Estou afundando.

O que preciso mesmo é de um colete salva-vidas.

Kayla

34

Fiona me avisa que podemos realizar a sessão espírita amanhã, pois será noite de lua cheia. Diz que estou com sorte por conseguirmos uma data tão rápido.

Não sinto que estou com sorte. Sinto que estou amaldiçoada. No entanto, não digo isso em voz alta porque não quero dar chance ao azar.

Passo o resto desse dia e o seguinte em estado de grande ansiedade, volta e meia olhando para a minha mão esquerda. Toda vez fico surpresa ao ver que a aliança ainda está no meu dedo.

Aidan estava certo quando deduziu que eu a havia tirado antes de responder sua mensagem. Não quero mentir para ele de novo, então tive que usar a criatividade. Mas a coloquei de volta quando ele não me respondeu, e ainda não descobri por quê.

Embora eu jamais vá admitir para ele, algo pareceu errado quando tirei a aliança.

Foi como se a própria casa perdesse o fôlego de tanto horror. Isso obviamente é fruto da minha imaginação fértil, mas foi o que senti. Em algum momento nos últimos meses, esta casa deixou de ser apenas um conjunto de cômodos sob um teto com goteiras. Ganhou uma presença que consigo sentir fisicamente.

Esta casa tem uma pulsação, e esse coração sombrio pulsa por mim.

Acho que ela quer alguma coisa.

Acho que está tentando me enviar uma mensagem.

Outro pássaro azul cometeu suicídio na janela do meu escritório. Pareceu simbólico, então pesquisei o significado de "gaio azul morto" na internet. Isso

mesmo, estou tão desesperada que recorro à internet em busca de ajuda. Enfim, acontece que esses pássaros têm profunda ligação com a espiritualidade e costumavam ser vistos pelos nativos americanos como mensageiros dos deuses. Ver um deveria trazer boa sorte.

A menos que esteja morto, o que nesse caso quer dizer que você está fugindo dos seus problemas.

Ah, se eu ao menos pudesse fugir mais rápido…

– OLÁ, KAYLA. É um prazer enorme conhecer você. Eu sou a Claire.

Fico parada na soleira da porta aberta olhando para a irmã de Fiona e pensando que devo estar com visão dupla. Elas são idênticas, até as covinhas das bochechas. Têm o mesmo cabelo grisalho curto, os mesmos olhos azuis brilhantes, as mesmas pernas roliças e o mesmo sorriso alegre.

São tão parecidas que é até estranho. Se Fiona ficasse doente um dia e mandasse Claire para limpar a casa no lugar dela, eu nem perceberia. A única diferença é que Claire está carregando uma bolsa de tecido preto e Fiona, um guarda-chuva.

– É um prazer conhecer você também. Por favor, entre.

Dou passagem para a dupla e em seguida fecho a porta diante do entardecer tempestuoso.

– Você não me contou que tinha uma irmã gêmea, Fiona.

Ela deixa o guarda-chuva no suporte ao lado do aparador e sorri.

– Não somos gêmeas – responde ela.

– Eu poderia jurar que são.

Claire dá umas mexidas no cabelo e diz:

– Que absurdo! Eu sou muito mais bonita.

Elas trocam olhares afetuosos, então cada uma tira seu casaco de lã azul idêntico ao da outra em movimentos quase que sincronizados. Enquanto Fiona pendura os casacos no closet do hall de entrada, Claire se vira para mim e me olha de cima a baixo com curiosidade.

– O que foi? – pergunto, nervosa, imaginando se a minha camisa está manchada ou se tem espinafre nos meus dentes.

O sorriso dela é gentil.

– Fiona me falou tanto de você que é como se já fôssemos velhas amigas.

– Ah. Bem, para ser sincera, eu inclusive estou precisando de amigos. A minha vida está de cabeça pra baixo.

Ela dá uma risadinha.

– Não se preocupe, querida. Você está em boas mãos. Tenho me comunicado com os espíritos desde meus 4 anos, então vamos descobrir o que a daqui quer e ajudá-la a seguir logo o próprio caminho.

Ignorando o choque por essa coitada ter passado a vida inteira conversando com os mortos, corrijo-a:

– Ótimo. Só que os espíritos que estão me assombrando são do sexo masculino. – Dou uma risada nervosa. – Não acredito que acabei de dizer isso.

– Ah, claro, me desculpe. É que tenho mais duas sessões hoje e acabei trocando as bolas.

– Duas? – repito, pasma.

Ela aponta para o teto.

– É muito corrido pra mim durante a lua cheia. E nem me fale nos solstícios e equinócios! A minha agenda já está lotada com um ano de antecedência.

Ao ver a minha expressão, ela se explica:

– Médiuns experientes são muito requisitados. Você não acreditaria na quantidade de gente que morre e se recusa a passar para o Outro Lado.

Não sei o que dizer, mas, mesmo sendo uma loucura, sinto que isso merece uma resposta educada.

– Fico feliz em saber que os negócios vão bem.

Fiona retorna e pergunta a Claire:

– Quer fazer uma varredura na casa antes de começarmos, para ver se sente alguma coisa?

Claire balança a cabeça.

– Não será necessário. Já estou captando uma energia muito forte. – Ela aponta em direção ao corredor. – O que tem pra lá?

– O meu escritório. E o do meu marido.

Ela e Fiona trocam olhares significativos.

– Não me venham com essa coisa de telepatia de gêmeas. Já estou surtando aqui. O que foi esse olhar?

Claire responde:

– Não quero te alarmar, querida, mas… – Ela hesita, fazendo uma cara de quem precisa ir correndo ao banheiro mais próximo.

Ai, meu Deus, se a situação for ainda pior, vou me jogar do telhado.

– Diga.

– Acho que devemos realizar a sessão no escritório do seu marido.

O estrondo de um trovão distante faz as janelas sacudirem. Claro que isso ia acontecer justo agora, já que até a droga do tempo quer me ver enlouquecer.

– Por quê?

Ela e Fiona trocam aquele olhar esquisito de novo.

– Porque estou sentindo que é lá que o espírito quer que aconteça.

Ficamos nos encarando. Ninguém diz nada por um momento até que quebro o silêncio.

– Claire, vou perguntar uma coisa agora e quero que você seja totalmente sincera comigo.

– Pois não.

– Isso é alguma picaretagem?

– Ah, não, querida – responde ela com veemência, balançando a cabeça. – Eu garanto a você, está longe de ser picaretagem.

– Está bem. Vamos fazer a sessão no escritório do Michael. Mas caso o Fantasma do Natal Passado apareça, não posso ser responsabilizada se eu perder as estribeiras e der umas bordoadas nele com o objeto mais pesado que estiver por perto. Vamos acabar logo com isso.

Eu me viro e percorro o corredor, ouvindo os passos das duas atrás de mim e me perguntando se seria uma deselegância espiritual beber vinho durante a sessão.

Tenho a impressão de que vou precisar de uma boa dose de bebida antes de isso acabar.

Abro a porta do escritório e acendo as luzes. Dando passagem para Fiona e Claire, percebo como está frio aqui. Parece uma câmara frigorífica.

– Me desculpem pela temperatura – digo, trêmula.

Me ignorando, Claire circula pelo cômodo, analisando as coisas enquanto Fiona e eu a observamos. Ao colocar a bolsa em uma cadeira de visitas, ela aponta para a mesa redonda ao lado.

– Podemos mover isso para o centro da sala?

– Para que precisamos dela?

– Uma mesa redonda é mais favorável.

Nem me preocupo em perguntar para o que é favorável, já que aterrissamos oficialmente em Doidolândia. Em terra de loucos, o mais maluco é rei.

Enquanto Fiona e eu arrastamos a mesa, Claire abre a bolsa. Dela, tira uma toalha preta e a sacode, murmurando alguma coisa. Só posso presumir que são feitiços. Em seguida, estende-a sobre a mesa, ajustando para que toda a volta fique nivelada ao chão, então retorna até a bolsa e pega três velas brancas, que posiciona no centro da mesa. Depois traz uma pequena cumbuca de bombons desembrulhados, que coloca ao lado das velas.

– Os bombons são pra quê?

– Uma oferenda para o espírito – responde Claire, como se fosse óbvio.

Não consigo deixar de contestar esse absurdo com um pouco de lógica.

– Como é que o espírito vai comer se ele não tem boca de verdade?

– Ah, mas o espírito não *sabe* que não tem mais uma boca de verdade, não é mesmo?

Quando olho para Fiona, ela dá de ombros.

– Uma trégua nesse ceticismo não lhe faria mal, querida.

– Um garrafão de Cabernet também não – resmungo.

– Nada de comer ou beber durante a sessão! – repreende Claire, acendendo as velas. Em seguida me lança um olhar severo por cima dos óculos. – Nada de joias também. Você vai ter que tirar isso – ordena, apontando com o queixo para a minha aliança. – Além de qualquer outra coisa que esteja usando. Desligue os aparelhos eletrônicos também, por favor. Fiona, pode diminuir as luzes?

Fico esperando que ela apague a luz principal do teto e deixe as outras lâmpadas acesas, mas Fiona desliga tudo, mergulhando o cômodo na escuridão, rompida apenas pelo brilho bruxuleante das velas sobre a mesa.

O estrondo de um trovão distante ecoa pelo céu novamente, mais alto desta vez. Uma súbita rajada de vento uiva por entre as árvores lá fora. A chuva tamborila nas janelas, escorrendo como lágrimas prateadas.

Se Claire estava querendo uma atmosfera sinistra, acertou em cheio ao escolher esta noite.

– Puxem uma cadeira – ordena ela, colocando um bloco de papel e um lápis sobre a mesa.

Pego a cadeira que Michael usava na escrivaninha e me sento nela. Fiona arrasta uma cadeira do canto da sala e se acomoda à minha esquerda. Claire pega a cadeira de visitas, retira sua bolsa do assento e a deixa no chão. Então se senta e olha para mim.

– Querida?

– Pois não?

– Você precisa tirar a aliança.

– Ah, claro. Me desculpe.

Tiro a aliança e a enfio no bolso de trás da calça jeans. Claire parece insatisfeita.

– Ela não pode estar junto do seu corpo. Que tal colocar ali em cima da escrivaninha?

Não entendo por que isso é tão importante, mas não quero perder a chance de descobrir o que o fantasma que não existe e não está me assombrando quer, então tiro a aliança do bolso e a coloco sobre o bloco de anotações na mesa de Michael.

Bem ao lado do jornal dobrado com a matéria sobre sua morte.

O rosto em preto e branco me encara logo abaixo da terrível manchete.

Corpo encontrado em Puget Sound.

Com o coração acelerado, movo a aliança cautelosamente até a foto. Então vou empurrando de leve até que esteja sobre o rosto dele. Não sei por quê. À medida que me afasto, tenho a impressão de que o olho dele espreita através do círculo dourado, me seguindo a cada passo.

Abalada, retorno à mesa e me sento. Enxugo as mãos suadas na calça e tento afastar a sensação crescente de mau presságio.

– Mãos estendidas sobre a mesa, por favor.

Fiona e eu seguimos as instruções de Claire. Em seguida, ela faz o mesmo, alternando o olhar entre nós duas, a postura séria e a voz baixa.

– Alguns avisos antes de começarmos. Os espíritos são imprevisíveis. Não importa o que aconteça, mantenha a compostura. Permaneça em silêncio. Para não quebrar o círculo de energia, não se levante. Vou começar dizendo nossa intenção em fazer contato e convidando o espírito a se juntar a nós à mesa. Se ele aceitar o convite, você pode ouvir barulhos estranhos como batidas na madeira. Vou fazer perguntas de sim ou não ao espírito no início e, se ele for receptivo,

vou perguntar o que quer. Ele pode se comunicar através de mim, usando a minha mão para desenhar neste bloco ou a minha voz para falar diretamente com você.

Puta merda. Se eu testemunhar um cara morto falando através dessa velhinha simpática, nunca mais vou recuperar a sanidade.

Apavorada, engulo em seco e pressiono o tampo da mesa para tentar parar de tremer. Não dá certo.

– Quando a sessão terminar e você não tiver mais perguntas, vou agradecer ao espírito por ter vindo. Então podemos acender as luzes e conversar sobre o que aconteceu. Você está preparada, Kayla?

Faço que sim, apesar de não me sentir nem um pouco preparada.

– Então vamos começar.

Claire fecha os olhos. Com o rosto voltado para o alto, diz em um murmúrio:

– Nos reunimos hoje sob a lua cheia em busca de orientação do mundo espiritual. Convidamos o espírito que assombra esta casa a se juntar ao nosso círculo. Por favor, manifeste sua presença.

A espera que se segue é a mais longa de toda a minha existência. Dura apenas sessenta segundos, mas parece uma eternidade. Minha pulsação acelera. Minha respiração fica curta. Meus dentes começam a bater. Sinto tontura, enjoo e um frio inexplicável.

Como nada acontece, Claire repete:

– Convidamos o espírito que assombra esta casa a se juntar ao nosso círculo. Por favor, manifeste sua presença. Você está aqui? Nos envie um sinal.

O diploma emoldurado de Michael desliza pela parede e cai com um baque no chão.

Dou um pulo na cadeira. Todos os pelos dos meus braços se eriçam. Fico paralisada, as costas eretas e os olhos esbugalhados e vidrados. O coração acelerado é o único músculo no meu corpo capaz de se mexer.

– Mantenha a calma – diz Claire tranquilamente, os olhos ainda fechados.

Claro que não estou calma. Talvez eu nunca mais fique calma. Calma é para pessoas de férias numa linda praia com os pés na areia e um drinque na mão, não para alguém correndo o risco iminente de comprovar que seu falecido marido está tentando sair da cova.

Não estou *nada* calma, estou a ponto de explodir.

O estrondo de um trovão me faz pular na cadeira mais uma vez. Em seguida vem o clarão de um raio que lança um fogo branco no céu preto da noite. A sala é brevemente banhada por uma iluminação teatral, depois volta a mergulhar na escuridão perturbadora de uma casa do terror criada para apavorar crianças no Halloween.

– Espírito – diz Claire –, obrigada por se juntar a nós. Há mais algum espírito com você? Por favor, bata na mesa para responder. Uma vez para sim e duas para não.

O vento lá fora aumenta. A temperatura na sala diminui alguns graus. A chuva bate nas vidraças feito granizo.

E meu coração. Jesus, meu pobre coração está aceleradíssimo, porque ecoa pela sala o som inconfundível de duas batidas.

– Apenas você, então – murmura Claire. – Seja bem-vindo, espírito. Estamos honradas com sua presença.

A voz dela ficou mais lenta, assim como a respiração. Parece estar entrando em transe.

Seja lá qual for o oposto de transe, é o que está acontecendo comigo. Estou quase fazendo xixi nas calças. Nervos que eu nem sabia que tinha resolveram dar sinal de vida e começaram a se tensionar. Acho que vou vomitar.

– Michael? – murmuro, o corpo todo tremendo enquanto olho feito louca à minha volta. – Michael, você está aqui?

Nada acontece. Nenhuma batida na mesa. Nenhuma foto cai da parede.

– Espírito – chama Claire –, você conhece alguém nesta sala?

Toc.

– Você conhecia esta pessoa quando estava vivo?

Toc.

– Sou eu?

Toc. Toc.

– É a Fiona?

Toc. Toc.

– É a Kayla?

A única batida é tão forte que me encolho e choramingo.

– Você tem alguma mensagem para ela?

TOC!

O som da minha respiração pesada é ainda mais alto que o ruído do vento. Estou tremendo descontroladamente.

Claire estende as mãos com os olhos fechados, tateando o tampo da mesa atrás do bloco de papel e do lápis. Ao encontrá-los, sussurra:

– Diga-nos, espírito. Qual é a mensagem?

Com os nós dos dedos brancos, tamanha a força com que segura o lápis, a mão de Claire paira sobre a folha em branco.

Fiona está sentada à minha frente com os olhos fechados e as mãos espalmadas sobre a mesa. Acho que se eu fechasse os olhos agora, teria um infarto fulminante.

Estou com tanto medo que estou quase me debulhando em lágrimas.

– Espírito, qual é a mensagem?

Segundos se tornam minutos. A tempestade se enfurece lá fora. Nós três permanecemos sentadas em silêncio à luz bruxuleante das velas, esperando por uma resposta que nunca vem.

Depois de muito tempo sem acontecer nada, Claire diz:

– Vou reformular a pergunta. Espírito, o que você quer?

A mão que segura o lápis fica tensa. Então tremula. Logo começa a tremer descontroladamente. Fico olhando com horror e fascínio enquanto o antebraço de Claire se move em curtos espasmos de um lado para outro sobre o papel.

De súbito, o braço dela congela. Claire aperta o lápis contra o papel e escreve uma palavra com letras grossas, todas em maiúsculo, riscadas tão fundo no papel que em alguns pontos chegam a perfurá-lo:

VINGANÇA

Uma repentina corrente de ar congelante apaga as velas. Algo gelado roça minha bochecha, como um vento fantasmagórico.

Ou dedos fantasmagóricos.

Grito a plenos pulmões e saio correndo da sala.

35

Fiona e Claire me encontram na cozinha, acuada em um canto no chão, as costas contra o armário e os joelhos junto ao peito.

– Por que você abriu todos os armários e gavetas? – pergunta Claire, olhando em volta.

– Já estavam assim quando entrei aqui. – Solto uma gargalhada insana. – Meu fantasma residente acha hilário fazer coisas assim.

As irmãs se entreolham, depois olham para mim.

– Que tal nos sentarmos à mesa e conversarmos? – sugere Claire gentilmente.

– Uma conversa seria ótimo. Assim como um exorcismo. *Tem um maldito fantasma na minha casa!*

– Tem, mas veja o lado bom: pelo menos é só um – argumenta Fiona.

Choramingo e apoio a testa nos joelhos.

– Vamos lá, minha querida, não se desespere. Na verdade, essa é uma boa notícia.

– Me diga onde é que, no meio desse completo desastre sobrenatural, existe uma boa notícia.

– Agora sabemos o que o espírito quer! – responde ela, radiante.

Olho para cima e a encaro, incrédula.

– Pelo visto, o espírito quer cometer assassinato. E como eu sou a única pessoa que mora aqui, estou achando que sou a candidata ideal para essa missão dele.

– O espírito está com raiva, mas sinto que isso não está direcionado a você – diz Claire, puxando uma cadeira à mesa.

Ao se sentar, dá uma ajeitada no cabelo e alisa a frente da blusa. Parece

exausta.

Ser possuída por um morto deve sugar todas as suas forças.

– Mas ele me *conhece*. O que isso quer dizer?

– Você é a dona da casa. Está morando aqui com ele. É claro que ele te conhece.

Estou apavorada de novo.

– Ah, meu Deus. Será que ele tem me observado no chuveiro?

– Acho que você está perdendo o foco, querida – diz Fiona.

– Qual é o foco? – pergunto, exaltada.

Ela puxa uma cadeira ao lado da irmã e se senta. Cruza as mãos sobre o colo e olha para mim com ternura.

– Se você ajudar o espírito a conseguir o que quer, ele seguirá em frente.

Dou uma olhada para Claire, que assente.

– Vocês estão dizendo que querem que eu seja cúmplice de assassinato?

– O espírito não disse nada sobre assassinato. Ele disse vingança, que pode acontecer de diversas formas.

Apoio a testa nos joelhos de novo.

– Não acredito que isso está acontecendo – digo, inconsolável.

Prática como sempre, Fiona sugere:

– Precisamos fazer contato com o espírito de novo.

Ergo a cabeça.

– Eu *nunca* vou fazer outra sessão!

Claire dá de ombros.

– Você é quem sabe.

– Então é isso? Não temos mais opções? Não dá pra simplesmente queimar um incenso ou algo assim pra fazer ele desaparecer? – questiono, ficando mais desesperada.

Claire ri do meu questionamento.

– Ah, querida, isso é um mito. Um espírito não é como um inseto irritante que se espanta com uma fumacinha perfumada.

– Ótimo. Então tenho que vender a casa se quiser ter paz de novo.

– A menos que o espírito não esteja assombrando a casa.

– Como assim?

– Talvez ele esteja assombrando *você*. Nesse caso, não importa onde você

mora, ele sempre vai te encontrar.

Eu a encaro boquiaberta. Ela dá de ombros novamente, como se não tivesse acabado de me dar a pior notícia até agora.

Então algo me vem à mente.

– Puta merda. Talvez seja meu pai ou minha mãe. Meu Deus, como não pensei nisso antes?

Claire e Fiona trocam outro olhar estranho. Na defensiva, justifico:

– Não houve resposta quando perguntei se era o Michael, então devo presumir que não era ele. Certo?

Há algo incomum no silêncio de Claire, como se ela estivesse escolhendo as palavras com muito cuidado.

– Não podemos presumir nada, querida. Faz quanto tempo que seus pais morreram?

– Muitos anos. Os dois.

– Então não é nenhum deles.

– Como você sabe?

– Eles teriam tentado contato antes. Os espíritos que cruzam para o outro lado não podem retornar para esta dimensão. Uma vez que transcendem ao Além, este plano de existência se fecha para eles. Os únicos espíritos que conseguem fazer contato são os que estão vagando no limbo. Agora, venha se sentar à mesa. Está me dando cãibra nas pernas só de ver você agachada aí no chão.

Apesar de minhas pernas estarem trêmulas, consigo me levantar. Me junto a elas, à frente de Fiona, e apoio os cotovelos na mesa. Então escondo o rosto entre as mãos e solto um suspiro.

Depois de um momento, Claire diz com delicadeza:

– Kayla, por favor, olha pra mim.

Ergo a cabeça e encontro o olhar dela.

– Quero ajudar você. Nós duas queremos.

Ela olha para Fiona, que concorda com a cabeça.

– Então, se você não quer outra sessão, aqui vai uma sugestão do que você *deve* fazer.

– Estou ouvindo – digo quando ela faz uma pausa.

– Pesquise a história desta casa. Descubra quem morou aqui antes de você.

Talvez encontre uma pista da identidade do fantasma. Se não é alguém que você conhece, talvez seja alguém que viveu aqui antes.

– Faz sentido. Só que você está esquecendo que durante a sessão o espírito disse que me conhecia *quando estava vivo*.

Ela abana a mão num gesto de indiferença.

– Eu não tomaria isso como verdade absoluta. Geralmente, eles estão muito confusos.

Fico apenas a encarando, então ela se explica:

– Os fantasmas não conseguem distinguir ilusão de realidade. Quando uma alma fica presa aqui, ela precisa de um guia… um guia espiritual, digamos assim… para ajudá-la a encontrar a luz.

– Espera aí. Agora você quer que eu seja *guia de fantasmas*?

Ela franze as sobrancelhas.

– Você prefere ser assombrada pelo resto da vida?

Olho para Fiona em busca de ajuda.

Ela simplesmente dá de ombros.

– É isso ou voltamos ao escritório e tentamos de novo.

– Sem chance. Ele *tocou* em mim. – Estremeço de nojo. – Meu Deus, como vou conseguir dormir agora sabendo que um maldito fantasma está vagando pela casa?

– Já faz um bom tempo que ele está vagando por aqui, querida – argumenta ela.

– Eu deveria me sentir melhor com isso?

Ela dá uma risadinha.

– Bem, ele ainda não te molestou, se é com isso que está preocupada.

Horrorizada, fico de queixo caído para ela.

– *Ainda*?

– Ninguém vai molestar ninguém! – interrompe Claire, irritada. – O espírito não quer se roçar em você, quer sua ajuda para conseguir vingança.

– Contra quem? Pelo quê?

– Faça sua pesquisa e descubra.

Fico encarando Claire.

– Ou podemos voltar para aquele escritório agora mesmo e pôr um ponto-final nesse assunto – diz ela, que em seguida olha para o relógio. – Bem, já estou

atrasada. O que vai ser?

– Se eu puder, nunca mais vou entrar naquela sala.

– Muito bem, então é isso. Se mudar de ideia, me ligue.

Ela se levanta. Fiona também. Não posso deixar que saiam sem agradecer, então me levanto e acompanho Claire ao hall de entrada enquanto Fiona pega os casacos no closet.

A bolsa de Claire com os aparatos para a sessão espírita já está ao lado da porta, arrumada e pronta. Elas devem ter juntado as coisas enquanto eu estava acuada no chão da cozinha em aflição psíquica.

Quando Fiona retorna, digo:

– Obrigada pelo seu tempo, Claire. Foi muita gentileza.

– Foi um prazer, querida.

– Obrigada também, Fiona.

– Fique bem, Kayla. Nos vemos na segunda.

– Combinado. A menos que eu seja assassinada por um espírito vingativo antes disso.

Ela sorri para mim, o que não ajuda em nada. Abro a porta para as duas. Claire está quase atravessando o limiar quando para de repente.

Fiona e eu seguimos seu olhar confuso.

No capacho há um colete de neoprene laranja-vivo com quatro tiras pretas costuradas na altura do peito. Fivelas de plástico pendem da extremidade de cada uma. À luz da varanda, as listras refletivas nos ombros são ofuscantes.

– Mas o que é isso? – indaga Fiona.

– Um colete salva-vidas – murmuro, começando a tremer de novo.

– O que isso está fazendo na sua varanda? – pergunta uma Claire visivelmente confusa.

– Eu pedi ao meu correspondente.

Elas me olham e repetem em uníssono:

– Correspondente?

– É.

Me apoiando no batente da porta para não cair, dou uma risada ofegante.

– Qual é a graça? – pergunta Fiona.

– Acho que descobri quem está me assombrando.

DEZ MINUTOS DEPOIS, nós três estamos na cozinha de novo examinando as cartas de Dante que peguei na minha gaveta de calcinhas lá em cima. Claire ligou para cancelar os outros dois clientes, porque meu caso de assombração ficou intrigante demais para deixar passar.

Pelo visto, não é todo dia que um fantasma entrega cartas e um equipamento de flutuação do mundo dos mortos.

– Extraordinário – diz Claire, debruçada na mesa enquanto olha de perto uma das primeiras cartas que recebi. Com cuidado para não tocar o papel, ela aponta para o canto inferior direito. – Isso parece ser sangue.

– Foi o que pensei também. Mas como é que um fantasma pode sangrar?

– Não pode. – Ela ergue o olhar para mim. – Mas pode ser o sangue de outra pessoa.

– Ou de outra *criatura* – intervém Fiona. – Um animal, talvez.

Faço uma careta.

– Isso é doentio. Por que ele mandaria uma carta suja com sangue de animal?

– Talvez seja uma pista – sugere Claire.

Nós três olhamos para a mancha cor de ferrugem. Lá fora, a tempestade continua a castigar a casa. Está chovendo tão forte que não parece mais granizo, mas uma constante rajada de tiros no telhado. O vento uiva feito uma matilha de lobos famintos.

Claire pega a carta pelo canto, a vira e a põe com cuidado sobre a mesa.

– "Vou esperar para sempre se for preciso" – lê em voz alta. – Isso deve ter relação com a vingança que ele busca. Este fantasma está esperando que você o ajude a conseguir sua vingança.

– Mas tem toda essa bobagem sobre os sentimentos dele – comenta Fiona, indicando uma outra carta. – O que será que isso significa?

– Talvez ele tenha uma quedinha por mim. Eu sou muito gata.

Fiona e Claire me olham com expressões idênticas de descrença.

– É brincadeira, gente. Até parece!

– Isso é sério – diz Claire em desaprovação. – Se não conseguirmos ajudar esse espírito a fazer a transição para o Outro Lado, ele vai ficar preso no limbo para sempre por nossa culpa. Vamos tratar a situação com a seriedade que ela merece.

Não acredito que estou levando bronca de uma médium de sapatos

ortopédicos sobre como me comportar em relação à minha própria assombração, mas enfim.

– Você tem razão. Me desculpe. – Examino as cartas espalhadas sobre a mesa e a pilha de envelopes ao lado. – Por que estão todas com o carimbo da prisão? Você acha que é outra pista?

– É mais provável que o espírito se sinta aprisionado. Falando metaforicamente, ele está.

– Muito bem. Próxima pergunta: como um fantasma consegue usar uma caneta?

– Os espíritos podem manifestar sua energia de várias formas – responde Claire. – Usar objetos como canetas é uma delas, mas também podem controlar dispositivos eletrônicos como celulares e computadores.

– Ou campainhas – recorda Fiona.

– Exatamente – concorda Claire. – Eles têm uma habilidade impressionante de manipular o ambiente em que estão. Se forem muito poderosos, podem até influenciar no clima.

Ouço a tempestade rugindo lá fora e me pergunto se Dante tem alguma coisa a ver com isso.

– Mas se o fantasma pode controlar energia e objetos, por que ele mesmo não vai buscar sua vingança? Por que precisa de *mim* para isso? Ele não podia apenas fazer um piano cair na cabeça do inimigo?

– Bem, pra começar, talvez ele nem lembre quem é esse inimigo.

Olho surpresa para ela.

– Estar preso no limbo é terrivelmente confuso – explica Claire. – Na verdade, esse seu fantasma talvez nem saiba que está morto.

– Eu já falei isso pra ela – diz Fiona.

– Então ele precisa que eu o ajude a se lembrar. – Volto o olhar para as cartas. – E por que mesmo não posso simplesmente *contar* a ele que está morto?

– Isso o induziria ainda mais à negação – responde Claire. – Você corre o risco de alienálo ainda mais. Se alguém dissesse que *você* está morta, qual seria sua reação?

Bufo em desdém.

– Eu com certeza diria: Amigo, você está doido.

– Isso mesmo. Devemos conduzi-lo sutilmente à verdade. Ele tem que chegar

lá por conta própria. É como os passos que uma criança dá para aprender a ler. Primeiro vem o alfabeto. Depois elas aprendem palavras curtas e fáceis. Cão. Gato. Bola. Então juntam as palavras em frases simples, até que por fim estão devorando Shakespeare. A compreensão é um processo de múltiplas etapas. Não acontece de uma vez só.

– Mas, para início de conversa, como ele ficou preso no limbo? Por que uma alma não passa automaticamente para o Outro Lado quando o corpo morre?

– Em geral, é isso que acontece. Mas às vezes eles não conseguem enxergar o caminho. A densa realidade da terceira dimensão combinada à gravidade do nosso planeta torna as coisas um pouco complicadas para um ser atemporal. Some isso ao sofrimento emocional que estão enfrentando por algum assunto não resolvido e vai acabar tendo um espírito perdido muito confuso e irritado.

Solto um suspiro pesado e murmuro:

– Fantasmas dão um trabalhão.

Fiona dá uma risadinha como se isso tivesse sido especialmente profundo.

– É verdade.

Me recostando na cadeira, cruzo os braços e faço mais uma análise das cartas, revisando tudo mentalmente.

– Então, para recapitular, o que eu preciso fazer é convencer esse espírito a aceitar que ele não está mais vivo e que precisa ir para o Outro Lado.

– Isso mesmo – confirma Claire, radiante.

– Como exatamente devo fazer isso sem dizer a ele que está morto?

As irmãs trocam olhares desdenhosos, em seguida Claire responde em tom suave:

– Se você der luz às pessoas, elas encontrarão o próprio caminho.

Irritada com a subjetividade, afirmo em tom azedo:

– Claro. Vou simplesmente começar a gritar para o alto "Siga a luz!" de tempos em tempos. Que tal, hein?

– Confie em seus instintos – aconselha Fiona, sua voz amena. – Vai surgir alguma ideia. Saber a identidade dele já é meio caminho andado.

– Mas eu não sei nada sobre ele! Apenas o nome!

Aponto para a assinatura em uma das cartas, aquele garrancho familiar.

Dante.

Fiona e Claire se entreolham mais uma vez com o mesmo silêncio bizarro de

telepatia de gêmeas.

– Eu juro por Deus que, se vocês não pararem de fazer isso, eu vou esganar alguém – digo categoricamente.

– Por que você não começa pesquisando o nome dele? – sugere Fiona.

Após um momento, admito, contrariada:

– Não é má ideia. Eu estava mesmo pensando em ligar para meu amigo policial para pedir informações sobre o Dante. – Dou uma risadinha curta e fraca. – Mas isso antes de saber que ele era um fantasma.

– Amigo policial? – indaga Claire.

– O que me interrogou depois do acidente do Michael.

As luzes do teto piscam. Todas nós olhamos para cima. Um zumbido elétrico baixo toma conta do ambiente, então as luzes se apagam. Reacendem em questão de segundos.

– É. Você definitivamente está no caminho certo – murmura Claire.

Eu me inclino para a frente.

– Ele fica vagando por aí e espionando a gente? *Isso é sinistro demais*!

– Foco, Kayla.

– Mas, sério, por que precisamos de uma sessão espírita se esse fantasma pode ouvir cada palavra que dizemos?

– Ele parece bastante onipresente, não é? – pondera Fiona, olhando para mim.

– Exato!

Claire encara o teto com os olhos semicerrados. Quase consigo ver as engrenagens girando em sua cabeça. Antes que eu possa lhe perguntar o que está pensando, ela se manifesta em voz alta:

– Espírito, você ainda está aqui?

No corredor, uma porta se fecha com tanta força que faz as portas abertas dos armários da cozinha darem uma balançada.

Dou um pulo e arquejo de susto.

– Minha nossa – murmura Fiona.

Ao pegar na mão de Fiona, Claire diz com urgência na voz:

– Acho que estamos perto.

– Perto de quê? – pergunto, confusa e alarmada.

– Kayla, ligue para esse policial – ordena Claire.

– Mas *agora*? São mais de oito da noite.

– Talvez ele trabalhe até tarde. Se não, deixe uma mensagem. Você tem um computador para me emprestar?

– Tenho, está no meu escritório. Mas…

Sem esperar que eu termine a frase, Claire se levanta de um pulo e sai apressada da cozinha.

Acompanhando-a com o olhar, pergunto:

– Fiona, o que está acontecendo?

– Acho que Claire está sentindo que estamos perto de fazer um grande progresso.

– Progresso?

– Com o espírito.

Olho ressabiada para o teto e para as lâmpadas, que agora estão piscando sem parar. Em um instante, Claire retorna com meu notebook e o coloca na mesa à minha frente.

– Ah! – exclama ela, tirando um objeto do bolso do cardigã. – Isto estava em cima da tampa do notebook. Pensei que poderia ser relevante.

Ela o coloca sobre a mesa.

É a moeda de Michael. Aquela que encontrei debaixo da árvore de onde o homem de sobretudo cinza ficou me espionando. Aquela que depois encontrei no painel do meu carro quando saí do apartamento de Aidan.

Aquela que deixei muito bem guardada dentro de uma gaveta.

Perco o fôlego. Meu coração começa a martelar. Uma rajada de vento feroz faz as janelas da cozinha chacoalharem. Então através do teto cai um pequeno objeto metálico que pousa com um baque na mesa, ao lado da moeda. Ele gira por um momento antes de parar, a luz refletindo na borda arredondada.

É a minha aliança.

36

Fito a moeda e a aliança de olhos arregalados, o coração acelerado e um grito preso no peito. Sei que há algo extremamente importante nisso que estou deixando escapar.

Quando ergo o olhar para Claire, ela diz com muita calma:

– Ligue para o policial.

– Como foi que a minha aliança caiu do teto? – murmuro.

– Ligue para o policial, Kayla. Não temos muito tempo.

– Como assim? O que está acontecendo?

Lá fora, a tempestade está ganhando força. A chuva açoita as janelas e o telhado. Trovões retumbam e raios crepitam. É como se a própria casa estivesse no olho de um furacão, quase sendo arrancada do chão e lançada no espaço.

Do outro bolso, Claire tira meu celular. Ela deve ter pegado na minha mesa.

– Liga! – insiste, estendendo-o para mim.

Em pânico, seguro com força o aparelho. Atravessando a cozinha, vasculho a gaveta da bagunça aberta ao lado do fogão. Encontro o cartão de visitas do policial e digito o número com os dedos trêmulos.

Uma mulher atende, o tom de voz cortante:

– Departamento de Polícia de Seattle, como posso ajudar?

– Policial Roman Peters, por favor.

Há um breve silêncio.

– A senhora é amiga dele? – pergunta ela.

Que pergunta mais estranha.

– O quê? Não, não. Ele me ajudou há algum tempo. Quando meu marido sofreu um acidente, ele me interrogou e me deu seu cartão. Eu gostaria de falar

com ele, por favor. É urgente.

Ergo o olhar para Claire e Fiona, as duas em pé ao lado da mesa me encorajando com sorrisos e meneios de cabeça.

– Sinto muito, mas isso é impossível – diz a mulher do outro lado da linha.

– Por quê?

– O policial Peters não está mais entre nós.

Estou numa agitação tão grande que não entendo.

– Não está mais entre vocês? Quer dizer que ele foi transferido para outro departamento?

– Não, senhora. Ele faleceu. Sofreu uma parada cardíaca súbita. Vou transferi-la para o ramal do substituto dele, o policial Brown. Por favor, aguarde.

Ouço um clique, seguido de um breve silêncio. Então a gravação da voz de um homem é reproduzida, me instruindo a deixar meu número para que ele retorne a ligação depois.

Desligo, tomada por um estranho entorpecimento.

– E aí? O que eles disseram? – questiona Fiona.

– Ele morreu. O policial Peters está morto. Ele teve um ataque cardíaco.

– Quando?

– A moça não disse. Que diferença faz?

Balançando a cabeça com impaciência, Claire abre o notebook e aperta o botão para ligar. Em seguida, entra no navegador e começa a digitar.

– O que você está fazendo?

– Pesquisando no cartório da região. Podemos consultar os registros de proprietários deste endereço para descobrir quem eram os donos antes de você.

Ela dá alguns cliques, então digita no campo de busca. Em seguida recua, franzindo o cenho.

– O que foi?

– A escritura deste imóvel foi registrada no nome de outra pessoa?

– Não, foi em nome de Michael e Kayla Reece mesmo. – Eu me aproximo e espio a tela por cima do ombro dela. – Quem são Sandy e David Wainwright? Diz aí que eles compraram a casa em janeiro!

Em algum lugar no andar de cima, outra porta bate. Ouço o som de alguém correndo, depois uma gargalhada de criança.

Perco o fôlego.

– Espera aí – digo olhando para o alto. – O garotinho. Estamos nos esquecendo dele. Se Dante é o fantasma nesta casa… quem é o menino? E o homem de sobretudo e chapéu? Como ele se encaixa nisso tudo?

Ao voltar o olhar para Claire e Fiona, vejo expressões idênticas de tristeza, acompanhada de outro sentimento que já detectei antes. No rosto de Destiny, a cartomante que me disse "Vai com Deus" quando eu estava indo embora. É um sentimento inconfundível.

Pena.

– Por que vocês estão me olhando desse jeito? – pergunto, irritada.

Claire responde gentilmente:

– Está tudo bem, Kayla. Não tenha medo. Não há o que temer, minha querida.

– O que você quer dizer com isso?

– Me dá o telefone, querida.

– Por quê?

– Vou ligar para a delegacia de novo.

– Para quê?

– Acho que tem algo que você precisa saber.

– Tipo o quê?

– Me dá o telefone.

Uma sensação esmagadora de injustiça me domina. Recuo um passo. Meu sangue congela. Todos os pelos dos meus braços se eriçam e começo a hiperventilar.

A tempestade lá fora se enfurece.

Claire pega o telefone da minha mão rígida e fica digitando. Quando a voz familiar de uma mulher preenche o cômodo, percebo que ela acessou a rediscagem e colocou no viva-voz.

– Departamento de Polícia de Seattle, como posso ajudar?

– Boa noite, senhora. Poderia, por gentileza, me dizer quando o policial Peters faleceu?

Há um silêncio.

– A minha amiga falou com a senhora agora há pouco – explica Claire – e ficou tão surpresa com a notícia que se esqueceu de perguntar. Ela gostaria de enviar flores para o funeral caso ainda dê tempo.

– Ah. Entendo. Bem, receio que seja tarde demais para flores. Faz quase seis meses que ele faleceu.

Claire agradece e desliga. Então ela e Fiona ficam ali olhando para mim com aquele olhar terrível de piedade, esperando.

Como se de muito longe, ouço a minha própria voz.

– Isso é impossível. Ela está enganada. Ele me interrogou depois do acidente. Isso faz apenas dois meses. Ele se sentou comigo no cais e nós conversamos!

– Não tenho dúvidas de que isso aconteceu – diz Claire com ar de tristeza.

Minhas mãos começam a tremer. Fica difícil respirar fundo. Recuo mais um passo.

– Fiona? – chamo, buscando sua ajuda.

– Você tem que entender, querida, que existem pouquíssimas pessoas capazes de se comunicar com os espíritos – diz ela em tom suave.

– O que você quer dizer com isso? O que isso tem a ver com o que está acontecendo?

Ela continua com o tom calmo e reconfortante, ignorando meu pânico:

– Médiuns, claro. Alguns videntes também, embora muitos sejam impostores. E muitos gênios, por razões que não compreendemos muito bem, mas que deve ter a ver com a química do cérebro deles.

– Gatos também – acrescenta Claire.

– Isso mesmo. Gatos podem ver fantasmas. – Ela faz uma pausa. – Além de algumas crianças superdotadas.

O som da gargalhada de uma criança ecoando do andar de cima faz meu coração falhar.

Ele chega a paralisar totalmente quando Claire diz:

– E outros fantasmas. Mesmo que não reconheçam um ao outro como tal.

Alterno o olhar entre as duas.

– Desculpa, *o quê?*

Uma lâmpada da luminária fluorescente do teto estoura, seguida imediatamente por outra, que preenche o cômodo com o estalido agudo de vidro estilhaçado e o cheiro acre de fiação queimada. Uma fria rajada de vento assobia chaminé abaixo em uma lamúria esganiçada que sinistramente soa como o grito de uma alma penada.

Um trecho da última carta de Dante pipoca na minha mente:

Você é a tempestade. Você é a fonte de tudo o que está acontecendo.

Então me lembro de algo que Fiona me disse no dia em que entrou e disparou o alarme:

Um espírito é uma manifestação de energia, parecido com uma tempestade elétrica acumulando força antes de descarregar um raio. Quando um espírito se aborrece, essa emoção… essa energia… é convertida em manifestação física. Daí os armários e gavetas abertos.

E outra coisa de que só comecei a me dar conta agora:

Eu diria que o espírito que vive nesta casa está muito furioso.

O jeito que me olhou quando disse isso, foi quase como se…

Como se estivesse falando de *mim*.

Feito um exército de aranhas, um horror gélido rasteja pela minha pele.

– Não – murmuro, a voz áspera.

– Sim, minha querida. Infelizmente, sim – diz Fiona com toda a calma.

Com a força explosiva de uma bomba, uma centena de outras lembranças detonam de uma vez só na minha mente.

Fiona se espantando ao me ver no dia seguinte ao funeral de Michael. O tom peculiar ao me perguntar se eu ia ficar morando aqui na casa.

Todos no grupo de apoio sem cumprimentar Madison, a mãe da menina que foi sequestrada há anos. Ela sentada sozinha no círculo, como se fosse invisível para todos, exceto para mim.

Eddie, o faz-tudo que se veste de hippie e não tem celular, achando que David Letterman era terapeuta. E, quando fui procurá-lo, descobri que esse tal terapeuta não existia.

O fato de nenhum carpinteiro ter retornado minha ligação.

As imagens de estática na câmera de segurança quando eu saía no quintal.

Destiny, a vidente, dizendo em tom pesaroso que oraria por mim.

A mãe dela atendendo à porta, olhando para os lados e a fechando como se eu não estivesse lá.

A carta da Morte. Os Amantes. O Mago invertido, indicando que eu precisava me libertar das minhas ilusões.

O Dez de Espadas invertido sugerindo feridas muito profundas, finais dolorosos…

Traição.

Fiona dizendo que *a realidade é apenas o que acreditamos que ela seja. Cada um de nós cria as próprias verdades, até mesmo os fantasmas*.

Claire, quando chegou aqui hoje, referindo-se ao espírito com o qual veio fazer contato como "ela" antes de eu corrigi-la.

Tremendo tanto que mal consigo ficar de pé, murmuro:

– Se você der luz às pessoas, elas encontrarão o próprio caminho.

Quando encontro o olhar de Fiona, seus olhos estão reluzentes de lágrimas.

Deixo escapar um soluço de choro, mas logo cubro a boca para abafar o som. Então arranco o telefone de Claire, corro até a gaveta da bagunça e começo a tirar as coisas de dentro, desesperadamente jogando no chão canetas, post-its, cardápios e pilhas até encontrar o que estou procurando.

O cartão de visitas de Eddie.

Eu não havia percebido antes, mas o cartão está velho, frágil e amarelado, a tinta desbotada em alguns pontos. Parece que foi impresso há décadas.

E deve ter sido mesmo.

Com o som quase ensurdecedor da tempestade em fúria lá fora, digito o número dele.

O telefone toca duas vezes antes de um homem atender:

– Manutenção Residencial, atendendo há três gerações. Como posso ser útil?

– Por favor, o Eddie está? – pergunto, segurando o telefone com as mãos trêmulas.

Pelo breve silêncio, o homem deve estar surpreso.

– Hã, não. Aqui é o Mark. Como posso ajudar?

– Por favor, eu preciso muito mesmo falar com o Eddie. Pode passar o telefone pra ele? Ele está por aí?

Mais uma pausa.

– Isso é algum tipo de trote? – pergunta o homem do outro lado da linha.

– Só passe o telefone pra ele, por favor! – peço em voz alta.

O homem solta um suspiro pesado.

– Olha, dona, eu geralmente não atendo o telefone a essa hora, só atendi porque os negócios estão devagar. Agora me arrependi. Tenha uma boa noite.

– Por favor! – imploro, desesperada. – Eu preciso falar com o Eddie! Eu preciso falar com ele agora!

– Ok – retruca ele, ríspido –, só que isso vai ser meio difícil, dona, porque

meu avô morreu em 1974.

Todo o ar escapa dos meus pulmões. Um soluço fica entalado na minha garganta. Mais duas lâmpadas fluorescentes do teto estouram.

– Kayla.

Quando me viro em pânico, Fiona está estendendo um dos envelopes de Dante para mim.

– Leia o nome no campo do remetente – diz ela com delicadeza.

Hiperventilando, arranco o envelope de sua mão.

– Dante Alighieri! – exclamo, balançando a cabeça. – O nome dele é Dante Alighieri! E daí?

– Não olhe apenas… *veja*.

Quando volto o olhar para o canto superior esquerdo do envelope, todas as letras no campo do remetente estão se movendo, trocando de lugar umas com as outras e se reorganizando vagarosamente para formarem algo diferente.

Pisco várias vezes, tentando clarear a visão. Não adianta. As letras se movem para os lados, sobrepõem-se e então se alinham para formar outro nome.

Um nome que abre um buraco no meu coração.

Aidan Leighrite.

Dante Alighieri é um anagrama para Aidan Leighrite.

Na minha mente surge a imagem da citação emoldurada de Thoreau na parede da sala de Destiny: "A questão não é o que você olha, mas o que você vê."

Eu estava cega. Me recusando a admitir a verdade.

Olhando para tudo, mas não vendo absolutamente nada.

Com lágrimas escorrendo pelo rosto, largo o envelope e saio correndo da cozinha. Passo com tudo pela porta do escritório de Michael e me debruço aos prantos sobre a escrivaninha.

Pego o jornal com a foto dele na primeira página. Com as mãos trêmulas, desdobro-o. Quando me deparo com o restante da manchete que estava oculta, meu coração para de bater.

A manchete não é apenas *Corpo encontrado em Puget Sound*, como aparece no jornal dobrado.

A manchete completa é *Corpo encontrado em Puget Sound é de mulher assassinada pelo marido*.

Do outro lado da dobra do jornal, a minha fotografia me encara.

Eu me vejo diante do túmulo de Michael no dia do funeral, ouvindo uma mulher soluçar meu nome e, com a sensação de estar perdendo o chão, percebo que o nome na lápide não é o do meu marido.

É meu.

Tudo retorna como uma avalanche. Uma porta de ferro trancada na minha mente se escancara, e um oceano sombrio e gélido de memórias me invade.

Grito.

As janelas se estilhaçam em milhares de cacos de vidro cintilantes e afiados que no mesmo instante são sugados pela tempestade e levados para a noite chuvosa. Um turbilhão violento arranca o jornal da minha mão e o faz voar desgovernadamente pela sala, rasgando-o em pedacinhos.

Fiona e Claire estão à porta do escritório. Um pequenino rapaz de pés descalços e pijama azul se esconde atrás delas aterrorizado, espiando por trás das pernas de Fiona.

É o garotinho loiro que tenho visto no jardim.

O garoto que olhou para mim e berrou de puro horror.

O garoto que vive aqui com os pais, Sandy e David Wainwright, que compraram a casa um mês depois de meu marido dar fim à minha vida.

Michael não morreu.

Aidan, sim.

Michael o matou.

Pouco antes de me matar.

II

PURGATÓRIO

"Ainda que na sepultura, nem tudo está perdido."
– Edgar Allan Poe

37

FIONA

Quando expliquei a Kayla que fantasmas são apenas almas com uma história para contar, falei a verdade. Mas acontece que os fantasmas não são narradores confiáveis. Principalmente quando estão contando uma história para si mesmos.

É complicado compreender que a própria vida chegou ao fim.

Ouço um grito atrás de mim. Eu me viro e vejo Sandy correndo pelo corredor a toda velocidade em nossa direção, os olhos arregalados e o rosto pálido. Agarrado à minha perna, Bennett cai no choro ao ver a mãe.

Ela o embala nos braços, segura-o bem forte contra o peito e olha horrorizada para a sala.

– Ele fugiu da cama. Meu Deus, o que está acontecendo? – berra ela, mais alto que o rugido do vento.

– Leve-o de volta lá para cima! – grita Claire.

Papéis levantam voo com a ventania, girando feito pássaros feridos em pleno ar. Nas vidraças estilhaçadas, as cortinas esvoaçam e inflam. Fotografias emolduradas se desprendem das paredes e se espatifam no chão. Livros são lançados das prateleiras como se disparados de um canhão. Um show de luzes irrompe das lâmpadas estourando no teto e nas luminárias, pulverizando a sala com centelhas brancas brilhantes.

É um espetáculo de sons e fúria. O caos visível quando um coração invisível é ferido.

– Eu sei, pobre alma – murmuro, contemplando a loucura. – Eu sinto muito.

O lugar onde Kayla estava há meros segundos agora está vazio.

Sandy volta por onde veio, correndo pelo corredor com Bennett nos braços.

Os dois vão esperar junto de David no andar de cima até Claire e eu avisarmos se o espírito de Kayla Reece finalmente deixou a casa.

No entanto, podem ter que esperar por um bom tempo.

Ainda há mais história a ser contada.

38

AIDAN

Quase de cara eu já soube que Kayla era para mim. Aqueles olhos, sabe? Tão lindos e ao mesmo tempo tão tristes.

Levaria um tempo para descobrir por que ela era tão triste. Àquela altura eu já havia lhe contado sobre meu pai, sobre quanto ele era abusivo. Sobre o que fiz para proteger a minha mãe dos seus ataques de fúria.

Sobre o tempo que passei na prisão.

O juiz foi indulgente porque eu era menor de idade. O testemunho da minha mãe ajudou também, assim como as outras testemunhas que a defesa intimou para provar que estávamos vivendo no inferno com aquele homem.

Mas, mesmo assim, fatos são fatos. Eu era um criminoso condenado. Não é nada legal dizer isso em voz alta.

O mais incrível de tudo? Kayla nunca me julgou por isso. Nunca olhou para mim de forma diferente. Não deixou que isso atrapalhasse nossa relação, quando tinha todos os motivos para dizer "Não quero mais" e ir embora.

Ela já havia passado por muita coisa. Não precisava carregar meus problemas também.

Dizem que o marido dela era um gênio. Brilhante, como se isso fosse compensar alguma coisa. Como se fosse uma explicação e uma desculpa ao mesmo tempo. Ele era um professor de matemática conceituado na universidade, o cérebro tipo um supercomputador.

Um supercomputador com um defeito sério.

Sabe o que acontece quando você é tão inteligente que todos te tratam feito Deus?

Você começa a acreditar que é.

Combine essa ideia perigosa com uma personalidade já carente de empatia e obcecada por controle e terá grandes problemas.

Aí acabou tudo.

Principalmente para aqueles mais próximos de você.

Michael e Kayla se casaram jovens. Antes de os surtos começarem. Antes das agressões. Antes de ele dar um chute tão forte na barriga dela que a fez perder o bebê.

Desabei quando ela me contou isso. Chorei de soluçar, porque foi trágico demais.

Então ela me contou que ele a estava seguindo desde a separação, e as lágrimas secaram num piscar de olhos.

Eu queria que ela pedisse uma ordem de restrição, mas Kayla disse que isso só o provocaria ainda mais. As pessoas a tinham aconselhado, dizendo que a melhor maneira de lidar com um narcisista seria privá-lo de sua dose de atenção, cortar qualquer contato e esperar até que ele perdesse o interesse e seguisse em frente.

Mas Michael era mais do que um mero narcisista.

Era um monstro arrogante com complexo de Deus.

Kayla pagou o preço por essa arrogância. Nós dois pagamos.

Mas, como eu disse a ela na minha carta, é um preço que eu pagaria outras mil vezes. Mesmo que tivesse que fazê-lo todos os dias por toda a eternidade, eu rasgaria minhas próprias veias com uma lâmina e drenaria todo o meu sangue com prazer.

Eu jamais viveria sem ela.

Então morrer por ela era a única saída.

Meu erro foi pensar que meu sangue seria suficiente para saciar o monstro que habitava a mente do marido dela.

Infelizmente, ele tinha mais sede de sangue do que eu imaginava.

39

KAYLA

Quatro meses antes

Sentada à mesa da cozinha e olhando para a aliança na palma da minha mão, revisito todas as lembranças do meu casamento com Michael até chegar à conclusão de que não havia tirado a aliança do dedo até agora por um simples motivo:

Eu estava honrando os mortos.

Meu bebê morto.

Meu casamento morto.

Minhas esperanças pela vida que um dia imaginei ter, também mortas.

Agora, a única forma que vejo de conseguir superar o passado é fazer o que os humanos fazem quando estão de luto.

Um funeral.

Subo à suíte principal e pego uma caixa de sapatos vazia no closet. Nela, coloco a certidão de casamento, a minha aliança e a primeira ultrassonografia em preto e branco do bebê, além de mais algumas recordações.

Então vou ao quintal com uma pá que peguei no galpão e cavo um buraco ao lado do pergolado coberto de parreiras onde contei a Michael que estava grávida.

Quando o buraco está bem fundo, coloco a caixa de sapatos dentro. Em seguida o cubro com terra, enxugando de vez em quando as lágrimas com o dorso da mão.

Meu casamento acabou há muito tempo, mas ainda dói. Sei que sempre doerá. O tipo de dor com a qual convivi deixa cicatrizes indeléveis.

Minha garganta trava de emoção, me agacho e procuro algo apropriado para dizer ao pequeno monte de terra revolvida.

As palavras me escapam, então apenas pouso a mão na terra num último adeus.

Em seguida faço o sinal da cruz e entro para me trocar.

Se o passado está morto e enterrado, meu futuro me aguarda.

LEVA UM TEMPO para a porta se abrir depois que bato. Está tarde, e ele não está à minha espera. Fico no degrau com o coração quase pulando para fora do peito e todos os meus nervos ardendo de anseio até que ouço passos se aproximando. A maçaneta gira, e lá está ele.

Embora tenham se passado algumas semanas e nosso último encontro no restaurante Harbor House não tenha acabado bem, Aidan me olha como sempre me olhou, como se eu fosse o primeiro raio de sol que tivesse visto em toda a sua vida.

– Você me disse para ligar quando eu tivesse entendido tudo – digo, a voz falha. – Pensei que seria melhor bater aqui direto.

Ele desce o olhar até meu dedo sem a aliança.

– Graças a Deus – fala com a voz fraca, soltando o ar. – Eu não consigo respirar sem você, coelhinha.

Ele me agarra em um abraço e me aperta tão forte que eu também não consigo respirar.

Então começamos a nos beijar. Beijos ardentes e desesperados enquanto ele me arrasta para dentro do apartamento. Fecha-a com um pontapé e me abraça de novo, pressionando o rosto contra meu pescoço.

Ele me segura, os braços trêmulos, e sou grata por tudo o que me trouxe até este momento porque nunca encontrei nada mais sublime do que isso.

– Obrigada – sussurro contra o ouvido dele.

– Pelo quê?

– Por me dar o espaço de que eu precisava, mesmo eu não querendo. Mas se você tentar fazer isso de novo, vou te dar uma surra.

A risada de Aidan sai baixa e ofegante. Ele se afasta e me encara com os olhos brilhando.

– E se eu der algo de que você precisa?

Ergo as sobrancelhas e digo com ar de inocente:

– Depende do que for.

Aquele sorriso se torna lupino e a voz, sombria.

– Ah, acho que você sabe bem o que é, coelhinha.

Ele se inclina, me ergue e me joga por cima do ombro, então me carrega pelo corredor até o quarto, rindo enquanto bato os punhos na sua bunda musculosa bem de leve. Em seguida, se ajoelha no colchão e nos deita na cama.

Eu me contraio e faço uma careta.

– Ai.

– O que foi?

– Tem alguma coisa embaixo das minhas costas.

Aidan se levanta, me dando espaço para rolar para o lado. De baixo de mim, tira um livro.

– Me desculpe. Eu estava lendo.

Ele larga o livro de lado e me beija novamente, mas estou curiosa demais para deixar isso passar sem mais nem menos.

– O que você estava lendo?

– *A divina comédia*.

Ele tenta tomar a minha boca, mas não consegue já que ainda estou falando.

– *A divina comédia* fala sobre o quê? Parece interessante.

Fazendo uma pausa para me lançar um olhar de desaprovação, diz em tom sarcástico:

– Vamos começar um clube do livro agora?

Sorrio e brinco com uma mecha do seu cabelo escuro.

– Temos todo o tempo do mundo para fazer as outras coisas, Sr. Leão. Além disso, estou curiosa sobre seu gosto literário.

– Pelo visto, meu gosto literário é tão estranho quanto meu gosto para mulheres. Não nos vemos há semanas, você está na minha cama e está enrolando pra me deixar comer você. Tem alguma coisa errada nessa história, não?

Dou um selinho em Aidan e estendo a mão para pegar o livro que ele botou de lado. É de capa dura preta. O título e o nome do autor estão impressos em relevo dourado na lombada.

A divina comédia, de Dante Alighieri.

– Esse nome parece inventado.

Aidan ri com deboche.

– Ele é só o melhor poeta de *todos* os tempos.

– Então como é que eu nunca ouvi falar dele?

– Talvez você não seja tão inteligente quanto pensa.

Faço cara feia. Ele abre um sorriso.

– Então, sobre o que fala essa *divina comédia*?

Ele solta um suspiro e rola de cima de mim, se acomodando de barriga para cima.

– É um poema épico que conta a jornada de um homem pelo inferno.

Dou risada.

– Parece uma leitura leve, perfeita para se fazer antes de dormir.

Ele me olha com um sorriso nos olhos, embora tente fazer cara de bravo. Quer que eu pense que está decepcionado por eu ainda não estar nua, mas sei que está feliz só pelo fato de eu estar aqui.

Somos dois, então.

Eu me ergo nos cotovelos e apoio o livro na barriga dele.

– Então, me conta a história. O que acontece? Por que o livro chama comédia se fala de inferno? E por que o nome do autor tem tantos "is"? É fictício, né?

Tentando abafar uma risada, ele estende a mão e prende uma mecha de cabelo atrás da minha orelha.

– Só agora estou percebendo como você é estranha.

Bato de leve no peito dele com o nó dos dedos.

– Como se você fosse muito normal. Vai, me conta.

Com um suspiro exagerado, ele me deita, deslizando um braço embaixo do meu pescoço e me puxando contra a lateral do seu corpo. Fico aninhada ali, fecho os olhos e inspiro o cheiro quente de cedro, almíscar e madeira defumada.

A felicidade cintila dentro de mim, tão leve e etérea quanto bolhas de sabão.

– Dante foi um poeta e um intelectual italiano que nasceu no século XIII.

– Não é à toa que nunca ouvi falar dele!

Aidan ignora o comentário e continua:

– A comédia conta a jornada alegórica de sua alma através dos três reinos dos mortos: Inferno, Purgatório e Paraíso. Ele é acompanhado por três espíritos-guia ao longo do caminho que o ajudam a entender o que está acontecendo. No final,

ele chega ao Paraíso, alcança a compreensão da verdadeira natureza de Deus e conquista a salvação eterna.

– E você está lendo isso na cama num sábado à noite? – questiono, depois de um momento.

– Essa é uma das maiores obras literárias de todos os tempos.

– Por favor, responda à minha pergunta.

Dando uma risadinha, ele beija a minha testa.

– Estou surpreso por Dante não ter sido mencionado ao longo da sua graduação de alto nível. Já eu venho me esforçando pra tentar recuperar o tempo perdido.

Abro os olhos e encaro Aidan, que me devolve o olhar com um leve sorriso. Sei que está falando do tempo que passou na prisão pelo que fez com o pai, mas ainda não conversamos sobre isso, então fico hesitante em perguntar detalhes. Como, por exemplo, quanto tempo ele ficou lá.

– Sete anos – murmura, acariciando meu cabelo.

Droga. O homem sempre consegue ler a minha mente.

– Foi muito ruim?

Ele assente.

Minha garganta se fecha, mas consigo falar:

– Sinto muito.

– É passado. Isso aqui é o que importa agora.

Ele me aperta e dá um sorriso tão terno que poderia derreter meu coração. Segurando as lágrimas, fecho os olhos e encosto a bochecha no seu peito.

Sentindo que estou quase emotiva demais, ele tem a bondade de mudar de assunto.

– O que mais me fascina em Dante, além de sua obra, é que o nome dele é um anagrama do meu.

– O que quer dizer anagrama? Que é parecido?

Após uma pausa, ele diz:

– Você fez faculdade mesmo?

Bato de leve no peito dele. Ele dá uma risadinha.

– Um anagrama é uma palavra formada por todas as letras de uma outra palavra. Tipo “alegria” e “galeria”. Você mistura todas as letras e elas formam outra coisa.

Reflito sobre isso por um momento.

– Ok, isso é bizarro.

– O que é bizarro?

– Seu nome e o de um cara italiano famoso do século XIII serem iguais.

– Não são iguais.

– São, sim, se você misturar todas as letras!

Ele se acaba de rir.

– Caramba, como senti sua falta…

– Que bom que você se diverte comigo, Clube da Luta.

Ele tira o livro da barriga e o coloca de lado na cama, então rola para cima de mim, apoiando-se nos antebraços. Apoiando meu rosto entre as mãos e olhando dentro dos meus olhos, murmura:

– "Porém meu desejo e meu querer giravam como uma roda, à mesma velocidade, impelidos pelo Amor que move o Sol e as outras estrelas."

Como não diz mais nada e fica ali apenas me encarando com intensidade, digo:

– Hã… ok?

Ele deixa a testa cair no meu ombro e ri novamente, mais forte ainda desta vez, o corpo todo chacoalhando.

– São os versos finais da última estrofe do poema, em que Dante ascende ao Paraíso e é envolvido pela luz divina e pelo amor de Deus. São provavelmente os versos mais famosos da história da poesia.

– Pff. Não, o verso mais famoso da história da poesia é "Eu não gosto de ovos verdes e presunto, não gosto e pronto, Romeu-Sou-Eu". É do Dr. Seuss, um livro infantil, caso seu nível de leitura ainda não tenha chegado a esse patamar.

Ele ergue a cabeça e olha para mim, com os olhos cheios de adoração e o sorriso ofuscante.

– O paraíso é isso, então? Rodas girando e estrelas se movendo? – questiono, devolvendo o sorriso.

– Pelo menos para Dante era.

– O que você acha que é o paraíso?

O sorriso dele se esvai. A energia descontraída aos poucos se torna séria, assim como o olhar. Me olhando com atenção, ele responde em tom suave:

– Você.

É nesse momento que eu finalmente supero o passado e meus medos e caio – pulo, *me jogo de cabeça* – nessa paixão.

Passo os braços ao redor do pescoço dele e expresso tudo isso em um beijo.

Porque é Aidan, ele me retribui mil vezes mais.

DESSE MOMENTO EM DIANTE, nos tornamos inseparáveis. Passamos cada momento acordados e dormindo juntos. Os meses seguintes são como um sonho, um conto de fadas que se torna realidade.

Então vem a noite de Ano-Novo.

E, com ela, o fim.

40

KAYLA

Noite de Ano-Novo

À luz de velas, o rosto de Aidan é tão bonito quanto o de um anjo.

– Como pode você ser tão lindo assim? – murmuro, deslizando o dedo pelo contorno da sua bochecha e descendo até o maxilar. Sinto a barba macia e maleável sob a ponta do dedo.

Estamos na cama na minha casa, um de frente para o outro, nossos corpos nus alinhados do peito às coxas. Meus pés estão entre as panturrilhas dele. Um dos seus braços apoia a minha cabeça. O outro me mantém colada ao seu corpo.

– Não sou. Você está apenas embriagada pela euforia pós-sexo – diz, olhando para mim com os olhos cheios de ternura.

Minha risada é baixa e gutural.

– É tipo quando a gente está bêbada e acha todo mundo bonito, só que nesse caso é bêbada de sexo?

– Isso mesmo. O orgasmo turvou sua visão. Na verdade, eu pareço um javali.

Sorrindo, beijo a ponta do nariz dele.

– Você realmente é parecidíssimo com um javali. Eu estava evitando trazer isso à tona pra não magoar você.

– Falando em trazer à tona… – sussurra, roçando o nariz no meu pescoço.

Aidan impulsiona o quadril, pressionando a ereção contra a minha coxa.

Dou risada de novo, me sentindo entorpecida e ousada, como se estivesse no topo de um penhasco alto, prestes a cair.

– Você nunca ouviu falar de período refratário?

– Eu já, mas meu pinto não.

– É óbvio.

Ele arqueia a sobrancelha e pergunta:

– Você está reclamando?

Abro um sorriso.

– Não, mestre. Eu amo isso.

Aidan rola para cima de mim. Aproximando o rosto do meu, me dá um beijo delicado enquanto sussurra contra meus lábios:

– Fala isso de novo, coelhinha.

– A parte do mestre ou de amar?

– As duas. – Os olhos dele escurecem e a voz fica mais baixa: – Mas exclui o "não" e o "isso".

Tenho que pensar por um momento. Quando entendo o que ele quer que eu diga, meu rosto pega fogo.

Mas digo o que ele quer ouvir. Sem hesitação e arrependimento, do jeito que ele precisa.

Fitando seus olhos, com o rosto quente e o coração palpitante, sussurro:

– Eu amo meu mestre.

Aidan passa a língua pelos lábios. Sua respiração se torna irregular. Pesado e quente em cima de mim, sinto como se ele fosse a âncora que me manterá firme e o porto que me manterá segura, não importa a força da tempestade.

Acariciando a curva da minha bochecha com o polegar, ele diz:

– E eu amo a minha doce coelhinha, que me faz ser grato por cada dia que vivi no inferno porque esse caminho sombrio acabou me levando até ela.

Deixo escapar um leve muxoxo, mas ele o silencia com um beijo.

Quando penso que vai me penetrar, Aidan rola de costas e me leva junto, me colocando deitada sobre ele.

– Parece que vão soltar fogos hoje à meia-noite – comenta ele com toda a naturalidade, segurando meu cabelo longe do rosto.

– Uau.

– O que foi?

– Que mudança de assunto decepcionante. Achei que a gente fosse começar a transar de novo.

Ele dá uma risadinha.

– Eu ia, mas daí tive a ideia genial de sairmos de barco para que, na próxima vez que eu fizesse você gozar, os fogos de artifício estivessem explodindo alto no céu.

– Ah! Seria inesquecível comemorar o Ano-Novo assim.

Sorrimos um para o outro.

– Comprei chocolate e champanhe. Caso você tope.

– Em que universo eu *não* toparia você me dando champanhe e chocolate na boca sob um céu cheio de fogos de artifício depois de me proporcionar um orgasmo alucinante?

– Ah, então agora eu tenho que dar comida na sua boca também? – Ele revira os olhos, fingindo desânimo. – Tenho que fazer tudo mesmo.

Dou um beijo em seus lábios.

– Coitadinho – sussurro.

Ele me vira de costas e rosna.

– Cuidado. Javalis também comem coelhinhas no jantar.

Então abocanha o meu pescoço e me faz cócegas, arrancando um grito de mim.

Rindo, ele se levanta. Observo, sorrindo, enquanto vai ao closet. Logo depois, retorna já vestido.

– Levanta essa bunda linda daí – diz, lançando um sorriso malicioso para mim ao sair do quarto. – Vou esperar você lá embaixo.

Pulo da cama e me visto o mais rápido possível, colocando uma calça jeans e um suéter grosso por cima de uma blusa de manga comprida. Não está chovendo esta noite, mas, com a temperatura abaixo dos 10ºC, posso sentir frio no barco. Enfio um par de botas e desço para o térreo, sorridente.

É estranho como a alegria faz o nosso corpo parecer leve. Se eu me concentrasse, aposto que conseguiria levitar.

Encontro Aidan na cozinha arrumando o champanhe, o chocolate e duas taças em uma cesta de piquenique.

– Olha só pra você, que prendado – provoco.

– Acho que a palavra que você está querendo usar é romântico.

Vou até ele e o abraço por trás. Descansando o rosto de lado em suas costas largas, murmuro:

– Na verdade, a palavra que estou querendo é incrível. Não, é maravilhoso.

Não, não é essa também. Hum…

– Magnífico – sugere ele, virando-se para me abraçar. – Eu aceitaria espetacular também.

– Claro, com certeza aceitaria.

Ele me beija, aninhando meu rosto nas mãos. É um beijo doce, mas logo esquenta. Me afasto de seus braços, rindo.

– Ok, Clube da Luta, vamos botar esse trem pra andar, ou nunca vamos conseguir sair dessa cozinha.

– Que mandona… – diz ele, balançando a cabeça. Está tentando fazer cara feia, mas não está se saindo nada bem.

– Vou pegar alguns cobertores. Encontro você na porta dos fundos.

Deixo-o na cozinha e vou fuçar a pilha de mantas dobradas no armário de roupa de cama do quarto de hóspedes. Ao escolher duas que são grossas e macias, cubro os ombros com uma e levo a outra para Aidan, que está esperando à porta com uma cesta de vime na mão.

Quando coloco a coberta sobre seus ombros, ele faz uma careta.

– Você sabe que nós, javalis, não sentimos frio, né? Somos muito durões.

Abano a mão em desdém.

– Fica quieto, vai, machão. Você vai me agradecer quando estivermos no barco.

Atravessamos o gramado e descemos em direção ao cais da praia rochosa onde *Eurídice* está amarrado. O ar está frio e fresco. Cheira forte a seiva de pinheiro, casca úmida e musgo. Acima de nós, o céu parece uma taça funda de safira salpicada de estrelas. Está tranquilo e silencioso, exceto pelos grilos nos presenteando com uma serenata noturna. Aidan pega a minha mão e a aperta, baixando o olhar para me dar um sorriso.

Se existir um paraíso, tomara que seja exatamente assim.

Aidan me ajuda a subir na popa do barco e me entrega a cesta de vime. Então salta a borda do casco e desamarra as cordas dos cunhos nas laterais enquanto subo pela estreita escada até a ponte. Num nível acima do convés principal e do inferior, a ponte oferece uma vista panorâmica.

O luar reluz nas ondas escuras. O lago está calmo esta noite e o céu está limpo, garantindo uma visão espetacular da queima de fogos.

Aciono o exaustor por um minuto para limpar a fuligem da câmara do

reator, então ligo as baterias e dou partida no motor. Depois de verificar os medidores para ter certeza de que está tudo certo, chamo Aidan lá embaixo:

– Preparado?

Ele não responde.

Caminho até a escada.

– Aidan? – chamo mais alto.

Nenhuma resposta. Não deve estar me ouvindo por causa do motor.

Como a escada é muito íngreme, descer os degraus é um pouco mais complicado do que subir. Tenho que descer com cuidado, de costas e segurando nos dois lados do corrimão de metal. Quando enfim meus pés tocam o convés, eu me viro, esperando ver Aidan nos assentos da popa.

Ele não está lá. A cesta de piquenique está abandonada na mesa.

Franzindo a testa, olho para a cabine principal… e congelo, horrorizada.

Aidan está parado em um lado da cabine, encarando o homem à sua frente, a menos de dois metros.

É Michael.

Usando o mesmo sobretudo cinza e chapéu que o vi usando várias vezes nos últimos meses quando o flagrei de relance me seguindo, ele está magro e desleixado, com as faces encovadas e olheiras escuras sob os olhos ferozes.

Os braços soltos ao lado do corpo.

Em uma das mãos, segura um revólver prateado.

Prendo a respiração. Meus batimentos cardíacos disparam em ritmo desenfreado. Um tremor frio percorre meu corpo, me gelando até os ossos.

– Michael, o que você está fazendo? – pergunto, a minha voz elevada pela tensão.

Com os olhos febris, ele responde em tom duro:

– Pegando de volta o que é meu. Você achou mesmo que poderia me abandonar, Kayla? *Me* abandonar? Você me pertence. E, se eu não posso ter você, ninguém mais pode.

A risada dele é o som mais diabólico que já ouvi.

Aterrorizada, engulo em seco e olho para Aidan, que está totalmente imóvel, cada músculo do seu corpo tenso.

Como um animal raivoso, minha mente arranha o interior do meu crânio com garras afiadas.

Onde foi que ele arranjou uma arma? Ele sabe usá-la? Será que está carregada mesmo? Meu Deus, o que é que eu faço?

Apesar de estar em pânico e desesperada, tento manter a voz o mais calma e suave possível:

– Eu não sou sua, Michael. Acabou.

– Você me pertence! – grita ele, salivando.

De súbito, ele levanta o braço e aponta a arma para o peito de Aidan.

Estou com tanto medo que acho que vou desmaiar.

Aidan permanece totalmente imóvel, o rosto impassível e a respiração superficial. Vejo as engrenagens girando por trás de seus olhos e fico apavorada com o que pode acontecer em seguida.

Engolindo um soluço, levanto as mãos e começo a implorar:

– Não, por favor, me escute. Não faça nada de que vá se arrepender. Não há necessidade disso. Nós podemos conversar.

Michael passa a língua pelos lábios rachados. Muda inquietantemente o peso de um pé para o outro. A mão com que segura o revólver é tomada por um forte tremor.

Então me lança um olhar feroz.

– Agora você quer conversar, é? Depois de tudo que me fez passar? Depois de me tratar daquela maneira? Me largando daquele jeito. Me jogando fora feito lixo. Mas você tem muita audácia mesmo.

Percebo meu erro quando Michael aponta a arma para mim. Dou um passo brusco para trás, um grito entalado na garganta.

– Michael, me escuta – diz Aidan, firme. – Abaixa a arma.

– Você não tem a porra do direito de falar comigo! Você não tem o direito de me dizer o que fazer!

– Tenho, sim. Porque fui eu que comecei isso tudo.

Michael alterna o olhar entre nós dois, então, de repente, aponta a arma para Aidan.

– Começou o quê?

– A Kayla nunca quis deixar você. Fui eu que a fiz pedir o divórcio. Foi tudo minha culpa. Você deveria estar com raiva de mim, não dela. Deixa ela ir e nós dois podemos conversar.

Aidan olha para mim. O que vejo nos olhos dele me faz querer gritar, ele foi

idiota demais. Idiota e imprudente como só ele consegue ser.

Isso tudo é mentira. Só nos conhecemos depois da separação. Mas ele vai tentar manter Michael calmo até que eu esteja a salvo.

Só que ele não tem nenhum controle sobre a arma. E não faz ideia de como Michael pode ser imprevisível… ou diabolicamente esperto.

Não, meu Deus, não, isso não está acontecendo, isso não pode estar acontecendo.

Aidan volta o olhar para Michael e repete com calma:

– Deixa ela ir. Você e eu podemos conversar melhor sem ela.

– Não, Aidan, eu não…

– Cala a boca, Kayla.

– Não vou sair deste barco!

– Você vai. E agora. Vai.

O olhar feroz de Michael se alterna entre nós dois. Em seus olhos não vejo nada do homem com quem me casei tempos atrás. O monstro finalmente o engoliu.

Minha pulsação ruge feito um trovão nos meus ouvidos.

Como posso distraí-lo? O que posso usar para golpeá-lo? O extintor de incêndio! Está bem ali!

Ao me ver olhando ao redor em pânico, Michael grita subitamente:

– O que é que você está fazendo?

– Ela só está com medo – diz Aidan. – Você está apontando uma arma para ela. Qualquer um teria medo.

– Você não está com medo – sibila Michael.

– É porque eu sei que você merece um pedido de desculpas, e quero fazer isso da forma certa. Kayla, sai logo desse barco.

Droga, Aidan, não! Não! Pare com isso!

Lágrimas escorrem pelo meu rosto. A minha visão fica turva. A minha respiração está pesada. Dou um passo hesitante para trás, depois outro, a histeria me dominando com sua mão fria e esmagadora.

Posso ligar para a polícia. Se eu conseguir chegar em casa e Aidan conseguir ganhar tempo com Michael, posso chamar a polícia e mandá-los para cá antes que aconteça uma tragédia.

Paro de repente quando Michael diz no mais leve sussurro:

– Não. Você está mentindo. Dá pra ver na sua cara. – Ele olha para mim e aumenta o tom de voz: – *Vocês dois* têm que morrer!

Quando soluço e tapo a boca com as mãos, Aidan diz em tom de comando:

– Ninguém tem que morrer. Apenas abaixe a arma para podermos conversar sobre isso.

Com as mãos trêmulas e os brancos dos olhos completamente visíveis, Michael grita:

– Um de vocês tem que morrer! Vocês têm que escolher agora *quem morre quem morre quem morre!* Se vocês não escolherem, terei que matar os dois!

Ele aponta a arma para mim de novo. Aponta bem na minha cara. Só não desabo porque o terror transformou meus músculos em pedras.

– Se escolhermos, você vai atirar em apenas um de nós? – pergunta Aidan.

Meu coração para de bater nesse momento. Para bruscamente no meu peito, paralisado pelo horror.

– Não, Aidan, pare, não diga mais nenhuma palavra…

– Michael?

– Aidan, não! Pare!

– *Sim!* – grita Michael, e engatilha a arma.

Aidan olha para mim. O coração brilha nos olhos.

– Eu te amo, coelhinha. Vou te amar até o fim dos tempos.

Depois olha para Michael e pronuncia palavras que jamais conseguirei esquecer. Palavras que ecoarão na minha mente por toda a eternidade:

– Atira em mim, então.

O tempo muda. Tudo ganha o aspecto surreal de um sonho. Assisto ao que acontece a seguir como um filme reproduzido em câmera lenta, com o som distorcido e as cores borradas, arrastando-se.

Michael aponta a arma para Aidan.

Aidan avança.

Uma bola de fogo explode da boca da arma de Michael.

A cabeça de Aidan vai para trás com um tranco, então ele para abruptamente, como se tivesse se estatelado em uma parede.

Um pequeno buraco vermelho aparece no centro da sua testa.

Sangue e pedaços de cérebro espirram na janela atrás dele.

Aidan cai de costas, os olhos abertos e a boca frouxa.

Ele permanece imóvel e em silêncio, encarando cegamente o teto enquanto uma mancha escura se espalha sob sua cabeça.

Acima de nós, os fogos de artifício estouram em jatos de cores, crepitando e retumbando no céu noturno.

Meu grito é uma coisa viva. Uma mistura de horror, descrença e desespero, subindo com as garras pela minha garganta. Atravesso o espaço entre nós com esse grito me cercando por todos os lados, vibrando nos meus ouvidos e na minha cabeça, dentro de todos os esconderijos sagrados da minha alma que apenas ele já tocou.

Caio sobre o corpo sem vida de Aidan, gritando e gritando a mesma coisa sem parar, a coisa que cada célula do meu corpo grita comigo.

Não. Não. Não. Não. Não.

Ele não olha para mim. Não responde às minhas súplicas desesperadas nem aos beijos que dou no seu rosto e na sua boca.

Ele não pode fazer isso.

Ele se foi.

Soluçando histericamente, fico agarrada a ele até que algo duro e pesado atinge a minha nuca.

A dor aguda percorre meu crânio. Vejo estrelas e a minha visão escurece.

Quando a luz retorna aos meus olhos, estou deitada virada para cima e Michael está me puxando pelos pulsos através do convés de madeira em direção à escada de mergulho na traseira do barco.

Minhas palavras saem engroladas:

– Michael. O que você está fazendo?

Não consigo decifrar o que ele resmunga para si mesmo. São palavras incoerentes e sem sentido balbuciadas entre respirações ofegantes enquanto me arrasta para longe do corpo de Aidan. Tento me soltar de suas mãos, mas não tenho força.

Um líquido quente pinga da minha nuca. Sangue. Ele deve ter me acertado com algo pesado.

A arma. Ele me deu uma coronhada.

Mais fogos estouram acima de nós. Eu os vejo lá no alto, explosões de estrelas coloridas pintando o céu da meia-noite feito o domo de uma catedral. Fumaça flutua sobre a água. Em algum lugar distante, um cachorro late.

Michael me arrasta até a borda do barco e me empurra para fora.

A água escura é um choque gelado, cortando meu estupor como que com uma lâmina. Afundo por um momento antes de começar a me debater. Emerjo à superfície, cuspindo e ofegante, desorientada e em pânico, o medo tão pungente quanto uma faca cravada entre minhas costelas.

Começo a tossir e a gritar. O motor do barco zumbe e ronca. Michael paira sobre mim na plataforma, agora rindo como um maníaco, os lábios arreganhados exibindo os dentes.

Dou uma braçada tentando alcançar a escada, mas passo raspando. Michael se ajoelha e estende a mão. Agarro-a, pensando que está me oferecendo ajuda, mas logo descubro que não.

Ele agarra meu pescoço e aperta.

Me empurra para baixo e me mantém submersa.

Mesmo debaixo d'água consigo ouvir sua risada diabólica.

Algo escorrega do bolso da camisa dele. Cai na água e passa diante do meu rosto, algo pequeno e redondo, prateado e brilhante.

É a moeda da sorte, sem a qual ele nunca sai de casa.

Esperneio e reluto. O coração martelando. A água salgada faz meus olhos arderem e queima meus pulmões. Os fogos de artifício iluminam a superfície da água em um caleidoscópio de cores tremeluzentes.

Não consigo soltar os dedos dele do meu pescoço. Arranho suas mãos, me debatendo e tossindo, sentindo o odor de diesel e pólvora, fumaça e mar e sangue.

Aidan.

Aidan.

Aidan, eu te amo. Eu te amo.

Meu corpo está pesado. A água revolta acima de mim se acalma. Eu flutuo, o cabelo pairando ao redor da minha cabeça, os olhos voltados para a superfície, a mão estendida pedindo uma ajuda que não vem.

Uma explosão brilhante de cores se espalha pelo mar acima de mim em tons de vermelho, verde e dourado, até que os fogos de artifício se apagam, e tudo escurece.

Meu coração pulsa uma última vez antes de parar para sempre.

III

PARAÍSO

"A morte não é a extinção da luz,
é apenas o apagar de uma lâmpada
porque a aurora raiou."
– Rabindranath Tagore

41

KAYLA

O que chamamos de memória é a interseção entre imaginação e fato. Memórias são as histórias que contamos a nós mesmos sobre os acontecimentos importantes na nossa vida. Durante a narrativa, alguns detalhes se perdem e outros são enfeitados, até que a verdade se torne mais semelhante à ficção.

Como Fiona disse, cada um de nós cria as próprias verdades, até mesmo os fantasmas.

Acho que eu deveria ter percebido isso no dia em que ela entrou em casa e desarmou o alarme sem que eu tivesse lhe passado a senha. Quando comentou que achava que havia algo me perturbando e que fantasmas precisam de um desfecho. Na época, ela já estava trabalhando para os Wainwrights havia mais de um mês. Eles continuaram com seus serviços quando compraram a casa, sem sequer imaginar que ela acabaria sendo imprescindível.

Fiona não tem as mesmas habilidades que a irmã, Claire, mas o dom com certeza é de família.

Passei meses revisitando memórias e revivendo o passado para entender o que aconteceu. Vivi duas vidas paralelas, uma no passado e outra no presente, afastada da realidade mas acreditando estar nela, completamente cega para a verdade.

Tudo o que aconteceu entre mim e Aidan foi real. Assim como tudo o que aconteceu após o Ano-Novo. Mas todos esses fatos ficaram misturados e emaranhados, porque estar morta e não se dar conta disso é confuso pra cacete.

Passado. Presente. Fato. Memória. Tudo interligado e parte de um todo, como cada página solta de um livro antes de ser encadernado.

Mas agora a minha encadernação foi concluída. A minha história foi

contada. O livro da minha vida foi escrito até o último capítulo.

Só resta fechá-lo e colocá-lo na prateleira.

QUANDO ABRO OS OLHOS, nada parece igual. As paredes estão pintadas de uma cor diferente. O carpete foi trocado por madeira. Desconheço os móveis, assim como as pessoas nas fotografias emolduradas nas paredes.

A casa está bem diferente de quando vivi nela. Diferente mas familiar, como o rosto de um amigo que não se vê há muitos anos. Não reparei nessas mudanças antes, mas agora as cortinas dos meus olhos se abriram. Finalmente a minha visão está clara.

A tempestade lá fora cessou. Tudo está calmo. Para além das janelas da sala de estar, a aurora espalha sua luz brilhante sobre o jardim e as colinas distantes. Ouço pássaros cantando, sinto o cheiro da primavera no ar e me encanto com a beleza de tudo.

A campainha toca.

Avanço em direção à porta, impelida por uma força tão elementar quanto a gravidade, tão irrefreável quanto o tempo. Giro a maçaneta, abro a porta e encontro Aidan na varanda.

Está banhado pela luz dourada do sol, sorrindo para mim como se eu fosse a primeira aurora que tivesse visto em toda a sua vida.

– Oi, coelhinha – diz ele em tom suave, os olhos brilhando em adoração. – Sentiu a minha falta?

Caio naqueles braços. O abraço dele é mais doce que mil beijos, mais precioso que milhões de desejos, mais perfeito que qualquer sonho.

– Você me encontrou – sussurro, chorando de alegria.

Ele roça a bochecha na minha, inalando meu perfume enquanto me abraça forte.

– Eu nunca te perdi. Quem você acha que ficou tocando a campainha esse tempo todo?

Enterro o rosto na curva do seu pescoço.

– Me desculpe. Eu não sabia. Não conseguia ver. Eu estava muito confusa.

– Está tudo bem. Eu disse que esperaria pra sempre se fosse preciso.

Quando ergo a cabeça e o encaro com os olhos cheios d'água, ele solta um

sorriso tão lindo que me deixa sem ar.

– O colete salva-vidas foi um toque interessante – comento.

– Achei mesmo que seria.

– Era você durante a sessão espírita ou era eu mesma respondendo com batidas e fazendo todos os efeitos especiais?

– Isso fui eu. Mas todas as outras coisas que aconteceram na casa foram obra sua. As lâmpadas piscando, as portas dos armários se abrindo, a TV ligando e desligando… Lamento dizer, mas você fez da vida dos Wainwrights um verdadeiro inferno.

– Uau. Morta *e* melodramática. E a gente achando que a vida após a morte nos traria uma compreensão maior.

– Você estava traumatizada. Não se cobre tanto.

– E a minha aliança caindo do teto? A moeda que ficava mudando de lugar? Imagino que foi você que fez isso também, não?

– Nada disso importa agora. O que importa é que estamos juntos.

– Mas espera aí, como é que *eu* não entendia o que estava acontecendo, mas você sim?

Ele sorri.

– Talvez eu simplesmente seja mais esperto que você.

– Isso não tem a menor graça.

À nossa volta, a luz dourada fica mais brilhante. Sinto uma agradável urgência, um impulso ascendente que cresce a cada aumento gradual da luz. Quero me render ao impulso, mas tenho que perguntar uma coisa primeiro.

– Por que você carimbou todas as cartas com o selo da prisão? Era uma pista sobre o nosso passado?

Ele sorri.

– Estava mais para uma pista sobre o futuro.

– Como assim?

– É na Penitenciária Estadual de Washington que um certo idiota está preso sob acusação de assassinato. Venho pensando que poderíamos fazer uma visitinha a ele.

Eu me lembro de Fiona dizendo que muitos gênios veem fantasmas e não consigo segurar a gargalhada.

– Ah, Aidan, você é diabólico…

A luz dourada ao nosso redor se torna mais brilhante. Então ele aninha meu rosto entre as mãos e me beija. Naqueles lábios, saboreio o gosto da eternidade.

E de algo quase tão doce:

Vingança.

EPÍLOGO

Transcrito das notas e da gravação da sessão de 16 de março com Michael Reece, atualmente aguardando julgamento das acusações de homicídio doloso, conduzida pelo psiquiatra forense Dr. Patrick Templeman.

Dr. Templeman: Obrigado por ter vindo hoje, Sr. Reece.

Michael Reece: É Dr. Reece. E do jeito que você fala até parece que eu tive alguma escolha. Me trouxeram aqui algemado. Não reparou nas algemas?

Dr. Templeman: Como está se sentindo hoje?

Michael Reece: Estou me perguntando quantas vezes você vai repetir a palavra "hoje" antes de entrar no assunto.

Dr. Templeman: Como está ciente, Sr. Reece, meu objetivo é determinar sua atual capacidade mental para ser julgado, conforme ordenado pelo tribunal.

Michael Reece: O tribunal que vá à merda, e você também. E é *Dr.* Reece.

Dr. Templeman: O senhor compreende as acusações que está enfrentando?

Michael Reece: Deixa eu explicar uma coisa. Você não é o único nesta sala com um diploma importante. Eu tenho três, tá? Doutorado, mestrado, *et cetera*, todos de universidades da Ivy League. Seu diploma de médico não me impressiona.

Nota do psiquiatra: Paciente nitidamente agitado.

Dr. Templeman: O senhor teve vários surtos de violência desde que foi preso, isso procede? Soube que quebrou o braço de um guarda.

Michael Reece: Você é o melhor que conseguiram arranjar? Parece tão competente quanto aquele defensor público que designaram para me representar.

Dr. Templeman: Como está seu relacionamento com o advogado? Acha que ele descreveu adequadamente as acusações feitas contra o senhor?

Michael Reece: Aquele idiota não conseguiria descrever adequadamente nem a cor da própria merda. Pelo visto, deixam qualquer um passar no exame da Ordem hoje em dia.

Dr. Templeman: Poderia me dizer quais são as acusações contra o senhor, por favor?

Michael Reece: Sério?

Dr. Templeman: Estou tentando avaliar se o senhor entende sua situação.

Michael Reece: Sim, eu entendo a minha situação. Estou preso por me defender de um ataque.

Dr. Templeman: Estamos falando do assassinato de sua ex-esposa, Kayla Reece, e de Aidan Leighrite, correto?

Michael Reece: Meu Deus, isso não acaba nunca.

Dr. Templeman: O senhor se recorda dos eventos de 31 de dezembro do ano passado?

Michael Reece: Eu não sou um imbecil.

Dr. Templeman: Vou interpretar como um sim. Poderia descrever para mim como vê sua atual relação com seu advogado?

Michael Reece: *Ininteligível*

Dr. Templeman: O que acha que vai acontecer se for condenado pelas acusações?

Michael Reece: Não serei condenado. O lugar de alguém como eu não é na prisão.

Dr. Templeman: Alguém como o senhor?

Michael Reece: Sou um membro altamente respeitado da comunidade. Meu trabalho é importantíssimo. Não sou nenhum estuprador ou traficante. Essa gente é que deveria ficar atrás das grades, não eu.

Dr. Templeman: O senhor não acredita que duplo homicídio seja um motivo justo para uma pena de reclusão?

Michael Reece: Não posso ser responsabilizado por aquilo. Foi legítima defesa.

Eu sou a vítima aqui, ok? Eu!

Dr. Templeman: O senhor lamenta o que aconteceu?

Michael Reece: Eu lamento que você esteja desperdiçando meu tempo com essa linha de questionamento ridícula.

Nota do psiquiatra: Paciente apresenta traços de transtorno de personalidade narcisista.

Dr. Templeman: O que o senhor entende a respeito das fases do processo em um caso de homicídio doloso? Isso foi explicado adequadamente ao senhor?

Michael Reece: Eu entendo que eu não deveria enfrentar nenhum julgamento. Isso é óbvio, considerando quem eu sou. Gênios não deveriam ser julgados. Aliás, nem presos. Meu QI está acima de 200, pelo amor de Deus.

Dr. Templeman: O senhor também entende que, se seu caso for a julgamento e o senhor for condenado, poderá pegar prisão perpétua sem direito à condicional?

Michael Reece: O quê? Não, isso não está certo. Foi claramente legítima defesa. Do que é que você está falando?

Dr. Templeman: A questão é a intenção. Há registro do seu histórico de abuso contra sua esposa. O promotor apresentará evidências de que o senhor a perseguiu durantes meses antes do assassinato e de que o senhor estava envolvido em um longo caso extraconjugal com uma colega da universidade. Acredito que o nome dela seja Sharon. Ou será Karen? Me desculpe, não tenho isso anotado aqui agora. Também tem a questão da apólice de seguro de vida que o senhor fez para sua esposa. Ela estava ciente desse seguro?

Michael Reece: Escuta aqui, estou de saco cheio disso. Eu quero…

Dr. Templeman: O quê? Continue.

Nota do psiquiatra: Paciente está com o olhar fixo em um ponto na parede e não responde. Aparenta estado de perturbação extrema.

Dr. Templeman: Sr. Reece, está passando mal?

Michael Reece: Ah, meu Deus. Ah, meu Deus!

Dr. Templeman: Sr. Reece?

Nota do psiquiatra: Paciente gritando. Tentando sair da sala de interrogatório. Golpeando a porta em evidente estado de pânico.

Dr. Templeman: Sr. Reece, o que há de errado? Me diga o que está acontecendo.

Michael Reece: É ela! Os dois! Ela e ele! Ah, meu Deus! Me deixem sair daqui! Me deixem sair dessa maldita sala!

Nota do psiquiatra: Paciente parece apresentar distúrbio visual.

Dr. Templeman: Sr. Reece, estamos sozinhos na sala.

Michael Reece: Ela está bem ali, seu idiota de merda! Veja! *Veja!*

Dr. Templeman: Como eu disse, o senhor e eu somos as únicas pessoas nesta sala.

Nota do psiquiatra: Paciente se agachou em um canto da sala e começou a gritar de novo. Não posso descartar a possibilidade de que seu comportamento seja uma estratégia calculada para alegar insanidade mental como defesa alternativa no caso.

Dr. Templeman: Sr. Reece, poderia se acalmar, por favor? Se não conseguir se controlar, vou ter que chamar alguém para sedar o senhor.

Michael Reece: (*gritando*) Pare de dizer isso! Pare de dizer isso! Pare de dizer essa palavra!

Dr. Templeman: Que palavra está ouvindo, Michael? Tem alguém falando com você? O que estão dizendo?

Michael Reece: AAAHHH!

Nota do psiquiatra: Depois de ser contido pelos guardas, o paciente recebeu uma injeção intramuscular de fenobarbital e foi transferido para a ala psiquiátrica para avaliação mais detalhada.

NOTA DA AUTORA

Nunca chorei tanto escrevendo um livro como chorei com *Pen Pal*, e sei que muitas pessoas também ficaram sensibilizadas com a história. Recebi muitas mensagens de leitores expressando o que sentiam por esses personagens e pedindo mais, especialmente do ponto de vista de Aidan. Esta cena bônus foi extraída do Capítulo 10, revelando um vislumbre do que Aidan estava pensando e sentindo na noite em que Kayla apareceu toda molhada à sua porta, buscando conforto nos seus braços.

CAPÍTULO BÔNUS

Já passa muito da meia-noite. O quarto está escuro e quieto. Estou deitado na cama, apenas um lençol fino cobrindo meu corpo enquanto encaro o teto e ouço a tempestade de inverno ganhando força lá fora.

A chuva tamborila no telhado. Os galhos das árvores arranham as vidraças como unhas fantasmagóricas. Rajadas de vento uivam de forma tão assustadora quanto uma alcateia de lobos. Mas, acima de todo esse barulho, uma única palavra ecoa incessantemente na minha cabeça:

Kayla.

Kayla com seu sorriso de esfinge, sua beleza devastadora e seus olhos expressivos e eloquentes.

Nos conhecemos há uma semana. Não penso em mais nada desde então.

Parece febre queimando na minha mente.

No dia em que fui à casa dela fazer um orçamento para o conserto do telhado, eu estava de péssimo humor. Nada incomum para mim, mas a semana anterior tinha sido pior do que de costume. Jake estava pegando no meu pé de novo por eu passar muito tempo sozinho. Um trabalho grande com o qual eu estava contando foi para um concorrente. O pneu da minha caminhonete furou, outro fusível da minha moto queimou e derrubei o celular novinho na droga de uma poça d'água. E pifou.

E o pior de tudo: outro banco recusou meu pedido de empréstimo para construção.

Homens com dinheiro não gostam de dar votos de confiança para criminosos condenados.

Assim, a obra da casa que eu estava construindo para mim do outro lado da

ilha seguiria a passos de lesma, financiada apenas pelo que sobrava no final de cada mês e pelo que consigo fazer à base de troca com outros prestadores de serviço.

Foi frustrante demais, porque trabalhar naquela casa era a única coisa que me fazia chegar perto de estar em paz. E tinha essa esperança, essa esperança boba e sem fundamento, de que quando tudo estivesse pronto e eu me mudasse, eu poderia ser feliz de verdade.

Então bati à porta de Kayla Reece.

Ela abriu e olhou para mim, e toda a felicidade pela qual vinha esperando a minha vida inteira me atingiu em cheio, detonando uma bola de fogo flamejante dentro do meu corpo.

Já tinha ouvido pessoas falando sobre alegria e êxtase como se fossem coisas reais. Sempre achei que eram um bando de idiotas, mas parado ali na varanda de Kayla, olhando naqueles olhos oceânicos, senti como se Deus em pessoa me desse um tapinha no ombro e dissesse "Aí está, meu filho. Não estrague tudo".

Não tenho vergonha de admitir que ela me fez perder o fôlego. Sugou todo o ar dos meus pulmões no mesmo instante.

Então ela sorriu e senti como se fosse a primeira vez que eu respirava em séculos.

Eu conseguia respirar, não falar. O dom da fala havia me desertado. Fiquei encarando-a maravilhado feito um admirador lunático até que ela perguntou: "Posso ajudar?"

A única resposta que consegui articular foi meu nome.

Que eu mal lembrava.

Em seguida, ela me convidou para entrar e comecei a irritá-la pra caralho, não só porque meu jeito de socializar é tão delicado quanto a bunda de um porco-espinho, mas também porque eu estava cortando um dobrado para lutar contra o desejo quase irresistível de abraçá-la até que aquela tristeza estranha nos seus olhos desaparecesse.

Normalmente não sou um cara de abraços. Ou melhor: *nunca* sou de abraços. Mas algo em Kayla Reece me fez querer envolvê-la com meu corpo e protegê-la de qualquer perigo.

Então ela me contratou para consertar o telhado, mas me despediu logo no dia seguinte. Como disse, eu a irritei pra caralho.

Mas tive um pressentimento estranho de que aquilo não ia acabar ali. Alguns momentos na presença dela aquietaram todos os demônios na minha cabeça, e eu sabia que não poderia ser em vão.

Cinco dias se passaram. Então, hoje à noite, decidi ir ao bar aqui no térreo. Não sei por quê, fazia semanas que eu não aparecia lá, mas de repente eu precisava de um chope como precisava de oxigênio. Dez segundos depois que o garçom colocou a IPA à minha frente, levei um choque do nada, tipo uma descarga eletrostática. Olhei para a porta, e lá estava ela.

Os nossos olhos se encontraram.

Os pelos dos meus braços se arrepiaram.

O relógio na parede parou de bater.

Talvez eu esteja sendo melodramático demais, mas parece que já estava escrito que Kayla entraria pela porta naquele momento. Como se algo maior do que nós tivesse decidido nos aproximar de novo, como se o Destino estivesse tecendo sua magia à nossa volta.

Aquela sensação estranha de destino me fez ser mais insuportável do que o normal.

A expressão dela quando perguntei se me achava atraente vai ficar gravada na minha memória para sempre. Ela me queria, isso era óbvio, mas o mais importante foi que percebi que ela se sentiu segura comigo. Tão segura que me deixou beijá-la.

Não há palavras que descrevam o que senti quando meus lábios encontraram os dela. Nem vou tentar.

Também não vou tentar descrever meus sentimentos quando, no fim, ela foi embora do bar depois de passarmos meia hora tendo a conversa mais intensa da minha vida. Da vida de nós dois, se é que posso julgar pela expressão perplexa no rosto dela.

Ela disse *tchau*. Eu disse *boa noite*, porque tchau parecia indefinido demais. Com todo o sentimento que havia dentro de mim, eu queria que fosse uma palavra menos utilizada.

Depois que ela se foi, fiquei sozinho à mesa e deixei que meus átomos se reorganizassem vagarosamente em uma nova e bela realidade, com Kayla Reece como peça central.

Durona mas frágil. Esperta mas perdida. Uma mulher que pelo visto tem

tantos segredos quanto eu, mas agora só me interessa vê-la de novo e ter outra chance de fazê-la sorrir.

Deitado aqui na cama, desperto e elétrico, ouvindo a fúria da tempestade lá fora, anseio por essa chance. Desejo tanto essa mulher que chega a doer.

Batidas frenéticas à porta me despertam bruscamente do meu devaneio.

Pulo da cama, boto um jeans que estava no chão e percorro o apartamento, acendendo as luzes. Quando atendo, meu coração para.

Kayla está parada à minha porta. Tremendo, descalça e ensopada.

Sem sutiã. Dá para ver claramente os seios perfeitos sob o tecido da camiseta. Os mamilos estão duros.

O mundo inteiro desaparece. Em algum lugar distante, um trovão retumba, ecoando dentro do meu coração.

Com os olhos arregalados, ela me olha de cima a baixo. Então dá uma espiada na sala de estar atrás de mim e uma expressão de decepção surge no seu rosto.

– Desculpa incomodar. Vou embora – diz de repente.

Ela se vira para ir embora, mas a pego pelo braço e a puxo para dentro.

– O que foi? O que aconteceu? – pergunto ao fechar a porta.

Batendo os dentes, ela cruza os braços, envolvendo o próprio corpo num abraço.

– Achei q-que alguém t-tivesse entrado na minha c-casa.

– E daí você veio pra cá?

Eu não queria que soasse acusatório. Apenas fiquei estarrecido ao vê-la. Estarrecido e entusiasmado por saber que pensou em mim quando precisou de ajuda. Mas dá para ver pela expressão dela que não foi isso que pareceu, então me explico:

– Não estou te recriminando.

Ela está quieta. Pensativa. É impossível não reparar em tanta beleza. O rosto, o corpo, até mesmo os dedos dos pés descalços, cada detalhe nela é lindo. O impulso de puxá-la e beijá-la é tão forte que meu cérebro está quase derretendo. Deve ser por isso que perco a noção e a próxima coisa que sai da minha boca é:

– Você está ensopada.

Idiota! Recomponha-se! Ela está abalada e precisa da sua ajuda!

Consigo formular duas frases coerentes:

– Precisamos aquecer você. Depois você pode me contar o que aconteceu.

Conduzo-a para dentro e a coloco sentada à mesa da cozinha. Então vou ao banheiro buscar uma toalha, imaginando que devo ter um problema cardíaco até então desconhecido, porque meu coração bate com tanta força que chega a doer.

Kayla Reece está na minha casa. Está molhada e em pânico e está *aqui*.

Minhas mãos tremem ao pegar uma toalha limpa na prateleira do banheiro.

Quando retorno à cozinha, ela parece péssima. Como se já estivesse arrependida, preocupada com o que vou pensar dela por aparecer aqui desse jeito. Meu coração acelerado decide que é hora de mudar o ritmo e se derrete.

– Levanta.

A emoção torna a minha voz ríspida, quase grosseira. Mas, se está incomodada com meus péssimos modos, ela não demonstra. Me obedece sem hesitar. Envolvo as costas dela na toalha e começo a esfregar seus braços.

Ela fica parada ali com as bochechas queimando, parecendo que quer enfiar a cabeça em um buraco.

– Não precisa ficar com vergonha.

– É fácil falar. Não é você o idiota que está todo molhado na cozinha de um estranho à uma da manhã.

– Não sou um estranho, lembra? E você não é idiota.

Você é um anjo. Um anjo lindo e perfeito. Me deixa cuidar de você para sempre, linda menina.

Minhas mãos estão tremendo de novo. Tentando disfarçar, subo a toalha à cabeça dela e começo a enxugar seu cabelo.

– Acho que vou morrer de tanta vergonha – diz ela, desconsolada, seu rosto pegando fogo.

– Não vai morrer coisa nenhuma. Fica quieta e me deixa enxugar você.

Mais uma vez, ela obedece sem protestar. E eu adoro. Adoro que esteja me deixando fazer isso sem tentar fugir como obviamente quer. Também adoro que esteja olhando a minha boca sem perceber.

Meu pau também adora. Estou ficando duro.

Minha mente divaga, fantasiando sobre tirar a camiseta molhada dela e tocá-la, sentindo o peso daquele seio na minha mão. Penso nela agarrada aos meus ombros e se arqueando contra mim enquanto chupo seu mamilo rígido. Então me imagino tirando aquele jeans molhado e mergulhando meu pau duro dentro dela, e acabo tendo que engolir em seco um grunhido de desejo.

Espero um momento para garantir que, quando eu falar, a minha voz saia firme.

– Depois vamos ter uma conversa sobre por que você me procurou quando sentiu medo, mas agora me explique o que aconteceu.

De olhos fechados, ela me conta tudo. Os rangidos do assoalho, a atmosfera pesada, a sensação terrível de estar sendo observada.

– Sua casa não tem alarme? – pergunto quando ela termina.

– Não.

– Vamos dar um jeito nisso amanhã.

Ela me lança um olhar hesitante. Dá para ver que quer acariciar a minha barba, pelo jeito que está olhando. Isso faz meu pau ficar ainda mais duro. Eu me concentro em secar o cabelo dela com a toalha e torço para que não perceba a protuberância pressionando o zíper da minha calça.

– O que você quer dizer com isso? – pergunta ela.

– Você entendeu. E ainda está tremendo.

– Não consigo parar. Estou congelando.

Paro de esfregar a cabeça dela com a toalha e encontro seu olhar.

– Vou falar uma coisa agora, mas não é pra você surtar.

– Você deveria ter falado de uma vez. Agora vai ser impossível não surtar.

– Você precisa vestir roupas secas.

Ela franze a testa.

– Por que eu surtaria com isso?

– Porque as roupas secas que vai vestir são minhas.

– Duvido que você tenha alguma roupa que sirva em mim – diz ela em tom irônico.

Porra, que mulher encantadora!

– Olha só pra você, sem surtar.

– Ah, estou surtando, sim. Mas já fiz esquisitices demais por esta noite, então não vou demonstrar o que estou sentindo.

– Vem comigo.

Envolvo os ombros dela na toalha e a conduzo pela mão pelo corredor até o quarto, então entro no closet e acendo a luz. Pego um dos meus moletons. Quando retorno, encontro Kayla olhando ao redor como se estivesse pensando que fui roubado.

Observo tudo pelos olhos dela: colchão no chão, cômoda simples de madeira encostada numa parede, estante de livros na outra, nada mais. Juro para mim mesmo que, se eu tiver a chance, vou lhe dar tudo do bom e do melhor.

– Pois é, eu sei. Cinco estrelas, né? Aqui está.

Ela pega o moletom e o segura forte contra o peito como se fosse uma proteção. Ainda está tremendo de frio. A cada segundo que passa, está ficando muito mais difícil resistir ao impulso de tocá-la.

– Aidan?

– Diga.

– Me desculpe por tudo isso. Juro que não sou uma completa desvairada. Sou só um pouquinho doida.

Ela parece muito triste e perdida. Tanto que meu autocontrole evapora. Sem me dar conta de que vou tocá-la, estendo a mão e afasto uma mecha de cabelo úmido de seu rosto.

Deslumbrado com a sensação da pele macia sob meus dedos, murmuro:

– Você é linda, isso sim.

Droga. Parece até um tarado falando. Faça melhor.

– E também não precisa surtar com isso. Não sou de seduzir mulheres traumatizadas que entram aqui para fugir da chuva.

– Está bem. Muito obrigada. Hum… por acaso você teria uma calça de moletom que eu pudesse usar com isso?

– Caberiam dez de você numa calça minha.

– Eu sei, mas…

– Mas o quê?

Ela respira fundo.

– Eu ficaria extremamente desconfortável se a minha perereca ficasse à solta.

Perereca?

– Estou sem calcinha.

– Ah… *Ah.*

– Pois é. Então…

– Espera aí. Você veio aqui sem calcinha?

– Juro que não foi premeditado. Eu estava em pânico quando coloquei essa roupa. Não tive tempo de pôr calcinha.

– Nem sutiã – constato, em tom mais baixo.

Ela se encolhe.

– Você percebeu, né?

– Tá de sacanagem comigo? Claro que percebi. – Faço uma pausa. – Também percebi que suas bochechas ficam muito vermelhas quando você está com vergonha.

– Obrigada pela informação. – O tom é sarcástico. – Vai me dar uma calça ou não?

– Eu não tenho calça de moletom.

– Ah.

– Mas posso pôr seu jeans na secadora.

Como ela não diz nada, acrescento:

– Ou podemos só ficar aqui nos encarando. Por mim, tudo bem também.

– O quê?

Com voz tranquila, admito:

– Eu gosto de olhar pra você.

Ela me encara com os lábios entreabertos e a veia do pescoço saltada, e num piscar de olhos o ar se torna fogo.

Balança os ombros. A toalha cai no chão. Tira a camiseta molhada e fica nua da cintura para cima diante de mim.

– Quero que faça mais do que só olhar – sussurra.

– Você que manda, chefe – respondo, a voz rouca.

Em seguida a pego nos braços.

O desejo me torna ganancioso. Colo a boca na dela. Ela estremece contra meu corpo, pele com pele, as mãos no meu cabelo e o coração batendo forte contra o meu.

A gravidade deixa de existir. O chão desaparece sob meus pés. Fico perplexo com a intensidade do meu desejo, muito mais do que isso, mais do que qualquer coisa que poderíamos sentir e compartilhar em apenas uma noite.

Quero mais do que hoje.

Quero para sempre.

Com uma súplica e uma promessa silenciosa, levo-a para a cama.

Passa o resto da vida comigo, Kayla. Não vou te decepcionar.

Juro que vou cuidar de você até o fim dos tempos.

AGRADECIMENTOS

A inspiração para este romance veio de um dos meus personagens. Se você acompanha a série Queens & Monsters, vai lembrar que no livro 3, *Savage Hearts*, Riley é sequestrada por Malek, um assassino russo. Como se espera de alguém que está se recuperando de um ferimento a bala e sendo mantida refém no meio de uma floresta remota na Rússia, ela começa a escrever um livro para ocupar a mente durante o cativeiro. A história é sobre uma mulher que não sabe que está morta. Adorei o tema.

Então obrigada pela ideia, Riley.

Eu seria omissa se não mencionasse as outras tantas fontes de inspiração para este romance. Sem ordem específica, são os filmes *Ghost – Do outro lado da vida*, *O sexto sentido*, *Os outros*, *O labirinto do fauno* e, em especial, *Alucinações do passado*, que vi aos 20 anos e do qual nunca me recuperei emocionalmente. Além dos incríveis romances *Tempo de partir*, de Jodi Picoult, e *Mentirosos*, de E. Lockhart, a novela *A outra volta do parafuso*, de Henry James, a peça *Hamlet*, de Shakespeare, e o poema narrativo *A divina comédia*, de Dante. E, finalmente, a antiga lenda grega de Eurídice e Orfeu, que inspirou tanto a história quanto o nome do barco de Kayla.

Há outra influência significativa que é de natureza muito mais pessoal: a morte do meu pai.

Ele ficou sob cuidados paliativos em casa por três semanas antes de morrer. Eu me sentei ao lado do seu leito na casa onde cresci e o vi perdendo as forças até que por fim não estivesse mais lá. Vou poupar vocês dos detalhes, porque foi de partir o coração. Ainda não me recuperei, e já se passaram oito anos.

Mas duas coisas significativas aconteceram nessas semanas que vou

compartilhar, pois me transformaram para sempre.

A primeira delas é que, antes de chegar ao ponto de não conseguir mais falar, meu pai me pediu que levasse a agenda de contatos até ele. Ficava guardada em uma grande escrivaninha de tampo móvel no escritório, abaixo dos pôsteres emoldurados de Amelia Earhart e aviões de combate da Segunda Guerra Mundial. Na agenda havia o nome e o telefone dos seus amigos mais antigos e de parentes distantes. (Ele riscava o nome se a pessoa tivesse falecido, mas nunca apagava da lista.) Como estava fraco demais, eu discava os números e segurava o telefone ao seu ouvido enquanto ele se despedia de todos que amava.

Ouvir aquelas conversas foi uma das experiências mais marcantes da minha vida.

Foi também uma das mais dolorosas.

Saber que o fim está próximo não é fácil. Encarar a morte iminente com coragem também não. Mas meu pai não fez drama. Simplesmente enfrentou a morte como enfrentou a vida. Com competência e uma dignidade serena, fazendo o que precisava ser feito a despeito de qualquer sentimento que pudesse ter em relação à situação.

Ele não era o que se chamaria de uma pessoa que demonstra emoções. Cresceu no Brooklyn nos anos 1940. Perdeu o pai quando ainda era criança. A mãe e a avó, Ella, eram delicadas como um cacto. Foi para a faculdade de Engenharia com uma bolsa e acabou se tornando engenheiro aeroespacial. Nunca o vi chorar, se embebedar ou perder a paciência. Era o exemplo perfeito de ética da sua geração: responsabilidade pessoal, abnegação, humildade, temperança e integridade.

Eu poderia continuar, mas meu ponto é que o homem era mais estoico do que os estoicos. Jamais seria acusado de ser excêntrico.

Por isso foi um grande choque quando ele declarou com toda a naturalidade que sua mãe o havia visitado.

Na época, a minha avó estava morta fazia 32 anos.

Então ele me contou sobre os anjos: "Eles estão bem ali", disse, apontando para o teto acima do leito. Assim como todos os seus velhos amigos que haviam falecido. Todos estavam esperando pacientemente por ele ali, na bela luz branca.

Não consigo descrever como foi impactante ouvi-lo falar assim. Ele não estava sob efeito de morfina nem de drogas. Estava fraco, sim, e muito cansado,

mas indiscutivelmente lúcido.

E estava vendo anjos e pessoas falecidas.

Quando falei com a enfermeira mais tarde para saber se isso era normal, ela me contou que visões da vida após a morte são uma das experiências mais comuns entre os que estão morrendo. Veem entes queridos. Veem anjos. Veem uma luz branca brilhante. Quanto mais próxima a morte, mais claras as visões se tornam.

Tive minhas dúvidas, para dizer o mínimo.

"Mas essas visões não podem ser alucinações por causa da falta de oxigênio no cérebro?", perguntei. "Desequilíbrio químico? Um efeito colateral do desligamento dos sistemas do corpo?"

A enfermeira sorriu para mim como se eu fosse uma criança dócil mas muito boba.

Ela nunca me deu uma resposta.

Esse silêncio me assombra, assim como as visões do meu pai.

Não afirmo ter qualquer resposta, mas deixarei com vocês uma frase de Helen Keller: "A morte nada mais é do que a passagem de um cômodo a outro." Imagino que, no fim, todos nós teremos respostas.

Obrigada aos meus pais, por tudo.

Obrigada a Jay, por tudo o mais.

Obrigada aos meus leitores, que me deram muito mais do que eu poderia lhes dar.

Obrigada a minha leitora sensível pelas observações cuidadosas com relação às vítimas de violência doméstica e pelos comentários valiosos no manuscrito.

Obrigada a Letitia Hasser, da RBA Designs, a Sarah Ferguson, da Social Butterfly PR, a Linda Ingmanson, à Wander Aguiar Photography, aos incríveis membros da Gangue Geissinger e à Srta. Prouse, a minha professora de inglês do sexto ano, que achava que eu não estava ouvindo.

E eu estava, sim.

SOBRE A AUTORA



J.T. GEISSINGER é uma autora best-seller internacional com mais de 30 romances publicados, que já venderam mais de 15 milhões de exemplares em todo o mundo e foram traduzidos para mais de 20 idiomas. Ela foi três vezes finalista do Prêmio RITA e recebeu os prêmios Prism e Golden Quill.

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

